

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
DOUTORADO EM TEORIA DA LITERATURA

Márcia Maria Oliveira Silva

ENTRE MARES, LARES E TERRAS: identidade cultural e contexto pós-colonial em
jamaica kincaid, dionne brand e conceição evaristo

Recife
2017

MÁRCIA MARIA OLIVEIRA SILVA

**ENTRE MARES, LARES E TERRAS: identidade cultural e contexto pós-colonial em
jamaica kincaid, dionne brand e conceição evaristo**

Tese apresentada à banca examinadora
do Programa de Pós-Graduação em
Letras da Universidade Federal de
Pernambuco como requisito para
obtenção do título de Doutora em Letras.
Área de Concentração: Teoria da
Literatura – Literatura e Estudos
Culturais, sobre a orientação do Prof. Dr.
Roland Gerhard Mike Walter

Recife
2017

Catálogo na fonte
Bibliotecário Jonas Lucas Vieira, CRB4-1204

S586e Silva, Márcia Maria Oliveira
Entre mares, lares e terras: identidade cultural e contexto pós-colonial em Jamaica Kincaid, Dionne Brand e Conceição Evaristo / Márcia Maria Oliveira Silva. – Recife, 2017.
271 f.

Orientador: Roland Gerhard Mike Walter.
Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação. Letras, 2017.

Inclui referências.

1. Jamaica Kincaid. 2. Dionne Brand. 3. Conceição Evaristo. 4. Identidade Cultural. 5. Contexto Pós-colonial. I. Walter, Roland Gerhard Mike (Orientador). II. Título.

809 CDD (22.ed.)

UFPE (CAC 2017-93)

MÁRCIA MARIA OLIVEIRA SILVA

**ENTRE MARES, LARES E TERRAS: IDENTIDADE CULTURAL E
CONTEXTO PÓS-COLONIAL EM JAMAICA KINCAID, DIONNE
BRAND E CONCEIÇÃO EVARISTO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Letras da Universidade Federal de Pernambuco
como requisito para a obtenção do Grau de Doutor
em TEORIA DA LITERATURA em 21/2/2017.

TESE APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA:



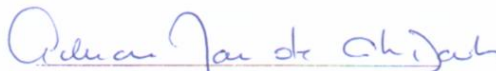
Prof. Dr. Roland Gerhard Mike Walter
Orientador – LETRAS - UFPE



Prof. Dr. Ermelinda Maria Araujo Ferreira
LETRAS - UFPE



Prof. Dr. Brenda Carlos de Andrade
LETRAS - UFPE



Prof. Dr. Adriana Maria de Abreu Barbosa
CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS - UESB



Prof. Dr. Edson Tavares Costa
LETRAS E ARTES - UEPB

Recife – PE
2017

A meu paiho querido, que continua presente em meu coração.

AGRADECIMENTOS

Nesse momento tão único na minha vida tenho muito a agradecer. A Deus primeiramente, pela vida; aos meus familiares, pelo apoio e torcida; a meu querido esposo Josemar pelo companheirismo, pela confiança e pelo amor total; aos professores, que ao longo de toda minha trajetória acadêmica semearam em mim o amor à pesquisa; aos meus colegas, pela troca de experiências e conhecimentos e a todos aqueles que ofereceram palavras de incentivo.

Não teria sido possível passar por esse percurso sem o apoio da CAPES, que me concedeu bolsa de pesquisa e me ofereceu a oportunidade única de me dedicar exclusivamente ao doutorado e de ter a experiência no estágio de docência, momento tão enriquecedor para minha vida profissional.

O Programa de Pós-graduação em Letras da UFPE cumpre um papel indispensável no acompanhamento aos alunos em cada etapa de nossa jornada acadêmica, e por isso agradeço imensamente a ajuda, disposição e paciência que sempre foram destinadas a mim, bem como a relação amistosa que tanto aliviou os momentos de tensão.

Não tenho palavras para agradecer a meu querido orientador, professor Roland Walter, por cada palavra de incentivo e de cobrança, por cada momento de cumplicidade e compreensão, por cada diálogo e cada análise. Passei por momentos extremamente dolorosos durante este período de doutorado e tenho certeza que sem a sua presença não teria sido capaz de continuar de pé, mais que um orientador, encontrei um amigo.

A cada um de vocês, muito obrigada!

RESUMO

A literatura é capaz de contribuir significativamente para a compreensão da existência humana através da construção de mundos ficcionais. A literatura pós-colonial ganhou espaço e notoriedade porque revela a experiência de povos que viveram sob a marca da colonização e que continuam experienciando as consequências do passado colonizador. Esta literatura quebra o silêncio promovido pelo discurso do colonizador e busca o direito à fala e à recuperação do passado; percebe-se que na literatura produzida nas Américas a herança colonial ainda é muito marcante, as escritoras Jamaica Kincaid (Antígua-Estados Unidos), Dionne Brand (Trinidad e Tobago-Canadá) e Conceição Evaristo (Brasil) apresentam em seus textos uma conexão com o contexto pós-colonial e focam em questões socioculturais significativas para a reflexão e o entendimento de temáticas como etnicidade, raça, poder, sexo, gênero e classe social. As obras analisadas nesta tese apresentam personagens excluídos socialmente, revelando narrativas que se afastam de estereótipos socialmente construídos e estabelecem novos paradigmas. Este trabalho surge com o objetivo principal de analisar um total de 12 obras a fim de compreender a maneira como Kincaid, Brand e Evaristo desenvolvem noções como identidade, memória, diáspora e pós-colonialidade. Utilizamos como arcabouço teórico autores como Stuart Hall, Gayatri Spivak, Aníbal Quijano, Frantz Fanon, Alberto Memmi, Paul Gilroy, Roland Walter, Carole Boyce Davies, Aleida Assmann, Lélia Gonzalez, Eurídice Figueiredo, entre outros, com o intuito de comprovar que as interpelações identitárias vão se construindo através das experiências de cada personagem. As narrativas analisadas abordam sujeitos que são frutos das sociedades ‘multiculturais’, sendo que estas não escondem a existência de uma ‘consciência patriarcal/colonial/imperial’ que interferem diretamente no estabelecimento das relações sociais, revelando assim as nuances da colonialidade do poder e da subalternidade. As obras analisadas se estabelecem, portanto, na maneira como Kincaid, Brand e Evaristo compreendem as marcas do colonialismo na sociedade e nas relações humanas, bem como as nuances da opressão feminina e da opressão racial.

Palavras-chave: Jamaica Kincaid. Dionne Brand. Conceição Evaristo. Identidade Cultural. Contexto Pós-colonial.

ABSTRACT

Literature is capable of contributing significantly to the comprehension of human existence through the construction of fictional worlds. Postcolonialist literature has gained ground and notoriety because it reveals experiences of peoples who lived under colonial rule and still experience the consequences of such a past. That literature breaks the silence imposed by the colonizer's discourse, seeks for the right of speech and retrieval of the past. It is noticeable that the colonial heritage is still very present in the literature produced in the Americas. Writers such as Jamaica Kincaid (Antigua-United States of America), Dionne Brand (Trinidad and Tobago-Canada), and Conceição Evaristo (Brazil) present in their writings a connection to the post-colonial context, and focus on significant sociocultural issues such as ethnicity, race, power, sex, gender, and social class. The literary works analyzed in this thesis present socially excluded characters, revealing narratives that problematize socially-constructed stereotypes and establish new paradigms. This study aims to mainly analyze 12 books written by the aforementioned authors in order to comprehend how Kincaid, Brand, and Evaristo develop notions of identity, memory, diaspora, and postcoloniality. The theoretical framework of this study was based on scholarly publications of Stuart Hall, Gayatri Spivak, Aníbal Quijano, Frantz Fanon, Alberto Memmi, Paul Gilroy, Roland Walter, Carole Boyce Davies, Aleida Assmann, Lélia Gonzalez, Eurídice Figueiredo, and others, with the aim of proving that identitarian interpellations are built through each character's experiences. The narratives analyzed deal with individuals who are results of 'multicultural' societies, these societies do not hide the existence of a 'patriarchal/colonial/imperial conscience' that interferes directly with the establishment of social relations, thus revealing the nuances of the coloniality of power and subalternity. The studied literary works established themselves, therefore, according to how Kincaid, Brand, and Evaristo comprehend the marks of colonialism in society and human relations, as well as the nuances of women's and racial oppression.

Key words: Jamaica Kincaid. Dionne Brand. Conceição Evaristo. Cultural Identity. Postcolonial Context.

RESUMEN

La literatura es capaz de contribuir significativamente a la comprensión de la existencia humana a través de la construcción de mundos ficcionales. La literatura postcolonial logró espacio y notoriedad porque revela la experiencia de pueblos que vivieron bajo la marca de la colonización y que continúan experimentando las consecuencias del pasado colonizador. Esta literatura rompe el silencio promovido por el discurso del colonizador y busca el derecho de hablar y a la recuperación del pasado; es perceptible que en la literatura producida en las Américas la herencia colonial todavía es muy distintiva, las escritoras Jamaica Kincaid (Antigua-Estados Unidos), Dionne Brand (Trinidad y Tobago-Canadá) y Conceição Evaristo (Brasil) presentan en sus textos una conexión con el contexto postcolonial y se centran en cuestiones socioculturales significativas para la reflexión y el entendimiento de temáticas como etnicidad, raza, poder, sexo, género y clase social. Las obras analizadas en esta tesis presentan personajes excluidos socialmente, revelando narrativas que se alejan de estereotipos socialmente construidos y establecen nuevos paradigmas. Esta investigación tiene como objetivo principal realizar un análisis de un total de 12 obras con el propósito de comprender el modo en que Kincaid, Brand y Evaristo plantean nociones como identidad, memoria, diáspora y postcolonialidad. Utilizamos como marco teórico autores como Stuart Hall, Gayatri Spivak, Aníbal Quijano, Frantz Fanon, Alberto Memmi, Paul Gilroy, Roland Walter, Carole Boyce Davies, Aleida Assmann, Lélia Gonzalez, Eurídice Figueiredo, entre otros, con el objetivo de comprobar que las interpelaciones relacionadas con la identidad son construidas a través de las experiencias de cada personaje. Las narrativas analizadas abordan sujetos que son frutos de las sociedades ‘multiculturales’, si bien estas no esconden la existencia de una ‘consciencia patriarcal/colonial/imperial’ que interfiere directamente en el establecimiento de las relaciones sociales, revelando así los matices de la colonialidad del poder y de la subalternidad. Las obras analizadas se establecen, por tanto, de la manera en que Kincaid, Brand y Evaristo comprenden las marcas del colonialismo en la sociedad y en las relaciones humanas, así como los matices de la opresión femenina y de la opresión racial.

Palabras clave: Jamaica Kincaid. Dionne Brand. Conceição Evaristo. Identidad Cultural. Contexto Postcolonial.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Mapa das Américas	14
Figura 2: Jamaica Kincaid	28
Figura 3: Dionne Brand	28
Figura 4: Conceição Evaristo	28
Figura 5: Capa do livro <i>Mr. Potter</i>	65
Figura 6: Capa do livro <i>At the Full and Change of the Moon</i>	65
Figura 7: Capa do livro <i>Becos da Memória</i>	65
Figura 8: Quadro de análise	85
Figura 9: Capa do livro <i>The Autobiography of My Mother</i>	113
Figura 10: Capa do livro <i>In Another Place, Not Here</i>	113
Figura 11: Capa do livro <i>Insubmissas Lágrimas de Mulheres</i>	113
Figura 12: Quadro de análise	136
Figura 13: Capa do livro <i>Lucy</i>	165
Figura 14: Capa do livro <i>What We All Long For</i>	165
Figura 15: Capa do livro <i>Ponciá Vicêncio</i>	165
Figura 16: Quadro de análise	186
Figura 17: Capa do livro <i>A Small Place</i>	207
Figura 18: Capa do livro <i>A Map to the Door of No Return</i>	207
Figura 19: Capa do livro <i>Olhos D'água</i>	207
Figura 20: Quadro Poética da Autorepresentação Feminina Negra	250

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 JAMAICA KINCAID, DIONNE BRAND E CONCEIÇÃO EVARISTO: O ESTABELECIMENTO DA PRESENÇA INTELECTUAL NEGRA NAS AMÉRICAS	28
1.1 O DESEJO DE PRESENÇA NA VIDA E NA ARTE	29
1.1.1 Jamaica Kincaid: ambiguidade, conflito e resistência	31
1.1.2 Dionne Brand e o conflito do não pertencimento	34
1.1.3 Conceição Evaristo: dificuldades e a conquista de espaço	37
1.2 A ESCRITA E A ESCOLHA: OS CAMINHOS DA LITERATURA	39
1.3 A ESCRITA DE SI VERSUS A ESCRITA DA HISTÓRIA	44
1.4 O MODELO DE MULTICULTURALIDADE NOS ESTADOS UNIDOS, CANADÁ E BRASIL: ETNICIDADE E PODER NA CONSTITUIÇÃO DA NAÇÃO	48
1.5 FEMINISMO NEGRO: PENSANDO O LUGAR DA MULHER NEGRA NA SOCIEDADE.....	54
1.6 JAMAICA KINCAID, DIONNE BRAND E CONCEIÇÃO EVARISTO: UMA REALIDADE EM (RE)(DES)CONSTRUÇÃO	59
1.7 A OBRA LITERÁRIA DE JAMAICA KINCAID, DIONNE BRAND E CONCEIÇÃO EVARISTO E A MARCA DA PRESENÇA	62
2 A REALIDADE SOCIOCULTURAL DO INDIVÍDUO PÓS-COLONIAL: MAPEANDO A IDENTIDADE CULTURAL EM JAMAICA KINCAID, DIONNE BRAND E CONCEIÇÃO EVARISTO	65
2.1 QUESTÕES SOBRE IDENTIDADE E PODER NA LITERATURA DE JAMAICA KINCAID, DIONNE BRAND E CONCEIÇÃO EVARISTO	66
2.2 REPRESENTAÇÃO DE MUNDOS NOS ROMANCES <i>MR. POTTER, AT THE FULL THE FULL AND CHANGE OF THE MOON E BECOS DA MEMÓRIA</i>	70
2.2.1 <i>MR. POTTER</i>	71
2.2.2 <i>AT THE FULL AND CHANGE OF THE MOON</i>	75
2.2.3 <i>BECOS DA MEMÓRIA</i>	80

2.3 DESCONSTRUINDO SILÊNCIOS EM <i>MR. POTTER, AT THE FULL THE FULL AND CHANGE OF THE MOON E BECOS DA MEMÓRIA</i>	84
2.4 COLONIALIDADE DO PODER E OUTRAS CONSTRUÇÕES PROBLEMÁTICAS..	90
2.5 A ESCRAVIDÃO E O ESTABELECIMENTO DA <i>VOICELESSNESS</i> DO NEGRO NAS AMÉRICAS.....	99
2.6 A LITERATURA É (TAMBÉM) UMA FORMA DE AUTORRESGATE	105
3 O PASSADO E A MEMÓRIA COMO INSTRUMENTOS DE LUTA CONTRA A VIOLÊNCIA EPISTÊMICA	113
3.1 “RECORDAR É PRECISO”	114
3.2 SUBJETIVIDADES FEMININAS NOS ROMANCES <i>THE AUTOBIOGRAPHY OF MY MOTHER</i> E <i>IN ANOTHER PLACE, NOT HERE</i> E NOS CONTOS DE <i>INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES</i>	117
3.2.1 <i>The Autobiography of My Mother</i>	119
3.2.2 <i>In Another Place, Not Here</i>	124
3.2.3 <i>Insubmissas Lágrimas de Mulheres</i>	131
3.3 ENTRE RECORDAÇÕES E RESISTÊNCIAS: A CONSTRUÇÃO NARRATIVA DE <i>THE AUTOBIOGRAPHY OF MY MOTHER, IN ANOTHER PLACE, NOT HERE</i> E <i>INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES</i>	135
3.4 O FEMINISMO NEGRO E SUAS REIVINDICAÇÕES: O LUGAR DA MULHER NEGRA NA SOCIEDADE VERSUS O LUGAR DA MULHER NEGRA NAS NARRATIVAS	141
3.5 PASSADO E MEMÓRIA, RESISTÊNCIA E LIBERTAÇÃO	147
3.5.1 A releitura do passado: perspectivas e paradigmas	149
3.5.2 A memória e o resgate da história como metáfora para o resgate de si mesmo	155
3.5.3 Memória e Representação: em busca da decolonialidade	161

4 A DIÁSPORA NEGRA E A PROBLEMÁTICA DA IDENTIDADE DIASPÓRICA	165
4.1 A DIÁSPORA NEGRA E A GEOPOLÍTICA DA MARGINALIDADE	166
4.2 <i>LUCY, WHAT WE ALL LONG FOR</i> E <i>PONCIÁ VICÊNCIO</i> : A EXPERIÊNCIA DIASPÓRICA NAS AMÉRICAS.....	170
4.2.1 <i>Lucy</i>	171
4.2.2 <i>What We All Long For</i>	175
4.2.3 <i>Ponciá Vicêncio</i>	180
4.3 LITERATURA DIASPÓRICA: UMA REINVENÇÃO DE ÁFRICA NOS ROMANCES <i>LUCY, WHAT WE ALL LONG FOR</i> E <i>PONCIÁ VICÊNCIO</i>	185
4.4 A DINÂMICA FAMILIAR NA ENCRUZILHADA AFRODIASPÓRICA	192
4.5 DESLOCAMENTO, TRAUMA E SUAS COMPLICAÇÕES PARA A ADAPTAÇÃO DA MULHER NEGRA NAS SOCIEDADES RECEPTORAS	198
4.6 REPENSANDO A MULTICULTURALIDADE: IDENTIDADE E DIFERENÇA EM JAMAICA KINCAID, DIONNE BRAND E CONCEIÇÃO EVARISTO	203
5 PÓS-COLONIALIDADE E EXCLUSÃO SOCIAL: UMA CARTOGRAFIA CONTRA A SUBALTERNIDADE E A FAVOR DA DESCOLONIZAÇÃO	207
5.1 COLONIALISMO VERSUS PÓS-COLONIALISMO	208
5.2 ESPAÇOS DISCURSIVOS NA ESCRITA PÓS-COLONIAL: <i>A SMALL PLACE, A MAP TO THE DOOR OF NO RETURN</i> E <i>OLHOS D'ÁGUA</i>	211
5.2.1 <i>A Small Place</i>	213
5.2.2 <i>A Map to the Door of No Return</i>	217
5.2.3 <i>Olhos D'água</i>	223
5.3 PÓS-COLONIALIDADE E A REPRESENTAÇÃO DO OUTRO	229
5.4 A INTELLECTUALIDADE NEGRA NO CONTEXTO PÓS-COLONIAL	235

5.5 O BANZO NOSSO DE TODAS AS MANHÃS	239
5.6 JAMAICA KINCAID, DIONNE BRAND E CONCEIÇÃO EVARISTO: CARTOGRAFIAS DE UMA RESISTÊNCIA.....	245
CONSIDERAÇÕES FINAIS	250
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	260

INTRODUÇÃO



AMERICA

Figura 1

Esta tese é resultado da análise de alguns textos escritos por Jamaica Kincaid (Antígua-Estados Unidos), Dionne Brand (Trinidad e Tobago-Canadá) e Conceição Evaristo (Brasil). Tendo em vista o interesse crescente que obras escritas por pessoas vindas de uma ‘realidade periférica’ ou que possuem uma ‘experiência subalterna’ (em especial aquelas que viveram sob a experiência da colonização) têm conquistado, propomos a aprofundar a fortuna literária de Kincaid, Brand e Evaristo, escritoras negras que têm apresentado narrativas modificadoras do lugar do indivíduo subalterno no universo ficcional. Estas escritoras têm participado de um movimento contemporâneo de aproximar a literatura do mundo social; através da postura crítica do escritor ao produzir literatura, o leitor/estudioso pode encarar o texto literário além de sua função estética. Atualmente, o interesse sobre a obra de autores e autoras que não participam do cânone tradicional pode gerar um movimento de desconstrução de muitos dos estereótipos desenvolvidos ao longo de séculos; dessa forma a escrita literária, que durante muito tempo era basicamente produzida por homens brancos e de classe média ou média alta, passa a ser produzida levando em consideração a vivência de grupos sociais variados, grupos de pessoas com perspectivas de vida diferentes, que se afastam da condição de marginalidade e adquirem respeito, voz e espaço.

Segundo Roland Walter (1999), é preciso criar uma ‘ciência literária intercultural’ a fim de que possamos desconstruir as universalizações e compreender melhor as configurações locais. Partindo desse princípio engajamo-nos com uma proposta de análise que partisse de uma realidade global – a realidade de exploração e desigualdade de certos grupos sociais – e também levasse em conta as realidades locais – experiências vivenciadas em países do continente americano em que cada escritora escreve. Através do estudo de obras de três escritoras provenientes de contextos históricos, sociais, econômicos e culturais específicos e diferentes entre si, buscamos observar como as representações identitárias se desenvolvem a partir de uma perspectiva não-canônica e assumidamente periférica. Este trabalho surgiu com o intuito, primeiramente, de ampliar o campo teórico da obra literária de Kincaid, Brand e Evaristo, e, em segundo lugar, de encontrar conexões que demonstrem a existência de uma poética que visa o discurso de resistência através da literatura.

Nossa ideia desde o princípio foi relacionar duas questões principais que norteiam toda produção literária das escritoras escolhidas: o patriarcalismo e o colonialismo. Essas duas temáticas aparecem de forma constante nos textos analisados e são sedimentadas através de um discurso de inferiorização do outro (neste caso a inferiorização diz respeito à mulher

proveniente de lugares com histórico de colonização). Desde os primeiros trabalhos acadêmicos a representação feminina em textos literários sempre suscitou grande interesse e curiosidade; com o passar do tempo passamos a analisar textos de autoria feminina com o intuito de compreender o desenvolvimento de personagens femininas. Nossa postura não é um indicativo de que acreditamos que só a escrita feminina poder trazer uma representação que estabeleça algo mais profundo sobre a mulher, no entanto numa sociedade que por tanto tempo desqualificou a mulher enquanto escritora pareceu-nos importante conhecer como se dá o estabelecimento desta enquanto sujeito da escrita, ao mesmo tempo em que nos detemos ao processo de criação de personagens e narrativas afastando-se do discurso comum de subalternidade feminina.

Já no título deste trabalho destacamos a importância do tópico relacionado ao contexto pós-colonial porque compreendemos que ele deve ser compreendido como uma realidade de insubmissão e resistência. Ao escolhermos escritoras que nasceram em países que já foram colônias, e onde a colonização deixou marcas profundas, trilhamos um caminho analítico que permite avaliar e compreender as trajetórias de seres subalternizados pela história, e, mais que isto, conseguimos identificar a periculosidade dos estereótipos sociais para o estabelecimento de uma identidade cultural sadia e positiva; pensando em identidade cultural e contexto pós-colonial vimos que a trajetória pessoal de cada escritora escolhida, assim como a trajetória de seus personagens são resultado da experiência da diáspora: a escritora Jamaica Kincaid passou sua infância e adolescência em Antígua, mas sua vida adulta e sua carreira literária inteira se estabeleceu nos Estados Unidos; Dionne Brand nasceu em Trinidad e Tobago, porém cursou o ensino superior no Canadá, país em que se torna escritora; já Conceição Evaristo nunca morou em outro país, no entanto ela viveu parte de sua vida numa favela em Belo Horizonte e depois busca melhores condições de vida ao mudar-se para o Rio de Janeiro, onde passa a se dedicar à escrita a partir de um centro urbano com existência social e cultural distinta.

Além dos eixos temáticos relacionados ao patriarcalismo e ao colonialismo, encontramos outro eixo importante, a nos levar por um caminho que ia além do que havíamos imaginado no princípio de nosso estudo, mas que não podia ser ignorado porque ele estava conectado com a questão de gênero e com a herança colonial. A leitura das obras de Kincaid, Brand e Evaristo apresentou-nos outra forma de dominação e exploração, que muitas vezes parece ser completamente ignota em nossas sociedades: o racismo e suas consequências no

estabelecimento da representação do indivíduo e nas relações sociais; notamos que as relações sociais estão baseadas na classificação racial e que essa realidade tem viabilizado uma série de situações de exploração e subalternidade, sendo assim é possível (e é necessário) relacionar esses três eixos porque em todos eles existe um discurso de inferiorização do outro. Esse processo, por sua vez, produz uma realidade de invisibilidade que transforma o sujeito e não permite que ele mude sua condição perante a sociedade; dessa forma vê-se a construção de uma identidade pautada na fragilidade e na impotência, inviabilizando qualquer chance de liberdade.

Acreditamos que a trajetória literária das escritoras Kincaid, Brand e Evaristo pode ser entendida como ações deliberadamente conscientes buscando criar formas de autorresgate e de autorrepresentação, pois, como elas mesmas afirmam, em vários momentos, elas possuem um desejo de autoconhecimento e seus textos revelam o desejo de construir uma realidade baseada nesse conhecimento de si e que essa realidade possa desestabilizar o cenário de subalternidade com que elas mesmas tiveram contato desde cedo. Consideramos correto afirmar que a literatura produzida por essas autoras fornece um material rico para análise porque ela apresenta narrativas que focam em experiências subalternas e demonstram que essas experiências, que muitas vezes se repetem na vida real, não são cenários naturais e sim socialmente e culturalmente construídos e aceitos. Falando especificamente da realidade do indivíduo negro nas Américas podemos citar Conceição Evaristo, que ao referir-se à literatura negra brasileira explicita uma realidade que não deve ser ignorada:

Contudo, há estudiosos, leitores e mesmo escritores afrodescendentes que negam a existência de uma literatura afro-brasileira. Apegam-se à defesa de que a arte é universal, e mais do que isso, não consideram que a experiência das pessoas negras ou afrodescendentes possa instituir um modo próprio de produzir e de conceber um texto literário, com todas as suas implicações estéticas e ideológicas. (2009, p. 17)

Atentamos aqui para o fato de que aqueles que consideram a arte e a literatura como um elemento universal tendem a desmerecer experiências outras que não se enquadram na 'categoria universal', e sabemos que o conceito de universalidade tem se constituído numa armadilha que não leva em conta questões importantes e cruciais para a compreensão da vida na contemporaneidade. Uma dessas questões é, sem sombra de dúvida, a condição dos afrodescendentes que ainda carregam o peso da Diáspora Negra e da escravidão.

Tendo em vista todos os elementos que foram se apresentando durante a leitura das obras e considerando a quantidade de textos incorporados em nossa análise (ao todo são 12 textos literários entre romances, contos e textos híbridos) percebemos a necessidade de desenvolver capítulos que pudessem funcionar como engrenagens, que ao se juntarem, nos tornariam capazes de compreender de forma mais ampla e mais completa a produção literária de Jamaica Kincaid, Dionne Brand e Conceição Evaristo, apresentando assim como essas obras se desenvolvem a partir de conexões históricas similares. O grande número de informações e elementos relevantes que foram sendo encontrados somou-se à análise literária dos textos e dessa forma conseguimos tratar de temáticas específicas presentes nas obras analisadas.

Como dissemos anteriormente, acreditamos que o texto literário é, também, um objeto social de grande impacto, e algumas obras amplificam esse impacto ao focar em questões importantes, que têm a ver não apenas com o sujeito em si, mas com a reflexão de realidades coletivas. A fim de comprovar a profunda relação de Kincaid, Brand e Evaristo com suas obras, bem como evidenciar que a postura crítica que cada escritora produz nos textos é consciente chegamos à conclusão de que precisávamos conhecer não apenas um pouco da biografia das escritoras, mas também seu posicionamento em relação a assuntos presentes nas obras produzidas. Assim surgiu a ideia de desenvolver o primeiro capítulo com o objetivo de dar voz primeiramente às escritoras e só depois às suas personagens e narrativas; o capítulo intitulado *Jamaica Kincaid, Dionne Brand e Conceição Evaristo: o estabelecimento da presença intelectual negra nas Américas* começa abordando o que chamamos de ‘desejo de presença’ e como tem sido importante o crescimento exponencial de escritores e intelectuais afrodescendentes que têm ganhado espaço no âmbito acadêmico e produzido discussões importantes acerca da institucionalização do racismo em diferentes lugares e classes sociais; o início do capítulo traz tópicos relacionados à vida de Jamaica Kincaid, Dionne Brand e Conceição Evaristo, apresentando a trajetória pessoal e fazendo um paralelo sobre como as experiências a nível pessoal influenciaram a decisão de escrever.

O capítulo de abertura é uma imersão ao pensamento de Kincaid, Brand e Evaristo, por esta razão ele é formado basicamente por citações retiradas de entrevistas, artigos e ensaios das escritoras ao longo dos anos. Esta pesquisa, realizada após a primeira leitura das obras que seriam analisadas, foi importante porque confirmou algo que já suspeitávamos: as narrativas produzidas servem para exorcizar demônios e produzir um discurso de resistência

diretamente ligado ao passado de cada escritora. As citações utilizadas por nós revelam que a escrita funcionou como forma de libertação da opressão, e é correto dizer que foi através da literatura que as escritoras estudadas conquistaram a voz e a importância necessária para serem ouvidas; elas revelam ainda o lugar ocupado pelo passado e pela memória para a vida de seres subalternizados, demonstrando que a recuperação da história a partir da ótica do subalterno é uma ferramenta indispensável para a desconstrução dos paradigmas da dominação. Já nesse momento da tese procuramos mostrar que existe um nível de conexão entre Estados Unidos, Canadá e Brasil que diz respeito, basicamente, à forma com que cada país propaga a multiculturalidade e como esse discurso é altamente falacioso.

Depois do primeiro capítulo, que pode ser entendido como uma introdução, passamos para a análise, buscando relacionar tudo aquilo que havíamos descoberto através das falas de Kincaid, Brand e Evaristo e tudo aquilo que era apresentado em cada obra analisada. A forma encontrada para permitir que aproveitássemos melhor a linha de aproximação entre os textos escritos foi analisar um texto – romance, conto ou outro – de cada escritora em cada capítulo utilizando uma temática específica como mote¹; esta escolha evidencia a existência de temáticas que funcionam como elementos-chave para a compreensão das obras; no entanto faz-se necessário ressaltar que apesar de estas temáticas aproximarem os textos analisados entre si, notamos diferenças substanciais entre eles, em especial na forma como cada escritora constrói seus personagens e desenvolve suas relações sociais e familiares.

O capítulo 2 é intitulado *A Realidade Sociocultural do Indivíduo Pós-colonial: mapeando a identidade cultural em Jamaica Kincaid, Dionne Brand e Conceição Evaristo*, e propõe uma discussão sobre a representação cultural de indivíduos marginalizados pela experiência colonial; para isso analisamos os romances *Mr. Potter* (2002), *At the Full and Change of the Moon* (1999) e *Becos da Memória* (2013), e buscamos identificar quais mecanismos apresentados nessas narrativas exemplificam as representações culturais enquanto conflituosas e geradoras de identidades estilhaçadas pelo discurso da colonialidade do poder. Partindo da percepção de que a identidade é fruto de uma negociação cultural constante e ininterrupta, este capítulo buscou, nas obras escolhidas, identificar como a identidade do indivíduo pós-colonial é interpelada pela realidade sociocultural, e como vai se desenvolvendo em torno das experiências de personagens marginalizados. Nossa análise parte

¹ Para isso a organicidade do trabalho pedia que escolhêssemos quais obras seriam analisadas em cada temática. Nossa escolha foi resultado de uma análise prévia, nela pudemos traçar pontos que foram decisivos, uma vez que por mais que as obras tratem de tópicos em comum, alguns tópicos se sobressaem mais em umas obras do que em outras.

do princípio de que o processo identitário é diretamente influenciado pela ‘consciência colonial’, e esta, por sua vez, também causa interferência significativa nas relações familiares, afetivas e sociais de um modo geral.

Para desenvolver melhor nossa análise começamos com um breve resumo de cada romance, evidenciando os elementos principais dos textos e explicitando como a trajetória de cada protagonista é resultado de uma trajetória de marginalidade e exclusão social; é interessante notar que mesmo quando as narrativas focam na história de um personagem há sempre uma conexão evidente em relação à coletividade, os personagens funcionam como símbolos de um povo e de uma realidade que remonta a um passado traumático e não superado. Depois de apresentar personagens e revelar fatos narrativos de forma separada criamos um quadro sinóptico contendo 12 tópicos² com o objetivo de focar questões pontuais e importantes para a análise, fazendo isso de tal forma que as informações sobre cada romance pudessem ser observadas lado a lado; o quadro permite que tenhamos uma dimensão do que será analisado nos tópicos posteriores e também serve como elemento comparativo entre as narrativas.

A temática da identidade e da representação identitária é a questão principal do capítulo 2, mas ela está permeada por questões problemáticas que dizem respeito principalmente à realidade como resultado da herança colonial. Frantz Fanon acredita que o colonialismo não objetiva apenas a conquista territorial, o discurso colonial visa também “esvaziar o cérebro colonizado de toda forma e todo conteúdo” (1968, p. 175) a fim de criar uma realidade em que o passado do povo colonizado é apagado com o intuito de deformar e aniquilar completamente qualquer sentido de identidade que não seja aquele que o colonizador oferece. Neste contexto de aniquilação cultural a literatura surge como forma de reflexão e resistência ao sistema de dominação colonial/imperial e do discurso que instaura o complexo de superioridade do colonizador e o de inferioridade do colonizado. Esta realidade continua presente nas relações sociais estabelecidas no continente americano até hoje. Interessou-nos desde o começo compreender e identificar os fluxos locais e as epistemes culturais presentes nos textos analisados a fim de comprovar a ideia desenvolvida pelo estudioso peruano Aníbal Quijano acerca da colonialidade do poder enquanto resquício do colonialismo via discursos de internalização que promovem a manutenção do padrão de poder

² Esses tópicos serão os mesmos utilizados nos capítulos 3 e 4: ‘protagonista’, ‘tipo de narração’, ‘outros personagens’, ‘tempo’, ‘lugar’, ‘construção/desenvolvimento da narrativa’, ‘total de capítulos’, ‘foco temático em primeiro plano’, ‘foco temático em segundo plano’, ‘início da narrativa’, ‘final da narrativa’ e ‘observações sobre a narrativa’.

hegemônico atual; aliado a essa questão vimos também o quanto o estabelecimento da escravidão nas sociedades americanas funcionou como forma de exploração para a manutenção desse poder hegemônico, e como ainda hoje a dimensão simbólica do passado escravocrata permanece silenciando histórias e vozes negras.

Por compreender o peso da dimensão simbólica do passado continuamos nossa análise no terceiro capítulo tendo como foco a importância em recuperar o passado e a memória como formas de resistência. Em *O Passado e a Memória como Instrumentos de Luta contra a Violência Epistêmica* analisamos os romances *The Autobiography of My Mother* (1996), *In Another Place, Not Here* (1997) e o livro de contos *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011); buscamos apresentar a invocação do passado e o resgate da memória como elementos-chave para que exista um processo de resignificação da trajetória histórica/coletiva de um sujeito. As narrativas analisadas apresentam o fenômeno mnemônico como ferramenta contra a ‘violência epistêmica’, sendo esta entendida como um conjunto de práticas essencialistas que levam o sujeito à condição subalterna e à aceitação desta condição; as protagonistas dos textos analisados neste capítulo tentam fugir dessa realidade e para isso apegam-se ao discurso mnemônico, que por sua vez utiliza os processos de memorização e rememoração para a desconstrução da invisibilidade e do silenciamento de grupos historicamente subordinados e oprimidos.

Os resumos dos romances e contos, assim como o quadro sinóptico, tornam visível a disposição em que estas obras são desenvolvidas e mostram que as narrativas estão repletas de subjetividades femininas, a começar pelo fato de que temos narradoras mulheres, contando suas próprias histórias ou contando as histórias de outras mulheres. A condição da mulher negra na sociedade contemporânea é abordada em cada texto, revelando que as personagens buscam reagir contra a realidade recalcada pela desigualdade e pelo preconceito; é pensando a partir da ideia de dupla subalternidade levantada por Spivak (2010) somado ao fator racial que abordamos as reivindicações do feminismo negro para demonstrar como Kincaid, Brand e Evaristo compreendem a relação entre gênero e racismo, e sua relação direta com o colonialismo. Dessa forma percebemos que patriarcalismo e colonialismo são lados de uma mesma moeda, conectados por um sistema que promove e viabiliza a manutenção de hierarquias dominantes e a dissolução de histórias marginalizadas. Ambos promovem a

subalternização dos indivíduos³ e ambos trabalham para a perda total de voz do sujeito colonizado, os romances e contos presentes neste capítulo confirmam que o sujeito feminino negro vive um nível de exploração e dominação que não se equipara ao do sujeito masculino negro, por exemplo.

A condição feminina negra é importante para a construção do capítulo porque é a partir dela que é possível pensar na centralidade da memória, afinal como bem nos lembra Evaristo “A literatura negra é um lugar de memória” (1996, p. 30). A temática norteadora deste capítulo está permeada ao longo do texto e nossa análise permite-nos dizer que as obras de Kincaid, Brand e Evaristo narrativizam o passado com o objetivo de repensar a existência humana e as relações sociais; cada um dos livros analisados neste capítulo revela que nossa vida está inevitavelmente ligada ao passado, as narrativas abordam claramente a ideia de que a vida de marginalidade e exploração que as personagens experienciam está diretamente conectada a eventos acontecidos muito antes do nascimento dessas personagens. É interessante notar que o questionamento de Kincaid sobre o peso da história para pessoas como elas – sujeitos negros vindos de lugares colonizados – pode ser transposto para os textos de Brand e Evaristo. Mais uma vez a literatura surge com um papel importante, porque além de abrir espaço para a recuperação do passado, através de histórias e memórias antes silenciadas, a literatura também permite que essas escritoras ressignifiquem suas próprias identidades.

Já o capítulo 4 – *A Diáspora Negra e a Problemática da Identidade Diaspórica* – foi desenvolvido a fim de abordar o alcance que a diáspora exerce na vida dos indivíduos afrodescendentes; é fato que a experiência diaspórica exerce uma influência profunda para o desenvolvimento da identidade e é uma fonte importante para a literatura negra produzida nas Américas. Ao abordar a temática da diáspora neste capítulo buscamos traçar um olhar que retratasse a migração como elemento comum na contemporaneidade, e mais que isso como ela está enredada no estágio atual da experiência humana, constituindo-se como um símbolo da vida contemporânea e globalizada; este capítulo conta com a análise dos romances *Lucy* (1990), *What We All Long For* (2005) e *Ponciá Vicêncio* (2003) e seu resultado indica uma realidade conflituosa em que as etnicidades muitas vezes chocam-se umas com as outras, num processo que não é harmonioso, os protagonistas dos romances não são totalmente aceitos e isso indica que a representação do sujeito diaspórico gira em torno da diferença que gera a

³ Para Spivak “o mais claro exemplo disponível de tal violência epistêmica é o projeto remotamente orquestrado, vasto e heterogêneo de se constituir o sujeito colonial como Outro.” (2010, p. 60)

desigualdade, ele é visto como o ‘outro’ nas sociedades receptoras; em alguns dos romances parece haver um esforço para conquistar a adaptação e aceitação por causa do desejo de pertencimento, em outros vê-se claramente que não há desejo em encaixar-se e ser reconhecido.

Ao longo deste capítulo apresentamos as narrativas dos romances, em todos eles as histórias de cada protagonista são abordadas tendo em conta as consequências da experiência diaspórica; a experiência na diáspora pode acontecer de forma direta, com o deslocamento dos próprios personagens, ou de forma indireta, com as gerações posteriores ao deslocamento. De toda forma vê-se claramente que as noções de pertencimento estão dispostas de maneira complexa e por isso cada personagem sente um vazio que não diz respeito necessariamente à saudade da terra natal. Nos três romances analisados temos 7 protagonistas que ao longo de cada texto materializam a condição de subalternidade; aqui a noção de colonialidade aparece novamente porque o deslocamento desses indivíduos está ligado ao processo de diáspora a que foram submetidos os negros africanos durante a colonização dos países do continente americano; sendo assim os romances focalizam a busca por descolonização do indivíduo pós-colonial através da reflexão acerca das dificuldades do indivíduo migrante em encontrar seu lugar na sociedade receptora, dessa forma percebe-se claramente que as fronteiras geográficas geram outras fronteiras, em especial no nível cultural, e estas são muito mais difíceis de transpor.

Ao longo de nossa pesquisa percebemos que Kincaid, Brand e Evaristo traçam relações familiares que se diferem bastante entre si, isso porque as obras de Kincaid sempre trazem um embate forte entre as personagens e seus genitores (este embate acontece principalmente em relação à mãe), já na obra de Brand os personagens aparecem quase que completamente desconexas de qualquer laço afetivo saudável, apenas Evaristo produz obras em que as relações familiares servem como forma de criar força através da união; nos romances analisados essas escolhas narrativas são bastante evidentes e demonstram o fato de que quanto mais a dinâmica familiar é problemática mais a experiência diaspórica também o será. Outro ponto importante é o fato de que o deslocamento geográfico abre espaços para outros deslocamentos, em especial emocionais/psicológicos, essa realidade gera um processo de trauma que, num primeiro momento, tem a ver com uma condição pessoal, revelando-se posteriormente resultado de um processo histórico ligado diretamente à diáspora negra e à escravidão. A experiência diaspórica dos personagens e o fato de eles estarem sempre

renegociando suas identidades em busca de espaço manifesta o modelo fracassado de multiculturalidade presente nos Estados Unidos, Canadá e Brasil, pois apesar de estes países se orgulharem de seu multiculturalismo é possível facilmente destacar o discurso homogeneizador que rege as relações sociais, discurso este que é capaz de esconder o racismo e a desigualdade sociais destas sociedades.

O último capítulo é intitulado *Pós-colonialidade e Exclusão Social: uma cartografia contra a subalternidade e a favor da descolonização* e indica que os caminhos trilhados por Jamaica Kincaid, Dionne Brand e Conceição Evaristo convergem para um mesmo objetivo. Nos capítulos anteriores analisamos as obras destas escritoras levando em consideração as temáticas de identidade, memória e diáspora e identificamos a condição da mulher negra em sociedades multiculturais e como essa condição está intimamente ligada à colonialidade do poder; neste capítulo demonstramos que os textos analisados produzem uma cartografia de resistência com o objetivo de ratificar a ideia de que as narrativas produzidas por Kincaid, Brand e Evaristo configuram-se a partir de uma realidade pós-colonial que está pautada no desejo de descolonização de corpos, mentes e culturas a fim de desenvolver uma desconstrução da subalternidade e exclusão social. Escolhemos para análise os livros *A Small Place* (1988), *A Map to the Door of No Return* (2001) e *Olhos D'água* (2014); mesmo não sendo livros com o mesmo gênero literário percebemos que em cada um deles o leitor encontra o paralelo entre o espaço geográfico enquanto espaço socialmente e culturalmente definido, estas obras oferecem uma perspectiva interessante na definição de espaços e consciências para a resistência à subalternidade através da literatura.

A análise de *A Small Place* e *A Map to the Door of No Return* mostrou-nos uma visão mais íntima e subjetiva acerca do projeto literário de Jamaica Kincaid e Conceição Evaristo, estes livros são a combinação de diversos gêneros literários, e em sua hibrididade percebe-se a construção de um discurso descolonizador que se desenvolve a partir de situações de escrita fundamentadas na experiência pessoal; enquanto Kincaid fala de suas impressões sobre a Antígua e a forma com que seus habitantes continuam oprimidos pela herança colonial e escravocrata, Brand detém sua obra a partir da experiência de pessoas negras que vivem um presente sem memória. No caso de *Olhos D'água* temos mais uma vez uma série de histórias, muitas delas poderiam estar presentes nas páginas policiais de algum jornal, que se aproximam por causa da desigualdade social e racial responsável pela violência que parece naturalizada no ambiente da favela; em cada um desses textos o leitor entra em contato com

discursos que contam um lado diferente da história. George Orwell teria dito uma vez que ‘a história é escrita por vencedores’, ou seja, por aqueles que detêm o poder, vivemos numa época em que cada vez mais os ‘vencidos’ lutam para registrar suas perspectivas e a literatura é constantemente usada como instrumento para que isso aconteça.

Independentemente do gênero utilizado encontramos em comum um discurso de reflexão, que se materializa ao longo dos textos, em que é possível identificar que a vivência pós-colonial presente na obra de cada escritora tem a ver principalmente com a influência que os efeitos da colonização e suas consequências carrega. Kincaid, Brand e Evaristo estão especialmente interessadas na forma como a representação do outro é construída, tendo em vista que este outro é caracterizado por uma realidade de pobreza, marginalidade social e subalternidade; ao longo deste capítulo a figura do sujeito pós-colonial vai sendo revista, porque como os próprios textos propõem é preciso construir e solidificar um novo discurso que promova uma descolonização e desconstrução do discurso de colonialidade e da experiência de colonização que são as bases das relações de dominação nas Américas. Nesse contexto é master salientar que as escritoras presentes em nosso estudo são representantes de uma intelectualidade negra que busca entender as relações sociais a partir de um panorama que vai além do universo ficcional.

Quando nossa ideia de pesquisa surgiu tínhamos o interesse de contribuir com os estudos sobre as obras de Jamaica Kincaid, Dionne Brand e Conceição Evaristo, mas a nosso ver era preciso fazer uma análise em conjunto a fim de pensar as fronteiras e os espaços geográficos como lugares discursivos pertencentes a contextos históricos, sociais, econômicos e culturais distintos, mas com uma base histórica em comum. Nosso trabalho indica que a condição de subalternidade dos afrodescendentes é uma temática recorrente e atual, assim como o desejo de voz e presença do sujeito negro através da literatura: “ao falarmos de literatura negra, (...) falamos de uma literatura cujos criadores buscam consciente e politicamente a construção de um discurso que dê voz e vez ao negro como sujeito que auto se representa em sua escritura” (EVARISTO, 1996, p. 2). Acreditamos que as escolhas narrativas de cada texto analisado cumprem o papel de refletir sobre a realidade pós-colonial, essa reflexão acontece através do resgate do passado escravocrata e do presente marginalizado como sendo elos de uma única corrente.

Ao ponderarmos os tópicos presentes entre os capítulos 2 a 5 e levando em consideração os pensamentos de Kincaid, Brand e Evaristo, principalmente aqueles que

aparecem ao longo do primeiro capítulo, fomos capazes de aproximar a escrita literária de cada escritora e só assim foi possível chegar à conclusão de que de fato há uma poética de autorrepresentação negra que funciona como um discurso cujo objetivo principal é desconstruir a violência do discurso patriarcal e colonial; dessa forma mesmo quando há personagens masculinos e mesmo quando são estes personagens que detêm o poder encontramos personagens femininas dispostas a resistir. O texto *The Laugh of the Medusa* Cixous (1991, p. 350) aborda a necessidade de a mulher romper com o sistema e o discurso androcêntrico, que está presente até mesmo na escrita, segundo a autora “*writing is precisely the very possibility of change, the space that can serve as a springboard for subversive thought, the precursory movement of a transformation of social and cultural structures*”⁴; nossa análise – tanto do pensamento teórico/intelectual quanto da escrita literária – leva a crer que as escritoras em questão assumem para si o risco de apresentar uma escrita pautada na resistência, na reflexão e na subversão das estruturas históricas, políticas, sociais e culturais.

Para que essa poética seja compreendida é importante pensarmos que os textos analisados apresentam características autobiográficas e um discurso bastante subjetivo, no caso de Kincaid podemos inferir essa subjetividade desde o nome de alguns personagens, até passagens e experiências; quando analisamos a obra de Brand e pensamos sobre o que a própria escritora fala em entrevistas sobre sua visão de mundo percebemos que muitos de seus personagens são resultado da compreensão que Brand construiu sobre sua realidade; por fim as histórias narradas por Evaristo sempre estão pautadas a partir da necessidade de conferir poder à ancestralidade, por essa razão suas narrativas são trabalhadas a partir da memória, em primeiro plano são as memórias que a autora colecionou ao longo da vida o mote da escrita, em segundo plano são as memórias de seus personagens que demonstram a importância de entender a relação entre o presente e o passado.

Em um de seus romances Jamaica Kincaid aponta sua compreensão sobre sua condição, segundo a personagem Xuela:

I am of the vanquished, I am of the defeated. The past is a fixed point, the future is open-ended; for me the future must remain capable of casting a light on the past such that in my defeat lies the seed of my great victory, in my defeat lies the beginning of my great revenge. My impulse is to the good, my good is to serve myself. I am not a people, I am not a nation. I only wish

⁴ Todas as traduções presentes neste trabalho são de nossa autoria: “escrever é precisamente a possibilidade de mudança, um espaço que pode surgir como trampolim para o pensamento subversivo, um movimento precursor de transformação de estruturas sociais e culturais”

*from time to time to make my actions be the actions of a people, to make my actions be the actions of a nation.*⁵ (KINCAID, 1996, p. 216)

Em vários momentos as escritoras demonstram em suas narrativas a compreensão de que elas fazem parte de um grupo social sempre marginalizado, de um grupo que continua sendo vencido continuamente. Entretanto, assim como afirma Xuela, mesmo estando do lado dos derrotados a personagem acredita que ao colocar uma luz sobre seu passado ainda será capaz de vencer e de vingar-se; quando ela afirma que quer fazer de suas ações as ações de um povo, de uma nação, ela mesma coloca sua identidade em consonância com a identidade de um certo grupo social excluído, ao ousar falar desse ponto de vista a personagem e narradora já quebra paradigmas e desconstrói ‘verdades’. Jamaica Kincaid, Dionne Brand e Conceição Evaristo abordam seus personagens como sujeitos da narrativa e não apenas objetos, a fim de mudar a estrutura sedimentada pelas relações sociais contemporâneas; para Mignolo “A emancipação como libertação significa não só o reconhecimento dos subalternos, mas também a erradicação da estrutura de poder que mantém a hegemonia e a subalternidade” (2003, p. 178), ao caracterizar personagens marginalizados sem usos de estereótipos ou discursos de inferiorização as escritoras demonstram que compreendem como a condição de subalternidade é desenvolvida, e, mais que isso, comprovam que é possível desconstruí-la, e isso só é possível a partir de uma reconstrução de valores. A literatura produzida e analisada nesse trabalho é constituída, portanto, a partir desta reconstrução de valores, discursos e consciências.

⁵ “Sou dos vencidos, sou dos derrotados. O passado é um ponto fixo, o futuro está aberto; para mim o futuro deve permanecer capaz de lançar uma luz sobre o passado de modo que na minha derrota está a semente da minha grande vitória, na minha derrota está o começo da minha grande vingança. Meu impulso é para o bem, meu bem é servir a mim mesma. Eu não sou um povo, não sou uma nação. Eu só desejo de vez em quando fazer minhas ações ser as ações de um povo, fazer minhas ações ser as ações de uma nação”

CAPÍTULO 1

JAMAICA KINCAID, DIONNE BRAND E CONCEIÇÃO EVARISTO: O ESTABELECIMENTO DA PRESENÇA INTELECTUAL NEGRA NAS AMÉRICAS



Figura 2

Jamaica Kincaid



Figura 3

Dionne Brand



Figura 4

Conceição Evaristo

1.1 O desejo de presença na vida e na arte

A percepção contemporânea de literatura a caracteriza enquanto objeto social, sendo não apenas uma fonte de contemplação estética, é fonte de grande impacto porque contempla um compromisso e um engajamento éticos. Nesse sentido a literatura sempre nos chamou a atenção porque sua representação da realidade não diz respeito tão somente a uma descrição imparcial de uma realidade isolada, a literatura é a expressão dos sentimentos que essa realidade proporciona nos indivíduos que se comunicam a partir dela. Parece-nos que o que para muitos são ‘verdades universais’ acabam sendo desconstruídas no texto literário de forma a sempre revelar algo maior e mais problemático, talvez uma ‘verdade’ mais profunda.

A desconstrução da perspectiva do cânone literário tradicional (historicamente formado por homens brancos) promove o estudo mais frequente das literaturas ‘das minorias’ ou literaturas ‘periféricas’, essa postura mostra uma mudança significativa na forma de encarar o texto literário enquanto objeto social de grande impacto ético. No caso específico da literatura pós-colonial vemos que ela está em busca de desconstrução de valores, pois uma vez que o poder colonial está essencialmente baseado no discurso e em sua internalização o sujeito construído neste discurso precisa desconstruir-se para conseguir desconstruir sua realidade, e isso só é possível a partir da narrativização e problematização do passado (HALL, 1997), ou seja, criando o entendimento desse passado e sua verbalização crítica através de um ponto de vista diferenciado, é uma redescoberta do passado que passa por uma necessidade de recontagem e reinvenção. O passado vai além dos fatos contados literalmente.

Pensando essa necessidade de recontar o passado para problematizá-lo é correto afirmar que há uma quantidade numerosa de textos literários de afrodescendentes que aos poucos vêm sendo motivo de interesse acadêmico, e também há discursos de teóricos/intelectuais negros cumprindo o papel de problematizar a questão do sujeito colonizado negro na sociedade a partir de diversos momentos históricos. Atualmente além do destaque obtido pela produção literária tornou-se comum a presença de mulheres intelectuais que vão além da posição de escritoras, ocupando espaço de sujeito também no universo acadêmico, esse fato dá uma visibilidade maior a essas escritoras, que se fazem ouvir não apenas através da narração de suas histórias, mas também através da utilização de outros meios (não-ficcionais). As autoras Jamaica Kincaid (Antígua-Estados Unidos), Dionne Brand

(Trinidad e Tobago-Canadá) e Conceição Evaristo (Brasil) desenvolveram um percurso de análise e reflexão da realidade social de seus países (seja o país de origem ou o país de morada atual), adotando um percurso crítico sobre questões relacionadas ao gênero, raça, etnicidade, espaço, poder, classe social, identidade etc., problematizando essas questões com o objetivo de encontrar meios para a desmarginalização de um grupo que sempre foi caracterizado como ‘minoria’. Essas são mulheres que não se vitimizam e que usam a escrita a seu favor; quando Dionne Brand diz que *“I don’t consider myself on any ‘margin’, on the margin of Canadian literature. I’m sitting right in the middle of Black literature, because that’s who I read, that’s who I respond to”*⁶ (BRAND *apud* DICKINSON, 1998, p. 156) ela está reivindicando uma posição, e sua postura indica que ela não aceita a condição de marginalidade que lhe oferecem, seja no universo literário, seja na vida cotidiana. O pensamento de Brand chama a atenção porque revela uma postura ativa e consciente; essa postura também pode ser identificada nas escritoras Jamaica Kincaid e Conceição Evaristo.

A fim de abordar de uma maneira mais completa o que essas escritoras produzem em seus textos literários este capítulo visa introduzir a perspectiva das autoras estudadas em relação a assuntos que interferem de maneira direta na literatura por elas produzida. Para muitos a opinião do autor não deve influenciar a análise de sua obra, no entanto acreditamos que o foco na voz não-literária de Kincaid, Brand e Evaristo, enquanto mulheres intelectualizadas, traz uma perspectiva interessante porque abrange aspectos e possibilidades de estudo de seus trabalhos artísticos. Só depois de apresentar alguns de seus pensamentos e percepções adentraremos em seus textos literários para analisar como as narrativas se desenvolvem, buscando uma conexão entre o universo literário e o discurso não literário. Dessa forma buscamos dar voz às escritoras, antes de darmos voz às suas histórias, esse é o nosso objetivo principal nesse capítulo. Nossa escolha faz sentido porque as autoras abordadas nesta tese têm um posicionamento intelectual claro, elas participam abertamente do debate acerca da condição da mulher negra na sociedade atual (entre outras temáticas).

Cossom (2006, p. 17) afirma que a experiência literária nos permite vivenciar a experiência do outro porque “na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos”, ao pensarmos a literatura dessas autoras entrelaçada com os discursos não literários que elas vêm produzindo estamos aumentando a possibilidade de entendimento desse senso de comunidade, estamos pensando a literatura num

⁶ “Eu não me considero em ‘nenhuma’ margem, na margem da literatura canadense. Eu estou situada bem no meio da literatura negra, porque isso é quem leio, isso é a quem respondo”

aspecto mais amplo. Dessa forma utilizaremos trechos de entrevistas, ensaios e artigos em que Kincaid, Brand e Evaristo se colocam enquanto mulheres preocupadas não apenas com a arte em si ou com o fazer artístico por si só, elas preocupam-se principalmente com seu papel enquanto pessoas inseridas em determinados contextos socioculturais. Queremos pensar os textos literários a serem analisados adiante tendo em vista o cenário sociocultural que se apresenta nos livros e na vivência de quem desde sempre teve a experiência de viver dificuldades e desigualdades em sociedades ‘desenvolvidas’, ‘organizadas’ e ‘multiculturais’. Nossa jornada de análise literária começa a partir do mergulho mais íntimo e pessoal que qualquer obra pode oferecer ao seu leitor: o escritor enquanto entidade viva e pulsante das imagens produzidas no seio ficcional.

1.1.1 Jamaica Kincaid: ambiguidade, conflito e resistência

Num momento em que o termo ‘entre-lugar’ tem sido tão difundido e utilizado no âmbito dos Estudos Culturais podemos compreender a vida e a escrita de Kincaid como uma forma de exprimir esse conceito em literaturas diaspóricas. Apesar de fazer referências à ilha onde nasceu, ficcionalizando experiências e memórias, Jamaica Kincaid escreveu toda sua obra literária nos Estados Unidos, país com maior população de imigrantes do mundo⁷. Ela nasceu Elaine Cynthia Potter Richardson em 1949, na cidade de Saint John, capital da Antígua. Filha de Annie Richardson Drew e Roderick Potter (pai que nunca conheceu) foi criada pelo padrasto e até os 13 anos era filha única, recebendo atenção especial. Com o nascimento dos irmãos – todos meninos – sente que perde espaço na dinâmica familiar, o que promove uma ruptura no relacionamento com a mãe, afastamento que se concretizaria mais drasticamente anos depois.

Elaine viveu e foi educada na Antígua até os 17 anos. A ilha fica situada entre o mar do Caribe e o oceano Atlântico e é formada principalmente por descendentes de africanos, ingleses e portugueses, a Antígua é um país que foi colonizado pelos ingleses e que só se

⁷ Segundo estudo divulgado pelas Nações Unidas, em 2013 os Estados Unidos tinham cerca de 45,8 milhões de imigrantes, sendo que a maioria das pessoas que ingressa no país norte-americano (mais de 1 milhão por ano) busca melhores condições de vida.

tornou independente em 1981, tendo como principal fonte de renda o turismo⁸. O sistema educacional do lugar seguia o sistema britânico, por isso Elaine tomou conhecimento dos grandes nomes da literatura inglesa na escola, e ainda hoje ela reconhece a influência que esses autores tiveram em sua trajetória e em sua escrita. Suas aulas de história priorizavam a história da Inglaterra e da família real inglesa, em detrimento da história do povo antiguano. Sempre foi uma aluna inteligente e aplicada e por essa razão nunca teve dificuldades no aprendizado, mas por vezes causava problemas por seu comportamento considerado ‘subversivo’ e contestador.

Elaine foi enviada para os Estados Unidos para estudar e trabalhar como *au pair* a fim de ajudar financeiramente a família, tendo em vista os problemas de saúde que acometeram seu padrasto, depois de alguns meses ela se afasta por completo de seus parentes e sequer abre as cartas que recebe, contraria as expectativas da mãe que acreditava que ela se tornaria uma enfermeira e começa a fazer um curso de fotografia, fazendo contato com várias pessoas do meio artístico. É contratada pelo *The New Yorker* como escritora *freelancer* e graças ao editor William Shaw (que se tornaria seu mentor e grande incentivador) começa a publicar frequentemente para a revista. A jovem muda o próprio nome em 1973⁹, adotando o nome Jamaica Kincaid, e começa a escrever ficção tornando-se mundialmente conhecida e ganhando vários prêmios¹⁰. Sobre sua chegada aos Estados Unidos Kincaid afirma em entrevista¹¹:

*I did not know what would happen to me. I was just leaving, with great bitterness in my heart – a very hard heart – towards everybody I’d ever known, but I could not have articulated why. It’s a mystery to my family why I feel this way, because they see nothing wrong with what happened to me. If I had remained a servant, I would not have been surprised. I would have been in great agony, but I would not have been surprised. I knew that I wanted something, but I did not know what. I knew I did not want convention. I wanted to risk something.*¹²

⁸ Graças ao turismo, que emprega cerca de 50% da população, podemos dizer que hoje a ilha recebe forte influência norte-americana. Vale lembrar que o turismo é objeto de crítica no livro *A Small Place*, obra que será analisada no último capítulo desta tese e que faz uma relação direta entre a figura do turista e a figura do colonizador.

⁹ Para Edwards (2007) a mudança tem a ver, entre outras questões, com o estabelecimento de uma nova identidade pautada na distância entre Elaine e sua família, bem como no anonimato que proporcionou à autora liberdade para criar.

¹⁰ Entre eles destacam-se: *Morton Dauwen Zabel Award of the American Academy of Arts and Letters* (1984), *Guggenheim Award for Fiction* (1985), *Anisfield-Wolf Book Award* (1997), *Lannan Literary Award for Fiction* (1999), *Prix Femina Étranger* (2000).

¹¹ <http://www.missouriireview.com/archives/bbarticle/interview-with-jamaica-kincaid/>, acesso em 30/10/2014.

¹² “Eu não sabia o que ia acontecer comigo. Eu estava de saída, com grande amargura em meu coração – um coração muito duro – muito duro para todo mundo que conheci, mas eu não podia articular o porquê. É um

Kincaid revela nesse trecho um desejo por algo maior do que foi planejado para ela. Essa declaração explica a atitude da escritora perante sua família, que nunca foi capaz de entender seus desejos e frustrações; a citação também evidencia que a escrita foi uma escolha pessoal e política, apesar de não parecer uma escolha óbvia para uma pessoa nas condições de Kincaid. A escritora vinda da Antígua queria arriscar algo e acabou arriscando tudo mudando toda sua vida, seus textos também indicam essa tendência de desconforto e essa busca por algo não específico ou pelo menos algo de fato palpável; nossa análise busca mostrar que muitas vezes as personagens kincaidianas apresentam esse vazio e desconforto e isso interfere nas relações que são estabelecidas com outros personagens. Suas principais obras literárias são: *At the Bottom of the River* (1983), *Annie John* (1985), *A Small Place* (1988), *Lucy* (1990), *The Autobiography of My Mother* (1996), *My Brother* (1997), *Mr. Potter* (2002), *See Now Then* (2013). Kincaid continua atuante no cenário literário, tornou-se professora e lecionou em várias universidades dos Estados Unidos, atualmente é professora de Estudos Africanos e Afro-americanos e de Literatura Inglesa e Americana da Universidade de Harvard.

A escrita kincaidiana é resultado da tensão familiar e da complexa relação de Kincaid com sua mãe, sendo esta relação um paralelo do conflito na relação do sujeito colonizado e sua terra natal, fato que ela mesma menciona em uma de suas entrevistas¹³; é interessante registrar que também há o desconforto de Kincaid sobre a ideia de que sua obra é autobiográfica¹⁴, pois segundo ela “*it’s not about me, but it is about things I am familiar*”¹⁵, podemos inferir que a escritora se preocupa que os leitores apenas busquem identificar os traços de sua vida em sua obra em vez de pensar em questões mais complexas. Além dessas duas temáticas podemos destacar outros pontos de reflexão abordados em sua obra: a problemática do ser negro nas sociedades antiguana e estadunidense, a posição da mulher (negra) na sociedade, a realidade da colonização e suas consequências para o povo colonizado

mistério para minha família por que me sinto dessa forma, porque eles não veem nada de errado com o que aconteceu comigo. Se eu me tornasse uma servente, eu não teria ficado surpresa. Eu teria ficado em grande agonia, mas não teria ficado surpresa. Eu sabia que queria alguma coisa, mas não sabia o quê. Eu sabia que eu não queria convenção. Eu queria arriscar algo.”

¹³ Para mais informações ver site www.oprah.com/entertainment/jamaica-kincaid-Interview-See-Now-Then. Nessa entrevista Kincaid afirma que suas obras não constituem uma autobiografia, ela busca alcançar certa altivez, alcançar algo novo.

¹⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=YdHPZMfSOx8>, acesso em 30/10/2014.

¹⁵ “não é sobre mim, mas é sobre coisas a que eu estou familiarizada”

e sua cultura, o passado e a memória como fontes de resistência, o desenvolvimento da identidade, o processo de imigração, a necessidade de descolonização, entre outros.

Os textos de Kincaid apresentam-se como um exemplo da busca por legitimização da voz silenciada pela opressão patriarcal e colonial. Através de seus textos a escritora trabalha as tensões vivenciadas por ela ao longo de sua vida, seus textos também apresentam os conflitos, as ambiguidades e a resistência de sua trajetória. Por essa razão a leitura da obra kincaidiana oferece uma análise da complexidade histórica em que a autora se insere através de uma abordagem intimista de seus personagens, indivíduos que precisam lidar com muitos problemas e lutam contra o seu lugar na sociedade em que vivem. As tensões pessoais traduzidas na escrita de Kincaid problematizam e desmistificam uma realidade que foi construída baseada na exploração e na desigualdade, mas que sempre foi representada para parecer homogênea, igualitária e não problemática.

1.1.2 Dionne Brand e o conflito do ‘não pertencimento’

Pessoas com experiência diaspórica geralmente nos oferecem uma perspectiva diferenciada acerca de questões sobre identidade e pertencimento, isso porque como Adrienne Rich (1972) pontua essas pessoas afastam-se do conceito de centro fixo. Dionne Brand faz parte desse grupo e sua literatura apresenta inúmeros personagens sugados por diversos níveis de experiência diaspórica, dessa forma a escritora destaca-se no cenário contemporâneo ao abordar uma temática tão significativa. Assim como milhares de pessoas Brand vem de um lugar com histórico de colonização e pobreza; ela nasceu em 1953, na cidade de Guayaguayare, em Trinidad e Tobago. O país foi primeiramente colonizado por espanhóis, mas passou a ser dominado por holandeses em 1632 (foi a partir daí que o plantio de cana-de-açúcar com mão-de-obra escrava africana foi implantado, deixando marcas profundas para as gerações futuras). Depois de séculos de disputa entre holandeses e ingleses Trinidad e Tobago passou a ser dominado pela Inglaterra a partir de 1802 e só conquistou sua independência política em 1962, apesar de a influência histórica da colonização inglesa ainda ser forte a terra natal de Brand começou a receber nas décadas seguintes forte influência norte-americana, especialmente no contexto político e econômico.

Quando termina os estudos secundários em 1970 Brand deixa seu país e fixa residência no Canadá onde cursa o ensino superior. Tendo doutorado em História da Mulher, Brand trabalhou em universidades canadenses como professora assistente e visitante, e é atualmente professora de literatura na Universidade de Guelph, onde possui uma cadeira de pesquisa e investigação literária. Podemos afirmar que quando Brand aborda personagens femininas em diversas esferas de dominação, subordinação, resistência e luta em seus textos a história dessas personagens confunde-se com a própria história do colonialismo, pois o corpo feminino é um símbolo da colonização. Dona de uma obra extensa, premiada¹⁶ e bastante diversificada (que vai desde poemas a documentários) algumas de suas obras literárias de destaque são: *Sans Souci and Other Stories* (1988), *No Language is Neutral* (1990), *In Another Place, Not Here* (1996), *At the Full and Change of the Moon* (1999), *Thirsty* (2002), *What We All Long For* (2005), seu último livro publicado é o romance *Love Enough* (2014).

O conjunto da obra brandiana se insere enquanto uma observação atenta de uma realidade que está repleta de sujeitos invisíveis perante uma sociedade desigual que se ‘orgulha’ de sua multiculturalidade e por seu acolhimento aos diversos povos. Aprofundando-nos na trajetória e nas relações pessoais e sociais de seus personagens vemos uma intencionalidade em compreender os diversos discursos que tornam possível essa invisibilidade, assim como a própria escritora afirma¹⁷:

*I'm not a politician. I'm not the Prime Minister who doesn't want to take a census (laughter) and who is not interested in the social or the historical or the systemic. I'm interested in the human. I'm really interested in who is living in the city and the exchanges. The physical and verbal exchanges and also the exchange of air. I'm just fascinated by it. I notice that people are trying to live, and I witness how they're doing that.*¹⁸

Nesse trecho Brand declara seu fascínio pela maneira como as pessoas conduzem suas vidas a partir da diáspora, percebemos esse plano como sendo representativo da invisibilidade dessas pessoas. A preocupação de Brand está exatamente na vida daqueles que buscam um espaço não marginalizado, assim como ela própria fez um dia. Não há dúvida de que o estabelecimento de Brand no Canadá ofereceu-lhe a chance de estudar e, posteriormente

¹⁶ Seus prêmios são: *Governor General's Award for Poetry e Trillium Book Award* (1997), *Pat Lowther Award* (2003), *City of Toronto Book Award* (2005), *Harbourfront Festival Prize* (2006) *Poet Laureate of Toronto* (2009), *Griffin Poetry Prize* (2011).

¹⁷ <http://puritan-magazine.com/love-enough-an-interview-with-dionne-brand>, acesso em 04/11/2014.

¹⁸ “Eu não sou um político. Eu não sou o Primeiro Ministro que não quer fazer um recenseamento e que não está interessado no social ou no histórico ou no sistema. Eu estou interessada no humano. Eu estou realmente interessada em quem está vivendo na cidade e em intercâmbios. Os intercâmbios físicos e verbais e também a troca de ar. Eu sou simplesmente fascinada com isso. Eu percebo que as pessoas estão tentando viver, e testemunho como eles estão fazendo isso.”

tornar-se uma escritora aclamada, mas ela nunca se esqueceu de suas raízes nem de seu passado histórico, ela também não fechou os olhos para todas as desigualdades que presenciou e que ela mesma sofreu. Através de uma produção diversificada Brand aborda o contexto diaspórico na contemporaneidade, demonstrando de forma efetiva e complexa as contradições características da diáspora, como o sentimento de ambiguidade e dubiedade em relação à terra natal e ao novo país, por exemplo; ela percebe sua experiência como sendo responsável por seu sentimento de deslocamento: *“I had no destination in mind. I am without destination; that is one of the inherited traits of the Diaspora. I am simply where I am; the next thought leads to the next place”*¹⁹ (BRAND, 2001, p. 50), sua experiência diaspórica promoveu nela um sentimento de não-pertencimento, ela não pertence de fato a qualquer lugar, nem à África (terra de seus avós e antepassados), nem a Trinidad e Tobago (terra de seus pais) e muito menos ao Canadá (país em que reside). A consciência que a autora imprime em seus textos nos permite refletir esse não pertencimento como sendo uma característica que acaba se incorporando ao sujeito diaspórico, revelando uma identidade flexível, mas por vezes esquizofrênica.

Brand pensa sua experiência diaspórica a partir da soma com outras experiências igualmente problemáticas. Além de trabalhar profundamente o papel da mulher negra numa sociedade que se autointitula multicultural, comprovando que o discurso de igualdade é construído ideologicamente para manter as relações de dominação e opressão intactas, a harmonia entre as raças que se sugere é, na verdade, uma utopia; sua obra revela um perfil subversivo que causa uma reflexão sobre o modelo tradicional de identidade (modelo que não leva em conta o atual estágio da globalização), além de refletir sobre a busca de uma individualidade que muitas vezes é responsável pela ruptura com laços familiares – num nível pessoal – e por uma ruptura brusca com o passado – num nível coletivo. Dionne Brand busca criar uma atmosfera de contestação em suas obras, promovendo um ambiente com a subversão de valores que foram social e culturalmente estabelecidos e que são responsáveis pela condição de inferiorização e invisibilidade de alguns indivíduos em relação a outros. Uma das ferramentas usadas para a desconstrução desse ambiente de subalternização e marginalidade é a reflexão sobre o desenvolvimento da identidade cultural de indivíduos que vivenciam continuamente essa experiência subalterna.

¹⁹ “Eu não tinha nenhum destino em mente. Estou sem destino; esse é um dos traços herdados da Diáspora. Eu estou simplesmente onde estou; o próximo pensamento leva para o próximo lugar”

1.1.3 Conceição Evaristo: dificuldades e a conquista de espaço

Alguns estudiosos em literatura brasileira negra têm pontuado a importância do conceito ‘escrevivência’ (termo criado por Conceição Evaristo²⁰) para a compreensão da obra evaristiana, esse conceito seria central porque indica uma presença ainda mais forte e concentrada da figura da escritora em seus textos, conectando o sujeito autoral e seus personagens. No Brasil vários escritores negros têm obtido sucesso no cenário literário, Evaristo está no expoente desse grupo e tem conquistado um espaço importante também na academia. A escritora mineira Maria da Conceição Evaristo Brito nasceu em Belo Horizonte no ano de 1946. Oriunda de uma família pobre que vivia numa favela mineira Evaristo é filha de lavadeira e desde muito cedo teve que ajudar a família no sustento da casa. Terminou os estudos tarde porque teve de conciliar o trabalho de doméstica com a escola e por falta de oportunidades só consegue o cargo de professora quando se muda para o Rio de Janeiro e presta concurso, também é lá que o sonho em ingressar na universidade se torna possível.

Por todos os percalços e dificuldades o encontro de Conceição Evaristo com a academia ocorreu um pouco mais tarde. Mestre em Literatura Brasileira e doutora em Literatura Comparada Evaristo se engaja através de sua escrita literária e de sua carreira docente, lecionando literatura como professora visitante na Universidade Federal de Minas Gerais. Conceição Evaristo não saiu do país – colonizado por portugueses e cuja independência ocorreu em 1822 – em busca de melhores condições, no entanto num país com a extensão territorial do Brasil (além das dificuldades acentuadas de acordo com a região em que se vive e da cultura própria que cada região oferece) fica claro que uma diáspora interna produz uma realidade complexa que se não é idêntica ao menos se assemelha em alguns aspectos à diáspora tradicional (como aquelas vivenciadas por Kincaid e Brand²¹).

Por essa razão, a mudança para o Rio de Janeiro e tudo que ela acarreta para a experiência de vida de Evaristo têm um papel fundamental para a sua construção literária, já que é através de sua vivência acadêmica que ela consegue se revelar uma escritora talentosa e

²⁰ Evaristo pensou o termo escrevivência para se referir ao processo de escrever na literatura o que é próprio de sua vivência enquanto mulher negra na sociedade brasileira.

²¹ Spivak (1996) chama essa diáspora tradicional de transnacional, e explica que ela começou a partir do século XIX e que acontece até hoje, nutrida pelo desejo por melhores condições de vida e/ou fuga de condições adversas (como guerras, fome, etc.).

consciente, buscando encontrar um lugar para sua literatura; sobre isso Evaristo afirma “E a partir do exercício de pensar a minha própria escrita, venho afirmando não só a existência de uma literatura afro-brasileira, mas também a presença de uma vertente negra feminina.” (2009, p. 18) Toda produção evaristiana é marcada por esse compromisso com o reconhecimento da literatura negra feminina, e mais ainda com a condição da mulher negra no Brasil: “Espera-se que a mulher negra seja capaz de desempenhar determinadas funções, como cozinhar muito bem, dançar, cantar, mas não escrever. Às vezes me perguntam: ‘você canta?’ E eu digo: ‘Não canto nem danço’.”²² Evaristo defende a cultura africana como forma de inviabilizar os estereótipos tão enraizados na sociedade brasileira:

É preciso forjar um reconhecimento de que as culturas africanas, aqui aportadas, são formadoras da nacionalidade brasileira e não meras contribuições. A presença do negro na cultura e no pensamento nacional extrapola o espaço da arte relacionada ao canto, à dança, à culinária (...). Há autores e textos negros que são estudados, mas a partir de uma ótica eurocêntrica.²³

Percebe-se, portanto, a atitude consciente de Evaristo em pensar a presença do negro na literatura brasileira a fim de desconstruir a visão de inferioridade que lhe é inerente desde a chegada dos africanos no Brasil. Tendo realizado sua estreia literária com poemas e contos publicados na Série Cadernos Negros na década de 1990, Evaristo tem hoje uma produção que envolve poemas, contos e romances: *Ponciá Vicêncio* (2003), *Becos da Memória* (2006), *Poemas de recordação e outros movimentos* (2008), *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011), *Olhos D'água* (2014) e *Histórias de leves enganos e parecenças* (2016). Além de suas obras individuais e da tradução do romance *Ponciá Vicêncio* para inglês Evaristo também participou de algumas antologias e publicações internacionais (na Alemanha, Estados Unidos, Inglaterra, África do Sul e Angola). Hoje seus textos são estudados até mesmo para o vestibular das universidades de Belo Horizonte e Salvador, o que confirma a abrangência de seus textos e a importância que sua escrita tem adquirido.

Na obra de Evaristo a reivindicação pelo direito da fala é constante, apresentando o desejo de conquistar uma voz que foi negada aos segmentos brasileiros socialmente excluídos. Aqui a identidade negra, a construção da figura da mulher negra e o desenvolvimento da

²² <http://racabrasil.uol.com.br/Edicoes/96/artigo15620-1.asp/>, acesso em 07/11/2014.

²³ <http://biblioteca.clacso.edu.ar/gsd/collect/br/br025/index/assoc/HASHda42.dir/ppcor31.html>, acesso em 07/11/2014.

identidade pautada por problemas sociais geram uma reflexão sobre os efeitos do discurso dominador na colonização do Brasil, além de instituir uma reflexão sobre as consequências históricas e culturais dessa colonização, como o apagamento da ancestralidade e da memória negra na construção do Brasil enquanto nação. Seus textos estão permeados por personagens que sempre estiveram à margem da sociedade, mas eles aparecem não como figuras estereotipadas, mas como seres humanos em busca de uma vida melhor, pessoas que lutam contra a discriminação e que muitas vezes são destruídas por ela; é importante ressaltar que esses personagens não aparecem envoltos em perfeição, eles são apresentados com as ambiguidades que todo ser humano carrega consigo.

É preciso destacar a maneira como Evaristo aborda essas temáticas relacionadas à literatura brasileira porque essa postura revela, em último caso, como as questões de gênero e raça estão entrelaçadas ao próprio fazer literário da autora, os textos evaristianos estão sempre buscando a enunciação das contradições sociais brasileiras, a fim de tornar possível o afastamento e a descaracterização de estereótipos que funcionam como ferramentas para a exclusão de grupos ‘minoritários’. A cultura homogeneizante mesmo na literatura é, basicamente, branca, masculina, cristã e de classe média; Evaristo surge e se solidifica como uma das vozes afrodescendentes que clama por uma visão do passado que esteja mais interessada em restabelecer e contar uma história diferente do que a História tem contado e produzido.

1.2 A escrita e a escolha: os caminhos da literatura

Sabemos que a literatura carrega a possibilidade de instauração de ‘mundos possíveis’, ela, talvez mais do que outras formas de arte, se estabelece a partir da relação entre a ação humana e o contexto externo à fabricação da obra. Sendo assim muitos textos literários marcaram suas épocas ou porque eram um retrato fiel da sociedade ou porque se revelavam uma metáfora do momento histórico, econômico e social. Pierre Bourdieu (2004) afirma que as classes que são dominadas não conseguem falar, sendo assim há apenas o movimento de falar-se por elas; por muito tempo a escrita literária também seguia essa vertente, no entanto a explosão de literaturas periféricas deu espaço a escritores com trajetórias variadas. Gayatri Spivak (2010) acredita que o subalterno – aquele indivíduo que não participa do sistema

imperialista cultural ou participa de forma muito limitada – é impossibilitado de falar, porque não lhe é dado o direito de ser ouvido. Em outras palavras ainda existem problemas em relação à questão da representatividade do indivíduo subalterno na sociedade contemporânea. As escritoras Jamaica Kincaid, Dionne Brand e Conceição Evaristo dão uma contribuição valiosa ao criarem uma literatura atenta aos problemas da mulher negra, apresentando-se enquanto símbolos na luta por ‘des-subalternização’, isso só é possível porque elas tomaram a palavra para si – enquanto mulheres intelectuais – e para suas personagens – enquanto escritoras. Nesse aspecto vemos uma tendência clara na postura de Kincaid, Brand e Evaristo em proporcionar a conscientização sobre a necessidade de resistência, seja na literatura seja fora do âmbito literário; essa atitude esclarece a forma como as escritoras/professoras/pesquisadoras/intelectuais percebem temáticas como as relações sociais pautadas na condição étnica dos indivíduos, constantemente ‘esquecida’ e ignorada durante muito tempo.

A relevância em aproximar o discurso não literário de Kincaid, Brand e Evaristo do discurso literário que as três apresentam entre o final do século XX e o começo do século XXI diz respeito à maneira como esses dois discursos estão interligados na vivência de cada uma. A escrita é, para elas, muito mais que a construção de um universo contemplativo. Brand resume bem esse novo projeto estético ao dizer: *“My tradition says that your speech must be relevant, charged, politically conscious, memorable. It must pursue human freedom”*²⁴ (1998, p. 120). Aqui a escritora afro-canadense evidencia seu entendimento do que deve ser o texto literário, pensando-o como forma de explicitar uma realidade que é, na maioria das vezes, ocultada; ela deixa claro que seu objetivo é buscar a liberdade humana através do texto. É o sofrimento cotidiano vindo de uma fonte específica que abastece a obra literária dessas escritoras, sendo uma maneira de lutar contra as experiências opressivas de uma vida inteira, de várias vidas inteiras; dessa forma encaramos os textos analisados como produtos não apenas de uma visão particular de mundo, mas como resultado da visão de mundo de escritoras detentoras de um senso de coletividade justificado pelas origens/raízes de exploração; aqui, mais uma vez, é preciso ressaltar o caminho percorrido nas obras com o intuito de viabilizar a questão da representatividade do ser negro em ‘sociedades multiculturais’.

²⁴ “Minha tradição diz que o seu discurso deve ser relevante, carregado, consciente politicamente, memorável. Ele deve perseguir a liberdade humana”

Por essa razão a escrita literária de Kincaid, Brand e Evaristo apresenta um discurso politicamente situado e consciente, e isso acontece porque há um desejo de liberdade, Kincaid²⁵ chega a afirmar que a escrita é uma forma de tomar para si uma liberdade historicamente tomada: *“it was the thing I knew. Quite possibly, if I had another kind of life, I would not have been moved to write. That was the immediate thing, the immediate oppression, I knew. I wanted to free myself of that”*²⁶, a escritora parece acreditar que foram as experiências de trauma e desespero que moldaram sua vida como escritora, sendo a escrita uma forma de salvar a si mesma. Por mais que possa parecer paradoxal analisar o texto literário pensando os aspectos extra-literários é importante refletir acerca da influência da ‘realidade’ para a escrita, porque em alguns casos – e estamos lidando com um deles com certeza – é a vida pessoal, acima de tudo, que modela as narrativas a serem analisadas.

A escolha pela escrita, aliada ao fazer acadêmico se explica pelo entendimento de que é preciso resistir de todas as formas; “a academia é um espaço de militância também” (EVARISTO *apud* MACHADO, 2011, p. 31), o ato de se fazer presente no mundo acadêmico abre espaço para essas escritoras trabalharem questões sobre identidade, colonialidade, raça, gênero e poder em diversas esferas, alcançando muitos espaços discursivos. Partindo da ideia de Gramsci (1982) da necessidade de um vínculo entre o intelectual e o grupo social do qual faz parte, vemos que o conceito de intelectual orgânico sugere engajamento, pois “a organicidade vem do comprometimento, da participação, na formulação de idéia que ajude na ação política, seja ela hegemônica ou contra-hegemônica” (RESENDE, 2006, p.6); a literatura produzida por Kincaid, Brand e Evaristo não é panfletária, no sentido de levantar bandeiras e convocar à luta, mas não há como negar o fato de que os textos por elas produzidos cumprem um papel de levantar questões e reflexões importantes sobre o lugar ocupado por parcelas ‘esquecidas’ da população.

Essa visão libertadora da literatura, quiçá idealista, foi decisiva para a análise conjunta da obra dessas três escritoras; nossa pesquisa buscou não cair em essencialismos, apesar das indiscutíveis similaridades encontradas nos textos analisados, quando passamos a pensar no conceito de ‘poética de autorrepresentatividade feminina negra’ o fizemos por identificar que certos paradigmas apresentados na trajetória de Kincaid, Brand e Evaristo confluem para um mesmo caminho. Elas perseguem a libertação de suas histórias a partir da literatura e elas são

²⁵ http://www.missourireview.org/content/dynamic/view_text.php?text_id=1947, acesso em 30/10/2014.

²⁶ “era a coisa que eu sabia. Muito possivelmente, se eu tivesse tido outro tipo de vida, eu não teria sido movida a escrever. Esta foi a coisa imediata, a opressão imediata, eu sabia. Eu queria me livrar disso”

tão bem sucedidas que foram capazes de instaurar, cada uma em seu espaço geográfico um discurso que extrapolasse o ficcional. Nesses moldes as escritoras parecem demonstrar a consciência de que “a academia não é um lugar neutro” (EVARISTO *apud* MACHADO, 2011, 34), ou seja, o intelectual está na academia, e, de um jeito ou de outro, participa da construção e desenvolvimento de espaços hegemônicos ou contra-hegemônicos. Da mesma forma que houve a necessidade de conquistar um espaço de destaque na literatura, algo que por muito tempo era praticamente impossível de imaginar, essas escritoras também conquistaram um espaço de destaque nos ambientes de intelectualidade acadêmica. Notemos, porém, que apesar da leitura da obra literária dessas escritoras muitas vezes não aparece o desejo explícito de representatividade de um determinado grupo, é o que parece dizer Kincaid, por exemplo, quando afirma não acreditar em qualquer espécie de identidade de grupo. No entanto, existe mesmo a possibilidade de afastar-se do debate acerca do estabelecimento das identidades e suas consequências? Aparentemente Brand e Evaristo discordam da perspectiva kincaidiana mostrando preocupação com as vozes que não foram ouvidas pela história, talvez de maneira mais clara essas duas escritoras compreendam suas obras em conexão com uma coletividade. Conceição Evaristo afirma que a condição da mulher negra na sociedade brasileira interfere em sua escrevivência:

É criar a partir de uma realidade que conheço antes de tudo por vivência. É elaborar uma ficção talvez como forma de exorcizar a realidade. Não estou escrevendo sobre a condição dos afro-brasileiros, mas sim com um corpo, com uma identidade negra. Vivendo as possibilidades e as limitações que esta condição me impõe dentro da sociedade brasileira. Escrever nesse caso pode ser muitas vezes deixar fluir o recalcado, o silenciado pela História. Pode ser uma contra-escrita àquilo que é estereotipado pela literatura quando se trata de representar o negro. Uma ficção literária a partir do universo negro pode revelar a fragilidade das relações raciais no Brasil. (EVARISTO *apud* ESTADO DE MINAS, 2004, p. 4)

Evaristo deixa claro que a abordagem da figura do negro num texto literário pode indicar muito da realidade das relações raciais no Brasil; muito se falou sobre o ‘mito da democracia racial’ de nosso país, além do conceito de ‘homem cordial’ (que poderia ser posto para o povo brasileiro), o ponto a ser pensado é o quanto desses mitos silenciam as contradições da realidade histórica da identidade negra brasileira, sempre à margem da história. E o mesmo vale para outros lugares, como Estados Unidos e Canadá, já que, cada um a sua maneira, proclama a existência de uma igualdade racial que está longe de existir. A citação acima confirma a ideia de que a representatividade – individual e coletiva – é um

caminho a se percorrer quando pensamos na construção das relações raciais estabelecidas desde o tempo da escravidão, pois desde esse período houve a necessidade de criar uma “imagem do negro [que] tinha de ser descartada da sua dimensão humana (...). Daí a necessidade de ser ele colocado como irracional, as suas atitudes de rebeldia como patologia social e mesmo biológica” (MOURA, 1988, p. 23), o que interfere ainda hoje de forma direta e incontestável em vários estereótipos encontrados principalmente nas sociedades colonizadas e na própria literatura produzida por antigas colônias.

Em entrevista Dionne Brand diz acreditar que *“Concretely what I think I am doing when I am writing poetry is speaking to Black people and especially to those that share the same kind of history”*²⁷ (apud DANYTÈ, 2013, p. 39), não há, portanto, como deixar escapar essa construção que é histórica, além do seu caráter também pessoal. Veremos adiante que a identidade negra foi desenvolvida de forma diversa nos Estados Unidos, Canadá e Brasil, mesmo assim é possível perceber claramente que o conceito de raça “é uma construção sociopolítica” (MOORE, 2007, p. 38), e por isso precisa ser cuidadosamente analisado para não se cair em discursos totalizantes; ao mesmo tempo é preciso não esquecer que “sem a escravização dos povos africanos [e tudo que se formou a partir dessa escravização] não haveria capitalismo” (idem, p. 136), nem mesmo existiria a Modernidade nos moldes que conhecemos. Dessa forma pensar esse passado histórico via narrativa ficcional é também uma forma de trazer essa construção sociopolítica às claras, evidenciando o real caráter da invisibilidade e da *voicelessness* negra nas Américas.

A escolha pela escrita por parte de Kincaid, Brand e Evaristo é, sem dúvida, um esforço para desconstruir os traços do poder colonial/patriarcal, tão enraizados nas sociedades contemporâneas, nesse caso fica claro que a busca produzida pelos textos literários dessas escritoras é por liberdade e autossuficiência, é por isso que Kincaid chega a afirmar que não mais se interessa por aprovação: *“As I go on writing, I feel less and less interested in the approval of the First World, and I never had the approval of the world I came from, so now I don’t know where I am. I’ve exiled myself yet again”*²⁸ (apud FERGUSON, 1993, p. 51). O que está claramente em jogo é o estabelecimento de uma identidade em constante negociação, afastando-se do modelo fixo e rígido, que não mais aceita as estratégias de aprovação

²⁷ “Concretamente o que eu penso que estou fazendo quando estou escrevendo poesia é falar para pessoas negras e especialmente para aqueles que dividem o mesmo tipo de história”

²⁸ “Como eu continuo escrevendo, eu me sinto cada vez menos interessada na aprovação do Primeiro Mundo, e como eu nunca tive a aprovação do mundo de onde eu vim, então eu não sei onde estou. Eu me exilei novamente”

preestabelecidas e por mais problemático que esse tipo de identidade seja continua sendo construído porque se fundamenta em bases historicamente reais.

1.3 A escrita de si *versus* a escrita da História

O conceito de História está sendo revisto e modificado, isso porque a ideia de considerar o discurso histórico tradicional como o discurso da verdade única já não é aceito, pois ele deixou de ser compreendido como imparcial. Cada relato de um momento histórico está carregado de pontos de vista e por isso oculta outras versões. Algo que sempre nos chamou a atenção nos textos literários de Kincaid, Brand e Evaristo é que há nas narrativas um exercício intenso sobre descrever a parte da história que sempre foi apagada do discurso oficial. Essa postura apresenta, num primeiro momento, uma revisão do passado para compreensão da história, e, em segundo plano, revela o desejo de inscrever sua versão da história no mundo. Há um ditado africano que diz que “Enquanto a história da caça ao leão for contada pelos caçadores, os leões serão sempre perdedores”, ou seja, a história só é contada pelo ponto de vista daquele declarado ‘vencedor’, e sabemos que, nesse caso, o vencedor sempre é o colonizador branco. Em diversos trechos de algumas obras analisadas neste trabalho é possível encontrar esse raciocínio, que associa o branco ao vencedor; ao mesmo tempo há o desejo de fazer diferente, embutindo uma energia positiva ao ser negro porque sua história passa a ser importante.

Em um ensaio intitulado *In History* Jamaica Kincaid reflete sobre a condição de seu povo a partir da sua experiência pessoal e sua percepção de história, numa escrita envolvente a escritora inicia o texto com uma série de perguntas²⁹ e, aos poucos, vai revelando suas impressões sobre o ‘descobrimento’ da Antígua e os efeitos da chegada de Colombo e dos europeus à ilha. Segundo ela

My history began like this: in 1492, Cristopher Columbus discovered the New World (...). I am far away, but I am not yet a treasure: I am not a part of this man's consciousness, he does not know of me, I do not yet have a

²⁹ Já na primeira pergunta Kincaid questiona o nome que deve ser dado ao que lhe aconteceu e com aqueles que se parecem com ela, e ela se questiona se o que aconteceu com seu povo deveria de fato ser chamado de ‘história’.

*name. And so the word 'discover', as it is applied to this New World, remains uninteresting to me.*³⁰ (KINCAID, 1997, p. 1)

Esse trecho diz respeito à concepção de que nosso presente está atrelado aos acontecimentos do passado, sendo, portanto, resultado desse passado. A mesma afirmação é feita em *Mr. Potter* (KINCAID, 2002) quando a narradora explica que a história do pai – senhor Potter – começou muito antes de ele nascer, colocando a mesma data – 1492 – como acontecimento inicial. Para Kincaid a história de todas as pessoas da Antígua começa com a chegada de Cristóvão Colombo, não porque não existisse vida antes disso, mas porque é com esse momento histórico, o ‘descobrimento’ do Novo Mundo, que mudanças significativas ocorrem tanto na Europa, que passa a ser abastecida com uma riqueza até então desconhecida, quanto para os países colonizados, que tiveram os povos nativos massacrados, suas riquezas roubadas e sua história apagada. É o mesmo que afirma Quijano: “A globalização em curso é, em primeiro lugar, a culminação de um processo que começou com a constituição da América e do capitalismo colonial/moderno e eurocentrado como um novo padrão de poder mundial” (2005, p. 117), em outras palavras vemos que o capitalismo e o eurocentrismo só se desenvolveram nos moldes que conhecemos porque o que eles chamaram de Novo Mundo abasteceu e produziu tudo o que era necessário para que a Europa pudesse conhecer um crescimento econômico em escala quase ilimitada.

Cada livro analisado demonstra o interesse de Kincaid, Brand e Evaristo em dar voz àqueles silenciados por esse discurso histórico que privilegia a civilização europeia em detrimento das civilizações colonizadas. No entanto as escritoras têm uma postura bem definida de que suas obras não são história enquanto discurso científico, acreditamos que os contos, poemas e romances escritos por essas três mulheres melhor se encaixariam como ‘memórias ficcionalizadas’. Conceição Evaristo revela numa entrevista, por exemplo, que a história do romance *Becos da Memória* (2006) foi fruto de uma conversa com a mãe: “A frase me despertou outras memórias, memórias que eu podia ficcionalizar, porque nada que está em *Becos da memória* aconteceu exatamente do jeito que está ali, entende? Mas tudo que está ali

³⁰ “Minha história começou assim: em 1492, Cristóvão Colombo descobriu o Novo Mundo (...). Estou longe, mas eu ainda não sou um tesouro: eu não sou parte da consciência desse homem, ele não sabe sobre mim, eu ainda não tenho um nome. E por isso a palavra ‘descobrir’, como é aplicada para este Novo Mundo, não significa nada para mim.”

foi inspirado numa realidade”³¹. Essas histórias que Evaristo afirma utilizar como cenário ou mesmo como mote funcionam, portanto, como matéria-prima do texto literário, afinal a literatura nasce da reprodução, apesar de ficcionalizada, de histórias que fizeram parte da trajetória de Evaristo (o mesmo vale para Kincaid e Brand) e que promovem uma reflexão sobre a condição humana, mostrando o aspecto universal da obra³², e ao mesmo tempo produzem uma reflexão sobre as marcas da pobreza, da desigualdade e da exploração em locais geograficamente específicos, evidenciando o aspecto particular dos textos.

A narrativa dessas autoras tem como característica a aproximação da escrita de si à escrita da história; em diversos aspectos o texto de característica autobiográfica está presente na obra de Kincaid, Brand e Evaristo (mesmo que apareça em níveis diferentes) e é constante porque indica um movimento consciente nos processos de ‘reaquisição da voz’ (DAVIES, 1994) e, principalmente, num processo de reaquisição da história, do passado, das origens e da ancestralidade, e, por consequência, do próprio eu. Segundo Brand³³

*sometimes I import a historical document of some kind but I know that it also becomes very amorphous, when it's translated into fiction. So I was really much more interested in the twentieth century descendents and how history hovers over them, whether they want to or not, whether they know it or not, whether they like it or not.*³⁴

Apesar de não ter interesse em criar um discurso que seja classificado como histórico vemos aqui que a absorção de um fato histórico com o intuito de usá-lo na narrativa é uma atitude deliberada que se explica pelo fato de que Brand se interessa pelo passado da população negra, povos que foram retirados de suas terras, tratados como animais selvagens, enviados para lugares desconhecidos para trabalhar como escravos e que nunca conseguiram se afastar desse passado ou se livrar das correntes da exploração. Evaristo (2011) afirma em um de seus livros que o real vivido é influenciado pelo real imaginado, segundo a autora cada

³¹ <http://tvbrasil.abc.com.br/3a1/episodio/3-a-1-entrevista-a-escritora-conceicao-evaristo#media-youtube-1>, acesso em 07/11/2014.

³² Uma das discussões que em geral desmerecem a escrita literária de autoras como Kincaid, Brand e Evaristo diz respeito ao entendimento de que a obra dessas autoras não tem a característica de ser universal, pelo menos não no sentido tradicional do termo. Nosso estudo mostra que na atual conjectura mundial cada vez mais o universal está atrelado ao particular, e dessa forma não precisamos defender a necessidade de uma universalidade cega, mas pensar em questões universais vividas em contextos específicos, ou seja, uma universalidade que seja atuante.

³³ <http://cws.journals.yorku.ca/index.php/cws/article/view/7605/6736>, acesso em 04/11/2014.

³⁴ “algumas vezes eu importo um documento histórico de algum tipo mas eu sei que ele se torna também muito amorfo, quando é traduzido para ficção. Então eu estava muito mais interessada nos descendentes do século 20 e como a história paira sobre eles, mesmo que eles queiram ou não, mesmo que eles saibam ou não, mesmo que eles gostem ou não.”

história tem sua cota de imaginação, uma vez que é impossível relatar algo sem que haja comprometimento do evento em si.

Notemos que a intersecção entre o vivido e o imaginado não deve ser posta de maneira negativa ou vista em situação de inferioridade. A percepção de que não é possível narrar algo exatamente como aconteceu se explica pelo fato de que a memória é uma construção do passado feita no presente: “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho” (BOSI, 1983, p. 17), a memória não é um simples compartimento vazio em que vão sendo colocados objetos aleatoriamente, a memória não é uma paisagem pintada numa tela branca, apenas pelo desejo consciente do ser humano, que pode a qualquer momento acabar com ela, pelo contrário, ela também é viva porque se estabelece a partir de grupos e não apenas através de um indivíduo de forma isolada.

Demonstrando a importância da realidade para cada texto literário que será analisado ao longo deste trabalho Dionne Brand se interessa pelo que está a sua volta, ela afirma imaginar como vivem as pessoas desconhecidas que ela encontra nas ruas ou em suas viagens. Sobre seus romances a escritora chega a dizer numa entrevista³⁵ que “*I do not mean history in the sense of a true record. I haven’t written a historical fiction. What I was interested in was those small acts that overpower centuries.*”³⁶ A escritora afro-canadense demonstra grande interesse nesses discursos dominantes, e aborda-os através da problemática da condição do indivíduo negro – especialmente a mulher negra – e nas questões relacionadas à diáspora negra, uma vez que ela mesma afirma na mesma entrevista “*I think migration is just in my DNA*”³⁷, a história factual pode não estar contida de forma completa na construção narrativa de Brand, no entanto a visualização histórica dos eventos está presente em sua obra, mas assumidamente de maneira ficcionalizada. A história narrada da escrava Marie Ursule em *At the Full and Change of the Moon* (1999) é um exemplo dessa ficcionalização, afinal Brand leu sobre a história de um suicídio coletivo numa fazenda ocorrido em 1802 e a partir daí construiu sua personagem e sua história.

O importante é a concepção de que os textos de Kincaid, Brand e Evaristo são bem sucedidos quando pensamos na desestabilização da verdade e do discurso histórico, de

³⁵ <http://cws.journals.yorku.ca/index.php/cws/article/view/7605/6736>, acesso em 04/11/2014.

³⁶ “Eu não quero dizer história no sentido de registro verdadeiro. Eu não tenho escrito ficção histórica. O que eu estava interessada era aqueles pequenos atos que dominam séculos.”

³⁷ “Eu acho que a migração está em meu DNA”

maneira geral pudemos perceber que a realidade verdadeira da obra das autoras não tem a ver com a veracidade dos fatos, mas na veracidade do contexto e da atmosfera histórica. Kincaid chega a dizer que³⁸ *“I don’t aim to be factual. I am to be true to something. But it’s not necessarily the facts”*³⁹ e na mesma entrevista ela ainda afirma: *“The truth is important, but it’s a certain kind of truth”*⁴⁰, o que corrobora com a visão cada vez mais aceita de que a literatura pode ocupar um espaço antes só ocupado pela história na apresentação de trajetórias de vidas a partir de fragmentos que são postos na narrativa com o intuito de preencher lacunas e apresentar um cenário mais elaborado dos fatos.

De maneira geral percebemos que as histórias e os personagens ficcionais presentes na obra de Kincaid, Brand e Evaristo são calcados em percursos esquizofrênicos que só se explicam pela soma de diversos fatores que resultam na subalternidade da condição de vida apresentadas nas narrativas (e que, em última análise estão intimamente fundamentadas na realidade). As questões de gênero e raça se entrelaçam a todo instante, demonstrando uma relação inseparável; além disso temos a presença do componente de dominação colonial que faz parte do contexto social vivenciado pelas escritoras e explicita a maneira consciente como as narrativas se desenvolvem. A experiência de subalternidade vivida por diversos personagens acontece através das relações dinâmicas entre vários fatores e em vários níveis, é importante destacar que a verdadeira história está na forma como essas relações são dinamizadas.

1.4 O modelo de multiculturalidade nos Estados Unidos, Canadá e Brasil: etnicidade e poder na constituição da Nação

De maneira geral o processo que chamamos de globalização é responsável por uma série de fenômenos (políticos, econômicos, sociais e culturais) que interferem diretamente no modelo de desenvolvimento das sociedades. O cenário que se desenhou durante séculos

³⁸ <http://www.missourireview.com/archives/bbarticle/interview-with-jamaica-kincaid/>, acesso em 30/10/2014

³⁹ “Eu não pretendo ser factual. Eu pretendo ser verdadeira em algo, mas não é necessariamente com os fatos.”

⁴⁰ “A verdade é importante, mas é um certo tipo de verdade”

resultou no estabelecimento de sociedades cada vez mais pluralizadas, fato explicado, principalmente, pelos processos de imigração que têm crescido substancialmente desde o início do século XX⁴¹. Mas o fato é que o movimento migratório foi particularmente forte no período de colonização dos países da América, já que havia a necessidade de povoamento das novas colônias e de incrementação da mão-de-obra, e nesse caso nenhum povo sofreu mais com essa realidade histórica do que os negros africanos, povos obrigados a ser mão-de-obra escrava a serviço dos colonizadores europeus. Em seu livro *A Map to the Door of No Return* Dionne Brand apresenta seu entendimento sobre a experiência diaspórica: “*we were not from the place where we lived and we could not remember where we were from or who we were*”⁴² (2001, p. 5), segundo a escritora a vida na diáspora negra é uma ficção e uma autocriação cuja existência se caracteriza por um ‘esquema cognitivo de cativo’. Nessa realidade opressora o conceito de multiculturalidade acaba mascarando esse esquema cognitivo, porque serve de fachada para uma superioridade de certas etnias em relação a outras e à manutenção de certos estereótipos.

De qualquer forma tornou-se comum a afirmação de que cada vez mais as sociedades como um todo – e as sociedades com histórico de colonização em particular – são inerentemente multiculturais. O dicionário *Michaelis Online* explica o conceito de multiculturalismo como a “Prática de acomodar qualquer número de culturas distintas, numa única sociedade, sem preconceito ou discriminação”⁴³, indicando um processo de harmonização entre os povos e suas culturas que passam a conviver num mesmo território. No entanto o conceito em si muitas vezes esconde a situação real das populações consideradas minorias que têm sofrido historicamente com o preconceito e a exclusão social; para o estudioso Kabengele Munanga:

O multiculturalismo é justamente essa corrente de pensamento, filosofia, visão do mundo ou ideologia que defende o reconhecimento público da existência das diferenças no seio de uma nação. Esse reconhecimento pode ter diversas tendências: (1) tendência separatista [...], (2) tendência segregacionista [...], (3) tendência inclusiva ou integracionista [...]. Assim, os três tipos ou tendências multiculturalistas podem engendrar três tipos de nacionalismos capazes de criar conflitos e violências. (2012, p. 7)

⁴¹ Segundo a Organizações das Nações Unidas o número de imigrantes em 1990 era de 154 milhões de pessoas, agora se estima que mais de 232 milhões de pessoas tenham saído de seus países de origem.

⁴² “nós não éramos do lugar onde vivíamos e nós não conseguíamos lembrar de onde nós viemos nem quem nós éramos”

⁴³ http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/definicao/multiculturalismo%20_1005471.html, acesso em 10/02/2014.

Munanga afirma que cada uma dessas tendências pode gerar conflitos graves, porque se espera do imigrante uma assimilação em relação à comunidade de destino, mas em geral mesmo que ele busque essa assimilação ele não é completamente aceito. Nos Estados Unidos a questão racial sempre esteve envolta por complexidade, por muito tempo sendo excluídos e explorados os negros norte-americanos lutaram através de movimentos diversos em busca de direitos como voto, educação, melhores condições de vida e contra a segregação. O movimento negro do período pós-45 conquistou muito no que diz respeito à criação de programas de igualdade social e ações afirmativas. Apesar de avanços incontestáveis, que tornaram possível a eleição e reeleição de um presidente negro temos visto que a desigualdade social está presente entre a comunidade afrodescendente, e as tensões raciais tomaram proporções alarmantes em especial em localidades norte-americanas com uma maior concentração de negros, que continuam tendo menos oportunidades e morrendo em ações policiais.

Jamaica Kincaid geralmente apresenta um discurso formal mais afastado no que diz respeito às tensões sociais e raciais, ela acredita que ao não reconhecer certas atitudes de cunho racial elas perdem o sentido⁴⁴: *“I had no feeling about my own race. No feeling about my color. I didn’t like it or not like it, I just accepted it the way I accept my eyes. I’m sure people denied me things because of the color of my skin, but I didn’t know it, so I just went on. That was not my problem”*⁴⁵, num primeiro momento essa afirmação pode parecer uma atitude de quem não se importa com a questão racial nos Estados Unidos, mas podemos analisá-la como uma estratégia, pois ao mesmo tempo em que parece não querer clamar acerca da existência negra Kincaid a põe no centro de suas narrativas. E ela tem a percepção de que existe uma resistência ao seu trabalho que sempre existiu, e que, da forma como se apresenta só pode ser explicada por sua condição de mulher e de negra.

Enquanto países como os Estados Unidos apresentam o que poderíamos chamar de tendência multicultural segregacionista (o segundo tipo abordado na citação de Munanga), outros países orgulham-se de sua essência multicultural e da harmonia entre os povos que compõem a nação, afirmando respeitar as diferenças visando um integracionismo total. Como

⁴⁴ <http://www.missourireview.com/archives/bbarticle/interview-with-jamaica-kincaid>, acesso em 30/10/2014.

⁴⁵ “Eu não tenho nenhum sentimento sobre minha raça. Nenhum sentimento por minha cor. Eu não gostava ou desgostava, eu apenas aceitei da forma que eu aceitei meus olhos. Eu tenho certeza que pessoas me negaram coisas por causa da cor de minha pele, mas eu não sabia disso, então eu simplesmente continuei. Isso não era problema meu”

exemplos dessa suposta multiculturalidade harmônica no contexto americano poderíamos colocar o Canadá e o Brasil.

Apesar de ter recebido colonização francesa e inglesa, e por isso mesmo dividir-se entre essas duas culturas a sociedade canadense sempre teve uma espécie de apelo multicultural, com um grande número de imigrantes de muitas partes do mundo, o Canadá produziu um discurso politicamente aceito de que as diferenças convivem de forma pacífica. Brand desconstrói esse discurso em muitas de suas obras, mostrando o imigrante negro como um ser culturalmente invisível e socialmente excluído pelas diversas esferas institucionais. A escritora acredita que em vez da existência de uma política multicultural bem-sucedida há a propagação de uma ‘utopia multicultural canadense’: *“There is an official Canadianness that functions here. It functions to exclude as it functions to define.”*⁴⁶ (BRAND, 1998, p. 140) Por várias experiências pessoais Brand reconhece a existência de um racismo que se apresenta de forma velada. Sobre o suposto não racismo no Canadá a escritora é categórica: *“Well, I was there, honey, and let me assure you it was racial unrest. I felt it myself, the imperative to tear down all manifestation of a system that keeps its foot at our throat, saw it on the faces of the young Black people on the street”*⁴⁷ (idem, p. 120).

Talvez seja possível pensar numa relação aproximada em relação às tensões raciais no Canadá e no Brasil. Assim como na sociedade canadense a questão racial tem sido apresentada no contexto brasileiro com um véu que torna difícil o entendimento sobre o que é verdadeiro, através da construção de um conceito de democracia racial a sociedade brasileira tem conseguido camuflar seu racismo e promover um entendimento errôneo sobre as relações de desigualdade social. Apesar de a escravidão ter sido abolida no Brasil em 1888, a condição dos negros continuou sendo de extrema pobreza, esse contexto aponta que o conceito de democracia racial na verdade é apenas um constructo ideológico; numa pesquisa promovida pela Unesco para entender o funcionamento da tão proclamada democracia racial no país o que ficou verificado foi que “os níveis de preconceito eram muito altos e o mito da democracia racial era mais um mecanismo de barragem à ascensão da população negra aos postos de liderança ou prestígio quer social, cultural ou econômica” (MOURA, 1988, p. 30). Criou-se um discurso de essência paternalista, e nesse discurso existe um caráter bem mais

⁴⁶ “Há uma Canadianidade oficial que funciona aqui. Ela funciona para excluir assim como funciona para definir.”

⁴⁷ “Bem, eu estava lá, querido, e deixe-me assegurar para você que era distúrbio racial. Eu mesma senti, o imperativo para derrubar toda manifestação de um sistema que mantém seu pé em nossa garganta, via-se nos rostos de jovens negros na rua”

relaxado da hierarquia racial em relação a países como os Estados Unidos, por exemplo, onde a mobilização política sempre foi mais problemática e ao mesmo tempo mais organizada em relação às suas pautas de reivindicação.

Enquanto nos Estados Unidos houve uma segregação violenta o Brasil reproduziu uma hierarquia social pautada numa segregação encoberta, disfarçada de uma suposta igualdade. De qualquer maneira não há dúvidas de que esse mito de democracia racial gerou uma série de estereótipos: “Destacando a roupagem estereotípica com a qual os negros são vestidos em várias obras brasileiras, é possível ressaltar um imaginário construído em que o sujeito negro surge destituído do dom da linguagem” (EVARISTO, 2009, p. 22). Essa passagem mostra com clareza que o processo de estereotipação do negro existente na literatura brasileira é resultado da forma como a figura do negro foi construída na história e continua sendo reproduzida e aceita, porque é vista como necessária à manutenção do discurso de ‘ordem e progresso’, na verdade, existe “o desejo da sociedade brasileira de apagar ou ignorar a forte presença dos povos africanos e seus descendentes na formação nacional” (idem, p. 23). Esse desejo de apagamento também está presente na literatura brasileira.

Para Dionne Brand o que diferencia a realidade de alguns países em relação a outros é o reconhecimento ou não da existência do racismo. Ela acredita que apesar de todos os problemas nos Estados Unidos há o reconhecimento do preconceito racial, mas o mesmo não ocorre no Canadá: “*in this country one is faced with a stupefying innocence*”⁴⁸ (1998, p. 137). Esse raciocínio se aproxima da visão de Evaristo: “eu acho que o Brasil, nas relações sociais enquanto os Estados Unidos, enquanto a África do Sul foram sempre apontados como países racistas, e o Brasil sempre deu exemplo de uma democracia racial, eu acho que nós somos um país extremamente cínico”⁴⁹, é com esta postura crítica de quem reconhece o preconceito porque viveu essa experiência em diversas esferas e níveis que a autora e intelectual brasileira busca pensar o negro na literatura e na sociedade enquanto sujeito no discurso. Ressaltamos que a perspectiva evaristiana sobre a necessidade de criar um espaço em que o negro não mais seja objeto do discurso corrobora com a ideia de Martins (2000) de que a mulher negra na literatura brasileira usualmente é retratada como ama-de-leite, empregada ou mulata sensual. Evaristo pontua:

⁴⁸ “neste país alguém é confrontado por uma inocência estupefante”

⁴⁹ <http://tvbrasil.ebc.com.br/3a1/episodio/3-a-1-entrevista-a-escritora-conceicao-evaristo#media-youtube-1>, acesso em 07/11/2014.

[Em várias] obras da literatura brasileira, normalmente, as personagens negras surgem estereotipadas em concordância com a maneira como o negro é percebido pela sociedade. Não há uma ausência do negro e da cultura negra nos textos literários brasileiros. O que existe é uma representação deprimente sobre nós negros. Nesse sentido, é preciso pensar que a cultura dominante tem o poder de se representar e de representar as outras culturas circundantes.⁵⁰

É evidente que o questionamento sobre a existência de uma democracia racial precisa ser elaborado a fim de revelar o discurso de segregação velado e desconstruí-lo. Entender a posição histórica da figura do negro nas Américas é tão importante como entender quais discursos e práticas sedimentaram essa posição de subalternidade:

*when I was in elementary and high school, none of the books we studied were about Black people's lives; they were about Europeans, mostly the British. But I felt that Black people's experiences were as important and as valuable, and needed to be written down and read about. This is why I became a writer.*⁵¹ (Brand *apud* DREW, 2007, p. 40)

Notemos que também Kincaid relata a invisibilidade do negro na sociedade antiguana quando lembra que apesar de a escravidão ter acabado na Antígua em 1832 e o país ter se tornado independente da Inglaterra a escola continuava a focar na história inglesa e em suas conquistas, deixando de lado a história do povo nativo. Tanto em seu ensaio intitulado *On Seeing England for the First Time* (1997) quanto no romance *Annie John* (1985) encontramos a escola como uma forma de propagar a perspectiva do colonizador branco em detrimento da trajetória de exploração e desigualdade vivida pelos negros escravos ou libertos. A nosso ver esses dois casos são importantes para entendermos a perspectiva das personagens kincaidianas pois em geral são personagens com um bom nível cultural, o fato de elas terem contato com um sistema educacional preconceituoso despertou-lhes uma atitude de rebeldia frente à autoridade escolar.

Kincaid, Brand e Evaristo escrevem a partir de suas experiências, acrescentando um fator interessante à suas visões de mundo, o que torna suas obras um objeto social importante para o estabelecimento de um processo de mudança do paradigma da comunidade negra nas Américas, ao serem expostas ao racismo as escritoras em questão criaram uma forma de

⁵⁰ <http://biblioteca.clacso.edu.ar/gsd/collect/br/br-025/index/assoc/HASHda42.dir/ppcor31.html>, acesso em 07/11/2014.

⁵¹ “quando eu estava no ensino fundamental e médio, nenhum dos livros que nós estudávamos eram sobre a vida de pessoas negras; eles eram sobre os europeus, principalmente os ingleses. Mas eu sentia que as experiências das pessoas negras eram tão importantes e tão valiosas, e tão necessárias para serem escritas e lidas. É por isso que eu me tornei uma escritora.”

resistência através da escrita literária porque perceberam que “os valores negros [devem ser vistos] como cultura, como possibilidade política” (EVARISTO *apud* MACHADO, 2011, p. 2), elas trabalham contra o apagamento da história, a invisibilidade do negro e a criação e propagação de estereótipos que atrapalham a (re)construção da figura do negro em sociedades colonizadas.

1.5 ‘Feminismo negro’: pensando o lugar da mulher negra na sociedade

A figura feminina sempre apareceu em obras literárias, porém o homem era sujeito da escrita enquanto a mulher era objeto (SCHABERT, 1995), seu papel na narrativa – assim como na sociedade – foi durante muito tempo de submissão. O cenário literário se modifica juntamente com os avanços sociais produzidos pela luta da mulher por mais espaço e respeito; com a inserção de mulheres escritoras passou-se a compreender o ser feminino não com um aspecto inalcançável, frágil ou pecador; mas sim como um ser repleto de desejos e de possibilidades, em busca de um caminho livre. Em outras palavras a mulher deixou de ser coadjuvante para se tornar protagonista da narrativa; notamos, por exemplo, que os textos escritos por Kincaid, Brand e Evaristo são quase sempre narrados por mulheres ou tendo mulheres como protagonistas⁵² e oferecem perspectivas que problematizam não apenas as relações sociais, como também questionam o papel da mulher na sociedade e a relação da mulher consigo mesma.

Nosso foco de análise foi, por muito tempo, baseado nos discursos que produzem e sedimentam as questões de gênero, e como eles são reproduzidos ou não nos textos literários. Kincaid usou sua visão sobre a diferença na criação de meninos e meninas e na expectativa em relação ao futuro em *Annie John* (1985) e *Lucy* (1990), essa visão é corroborada pela própria experiência da escritora⁵³: “*Only boys could go off to university if they were from my*

⁵² Conceição Evaristo lançou um livro intitulado *Olhos D’água* (2014) que contém alguns contos com protagonistas homens, mas em geral são as mulheres que protagonizam as narrativas evaristianas.

⁵³ <http://www.missourireview.com/archives/bbarticle/interview-with-jamaica-kincaid>, acesso em 30/10/2014.

background. If I had been a boy, there's no question that I would have been singled out."⁵⁴ A própria autora deixa claro que essa foi uma das razões para o afastamento entre ela e sua mãe. A construção identitária responsável pela forma como as mulheres se veem e são vistas na sociedade é um constructo longínquo e contínuo, cheio de estereótipos que funcionam como catalizadores. A visão de Kincaid (sobre a educação de meninos e meninas e o uso que ela faz disso em suas narrativas) exemplifica o fato de que o autor literário é influenciado pelo que está ao seu redor porque existe um *link* real entre a sociedade e o mundo literário, sua visão também revela a percepção crítica da narrativa kincaidiana, que sempre coloca 'o dedo na ferida' ao refletir sobre como a mulher cresce recebendo uma educação – familiar e escolar – que a põe em desvantagem. O fato é que sempre se espera menos para o futuro do indivíduo do sexo feminino, a sociedade patriarcal 'objetifica' a mulher, inferiorizando-a e tornando-a incompetente, no entanto a escrita literária de autoras como Kincaid, Brand e Evaristo age como forma de instaurar a 'subjetivação' do ser feminino, inserindo-o nas relações socioculturais. Encontramos inúmeros indícios na obra literária de Jamaica Kincaid, Dionne Brand e Conceição Evaristo no sentido de apresentar uma perspectiva diferenciada acerca da questão das relações sociais pautadas no gênero.

Na obra das escritoras encontramos a questão de gênero sendo tratada a partir de um ponto de vista bastante específico. Nos textos dessas autoras localizamos com facilidade a descrição do cenário de subalternidade que a mulher negra encontra em seu cotidiano, para Evaristo "a maioria das mulheres negras sempre continuam numa condição subalternizada"⁵⁵, diferentemente da mulher branca que conquistou um número muito maior de direitos e sempre foi vista de maneira diferente da mulher negra, que teve sua condição sempre 'esquecida' ou deixada de lado. Spivak afirma que a condição da mulher se revela a partir de uma dupla subalternidade:

A questão é, na verdade, que como objeto da historiografia colonial e como sujeito da insurreição, a construção ideológica de gênero mantém o masculino no poder. Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o subalterno como feminino está ainda mais envolto em sombras. (2010, p. 82)

⁵⁴ "Somente garotos podiam ir para universidade se tivessem o meu conhecimento. Se eu fosse um menino, não há dúvida que eu teria sido apontada."

⁵⁵ <http://tvbrasil.abc.com.br/3a1/episodio/3-a-1-entrevista-a-escritora-conceicao-evaristo#media-youtube-1>, acesso em 07/11/2014.

Há uma multiplicidade de opressões que se apresentam ao sujeito subalterno feminino. Mesmo demonstrando a necessidade emergencial de recuperar a voz da mulher subalterna, notamos que em nenhum momento Spivak consegue ser específica acerca das identidades múltiplas da mulher, ela está mais interessada em analisar apenas o discurso que é produto do contexto colonial. Estudiosas como Angela Davis, Bárbara Smith, bell hooks e Gloria Anzaldúa desde a década de 1970 vêm atestando sobre a forma como o movimento feminista ignorou as mulheres de cor de modo geral; outra recordação importante a ser ressaltada é que durante muito tempo foi comum o ato de ignorar a obra das escritoras negras, tomemos o exemplo do ‘esquecimento’ da obra da escritora brasileira Carolina Maria de Jesus, injustiça que aos poucos vai sendo desfeita. A dupla subalternidade citada por Spivak se refere à mulher com experiência colonial, mas o que dizer da mulher que viveu/vive a experiência da colonização e que não se encaixa no modelo tradicional (branco, classe média) geralmente aceito?

A representação literária da mulher negra, ainda ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor, não desenha para ela a imagem de mulher-mãe, perfil desenhado para as mulheres brancas em geral. Personagens como Rita Baiana, Gabriela, e outras não são construídas como mulheres que geram descendência [...] na ficção elas surgem como mulheres infecundas e, portanto, perigosas. (EVARISTO, 2005, p. 202)

A mulher negra é predominantemente apresentada na literatura brasileira como objeto de trabalho ou objeto sexual; podemos enquadrar a representação literária da mulher negra brasileira como sendo paralela à representação da mulher negra nas sociedades americanas, pois apesar das especificidades de cada região/país, a mulher negra é percebida como um corpo-procriação ou corpo-objeto em várias sociedades; em seu livro *A Map to the Door of No Return* (2001) Brand afirma que o corpo negro é um lugar de cativeiro, e no caso do corpo negro feminino existe o indicativo de um esquema ainda maior e mais opressivo.

Algumas escritoras – e esse é o caso de Kincaid, Brand e Evaristo – mostram interesse em focar um universo feminino bastante particular, visando a uma inclusão que mesmo com os avanços do movimento feminista parece nunca se concretizar:

Praticamente o que se fala sobre cultura na Europa, nos Estados Unidos e mesmo numa nação híbrida como o Brasil inculca a não existência, a ausência e a exclusão da mulher negra [...]. As escritoras feministas negras clamam por uma crítica feminista negra, consciente da integração dos

sistemas raça, classe e gênero na experiência diária e nas escritas de mulheres negras. (BONNICI, 2007, p. 106-107)

Em parte essa exclusão da mulher negra se explica pela sua construção histórica nas sociedades colonizadas. Lembremo-nos que “desde o processo da escravização, as mulheres negras sempre estiveram na linha de frente do trabalho, sempre”⁵⁶, como afirma Evaristo. O feminismo negro surge durante a segunda onda do movimento feminista (entre 1960 e 1980) para pensar o movimento a partir da exploração das diferenças entre as mulheres, promovendo uma ampliação ao direito de representação. Mais uma vez lembramos que não se pode perder de vista que, independentemente do país em que se analise, a situação da mulher branca é muito diferente da situação da mulher negra.

Kincaid procura ter uma postura um tanto quanto afastada sobre a temática⁵⁷: “*I am writing about power and powerlessness and I think that these things have no sex. They have only their nature.*”⁵⁸ Mas o que precisa ser enfatizado é que uma forma de minar a subalternidade é, em primeira instância, compreender a dimensão ideológica do sistema vigente, compreendendo assim a forma como o poder é distribuído, a análise mais apurada dessa dimensão ideológica comprovará que o poder efetivamente tem sexo.

O indivíduo, para afastar-se da condição de subalterno, necessita (a)firmar sua identidade; se “uma identidade não é elaborada isoladamente, mas antes negociada pelo indivíduo durante toda a sua vida” (FIGUEIREDO, 2010, p. 2) e se “as identidades, complexas e múltiplas, nascem de uma oposição a outras identidades” (FIGUEIREDO, 2007, p. 50) é na (a)firmação da identidade que o subalterno cria espaços para vencer o mutismo característico de sua condição. No caso da mulher é na percepção acerca da força feminina que a identidade deve ser estabelecida⁵⁹: “*I grew up with a great acceptance of female bonding. The greatest loves that I knew, and the greatest quarrels, the greatest enmities I knew were between women*”⁶⁰; quando falamos em poética da autorrepresentatividade feminina negra nos referimos às construções narrativas, à representação das personagens, à

⁵⁶ <http://tvbrasil.ebc.com.br/3a1/episodio/3-a-1-entrevista-a-escritora-conceicao-evaristo#media-youtube-1>, acesso em 07/11/2014.

⁵⁷ <http://www.missourireview.com/archives/bbarticle/interview-with-jamaica-kincaid/>, acesso em 30/10/2014.

⁵⁸ “Eu estou escrevendo sobre poder e impotência e eu penso que essas coisas não têm sexo. Elas têm apenas a sua natureza.”

⁵⁹ <http://www.missourireview.com/archives/bbarticle/interview-with-jamaica-kincaid/>, acesso em 30/10/2014.

⁶⁰ “Eu cresci com uma grande aceitação da união feminina. Os maiores amores que eu conheci, e as maiores brigas, e as maiores intrigas que eu conheci foram entre mulheres”

apresentação dos dilemas e à resistência contra a sociedade opressora a partir de tópicos estabelecidos (e que serão analisados ao longo dos próximos capítulos), todos esses elementos demonstram que há um movimento que busca uma autorrepresentação livre dos estereótipos tão comuns na sociedade e na literatura.

Evaristo pensa na questão da representatividade da mulher negra além desses estereótipos criados na literatura brasileira, que durante tanto tempo foi o berço para a descrição do ser negro como objeto ou como ser inferiorizado, degenerado. Em um de seus artigos ela diz: “Destacando a roupagem estereotípica com a qual os negros são vestidos em várias obras brasileiras, é possível ressaltar um imaginário construído em que o sujeito negro surge destituído do dom da linguagem” (2009, p. 22); assim é preciso pensar nas formas de representação da mulher negra dentro do discurso literário para que entendamos que a linguagem negada à mulher é uma forma de tirar dela o poder de entender sua história, e consequentemente, mudá-la.

De fato é “importante notar que a maneira pela qual as mulheres são forçadas a assumir papéis fixos e predeterminados como personagens de ficção ajuda os leitores a analisarem o quanto esses estereótipos limitam as mulheres na vida real” (BONNICI, 2007, p. 79). Por essa razão o estudo das obras de Kincaid, Brand e Evaristo proporciona uma análise sobre o desenraizamento duplo que a sociedade patriarcal destina à mulher negra, cujo corpo é constantemente violado, e cuja voz é historicamente silenciada por múltiplas opressões. Apesar de seu suposto não envolvimento com as questões feministas, ou mesmo de seu pensamento sobre o poder não ter sexo a própria Kincaid revela notar que sua condição de escritora negra lhe oferece um rótulo bastante enraizado⁶¹: *“People only say I’m angry because I’m black and I’m a womam. But all sorts of people write with strong feeling, the way I do. But if they’re White, they won’t say it.”*⁶² Ora, ao pesquisarmos as entrevistas de Kincaid, Brand e Evaristo percebemos que em algum momento elas deixaram explícita a visão que estudiosos têm de suas obras, comumente há menção a uma característica raivosa e rancorosa de seus textos, como se elas devessem retratar uma realidade ficcional mais amena, mais sentimental. O que vemos, porém, é um desejo em libertar a figura da mulher negra de suas correntes culturais, é a desconstrução de estereótipos que inviabilizaram durante tanto tempo o estabelecimento da mulher negra enquanto sujeito do texto e da sociedade; segundo

⁶¹ <http://theamericanreader.com/a-conversation-with-jamaica-kincaid/>, acesso em 02/03/2015.

⁶² “As pessoas somente dizem que eu estou com raiva porque eu sou negra e sou mulher. Mas todo tipo de pessoa escreve com um forte sentimento, da maneira como eu faço. Mas se elas são brancas, eles não dirão isso.”

Evaristo sua literatura precisa ser construída a fim de que ela se torne “porta-voz das vozes das mulheres negras”⁶³; é, como vamos mostrar, uma poética de resistência, que leva em conta dois aspectos principais e que de alguma forma passaram a receber importância no meio literário: o racismo e o sexismo enquanto produções culturais opressoras.

1.6 Jamaica Kincaid, Dionne Brand e Conceição Evaristo: uma realidade em (re)(des)construção

Começamos este subtópico pensando na fala da personagem Xuela, do romance *The Autobiography of My Mother*: “*I am not a people, I am not a nation. I only wish from time to time to make my actions be the actions of a people, to make my actions be the actions of a nation.*”⁶⁴ (KINCAID, 1996, p. 216) Esse trecho destaca pontos importantes que nos levam a questões relacionadas à identidade e à nacionalidade, são conceitos pertinentes quando estudamos textos literários numa realidade pós-colonial, afinal no contexto pós-colonial o elemento ‘fragmentação’ apresenta-se como característica dessa nacionalidade, esse contexto apresenta um cenário muito distante da ideia de homogeneidade e unidade que geralmente é própria quando se pensa em nação. De maneira geral os textos de Kincaid, Brand e Evaristo sempre traçam uma conexão sobre a busca das personagens por um sentimento de pertencimento e a problematização desse sentimento já que muitas vezes ele nunca é concretizado.

Pensemos a questão da identidade enquanto uma rede simbólica e consideremos a ideia de que “a construção de uma identidade nacional passa, assim, por uma série de

⁶³ Em palestra proferida no Colóquio Mulheres em Letras, na Universidade Federal de Minas Gerais, em abril de 2014.

⁶⁴ “Eu não sou um povo, não sou uma nação. Eu apenas desejo de tempos em tempos fazer com que minhas ações sejam as ações de um povo, fazer com que minhas ações sejam as ações de uma nação.”

mediações que permitem a invenção do que é comumente chamado de ‘alma nacional’” (FIGUEIREDO & NORONHA, 2005, p. 13), podemos – e devemos – questionar o que comporta o conceito de ‘alma nacional’, uma vez que a colonização foi responsável pelo extermínio de diversos povos, ao mesmo tempo em que promoveu um apagamento das diversas histórias dos povos colonizados. O que se sucedeu com a colonização, afirma Kincaid, foi um processo de alienação identitária⁶⁵: “*I can’t say that I came from a culture that felt alienated from England or Europe. We were beyond alienation.*”⁶⁶ Ao falar sobre essa alienação Kincaid problematiza os diversos fatores que fundamentam identificações identitárias, tais como: raça, gênero, etnicidade, poder e classe social.

Brand pensa em sua própria história enquanto pessoa fazendo um paralelo da história de seu povo, e nesse aspecto a diáspora negra nas Américas é entendida como ruptura de um mundo que foi perdido: “*It was a rupture in history, a rupture in the quality of being. It was also a physical rupture, a rupture of geography*”⁶⁷ (BRAND, 2001, p. 5), a narrativa brandiana é criada pensando nesse movimento de ruptura e numa busca, as vezes desesperada, por reconstrução. O ponto de vista que prevalece aqui não é apenas de relatar uma dada experiência, e sim usar a memória para transformá-la em linguagem. Para Brand a escrita funciona como forma de afirmação da identidade, pensando num molde individualista, que é também coletivo. É por essa razão que em tantos de seus romances há um foco na instituição familiar, no contexto diaspórico que Brand vivencia “a família se torna um símbolo de resistência” (LOOMBA, 1998, p. 127).

A família também aparece na obra de Conceição Evaristo como símbolo de resistência, mas com um contexto muito menos problemático. O interessante é a revelação que a força das personagens de Evaristo venham da própria força das mulheres que fizeram parte de sua trajetória, quando se refere à mãe e à avó a autora relembra que “Como ‘cabeça’ da família, elas construíram um mundo próprio, muitas vezes distantes e independentes de seus homens e mormente para apoiá-los depois. Talvez por isso tantas personagens femininas em meus poemas e em minhas narrativas? Pergunto sobre isto, não afirmo” (EVARISTO, 2005, p. 4). Há aqui uma transformação na maneira de relatar o papel da mulher no seio familiar, uma vez que no Brasil principalmente é comum que seja a mulher negra a principal

⁶⁵ <http://www.missourireview.com/archives/bbarticle/interview-with-jamaica-kincaid>, acesso em 30/10/2014.

⁶⁶ “Eu não posso dizer que eu vim de uma cultura que se sentia alienada pela Inglaterra ou pela Europa. Nós estávamos além da alienação.”

⁶⁷ “Foi uma ruptura na história, uma ruptura na qualidade do ser. Foi também uma ruptura física, uma ruptura de geografia”

responsável pela manutenção do lar, mas na maioria das vezes ela não recebe crédito algum. Demonstraremos como os laços afetivos apresentam-se enquanto fator que diferencia a obra literária de Evaristo e a obra literária de Kincaid e Brand.

A relação da escrita de Kincaid com suas origens aparece num nível muito mais intenso e complexo, já dissemos que uma das razões para Kincaid mudar de nome era para ficar anônima, para que seus familiares não soubessem de sua vida literária, em um de seus livros ela afirma que *“I could not become a writer while living among the people I knew best, I could not have become myself while living among the people I knew best”*⁶⁸ (1997, p. 169), evidenciando algo que já ficou bem claro em seus primeiros romances: o afastamento da família foi propositalmente pensado; em primeiro plano isso se explica pelo sentimento de que os irmãos eram mais importantes do que ela, em segundo o rompimento familiar proporcionou uma mudança total nos planos familiares. Kincaid só se tornou uma escritora porque rejeitou todas as expectativas da mãe – e de todos ao seu redor – sobre ela.

Entendemos que refletindo sobre as experiências de Kincaid, Brand e Evaristo enquanto mulheres negras e intelectuais construímos um arcabouço interessante para analisar os textos literários com uma perspectiva mais abrangente e ao mesmo tempo mais profunda. O mapeamento desses textos viabilizou uma compreensão melhor sobre o aparecimento e manutenção de configurações culturais que são comuns principalmente a partir do século XX. Partindo do pensamento das escritoras estudadas podemos avaliar a construção de suas narrativas, podemos analisar como as personagens, frutos das sociedades ‘multiculturais’ detentoras de ‘consciência colonial/imperial’, revelam as marcas e nuances da colonialidade do poder (QUIJANO, 1997) e da subalternidade (SPIVAK, 2010); compreendendo que “o ponto de vista que atravessa o texto e que o sustenta é gerado por alguém. Alguém que é o sujeito autoral, criador/a da obra, sujeito da criação do texto” (DUARTE, 2011, p. 115) defendemos que a postura intelectual, assim como a postura literária de Kincaid, Brand e Evaristo, interpela um mundo diferente em que é possível pensar na desconstrução total do discurso de inviabilização do outro para a reconstrução subversora desse discurso.

Paul Gilroy afirma que “os padrões de repressão interna, culpa, miséria e desespero estabelecidos sob a disciplina social da escravidão perduram mesmo que a ordem política e econômica que os criou tenha sido parcialmente transformada” (2001, p. 303). Kincaid, Brand e Evaristo revelam em seus textos o desejo de dar voz àqueles silenciados pela colonização e

⁶⁸ “Eu não podia ter me tornado eu mesma enquanto vivia entre as pessoas que eu conhecia melhor”

a escravidão e fazem isso através de narrativas que priorizam a voz negra nas Américas, produzindo uma literatura inclusiva:

Retomando a reflexão sobre o fazer literário das mulheres negras, pode-se dizer que os textos femininos negros, para além de um sentido estético, buscam semantizar um outro movimento, aquele que abriga todas as suas lutas. Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se toma o lugar da vida. (EVARISTO, 2005, p. 206)

A obra literária que temos estudado não é apenas ficção, mas um exercício de reflexão, uma busca por semantização de um grupo que sempre lutou contra a invisibilidade a que foi exposto. A identidade criada na produção literária de Kincaid, Brand e Evaristo através de suas personagens mulheres passa por essa semantização. A narrativa dessas escritoras revela um comprometimento com o ‘desejo da presença’ enquanto forma de afirmar-se na sociedade. Falando sobre o contexto brasileiro Eurídice Figueiredo afirma que “o afirmacionismo negro/indígena quer tornar visível sua presença, considerando que o discurso nacional único sempre ‘esqueceu’ sua existência em proveito de um discurso homogeneizante” (2013, p. 150), se pensarmos nas realidades norte-americana e canadense perceberemos que há traços em comum no sentido de que houve um processo histórico de apagamento do indivíduo negro e uma invisibilidade latente que se apresenta ainda hoje como uma das principais barreiras para a construção de uma sociedade que seja mais igualitária.

1.7 A obra literária de Jamaica Kincaid, Dionne Brand e Conceição Evaristo: a marca da presença e a poética de autorrepresentação feminina negra

A seguir, buscaremos mostrar que os textos literários de Kincaid, Brand e Evaristo estabelecem um afastamento do discurso da cultura homogeneizante porque se afastam de seu modelo – branco, masculino, cristão e de classe média. A razão para a crescente inserção de textos literários escritos por mulheres negras se estabelece na apresentação de perspectivas distintas daquelas conhecidas e que eram privilegiadas até então. Além de problematizar o mito de passividade, inferioridade e fragilidade da mulher, a escrita pautada a partir da experiência da mulher negra possui um fator complexo que diz respeito ao lugar ainda mais subalternizado que essa mulher ocupa na pirâmide social (é nesse sentido que Evaristo diz que

“essa afirmação étnica do negro brasileiro ela passa a ser bem colocada a partir do momento de uma autoria negra [...], porque eu acho que essa autoria negra fala de dentro”⁶⁹). Ao pensarmos na condição específica da mulher negra todas as construções sociais estabelecidas até então demonstram certa inconsistência em mostrar o quanto o nível de dominação e opressão podem ser ainda mais agudos dependendo da raça, condição social etc.

Para Davies (1994) a subjetividade autobiográfica que geralmente acompanha a escrita da mulher negra serve para desmistificar muitas noções estabelecidas e apresentam um discurso que é ao mesmo tempo articulado e geograficamente definido. Sobre esse discurso Conceição Evaristo adota um posicionamento esclarecedor que explica a importância de subverter o ‘lugar comum’ destinado à mulher negra:

E quando mulheres do povo como Carolina, como minha mãe, como eu, nos dispomos a escrever, eu acho que a gente está rompendo com o lugar que normalmente nos é reservado, né? A mulher negra, ela pode cantar, ela pode dançar, ela pode cozinhar, ela pode se prostituir, mas escrever, não, escrever é uma coisa... é um exercício que a elite julga que só ela tem esse direito. [...] Então eu gosto de dizer isso: escrever, o exercício da escrita, é um direito que todo mundo tem. Como o exercício da leitura, como o exercício do prazer, como ter uma casa, como ter a comida [...]. A literatura feita pelas pessoas do povo, ela rompe com o lugar pré-determinado.⁷⁰

Evaristo afirma categoricamente que o exercício da escrita é responsável por romper um lugar que é constantemente determinado pela condição – de gênero, de raça, de classe social – do indivíduo na sociedade. A condição da mulher negra na sociedade é caracterizada por poucas oportunidades e por uma opressão que está presente tanto no nível pessoal como no nível coletivo, quando Kincaid afirma que a escrita é sua forma de autorresgate ela estabelece o processo de escrita como forma de exorcizar seus demônios pessoais, mas também há um aspecto de significação de lutas exteriores, que têm muito mais a ver com a própria constituição da sociedade; segundo a autora⁷¹: “*The thing that I am branded with and the thing that I am denounced for, I now claim as my own. I am illegitimate, I am ambiguous. In some way I actually claim the right to ambiguity, and the right to clarity.*”⁷² Aqui vemos

⁶⁹ <http://tvbrasil.ebc.com.br/3a1/episodio/3-a-1-entrevista-a-escritora-conceicao-evaristo#media-youtube-1>, acesso em 07/11/2014.

⁷⁰ <http://blogueirasfeministas.com/2011/11/conceicao-evaristo>, acesso em 07/11/2014.

⁷¹ <http://www.missourireview.com/archives/bbarticle/interview-with-jamaica-kincaid/>, acesso em 30/10/2014.

⁷² “A coisa com que estou marcada e a coisa por que eu sou denunciada, eu agora reclamo como minha. Eu sou ilegítima, eu sou ambígua. De alguma forma eu realmente reclamo o direito por ambiguidade, e o direito por claridade.”

outra prova de que existe um movimento que busca o rompimento desse lugar que Evaristo chamou de pré-determinado. Nele as coisas parecem se estabelecer com certezas, enquanto a escrita de Kincaid, Brand e Evaristo está alicerçada na ambiguidade que é tão própria de nosso tempo.

Brand, por sua vez, entende que a voz do dominador/colonizador no discurso histórico é tão forte que chega a ser ensurdecadora, segundo a escritora essa voz “*claims to speak for all. A dominant voice that needs not of course all of our consent – our silence or our repressed voice is sufficient*”⁷³ (BRAND, 2001, p. 141). Analisamos as obras dessas três autoras com a certeza de que suas narrativas contribuem para a subversão do poder dessa voz e desse discurso; para que essa ruptura aconteça o silêncio da opressão deve ser quebrado; as personagens presentes nos textos literários de Kincaid, Brand e Evaristo são, de certa forma, um grito a favor da descolonização de corpos, mentes e culturas porque existe o entendimento de que a colonialidade do poder está enraizada em toda a sociedade, em suas diversas esferas e instituições.

Os próximos capítulos contemplarão os eixos temáticos ‘identidade’, ‘memória’, ‘diáspora negra’ e ‘pós-colonialidade’; são esses tópicos os pilares para compreendermos como a poética de autorrepresentação feminina negra funciona, além de destacar semelhanças e diferenças entre a fortuna literária de Jamaica Kincaid, Dionne Brand e Conceição Evaristo. Nosso conceito de poética exemplifica o desejo das escritoras estudadas ao longo de nossa pesquisa em defender sua marca, e mais que isso é uma forma de traduzir o desejo de presença delas no mundo literário e na sociedade.

⁷³ “afirma falar por todos. Uma voz dominante que é claro não precisa de nosso consentimento – nosso silêncio ou nossa voz reprimida é suficiente”

CAPÍTULO 2

A REALIDADE SOCIOCULTURAL DO INDIVÍDUO PÓS-COLONIAL: MAPEANDO A IDENTIDADE CULTURAL EM JAMAICA KINCAID, DIONNE BRAND E CONCEIÇÃO EVARISTO

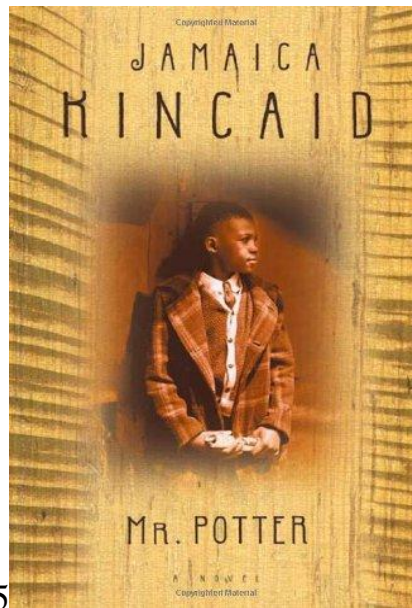


Figura 5



Figura 6

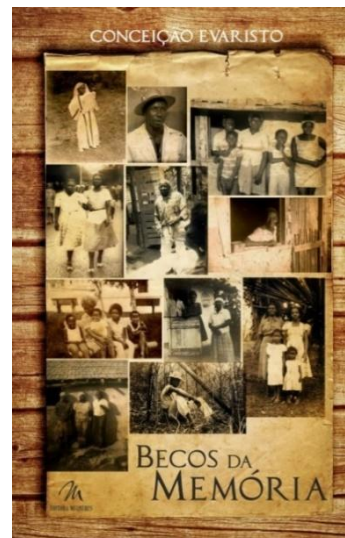


Figura 7

2.1 Questões sobre identidade e poder na literatura de Jamaica Kincaid, Dionne Brand e Conceição Evaristo

Alguns pontos diferenciam a maneira como as narrativas de Kincaid, Brand e Evaristo se desenvolvem, essas diferenças passam por uma questão de linguagem, mas também têm a ver com o *background* de cada escritora. Podemos dizer que a realidade sociocultural dessas mulheres – resultado da experiência pós-colonial de subalternidade – orienta-se no sentido de reivindicar um espaço mais aberto e mais propenso a (re)pensar o passado. Ao analisarmos a realidade do sujeito pós-moderno (ambíguo, incompleto e cindido) aliado às interpelações identitárias que ele cotidianamente vivencia perceberemos o quão importante é pensar na identidade desse indivíduo. E no fim das contas pensar em literatura é também pensar na questão da identidade. No texto literário há um espaço ininterrupto em que se constroem e legitimam-se as representações; nesse sentido a construção de uma identidade (seja ela referente a um indivíduo ou referente a uma nação) não deve ser analisada enquanto um fenômeno fixo e/ou isolado, tendo em vista os diversos elementos que interferem no ‘produto final’ e, principalmente, nas peculiaridades que cada cenário – político, econômico, cultural, social, histórico – apresenta. O entendimento das obras analisadas nesse trabalho só é possível a partir da percepção de que a identidade é uma metamorfose (CIAMPA, 1987) e que não é pura (HALL, 2006), sendo, portanto, resultado de contextos historicamente localizados. É importante ressaltar que os personagens presentes nas narrativas de Kincaid, Brand e Evaristo são construídos a partir da reflexão contínua acerca de temas como gênero, raça, orientação sexual, classe social, entre outros, ao apresentar esses temas problemáticos vê-se a iniciativa das escritoras em mapear uma identidade pautada na complexidade.

A literatura contemporânea está cada vez mais envolvida e interessada na busca por representatividade de diversos grupos, especialmente aqueles que por tanto tempo receberam o rótulo de ‘minoritários’. Conceição Evaristo, por exemplo, participa no Brasil de um movimento que se caracteriza pelo interesse em criar um texto literário com uma representação identitária de indivíduos que se afaste da representação comum: “Eu não queria

repetir uma literatura que estava aí”⁷⁴, referindo-se à prática que ela adotou em suas obras ao construir personagens femininas negras fora do padrão de estereótipos, abordando temáticas pouco exploradas e afastando-se do senso comum acerca de uma suposta essencialidade da mulher negra, inscrevendo-lhe no texto como sujeito e não como objeto de repulsa ou desejo. Alguns escritores/as posicionam-se a partir da necessidade de afastamento de uma realidade dada ou construída literariamente para introduzir novos pontos de vista (ou simplesmente dar espaço para pontos de vista que nunca foram explorados ou entendidos como significativos), esse é o caso não só de Evaristo, mas também de Jamaica Kincaid e Dionne Brand, escritoras que são de lugares diferentes, e que mesmo assim produzem uma literatura que apresenta temáticas que convergem entre si e que buscam um mesmo objetivo: a representatividade do ser negro em sociedades multiculturais.

Vivemos num período que celebra a identidade não mais enquanto um constructo fixo e imutável, que já nasce conosco e permanece intacto durante toda nossa vida, a percepção atual acerca do conceito de identidade a revela como sendo fruto de uma negociação que é constante, ininterrupta e complexa (POLLAK, 1992; HALL, 1996; FIGUEIREDO, 2010). Essa negociação acontece desde os primeiros momentos da vida e perdura durante toda a vida adulta, sendo influenciada por meio de demais contribuições externas. Mas o que isso quer dizer na prática? A identidade não é algo propriamente individual, ela também se forma a partir da e na coletividade; podemos explicar sua pluralidade, em parte, pela ideia de que a globalização intensifica as relações sociais, a medida em que acontecimentos locais são influenciados por eventos globais (GIDDENS, 1990), permitindo intersecções cada vez mais intensas. A literatura contemporânea acompanha essa realidade, o que explica a construção textual e as escolhas estéticas de escritoras como Kincaid, Brand e Evaristo, afinal suas narrativas mostram-se compatíveis com histórias locais que estão intimamente ligadas entre si, são trajetórias de indivíduos marcadas por uma série de eventos globais que surgiram através de um pano de fundo em comum, como é o caso da imigração forçada de negros africanos e a identidade fissurada de seus descendentes nas Américas. Segundo Brand⁷⁵ “*The journey to Africa is not a temporal journey to a physical homeland but a journey to a spiritual one which has elements of a past that was broken and tragic*”⁷⁶; não há como negar que há

⁷⁴ <http://tvbrasil.etc.com.br/3a1/episodio/3-a-1-entrevista-a-escritora-conceicao-evaristo#media-youtube-1>, acesso em 07/11/2014.

⁷⁵ <http://www.forpsicom.uniba.it/public/files/Interview%20to%20Brand%20%20re%20THE%20DOOR.pdf>, acesso em 04/11/2014.

⁷⁶ “A jornada para África não é uma jornada temporal para um lar físico mas uma jornada para um lar espiritual que tem elementos de um passado que foi quebrado e trágico”

uma jornada espiritual que nunca é completada; a Diáspora Negra⁷⁷ e suas ramificações históricas e culturais afetaram diretamente a vida de Kincaid, Brand e Evaristo e, conseqüentemente, também seu modo de ver o mundo e sua literatura; este é, portanto, o primeiro elo de aproximação entre elas. Em última instância elas são resultado dessa diáspora e suas vidas estão ligadas às estruturas criadas a partir desse passado e de tudo que ele representa.

Buscaremos ao longo desse capítulo compreender como se dá o estabelecimento do indivíduo pós-colonial e que espaço ele ocupa nas complexas relações de dominação; sabemos que a identidade desse indivíduo está pautada em cenários de subalternidade e marginalidade, e por essa razão quando pensamos nessas narrativas pensamos também que a extensão da colonialidade do poder não pode ser ignorada porque sua compreensão pode oferecer um caminho alternativo à subalternidade. Nosso objetivo nesse segundo capítulo consiste em analisar três romances das escritoras presentes nessa pesquisa a fim de traçar as características que envolvem a identidade desse indivíduo pós-colonial, pensando também como essa identidade é interpelada pela realidade sociocultural. Seguimos esse caminho porque entendemos que “através do contato estabelecido entre colonizador e colonizado, a identidade abandona um caráter monolítico e totalizante para dar lugar a identidades construídas nos ‘entre-lugares’” (BHABHA, 1998, p. 2), logo não podemos deixar de lado os ‘entre-lugares’ produzidos pelos textos que analisamos porque a obra de Kincaid, Brand e Evaristo é produzida a partir da problemática dialética e muitas vezes esquizofrênica que se estabeleceu a partir da relação conturbada entre colonizador e colonizado e entre o branco e o negro.

Como dissemos outrora os capítulos que fazem parte dessa tese são construídos através de temáticas, para isso cada um contará com obras variadas que se entrelaçam no panorama macro, ou no panorama glocal. Nossa análise começará pelos romances: *Mr. Potter* (2002), de Jamaica Kincaid, *At the Full and Change of the Moon* (1999), de Dionne Brand, e

⁷⁷ Falamos em Diáspora Negra, ou Diáspora Africana, para nos referirmos ao fenômeno histórico e cultural que se estabeleceu a partir do século XVI e proporcionou a migração forçada dos povos africanos para servirem de mão-de-obra escrava nas Américas, apresentando uma característica bem diferenciada, pois se “a diáspora é um espaço em que se cria novas etnicidades” (HALL, 1996, p. 72) a etnicidade criada e desenvolvida a partir da diáspora negra carrega em si as conseqüências do processo de opressão vivenciada pelos negros durante todo o período da escravidão, e mesmo depois do período escravocrata as sociedades continuaram, e continuam, com um sistema de dominação e exploração que resulta na inferiorização da população negra. Quando Hall fala em novas etnicidades ele refere-se ao fenômeno cultural, indo além da questão de raça, nesse sentido etnicidade diz respeito ao conjunto de fatores e tradições que são apreendidas por grupos sociais específicos e que constituem a base fundamental para as relações entre os sujeitos de um mesmo grupo. Voltaremos ao tópico da diáspora ao longo do capítulo 4.

Becos da Memória (2013), de Conceição Evaristo⁷⁸. Num primeiro momento o que nos chama a atenção é como as escritoras desenvolvem nesses romances um texto lúcido em que é possível capturar a construção de personagens e histórias que juntos formam uma consciência pós-colonial. Apesar de escreverem respectivamente nos Estados Unidos, no Canadá e no Brasil – países com realidades completamente distintas – os romances a serem analisados apresentam uma reflexão pertinente sobre questões que não devem ser vistas separadamente, pois são partes de um mesmo todo. Ao longo do capítulo será possível compreender que Kincaid, Brand e Evaristo traçam um caminho que busca viabilizar o sonho de descolonização (SANTOS & MENESES, 2010) que é tão comum para indivíduos que viveram, direta ou indiretamente, o peso da colonização e suas consequências. Pensando nessa descolonização mais ampla, tão necessária quanto a própria independência política, as escritoras elencam uma série de ocasiões e escrevem uma jornada que estabelece uma descolonização de corpos, mentes, relações sociais e culturas.

Pretendemos observar as narrativas escolhidas com o intuito de compreender como as diversas interpelações identitárias se desenvolvem em torno das experiências das personagens e/ou narradoras; também queremos entender como o processo identitário se revela a partir da relação dessas personagens com suas comunidades, somado ao fato de que a ‘consciência colonial’ de fato interfere no estabelecimento das relações sociais, o que demonstra a importância em pensar como essa identidade é passível de influência. Jamaica Kincaid, Dionne Brand e Conceição Evaristo apresentam narrativas bem construídas e estabelecem como principal mote o desenvolvimento da identidade do sujeito pós-colonial; os textos a serem analisados abordam questões que são comuns na sociedade contemporânea, mas que não são simples porque envolvem uma série de outras questões que têm muito mais a ver com o indivíduo enquanto peça de uma enorme contraposição.

Os romances presentes nesse capítulo podem ser encarados enquanto discursos gendrados que estabelecem mecanismos para pensar e repensar a identidade dos personagens através de representações conflituosas que se chocam inevitavelmente, por isso a importância em perceber como cada romance trabalha essas representações. Para isso começamos com uma breve explanação acerca desses textos a fim de estabelecer uma visão panorâmica que tornará possível explorarmos com maior profundidade a forma como as narrativas apresentam as representações identitárias fora das esferas de comodidade e harmonia.

⁷⁸ Queremos ressaltar que nossa análise não foi pautada na ordem cronológica em que os textos foram publicados.

2.2 Representação de mundo nos romances *Mr. Potter*, *At the Full and Change of the Moon* e *Becos da Memória*: entre conflitos e identidades

Num primeiro momento os três romances analisados nesse capítulo apresentam uma realidade similar, que se estabelece a partir do local, mas que ao mesmo tempo também é global, a saber: o lugar do indivíduo negro na sociedade capitalista contemporânea; estamos diante de personagens negros massacrados pela história e em busca de uma voz própria. Nas instituições sociais como um todo existe uma “reificação do homem branco como sujeito e do homem negro como objeto” (SAID, 1995, p. 334), essa reificação se deu primeiramente pelo viés econômico, mas rapidamente enveredou pela interiorização do discurso de inferioridade do ser negro, até mesmo através do discurso científico⁷⁹. É buscando a desconstrução desse paradigma que Kincaid, Brand e Evaristo criam textos e narrativas que estabelecem o negro e a negra como sujeitos, e na maioria das vezes, como o/a próprio/a interlocutor/a de sua própria história, ou pelo menos da história apagada de seu povo e de sua ancestralidade.

A narrativa produzida por essas escritoras revela um comprometimento com o que podemos chamar de ‘desejo da presença’: “o afirmacionismo negro/indígena quer tornar visível sua presença, considerando que o discurso nacional único sempre ‘esqueceu’ sua existência em proveito de um discurso homogeneizante” (FIGUEIREDO, 2013, p. 150). Esse desejo consiste no afastamento do discurso de inferioridade do negro oriundo da sociedade com herança colonial/imperial a fim de estabelecer uma realidade verdadeiramente multicultural. Através da leitura e análise das obras de Kincaid, Brand e Evaristo é possível encontrar inúmeras pistas que comprovam que essas escritoras lutam em diversas frentes, e mesmo quando não o fazem abertamente, seus textos expõem a parcialidade da sociedade em relação aos discursos homogeneizantes e opressores estabelecidos.

⁷⁹ Entre os séculos XVI e XIX diversas teorias científicas afirmavam a inferioridade da raça negra, esses discursos partiam da ideia de que os negros eram: “membros de uma raça inferior tendente fatalmente à ociosidade, à desagregação social e ao crime” e “incapazes para o trabalho livre” (AZEVEDO, 2004, p. 219), resquícios desse pensamento continuam fazendo parte da cultura ocidental, e por essa razão a igualdade de oportunidades entre negros e brancos permanece sendo uma farsa.

2.2.1 *Mr. Potter*

Mr. Potter foi escrito e publicado quando Jamaica Kincaid já era reconhecida como uma escritora talentosa e com personagens femininas negras marcantes. Em seus romances anteriores o uso da primeira pessoa funciona como forma de legitimar as vozes e trajetórias dessas personagens mulheres com experiência de múltiplas opressões. Afastando-se um pouco desses romances Kincaid escreve um livro que é narrado em 3ª pessoa e conta a história de um homem, Roderick Potter – conhecido como o senhor Potter – nascido em 17 de janeiro de 1922; o senhor Potter era filho da empregada doméstica Elfrida Robinson e do pescador Nathaniel Potter e era o filho mais novo de um total de 21 por parte de pai, mas nunca teve contato com seu genitor ou seus irmãos, morando sozinho com a mãe em seus primeiros anos de vida. Roderick foi o único filho concebido por Elfrida, que comete suicídio quando ele ainda é criança, deixando-o aos cuidados da família Shepered, pessoas que se mostraram incapazes de amá-lo, e que o trataram com total desprezo. A narradora do romance é Elaine Cynthia Potter, filha do senhor Potter com uma mulher chamada Annie Richardson; assim como o pai Nathaniel o senhor Potter teve vários casos, que resultaram num total de 11 filhas que também não foram criadas por ele; um ponto importante para entender a figura desse homem é o fato de que apesar de não ter interesse nas filhas o senhor Potter assume um filho homem que não é seu. Entre todas as filhas Elaine é a única que sabe ler e escrever e isso será crucial para a decisão dela em contar a história de seu pai, outro fator crucial é que quando a narração começa o senhor Potter está morto. A decisão da narradora em falar nesse momento específico pode ser explicada pelo seguinte trecho:

*only when you are dead can a person be really known, because when you are dead you cannot modify your actions you are in a state of such stillness, the permanent stillness of death, you cannot reply to accusations, you cannot make a wrong right, you cannot ask forgiveness, you cannot make a counteraction so as to make a wrong seem not to have occurred at all, you make the wrong perfect in the imagination, you make the wrong perfect in actuality.*⁸⁰ (KINCAID, 2002, p. 50-51)

⁸⁰ “apenas quando você está morto uma pessoa pode ser realmente conhecida, porque quando você está morto você não pode modificar suas ações, você está num estado de tal quietude, no silêncio permanente da morte, você não pode responder as acusações, você não pode fazer o errado certo, você não pode pedir perdão, você não pode fazer uma contra ação para parecer que algo errado não aconteceu, você faz o errado perfeito na imaginação, você faz o errado perfeito na realidade.”

O discurso de Elaine implica o entendimento de que a linha cronológica que explica a vida de uma pessoa só está completa quando essa pessoa morre, pois nesse caso já não existe a possibilidade de se criarem explicações ou pedir perdão, em caso de morte um ciclo se fecha e as interpretações acerca de ações e falas no passado não correm risco de receberem outro tipo de informação, não há mais lugar para desculpas, só os fatos vividos (e as marcas que esses fatos deixaram) permanecem. Podemos explicar através da análise de outros trechos dos romances que a narradora alcança o sentimento de perdão pela ausência do pai em sua vida sem precisar do arrependimento dele ou de um momento de comunhão com ele, sua atitude em narrar a vida do pai desconhecido é uma forma não só de compreendê-lo, mas de fechar esse capítulo de sua vida. Escrever a biografia de seu pai é, também, uma forma de lidar com o luto.

O romance se passa na Antígua, terra natal do senhor Potter e de suas filhas, lugar colonizado pelos ingleses e que ainda recebe muita influência da cultura britânica. Elaine sai do país com a mãe quando ela se separa do senhor Potter, ambas em busca de melhores condições e com o desejo de Annie de tirar a lembrança do senhor Potter da sua vida e da vida de sua filha (Annie chega a dizer que o pai de Elaine estava morto há muito tempo). Quando sabe de sua morte verdadeira (que ocorre quando a mãe da narradora já está morta) Elaine volta à Antígua, buscando recuperar a história de um homem totalmente sem voz. Apesar de ter crescido com aulas diárias acerca dos defeitos do pai, numa tentativa opressiva da mãe de ensinar-lhe a odiar o senhor Potter, o que leva Elaine a visitar o túmulo do pai não é ódio, é algo muito maior, é um vazio, é uma busca por compreensão, por pertencimento. Na verdade a narradora parece apresentar uma espécie de defesa acerca do comportamento do senhor Potter, segundo ela o amor nunca esteve presente em nenhuma de suas relações: *“so unloved he was, but he did not know it so he could not miss love, for it had never been part of his very being”*⁸¹ (idem, p. 43); abandonado desde cedo e criado por pessoas que o trataram com desprezo o senhor Potter tornou-se um adulto que usava seu charme para satisfazer suas necessidades físicas, mas nunca foi capaz de assumir qualquer compromisso, existia nele certa impossibilidade de amar e de se relacionar com outras pessoas porque ele não sabia satisfazer nenhuma necessidade emocional.

Apesar de não ter convivido com o pai Elaine vai buscando conhecer sua vida e entender sua personalidade através de seu passado e suas escolhas, pensando o senhor Potter

⁸¹ “tão mal amado ele era, mas ele não sabia disso e por isso não podia sentir falta do amor, pois isso nunca tinha sido parte do seu ser”

de uma maneira como ele próprio não fora capaz de fazer. Inúmeras vezes a narradora repete o fato de que ela podia ler e escrever, e seu pai não, ao mesmo tempo em que esse lembrete pode indicar a sensação de superioridade; existe a possibilidade de que ela sinta a responsabilidade de contar a história do pai porque ela teve oportunidades que ele nunca teve e ela tinha uma consciência em relação às coisas que ele também nunca teve: *“he was all alone in the world, the world that refused to bear any trace of the capriciousness of history or the capriciousness of memory, the world that had passed away”*⁸² (idem, p. 39-40). Elaine demonstra consciência sobre a complexidade que girava em torno da figura daquele homem que a abandonara, ela compreendia que os eventos da vida do senhor Potter influenciaram sua personalidade e seu modo de encarar a vida, ele era um homem extremamente simples que nunca frequentara a escola, não aprendera a ler ou escrever, não sabia falar inglês de forma fluente, tinha dificuldades de comunicação, nunca conseguira se envolver seriamente com ninguém, não fora capaz de responsabilizar-se pela criação das filhas de sangue, vivera sua vida inteira sendo explorado e parecia nunca ter se dado conta disso. O senhor Potter era um ser totalmente invisível.

As histórias que Elaine conta comprovam o fato de que a vida de seu pai era um grande vazio, um grande silêncio. Cada capítulo do romance – todos eles sem título – revela uma parte do grande mistério acerca desse homem tão solitário. Somos apresentados às dificuldades que o protagonista passou na infância, como o fato de dormir no chão e muitas vezes passar fome; essas dificuldades não eram apenas de ordem material, a maneira como ele foi tratado pelo senhor e senhora Shepered revela uma crueldade que se repete em muitos momentos de sua vida. O romance também aborda a forma como o senhor Potter tratava as filhas, como se elas não existissem, reprodução fiel da postura de Nathaniel, pai de Potter: *“he had never wanted any of his sons”*⁸³ (idem, p. 56). Além dos sofrimentos vividos na infância, a vida adulta do senhor Potter também era complicada: um chofer que nunca conseguiu comprar um carro seu, por essa razão trabalhava para o senhor Shoul. Elaine também relata momentos em que seu pai foi destrutado pelos estrangeiros que chegavam ao país, como é o caso do doutor Weizenger e sua esposa May, essas experiências apresentam aspectos mais amplos da condição social do senhor Potter, confirmando que sua vida pessoal e sua vida social se estabeleciam através de sofrimento e desigualdade.

⁸² “ele era sozinho no mundo, o mundo que se recusou a dar qualquer traço de capricho da história ou de capricho da memória, o mundo que havia falecido”

⁸³ “ele nunca quis nenhum de seus filhos”

O romance termina com Elaine lembrando que no dia que o senhor Potter morreu houve uma chuva intensa, algo incomum para o lugar, distinguindo-se do começo da narrativa quando ela afirma:

*“And that day, the sun was in its usual place, up above and in the middle of the sky, and it shone in its usual way so harshly bright, making even the shadows pale, making even the shadows seek shelter; that day the sun was in its usual place, up above and in the middle of the sky”*⁸⁴ (idem, p. 3)

Elaine ainda lembra que nenhuma das pessoas que esteve no enterro do senhor Potter chorou por sua morte, todas as filhas estavam revoltadas porque o pai deixara tudo que tinha para o enteado. A narradora lamenta o fato de o senhor Potter ter morrido, por nunca poder ouvi-lo e mais ainda por ele nunca ter tido voz, Elaine deixa claro em várias passagens que há um paralelo muito interessante e que não deve ser deixado de lado sobre a figura do senhor Potter enquanto homem e a construção da figura do senhor Potter enquanto povo; afinal assim como o senhor Potter o povo da Antígua foi colonizado e destituído de voz, ambos tiveram suas histórias cruelmente apagadas, passaram fome ao mesmo tempo em que eram explorados, além do fato de que a dominação do estrangeiro branco continua presente nas duas esferas – pessoal (senhor Potter) e coletiva (povo) – deixando marcas da violência simbólica que inviabilizaram qualquer resistência.

Também não podemos esquecer que há no romance a presença de muitos elementos narrativos que podem ser facilmente relacionados à vida real de Jamaica Kincaid: primeiro o nome da narradora (Elaine é nome verdadeiro da escritora) e o sobrenome Potter (que também é o verdadeiro sobrenome do pai de Kincaid), em seguida o fato de que Kincaid não teve convivência com o pai, que não participou de sua criação; o fato de que o pai da narradora, assim como o pai de Kincaid, tinha a mesma profissão: ambos eram motoristas. Mais uma vez a subjetividade da escrita feminina negra apresenta-se no texto kincaidiano de forma latente e progressiva, desenvolvendo-se a partir do empoderamento da narradora Elaine em contar a história do pai, e por consequência, por em evidência a sua própria história.

⁸⁴ “E naquele dia o sol estava em seu lugar habitual, em cima e no meio do céu, e ele brilhou em seu modo habitual tão intensamente brilhante, fazendo até mesmo as sombras pálidas, fazendo até as sombras procurarem abrigo; naquele dia o sol estava em seu lugar habitual, em cima e no meio do céu”

2.2.2 *At the Full and Change of the Moon*

O romance *At the Full and Change of the Moon* é o terceiro romance de Dionne Brand, escritora já reconhecida por sua poesia e seus textos não ficcionais. A narração ocorre na terceira pessoa e apresenta uma série de personagens cujas histórias foram vividas ao longo de séculos e vão sendo contadas a fim de demonstrar os laços de sangue que ligam os personagens e os laços de opressão que conectam cada história. Nesse livro vê-se claramente a existência de uma teia complexa de conexões; Brand trabalha explorando a posição de não pertencimento que os personagens vivenciam, aprofundada pela forma esquizofrênica com que os personagens se relacionam entre si, mesmo quando são familiares, a escritora também aborda os sentimentos que esse não pertencimento provoca. A narrativa não foca em apenas um personagem, nem mesmo apresenta um único protagonista, aqui o importante é a história de diversas gerações, pessoas que nasceram graças à escrava Marie Ursule, que num ato de resistência resolve promover um suicídio coletivo entre os escravos de uma fazenda, apenas sua filha Bola (que é levada pelo suposto pai, Kamena) sobrevive ao fugir da fazenda durante a madrugada.

A decisão em separar-se da filha é extremamente dolorosa para Marie Ursule mas é o principal mote para a continuidade do romance, apesar de entender a importância de sua escolha o momento em que a separação acontece é quase insuportável para a personagem:

She didn't look, she didn't want to change her mind. Let the child go. She herself had to avoid every moment now when her body wanted to do something else, walk back to the barrack, go back to sleep, perhaps walk away herself to the distant place where Kamena rolled under the sky. Her body wanted living. And she had to twist it round to another task. She did not look around to see Kamena carrying the child through the coca fields, the fruit reddening and yellowing under the leaves⁸⁵ (BRAND, 1999, p. 9)

⁸⁵ “Ela não olhou, ela não queria mudar de ideia. Deixe a criança ir. Ela mesma teve que evitar cada momento, mesmo agora quando seu corpo queria fazer algo mais, caminhar de volta para a barraca, voltar a dormir, talvez ir embora para algum lugar onde Kamena rolou sob o céu. Seu corpo queria viver. E ela tinha que torcer o corpo para cumprir outra tarefa. Ela não olhou para ver Kamena carregando a criança através dos campos de coca, a vermelhidão das frutas e a amarelidão das folhas”

‘Seu corpo queria viver’, esta é uma passagem forte, o que encontramos a partir dessa citação é o momento máximo de sacrifício de uma líder e de uma mãe. Vemos nesse trecho que é preciso muita força de vontade e altruísmo por parte de Marie Ursule para conseguir deixar a filha ir embora. Primeiramente separar-se de Bola, sabendo que não mais poderia vê-la e senti-la é muito difícil para a personagem, tendo em vista que a maternidade foi a única alegria de Marie Ursule em toda sua vida de escrava; em segundo lugar há o instinto de sobrevivência da personagem, por mais que entenda que não havia outro caminho seguro nem mais esperança para ela, Marie Ursule sente que seu corpo continua querendo viver, esse instinto de sobrevivência acarreta dúvidas no que a personagem precisa fazer e em que ela acredita que precisa ser feito. A dificuldade em lutar contra o desejo de viver existe, e só é possível derrotá-lo usando um instinto ainda mais forte – o instinto de libertação espiritual – é essa busca por liberdade, que é maior do que a própria vida, que permite Marie Ursule cumprir sua missão enquanto líder.

Cada capítulo traz a história de um personagem descendente de Marie Ursule (por essa razão a primeira página do romance é um mapa contendo uma árvore genealógica que explica os laços de sangue desses personagens), nesses capítulos Brand narra histórias cheias de exploração e sofrimento de pessoas negras, filhos de uma escravidão que nunca acabou. Mais uma vez é importante destacar que o pontapé inicial desse romance só é possível graças à atitude liderada por Marie Ursule, o que significa dizer que num primeiro momento o livro é ambientado numa fazenda no período escravagista, dessa forma este livro se aproxima das narrativas *neo-slave* tradicionais⁸⁶. Nelas escritores contemporâneos assumem uma narrativa que é contada tendo em consideração a perspectiva de um escravo, abordando sua história de exploração; em *At the Full and Change of the Moon* a história não foca apenas na realidade crua do período escravagista, isso só acontece na primeira parte do romance; o que Brand possibilita em seu texto como ponto principal é o relato de resistência e a luta por liberdade de uma mulher que busca um futuro diferente para as novas gerações, e ao mesmo tempo a narrativa apresenta a paralisia de personagens que não conseguem mudar o lugar de subalternidade e marginalidade em que vivem mesmo após o fim da escravidão, por essa razão a maioria das histórias são contadas a partir de contextos mais recentes.

⁸⁶ O que chamamos de *slave narratives* são escritos que se enquadram em ‘narrativas de cativo’ e algumas delas são relatos de escravos. No caso de *neo-slave narratives* são escritores contemporâneos que se apropriam do contexto histórico da escravidão como pano de fundo para suas obras (geralmente romances).

O livro inicia com a seguinte passagem: “*Marie Ursule woke up this morning knowing what morning it was and that it might be her last*”⁸⁷ (idem, p. 1), já nas primeiras linhas somos apresentados a uma mulher forte, uma escrava líder de sua comunidade e que não suporta mais os horrores da condição de escrava. Marie Ursule dá a oportunidade de ‘vida livre’ aos seus descendentes, porque resolve libertar a filha daquela vida de sofrimento e opressão; apesar da atitude altruísta sua filha Bola espalha seus filhos ao redor do mundo, e por essa razão eles não conhecem realmente suas origens o provoca uma vida fragmentada, traduzida por uma narrativa também fragmentada. O uso constante de *flashbacks* aliado a essa prosa fragmentada serve primeiramente para provocar no leitor uma sensação de desconforto e contradição própria dos personagens do romance, e em segundo lugar mostra um presente esquizofrênico que se desenrolou a partir de um ato de resistência do passado, que apesar de importante, não foi suficiente.

Cada capítulo traça a trajetória de um personagem: o primeiro, o mais longo, apresenta Marie Ursule e seu desejo de liberdade, nele descobrimos que o plano do suicídio acontece depois que Marie Ursule tem o pé decepado como forma de castigo, depois que a escrava dá andamento ao plano descobrimos as dificuldades pelas quais passam Bola e Kamena durante a fuga. O segundo capítulo começa com uma carta do governador ‘concedendo’ liberdade aos escravos; há uma busca enlouquecida por parte de Kamena em encontrar Terra Bouillante (lugar onde os negros eram livres e formavam uma comunidade pacífica e de cooperação⁸⁸), o que provoca em Bola uma vida solitária e uma existência igualmente esquizofrênica; afinal além de perder a mãe, sua principal referência, com a ausência frequente de Kamena ela perde qualquer outro tipo de referencial humano em que possa se apoiar. O terceiro capítulo conta a história de Samuel Sones e sua mãe Augusta (filha de Bola), aqui o personagem entra em contato com o racismo desde cedo; Samuel sente que o preconceito por sua cor o privou de uma amizade sincera e da possibilidade em alcançar uma qualidade de vida baseada em seu esforço pessoal. A seguir a história de Cordélia (bisneta de Bola) é contada, uma mulher que se casa com o primo Emanuel, tem filhos e obtém certo status por causa do casamento; quando os filhos do casal saem de casa há uma reviravolta na vida da personagem, que aos 50 anos finalmente cria coragem e abandona o marido para satisfazer o desejo de relacionar-se com uma mulher. Um dos personagens mais problemáticos aparece no capítulo 5, o personagem Carlyle/ Priest (tataraneto de Bola) é um homem cruel e um fugitivo da polícia,

⁸⁷ “Marie Ursule acordou nessa manhã sabendo que manhã era e que ela poderia ser sua última manhã.”

⁸⁸ Esse lugar teria uma estrutura similar aos ‘quilombos’, comunidades formadas no Brasil por escravos fugitivos.

depois de ter causado muita dor à família e ter sumido de suas vidas ele busca ajuda através de sua irmã Eula, forçando-a a fazê-lo. No próximo capítulo temos como personagem principal Adrian Dovett, que aparecera no capítulo anterior e que diferentemente de Carlyle tem boa índole, mas que enfrenta vários problemas internos e de adaptação à sociedade e seus preceitos; ele tem uma semelhança assustadora com Carlyle (o tataravô de Adrian teve um envolvimento com Bola). O capítulo 7 foca na irmã de Adrian – Maya – moça que se mudou para Amsterdã buscando uma vida melhor, Maya trabalha com *performance* em um dos bordéis da cidade, tendo seus sonhos e esperanças de uma vida melhor devastados. A seguir há um capítulo em que Eula (irmã de Carlyle) escreve uma carta endereçada para a mãe dela, só depois de ler as primeiras partes da carta descobrimos que a mãe de Eula já está morta; na verdade a ação da personagem ao escrever a carta é muito mais uma forma de lidar com o luto, falando coisas que nunca teve coragem de contar à mãe. O penúltimo capítulo foca em Bola (personagem que recebe o mesmo nome da filha de Marie Ursule), uma menina que perde a mãe e passa a acreditar que pode se comunicar com a mãe morta; no começo suas irmãs entendem a atitude como parte do processo de luto, no entanto Bola acaba sucumbindo à loucura e passa a viver na casa de sua infância num mundo paralelo onde só a mãe existe. Já no último capítulo presenciamos a narrativa voltar a focar na primeira Bola, a filha de Marie Ursule; é um momento emocionante e que demonstra como a narrativa foi escrita para se apresentar por sua característica cíclica, lembrando que também as fases da lua são conhecidas por esse movimento circular (por essa razão no título do romance aparece o termo ‘lua’⁸⁹).

Este breve resumo mostra que todos os personagens do romance estão ligados por laços de sangue, por eventos históricos e por vazios identitários. Lembramos mais uma vez que eles não conhecem suas origens, além disso, enquanto alguns se encontram, outros vivem separados, em lugares diferentes; o que existe de comum entre eles é um sentimento de nostalgia e vazio que eles compartilham. Essa falta constante e incompreendida só pode ser explicada porque a maioria dos personagens não tem conhecimento de seu passado e de suas raízes. Eula explica em sua carta que sente falta de uma linha de ancestralidade, segundo a personagem o reconhecimento e compreensão acerca de sua ancestralidade poderia lhe dar – e a toda sua família – um sentimento de pertencimento:

⁸⁹ É importante ressaltar que nesses dois capítulos que focam na filha de Marie Ursule Brand utilizou o mesmo título – *At the Full and Change of the Moon* – o que, a nosso ver, confirma a escolha da escritora em exemplificar o movimento cíclico de sua narrativa.

*I would like a single line of ancestry, Mama. One line from you to me and farther back, but a line that I can trace (...). I would like one line full of people who have no reason to forget anything, or forgetting would not help them or matter because the line would be constant, unchangeable.*⁹⁰ (idem, p. 274)

O desejo de Eula é o mesmo inscrito durante todo o romance de Brand: a possibilidade de lembrar, porque no caso de seus antepassados esquecer era uma forma de sobreviver, a personagem não quer esse tipo de fuga, Eula gostaria de delinear toda sua história, mas ela simplesmente não consegue. Notemos que em todas as histórias, cada uma com sua peculiaridade, existe a revelação de um vazio identitário que produz famílias disfuncionais e sujeitos sem esperança; mesmo com a atitude de Marie Ursule o passado de exploração e dominação continua, as histórias apresentam sujeitos massacrados e silenciados pela história oficial. O trecho acima demonstra que existe um desejo de pertencimento que nunca é concretizado. Não é exatamente de um lugar, o que mais importa é o pertencimento a um grupo; segundo Davies *“The mystified notions of home and family are removed from their romantic, idealized moorings, to speak of pain, movement, difficulty, learning and love in complex ways”*⁹¹ (1994, p. 21), ou seja, em romances como o de Brand noções de família, lar e passado, que geralmente são romantizadas e postas com uma atmosfera de harmonia (não apresentando os conflitos e ambiguidades presentes na sociedade contemporânea) são substituídas por noções problematizadas que expressam os efeitos devastadores de uma identidade fragmentada por um passado apagado e um presente opressor. Acreditamos que a ‘cruza’ com que os eventos são apresentados no romance desde o início revela como o trauma histórico da escravidão permanece nas gerações seguintes, que acabam se tornando estigmatizadas.

⁹⁰ “Eu gostaria de uma única linha de ancestralidade, Mama. Uma linha de você para mim e mais para trás, mas uma linha que eu pudesse traçar (...). Eu gostaria de uma linha cheia de pessoas que não têm razão nenhuma para esquecer nada, ou esquecer não iria ajudá-los em nada porque a linha seria constante, imutável.”

⁹¹ “As noções mistificadas de casa e da família são retiradas de suas amarrações românticas, idealizadas, para falar-se de dor, de movimento, de dificuldade, aprendizado e amor em formas complexas”

2.2.3 *Becos da Memória*

No romance *Becos da Memória*, publicado graças ao reconhecimento que Evaristo recebeu por *Ponciá Vicêncio* (2003), a vida e as histórias dos personagens também estão conectadas, partindo do princípio de que a realidade de violência é comum a todos eles, por isso os personagens podem ser compreendidos como representantes da proposta de Evaristo em ressemantizar os conceitos relacionados à raça e etnia a partir da ressignificação de indivíduos excluídos da sociedade brasileira. Os personagens desse romance estão conectados principalmente pelo lugar geográfico – a favela – que reúne todos numa mesma situação, à primeira vista eles são símbolos da exclusão e do isolamento social; quando os moradores recebem uma notícia que mudará a vida de todos para sempre, a narrativa cria mais conexões ao colocá-los mais uma vez no mesmo patamar de sofrimento. Outro ponto em comum aproxima os moradores da favela: a cor da pele e como a característica étnica é reveladora da condição social de cada um.

A questão racial é muito importante para o entendimento das relações sociais estabelecidas na narrativa. Durante todo o romance uma das características que podemos ressaltar é o fato de que o passado de escravidão e o presente de exploração são mostrados como parte do cotidiano de todos os personagens, homens, mulheres e crianças negras que vivem num mundo que continua negando-lhes direitos básicos, mas que camufla essa realidade de diversas formas. Ainda no início do romance existe a passagem que conta a experiência do avô da personagem Maria-Velha, que foi separado de sua família porque sua esposa e seus filhos foram vendidos mesmo depois do fim do período de escravidão, nesse momento entramos em contato com uma realidade crua e violenta: “Anos se passaram, o homem sem se rebelar, apenas a dor, o banzo alimentando a vida. Aqueles sinhôs se mudaram, venderam a fazenda com tudo. ‘O homem ali, tanto fazia’, pensava ele, ‘qualquer branco sorrindo ou não, é sempre sinhô’.” (EVARISTO, 2013, p. 54). É comum na obra evaristiana a utilização do termo ‘sinhô’ para se referir aos brancos que permaneciam no poder independentemente do lugar (fazenda ou cidade); aqui a representação do universo escravocrata se mostra de maneira clara e indica que “os que num momento dado dominam são os herdeiros de todos os que venceram antes” (BENJAMIN, 1987, p. 225). O ciclo de

exploração continua, e nela os personagens explorados são sempre os perdedores, enquanto os que exploram são sempre aqueles que historicamente foram os vencedores/conquistadores/colonizadores, essa é uma prova do movimento de perpetuação das péssimas condições sociais a que todos os moradores da favela de *Becos da Memória* estão expostos.

No texto de Evaristo cada trecho vai contando a trajetória dos moradores de uma favela, desde o momento em que eles descobrem que serão expulsos de suas casas para dar espaço a um projeto urbanístico até quando a favela se torna um grande vazio; nesse meio tempo descobrimos as aflições das pessoas que não sabem o que vai ser do futuro, e a luta sem fim de alguns personagens, além do passado que permanece assombrando os indivíduos que fugiram de vários lugares do Brasil e encontraram abrigo na favela. Apesar de tantos personagens aparecerem na história a protagonista do romance é Maria-Nova, uma jovem inteligente que ajuda a mãe na lavagem de roupa. Mesmo com tantas responsabilidades Maria-Nova também estuda, sendo uma aluna aplicada que passa a chamar a atenção de seus vizinhos (sempre convidada para as novenas que aconteciam no lugar), ela ouve atentamente as histórias de sofrimento de seu povo e as ‘recolhe’ em seu coração; para um dos personagens “a vida é uma perdedeira só, tamanho é o perder” (EVARISTO, 2013, p. 45). Aqui mais uma vez o espaço da favela recebe destaque porque representa o cenário em que se passa a história mas principalmente porque é uma representação da própria História, é nesse espaço que todas as violências são evidenciadas; primeiro as pessoas chegavam na favela fugindo da miséria da zona rural – e encontram outro tipo de miséria –, a seguir são expulsas do lugar que aprenderam a chamar de seu, tendo que mais uma vez buscar abrigo em outro lugar. Esses personagens simplesmente não encontram lugar no mundo.

Somos apresentados a vários personagens: Vó Rita e sua habilidade de cuidar das pessoas; Tio Totó e seu desespero por ter que mudar novamente, sem ter perspectiva alguma de melhorar de vida; Cidinha-Cidoca, moça faceira; Bondade, homem misterioso que ajudava os moradores e contava as histórias deles para Maria-Nova; Maria-Velha, mulher de Tio Totó que buscava manter a esperança de um futuro melhor; Negro Alírio, homem que luta pelos direitos de seu povo, seja na fazenda em que viveu, seja na favela onde fixou residência; Fuinha e sua fúria que resultou na morte da mulher e no estupro da própria filha; Dora, mulher trabalhadora que se envolve com Negro Alírio; Ditinha, empregada doméstica que sustenta o pai e os filhos, e um dia leva um broche da patroa para seu barraco; Filó

Gazogênia, que morre antes da desocupação; Jorge Balalaiza, que se mata por causa de sua mulher; Beto (filho de Ditinha) que precisa se transformar no homem da casa ainda menino quando a mãe Ditinha é presa. Todos são importantes para o desenvolvimento da história. A narrativa mostra que os moradores da favela não querem sair dali, muitos deles vieram de outros lugares em busca de uma vida melhor e acabaram encontrando na favela o único lugar de aceitação, outros nasceram e se criaram nesse espaço e só conhecem a vida nesse ambiente. É preciso levar em consideração que “Todos sabiam que a favela não era o paraíso, mas ninguém queria sair. Ali perto estava o trabalho, a sobrevivência de todos. O que faríamos em lugares tão distantes para onde estávamos sendo obrigados a ir?” (idem, p. 102) Em outras palavras, por mais que a favela seja a exemplificação da exclusão social ela também representa a união daquelas pessoas que comungam das mesmas necessidades e sofrimentos, também é um lugar de refúgio onde os laços de dor e sofrimento são evidenciados.

Além das histórias dos personagens, o romance vai abordando o desespero e a angústia que começam a fazer parte do cotidiano dos moradores, em alguns capítulos Maria-Nova reflete sobre a condição de subalternidade de seu povo e numa aula de história demonstra sabedoria quando percebe por si mesma que o sofrimento dos negros continua porque a escravidão não acabou. *Becos da Memória* aborda o racismo de forma bastante clara, mostrando que ele é resultado do processo de escravidão que por tanto tempo fez parte da vida dos negros no Brasil; se pensarmos que “o racismo e o colonialismo deveriam ser entendidos como modos socialmente gerados de ver o mundo e viver nele” (FANON, 2008, p. 48) compreenderemos melhor os seus desdobramentos. A favela narrada por Evaristo é resultado desse modo de viver socialmente gerado, em que o racismo e o colonialismo fazem parte não apenas da história desses indivíduos, mas são o ar que eles foram historicamente obrigados a respirar ao longo de séculos. Os moradores da favela são incapazes de desenvolver um pensamento epistemológico acerca de suas condições sociais, o que lhes resta é lamentar a realidade posta, e por mais que sofram não enxergam a possibilidade de mudança.

Nas primeiras páginas do romance, narradas por Maria-Nova, o leitor é apresentado à simplicidade em que vivem os moradores da favela, segundo ela a pobreza era a realidade de todos: “a recordação daquele mundo, me traz lágrimas nos olhos. Como éramos pobres! Miseráveis talvez! Como a vida acontecia simples e como tudo era e é complicado!” (EVARISTO, 2013, p. 29) Em todos os momentos em que se posiciona a protagonista deixa

claro que, diferentemente da maioria dos moradores, ela – que frequentava a escola, sabia ler e escrever – tem consciência de que o contexto em que todas aquelas pessoas, seus vizinhos, viviam foi produzido por uma realidade que foi sendo somada e institucionalizada desde os tempos da escravidão. Nenhum deles tinha direito a qualquer coisa. O texto acaba no auge da desocupação, quando apenas a família de Maria-Nova e outras poucas ainda continuam na favela. Esse momento, que revela mais uma vez a falta de poder dessas pessoas em escolher o próprio destino também marca a certeza de Maria-Nova que é preciso dar voz às pessoas silenciadas pela opressão, durante todo o romance as pessoas confiaram suas histórias a ela não com o intuito de propagar sofrimento, mas para não deixar calar a resistência. Maria-Nova crescia para brotar a semente da luta.

A família de Maria-Nova é uma das últimas a serem desalojadas, durante alguns dias eles viveram num ambiente praticamente vazio, já não havia o desespero generalizado porque poucas pessoas permaneciam no local; esse vazio promove em Maria-Nova uma série de sentimentos que ela precisa acomodar em seu peito. Com a ajuda de Vó Rita a protagonista de *Becos* aprende a viver a situação sem se deixar abater durante muito tempo. Afinal era preciso seguir em frente. No final Maria-Nova, que teve que sair da escola por causa da mudança, já sabe o que precisa fazer: “agora ela já sabia qual seria a sua ferramenta, a escrita. Um dia, ela haveria de narrar, de fazer soar, de soltar as vozes, os murmúrios, os silêncios, o grito abafado que existia, que era de cada um e de todos. Maria-Nova um dia escreveria a fala de seu povo” (idem, p. 247). Esse trecho mostra o comprometimento de Maria-Nova, mas também confirma o comprometimento da própria Conceição Evaristo, que assume em sua escrita o desejo de falar enquanto herdeira desse povo sofrido.

2.3 Desconstruindo silêncios em *Mr. Potter*, *At the Full and Change of the Moon* e *Becos da Memória*

A leitura desses romances aponta algumas questões importantes que comprovam que as escolhas narrativas de Kincaid, Brand e Evaristo são uma forma de estabelecer um espaço de representação em que vozes silenciadas pelo discurso da História Oficial possam se fazer ouvidas na literatura. Para que a narrativa crie esse espaço de representação cada escritora utilizou um foco narrativo distinto. Em *Mr. Potter* o foco da história se estabelece em um único personagem, já no caso dos romances de Brand e Evaristo um mosaico vai sendo construído a partir da trajetória de vários indivíduos ligados por laços de sangue e opressão (*At the Full and Change of the Moon*) ou pelo espaço geográfico e pela opressão (*Becos da Memória*); através de um foco individual ou coletivo os romances analisados abordam a figura do negro de uma maneira diferenciada.

A literatura produzida por Kincaid, Brand e Evaristo oferece novas perspectivas que nada têm a ver com a visão eurocêntrica por tanto tempo considerada como a visão superior, o eurocentrismo perdeu força porque se mostrou incapaz de explicar a realidade das Américas em todas as suas especificidades. Nesse universo proposto a partir da realidade americana essas escritoras estabelecem uma desconstrução de discursos, valores e crenças através da exposição de personagens que não se pautam em estereótipos e que revelam muito mais do passado histórico da população negra; Kincaid, Brand e Evaristo participam, portanto, de um movimento que tem produzido um discurso literário contra a subalternidade (devemos lembrar que essas escritoras também precisaram lutar contra o mesmo sistema). Gayatri Spivak promoveu a discussão sobre a impossibilidade de o subalterno falar, segundo ela essa impossibilidade tem a ver com as dificuldades que esse indivíduo tem em tomar a voz para si, dada sua impossibilidade em participar das articulações sociais: “às camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante” (2010, p.12). Com a literatura emergente nas últimas décadas esse cenário pode mudar, os textos dessas escritoras produzem personagens que continuam sendo subalternos, excluídos do sistema imperialista/capitalista, no entanto eles passam a ser produzidos e

narrativizados enquanto sujeitos de uma história, e não mais como meros objetos de estudo. Esta postura permite que os personagens sejam de fato problematizados e que eles não sejam postos no texto como detentores das mesmas características, com trejeitos simplórios e superficiais.

Romances → Tópicos↓	<i>Mr. Potter</i>	<i>At the Full and Change of the Moon</i>	<i>Becos da Memória</i>
Protagonista	Senhor Potter	A história tem início com Marie Ursule, mas cada história tem seu protagonista	Maria-Nova
Tipo de narração	Terceira pessoa – a narradora é Elaine	Terceira pessoa (narrador não identificado), o capítulo 8, que contém a carta de Eula está em primeira pessoa	A narração é feita em terceira pessoa (narrador não identificado) ou por Maria-Nova
Outros personagens	Aparecem para exemplificar o ponto de vista de Elaine	Cada personagem é importante porque funciona como galhos de uma mesma árvore	O romance conta a história de vários personagens. Eles representam o universo da favela
Tempo	Passado, mas a retrospectiva da vida do senhor Potter não é contada de forma cronológica	Todas as histórias se passam num período histórico diferente	O tempo se estabelece em dois planos: conta-se a vida dos personagens durante a desocupação, mas contam-se também as

			histórias sobre a vida das pessoas antes da favela
Lugar	Antígua	A história começa numa fazenda em Trinidad e Tobago, os demais personagens estão espalhados	A história se passa numa favela não identificada com referência a outros lugares
Construção/ Desenvolvimento da narrativa	A narração acontece de forma fragmentada, abordando eventos-chave da vida do senhor Potter, desde a infância até a fase adulta	A narração acontece de forma fragmentada, contando a trajetória dos membros da árvore genealógica de Marie Ursule	A narração acontece de forma fragmentada, com as histórias de sofrimentos atuais e passados, sendo Maria-Nova um receptáculo de memórias
Total de capítulos	12 capítulos sem título, cada um funcionando como uma peça de quebra-cabeça	10 capítulos com títulos, cada capítulo foca a história de um membro ou um núcleo familiar	Não há capítulos, há 94 trechos sem títulos
Foco temático em primeiro plano	A influência da colonização e seus efeitos na identidade do sujeito pós-colonial	A identidade individual que padece de uma linha de ancestralidade	A identidade e a memória individual são interpeladas pela memória coletiva
Foco temático em segundo plano	A posição social do negro na sociedade antiguana	As diversas formas de exploração do sujeito negro, desde a escravidão até os dias atuais	Desigualdade social e racial como forma de silenciamento

Início da narrativa	O romance começa narrando a forma como o senhor Potter encarava seu dia-a-dia com naturalidade e alienação	Marie Ursule é apresentada, assim como o plano de suicídio coletivo através de uma planta venenosa	O romance se inicia com a narração de Maria-Nova sobre Vó Rita e uma homenagem a todos os moradores
Final da narrativa	Elaine reflete sobre a ausência do senhor Potter no mundo	Bola agradece à Marie Ursule e Kamena pela oportunidade de fugir da escravidão e de conhecer o oceano	Na última noite de Maria-Nova na favela é o momento da despedida, da insegurança e da esperança
Observação sobre a narrativa	O texto apresenta repetições de sentenças usadas de forma estratégica, a fim de confirmar a vida comum e as deficiências sociais do senhor Potter	A narrativa é complexa porque aborda vários personagens, mas é construída para apontar para um mesmo raciocínio	Narrativa de contorno leve, sempre mudando o foco de um personagem para outro com fluidez; a linguagem é simples mas a densidade com que os eventos são narrados é elevada

Quadro - Figura 8

Em primeiro lugar acreditamos que a escolha dos protagonistas e a forma como se dá a narração revela muito da proposta das escritoras, já que os personagens que aparecem nos três romances não são o ‘modelo comum’ ou a escolha mais usual em textos literários; basicamente as narrativas constroem um cenário que revela a exploração pura que vivenciam os descendentes dos negros escravizados durante séculos em sociedades com histórico de colonização. Fanon afirma: “o problema negro não se limita ao dos negros que vivem entre os brancos, mas sim ao dos negros explorados, escravizados, humilhados por uma sociedade capitalista, colonialista, apenas acidentalmente branca” (2008, p. 169-170), em cada romance

analisado nesse capítulo encontramos substratos que exemplificam a tônica da sociedade capitalista que continua a incutir no inconsciente coletivo das pessoas a inferioridade do ser negro em contraposição à superioridade do ser branco. Em nenhum dos textos literários analisados aqui encontramos algum personagem/protagonista negro bem sucedido, o que há são personagens conscientes ou não de sua condição social, e a partir daí personagens que lutam e personagens que desistem.

Estamos diante de romances com personagens negros que não são abordados através de estereótipos, mas são representados como pessoas com dilemas existenciais e dificuldades reais; as narrativas acontecem em terceira pessoa com o intuito de viabilizar um olhar mais amplo de um contexto plural. Mesmo que pensemos que em *Mr. Potter* apenas um personagem se sobressai de fato a narração deixa claro que sua história é um substrato da história de todo um povo. Outra questão importante é o fato de que a narrativa é realizada por uma mulher, o que quebra muitos dos preconceitos vividos na própria Antígua e em diversos outros lugares, Elaine detém mais educação formal do que a maioria da população da ilha – homens ou mulheres – e usa desse artifício para refletir sobre a condição de seu pai e sua própria condição. Os personagens de *At the Full and Change of the Moon* também não possuem a voz da narração nem os meios para libertar-se por completo da submissão a que são expostos, mas em todo momento a atitude de Marie Ursule se sobressai e é a falta dessa aproximação com o passado que inviabiliza atitudes que possam de fato libertar os descendentes da escrava dessa existência esquizofrênica. Já em *Becos da Memória* os personagens contam suas histórias para Maria-Nova como forma de desabafo, há poucas pessoas que ainda acreditam na mudança, no entanto dos três romances talvez seja o único que abre espaço para a esperança num futuro diferente; é entrando em contato com a história de seus vizinhos e parentes que a protagonista sofre, mesmo assim ela resolve fazer algo que possa tornar a trajetória dessas pessoas visível.

Em relação aos tópicos ‘tempo’ e ‘lugar’ mais uma vez o que se destaca é o fato de os romances apresentarem um foco tão forte em acontecimentos que se passaram em momentos e lugares distantes do cenário de primeiro plano, mas que continuam fazendo parte do presente dos personagens, o que indica a importância do passado e da memória para a construção narrativa apresentada na perspectiva pós-colonial. A fragmentação na forma de apresentar os fatos e os personagens é comum nos três romances, o que indica a opção de Kincaid, Brand e Evaristo em não se ater à linearidade da história, o que importa nessas

narrativas não é a ordem cronológica, mas a ordem estrutural dos eventos, ou seja, elas estão mais interessadas na continuidade da estrutura de exploração; os eventos narrados funcionam como retalhos que vão sendo costurados revelando assim uma realidade sociocultural comum que confirma a condição de inferioridade em que vivem os personagens.

Tendo em vista o fato de que essa inferioridade é explicada pela cor da pele dos personagens Moura explica que tudo que tem a ver com o universo dos descendentes de africanos é encarado com desdém e desprezo:

Por questões de formação histórica, os descendentes dos africanos, os negros de um modo geral, em decorrência da sua situação inicial de escravos, ocupam as últimas camadas da nossa sociedade. Em consequência, a sua cultura é também considerada inferior e somente entra no processo de contato como sendo cultura primitiva, exótica, assimétrica e perturbadora daquela unidade cultural almejada e que é exatamente a branca, ocidental e cristã. (1988, p. 48)

Graças à escravidão a que foram submetidos os descendentes de africanos ficaram marcados para sempre, dessa forma a cor da pele se estabelece como principal fonte de desigualdade social. A figura do negro foi historicamente ligada à barbárie, e hoje, apesar de avanços, é posta num lugar de invisibilidade social. Em *Mr. Potter*, *At the Full and Change of the Moon* e *Becos da Memória* essa invisibilidade é contestada desde o início, esses romances desarticulam a lógica da ideologia dominadora capitalista; eles apresentam temáticas similares, especialmente porque o foco narrativo gira em torno das formas de exploração e a posição social adquirida pelos personagens negros. O objetivo de escrever uma narrativa que torne visível a desigualdade social e racial vai além da tentativa de representar o negro como vítima do sistema imperial/colonial/capitalista; o que Kincaid, Brand e Evaristo fazem, cada uma à sua maneira, é problematizar os valores discriminatórios dessas sociedades mostrando personagens que se afastam muito da concepção estereotipada. É por essa razão que encontramos personagens que são controversos, mas que nunca são afastados de sua condição humana, nunca são animalizados ou objetificados.

2.4 Colonialidade do poder e outras construções problemáticas

Esses romances propõem a história de seus personagens como um arquétipo da história dos negros e como ela foi diretamente destruída pela legitimação das relações de dominação graças a um discurso baseado na superioridade da raça branca. Como dissemos a história de cada personagem não pode ser entendida por completo a não ser que a analisemos como uma representação coletiva de um povo que não possui história nem voz, e por essa razão está destituído de consciência sobre sua situação. Quando Elaine afirma “*Mr. Potter’s lifetime began in the year fourteen hundred and ninety-two but he was born on the seventh day of January, nineteen hundred and twenty-two*”⁹² (KINCAID, 2002, p. 177) fica claro que o protagonista do romance representa muito mais que um mero personagem ficcional. O senhor Potter é a representação do sujeito pós-colonial que é parte de uma engrenagem histórica e cultural, ele não é apenas uma pessoa, ele é parte de uma coletividade, e nesse caso específico essa coletividade tem sofrido as amarras do colonialismo e da colonialidade há muito tempo; a história do senhor Potter não começa com seu nascimento, mas com a chegada de Cristóvão Colombo à ilha; esse marco histórico não apenas define os rumos da vida do protagonista de *Mr. Potter* como também definiu a vida de Kincaid e sua família, essa interferência pode ser pensada, por exemplo, em alguns dos textos não ficcionais da escritora. No ensaio *In History* (1997) Kincaid levanta a problemática sobre o peso da História para indivíduos, que da mesma forma que ela, nasceram num espaço colonizado, nesse caso ela explica que houve a necessidade por parte do colonizador europeu de preencher o ‘vazio’ que era o Novo Mundo; referindo-se a Cristóvão Colombo (figura que é mencionada em outros de seus textos, como o romance *Annie John*) Kincaid afirma: “*This world he saw before him had a blankness to it, the blankness of the newly mode, the newly born*”⁹³ (1997, p. 2). Esse vazio que o colonizador enxerga é pernicioso porque apaga os indivíduos que viviam no lugar, que tinham uma trajetória e haviam estabelecido sua cultura e seus costumes de forma livre. Kincaid, assim como o personagem senhor Potter, é resultado dessa visão reducionista do colonizador branco que permite o apagamento de uma história que se supôs não existir.

⁹² “O tempo de vida do senhor Potter começou no ano de mil quatrocentos e noventa e dois mas ele nasceu no décimo sétimo dia de janeiro, em mil novecentos e vinte dois”

⁹³ “Este mundo que ele viu diante dele tinha um vazio, o vazio recém-feito, o recém-nascido”

Há uma diferença entre os termos ‘colonialismo’ e ‘colonialidade’, e ela tem a ver com o momento em que cada ação acontece. O colonialismo ocorre durante o período em que a colonização acontece no território, nesse primeiro momento o colonizador passa a tornar real e concreto o discurso de inferioridade do colonizado e através da internalização do discurso colonial a população nativa passa a ser controlada em diversas frentes. É um engano pensar que a independência política indica uma libertação total, pois ela faz parte de uma engrenagem muito mais complexa: “o colonialismo [...] não se extinguiu com a independência porque a colonialidade do poder e do saber mudou de mãos.” (MIGNOLO, 2003, p. 129) A colonialidade do poder é, portanto, parte desse processo de inferiorização do colonizado; diríamos, inclusive, que a colonialidade é o resultado mais bem elaborado do colonialismo e por essa razão não termina com ele, apenas assume outra forma; nesse aspecto a colonialidade se apresenta como a principal herança do passado colonial. Segundo Quijano a colonialidade se sustenta como

um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial do poder capitalista. Sustenta-se na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do referido padrão de poder e opera em cada um dos planos, meios e dimensões, materiais e subjectivos, a existência social quotidiana da escala societal. (in SANTOS & MENESES, 2010, p. 73)

Mas afinal, qual a relação entre essa classificação racial/étnica com o foco narrativo de *Mr. Potter, At the Full and Change of the Moon e Becos da Memória*? Como afirmamos no capítulo anterior a literatura é muitas vezes um cano de escape, uma forma de o escritor lidar com o mundo exterior por meio da arte. As obras estudadas revelam com precisão a existência dessa classificação racial/étnica a que se refere Quijano, e as escritoras exploram a dinâmica dessa classificação a fim de subvertê-la em suas bases. Em *Mr. Potter* dois trechos exemplificam bem a postura passiva do senhor Potter frente ao mundo: no início do romance Elaine conta como o pai se vestia e andava pelas ruas sem conhecimento de sua condição subalternizada: “*and none of this reminded him of himself in any way and that was only because everything he saw was so closely bound to him; between him and all that he saw there was no distance of any kind*”⁹⁴ (KINCAID, 2002, p. 5), aqui a referência diz respeito ao fato de que não era possível diferenciar o senhor Potter de nenhum animal ou lugar da ilha, tendo em vista sua imersão à vida que levava; mais a frente Elaine fala outra vez sobre a

⁹⁴ “e nada disso o lembrou de si mesmo de jeito algum e isso foi porque tudo o que ele viu estava tão intimamente ligado a ele; entre ele e tudo o que ele viu não havia qualquer tipo de distância”

passividade do pai: “*Mr. Potter drove along and nothing crossed his mind and the world was blank and the world remained blank*”⁹⁵ (idem, p. 34). É possível relacionar esses fatos narrados por Elaine com o constante lembrete de que seu pai não sabia ler ou escrever, e também não conseguia se comunicar com desenvoltura, nem era capaz de analisar sua condição, muito menos lutar para mudá-la. O senhor Potter era, portanto, um ser silenciado, um ser colonizado.

A relação do senhor Potter com alguns estrangeiros narrada no texto é importante para compreender o complexo de superioridade do estrangeiro/colonizador em relação ao nativo/colonizado, que, por sua vez é posto como “um débil” (MEMMI, 1989, p. 79). Esse é o caso do doutor Weizenger e sua esposa May, pessoas que nutrem um sentimento de desprezo para com todos da ilha, inclusive o senhor Potter: “*Such stupidity, thought Dr. Weizenger to himself when he met Mr. Potter, so much ignorance*”⁹⁶ (KINCAID, 2002, p. 10) e ainda: “*How repulsive is this man, thought Dr. Weizenger; how ugly is his face, thought his wife May*”⁹⁷ (idem, p. 17); ora, fica claro o desnível na relação entre esses personagens e como esse desnível refere-se à ideia de raça e à classificação racial/étnica a que se referia Quijano. Crescer num ambiente tão hostil em que se é constantemente lembrado de sua ‘ignorância’, viver numa sociedade que depende de seu trabalho, mas que o menospreza, promove no indivíduo pós-colonial uma percepção de que o complexo de superioridade do branco e o complexo de inferioridade do negro são reais e justificados e, mais que isso, deixa a impressão de que esses complexos são naturais; é através desse sistema que todo o saber do sujeito também é colonizado.

Através destes e de outros fragmentos do romance confirmamos a percepção de que o senhor Potter, assim como outras pessoas da ilha, é vítima do jogo da colonialidade: “O livro problematiza esta *voicellessness* pós-colonial, ou seja, o paradoxo de ter e não ter uma voz enquanto legado principal da colonialidade” (WALTER, 2009, p. 183). Essa problematização passa, necessariamente, tanto pela postura do colonizador quanto pela postura do colonizado; aliás o conceito de *voicellessness* trabalhado por Roland Walter aparece como um indicativo da interação hierárquica e desigual que é a base da relação entre colonizador e colonizado. As marcas da colonialidade deixam feridas profundas que inviabilizam uma reação do senhor

⁹⁵ “O senhor Potter dirigiu e nada passou por sua cabeça e o mundo estava em branco e o mundo permaneceu em branco”

⁹⁶ “Quanta estupidez, pensou consigo mesmo o doutor Weizenger quando ele conheceu o senhor Potter, tanta ignorância”

⁹⁷ “Quão repulso é este homem, pensou o doutor Weizenger; quão feio é seu rosto, pensou sua esposa May”

Potter frente aos maus tratos que ele vivencia diariamente, e já que “o inconsciente coletivo, sem que haja necessidade de recorrer aos genes, é simplesmente o conjunto dos preconceitos, mitos, atitudes coletivas de um grupo determinado” (FANON, 2008, p. 159) é improvável que o sujeito subalternizado sem consciência de sua condição proponha mudanças ou lute por elas, pois há um sentimento de conformação a essa condição marginalizada que já está cristalizado.

Quando Brand narra a história de diversas pessoas ligadas por uma ancestralidade desconhecida em *At the Full and Change of the Moon* o que aparece em comum, além dos laços de sangue que conecta todos os personagens, é a condição social vivida por esses indivíduos, pessoas sem qualquer conhecimento sobre suas raízes e passado, buscando, por um lado, um espaço no mundo e sendo exploradas das mais diversas formas, por outro. Marie Ursule, a primeira personagem que aparece no romance, mesmo sendo a única que de fato vivenciou a escravidão do século XIX (ela já era escrava antes de 1819), parece ser a única com consciência de sua história e por essa razão escolhe fugir da escravidão através do suicídio. Por mais drástica que a atitude da personagem possa parecer essa não era uma ação incomum⁹⁸; a mãe de Bola estava completamente arruinada e com a certeza de que não era possível para ela e seus companheiros viver uma vida nova:

*Marie Ursule could not go herself because of her limp. And even more because of her heart, so killed now, so full of wrath, she could not think of escape for herself. She could not imagine the mountains, or Arauc or Terre Bouillant where they said life was free. She could not imagine or believe any place like that. She was ruined already*⁹⁹ (BRAND, 1999, p. 6)

Marie Ursule já não conseguia pensar em liberdade, seu ser já estava completamente entregue à derrota, ela também não tinha condições físicas de fugir por causa do pé decepado e sabia o que acontecia com os escravos recapturados, por isso era mais seguro se Bola fugisse sem ela. De qualquer forma não devemos esquecer que o suicídio pode ser encarado como uma forma de resistência à escravidão; para Orlando Patterson (1985) a escravidão era um estado de morte social e, portanto, a escolha de Marie Ursule parece ser uma forma de

⁹⁸ Há uma série de relatos de escravos cometendo suicídio, e a própria Brand em entrevista afirma ter criado a história de Marie Ursule a partir de uma história lida sobre um suicídio real ocorrido numa fazenda no ano de 1802.

⁹⁹ “Marie Ursule não podia ir ela mesma por causa de sua condição de manca. E ainda mais por causa de seu coração, agora tão morto, tão cheio de ira, ela não podia pensar em fuga para si mesma. ela não podia imaginar as montanhas, nem Arauc nem Terra Bouillant onde eles diziam que a vida era livre. Ela não podia imaginar ou acreditar em nenhum lugar como esse. Ela já estava arruinada”

libertação dessa morte social. Por mais que ela não seja capaz de acreditar numa terra em que pudesse de fato ser livre a personagem ainda tinha esperança de que pudesse salvar a filha dos horrores da vida escrava, Marie Ursule acreditava que por ser tão nova Bola não podia compreender as mazelas da condição de escrava; isso significa dizer que mesmo não sendo capaz de pensar num futuro para si mesma Marie Ursule pensa no futuro das novas gerações, no futuro de seu povo. Este ato constitui-se, portanto, num ato de resistência em prol de um futuro no qual Marie Ursule não seria capaz de viver, mas a personagem tinha a certeza de que seus descendentes conseguiriam.

A facilidade com que o romance nos permite fazer uma conexão sobre a posição do negro e a colonialidade do poder é evidente e reside no fato de que Brand apresenta temáticas que demonstram a força da ideologia racista na formação da identidade dos indivíduos, essas temáticas têm a ver, por exemplo, com as questões relacionadas ao gênero, raça e condição econômica que acompanham os personagens. A verdade é que “A expulsão do negro, sua colocação na invisibilidade e a persistência da noção de ‘raça pura’ são resíduos coloniais que ainda aprofundam cada vez mais a outremização do negro devido ao esquema dérmico” (BONNICI, 2012, p. 57), durante todo o romance veremos que as sociedades funcionam como espaços de deslocamento identitário e de exclusão. Um exemplo claro sobre a persistência com que os resíduos coloniais continuam inviabilizando a ascensão social dos indivíduos negros pode ser identificado quando Eula escreve uma carta para sua mãe (que já estava morta): “*I was reading a book the other day about the nineteenth century and it seemed like reading about now*”¹⁰⁰ (BRAND, 1999, p. 234); esse trecho aponta a realidade sociocultural de todos os personagens do romance, uma vez que eles continuam vivendo num processo de outremização que sem fim, continuam presos à mesma realidade opressora que impulsionou o suicídio de Marie Ursule e dos demais escravos. O tempo passou no entanto a certeza de um sentimento de vazio continua, esse vazio passa, primeiramente, pela noção de que o sofrimento dos personagens é contínuo e sem fim, afinal: “*Time is a collection of forfeits and damages*”¹⁰¹ (idem, p. 37). A certeza de que a história se repete para os vencedores e o mesmo acontece para os vencidos¹⁰² promove uma realidade circular em *At the Full and Change of the Moon*, os personagens continuam vivenciando os mesmos dramas em cenários geográficos e tempos históricos diferentes.

¹⁰⁰ “Eu estava lendo um livro outro dia sobre o século 19 e pareceu como se eu estivesse lendo sobre agora”

¹⁰¹ “O tempo é uma coleção de confiscos e danos”

¹⁰² Kincaid inclusive usa exatamente esses termos quando fala sobre a condição de seu povo no romance *The Autobiography of My Mother* (1996).

Para Roland Walter a escrita brandiana relata “lugares e pessoas [que] são deslocados num entre-espaço que se repete tanto no real como no imaginário – um espaço onde o conhecimento de si próprio, de seres conscientes de si, é constantemente adiado mediante uma sequência de perdas” (2009, p. 202), as quais acabam privando os personagens de qualquer reação. O deslocamento dos descendentes de Marie Ursule resulta numa realidade complicada porque eles não possuem a consciência de seu próprio passado e por essa razão eles não podem ter uma voz nem força para buscar um futuro diferente (esse cenário é resultado do peso histórico que recai sobre os negros espalhados pelas Américas). De qualquer forma os personagens do romance brandiano vivem uma existência despedaçada e esquizofrênica, o sofrimento ainda é maior porque a maioria deles não entende o porquê dessa sensação, nem o que fazer para seguir em frente, eles não estão conscientes das razões existentes para sua condição atual:

*Every day you wake up and there's something trying to break your heart (...). If he tried to tell anyone, Dieter for instance, how would he explain it? How would he explain something cracking in his heart like a stiff door opening to let in something you don't want? How would he explain that? And how would he tell him he didn't know where it came from, this spoon dipping out his heart like emptying a bowl, how would anyone feel that, know it enough to feel it when he himself didn't understand it...*¹⁰³
(BRAND, 1999, p. 175)

Esse trecho refere-se ao sofrimento silencioso de Adrian Dovette e explica a sensação desconfortável e inexplicável do personagem; por mais que os demais personagens não sejam capazes de semantizar essa mesma sensação de Adrian essa citação traduz o sofrimento de cada um deles. As trajetórias narradas em *At the Full and Change of the Moon* trazem à tona um mosaico formado por aqueles silenciados pela História Oficial; o romance aborda com bastante intensidade a construção de personagens que continuam vivenciando as consequências da escravidão e da internalização do discurso racista que promove a perpetuação do complexo de inferioridade do negro (FANON, 1968), fazendo perpetuar o modo de ver e viver no mundo colonial mesmo em sociedades ‘independentes’. A colonialidade do poder impede que a diversidade e a alteridade se concretizem enquanto

¹⁰³ “Todo dia você acorda e há algo tentando quebrar o seu coração (...). Se ele tentasse contar a alguém, para Dieter por exemplo, como ele explicaria isso? Como ele explicaria algo rachando seu coração como uma porta rígida abrindo para deixar entrar algo que você não quer? Como ele explicaria isso? E como ele diria para ele mesmo que não sabia de onde vinha isso, essa colher mergulhando em seu coração como se esvazia uma bacia, como alguém sentiria isso, como alguém saberia o suficiente para sentir isso quando ele mesmo não conseguia...”

realidade possível, Moore indica que “O problema da sociedade racializada não é tanto a presença ou não de ‘diversidade’ e seu reconhecimento formal como um dado social ou cultural, mas o reconhecimento positivo da *diferença* no sentido da aceitação do Outro Total” (2007, p. 292), ou seja, a promoção da diversidade não pode ser mero autoengano, ela precisa de ações concretas e do entendimento de sua funcionalidade. É preciso não apenas ressaltar a existência da diferença (o que é óbvio), mas pensar nessa diferença enquanto algo que não é negativo ou indicativo de inferioridade. A obra de Frantz Fanon continua tão atual porque a realidade por ele descrita continua presente nas relações sociais, ainda não fomos capazes de superar os resquícios das relações impostas a partir da colonização.

No romance *Becos da Memória* a desigualdade racial e social é constantemente evocada para explicar o desespero e a falta de esperança das pessoas que moram na favela a ser desocupada. Mais uma vez é possível ligar racismo e colonialidade através da exposição das relações sociais entre os negros moradores e as pessoas de fora da favela. Os moradores da favela atravessam a avenida e já se encontram em bairros nobres, eles são os empregados das pessoas brancas e com boa condição econômica e vivem diariamente a exclusão e opressão causadas por uma sociedade capitalista altamente racista, mas que continua pregando a existência de uma democracia racial. Maria-Nova tem a compreensão dessa realidade que se apresenta de maneira dúbia e prova ter uma consciência crítica com o que aprende na escola que frequenta: “ela iniciava seus estudos de ginásio. Lera e aprendera também o que era casa-grande. Sentiu vontade de falar à professora. Queria citar como exemplo de casa-grande, o bairro nobre vizinho e como senzala, a favela onde morava” (EVARISTO, 2013, p. 104), entre tantos personagens a menina de *Becos* pensa sobre sua vida e de seu povo fazendo um paralelo com a vida daqueles que viveram nas senzalas trabalhando para os ‘sinhôs’ da casa grande. Maria-Nova é, sem dúvida, a personagem que mais se aproxima da própria Evaristo, o paralelo que a personagem traça entre senzala e favela serve para atualizar as condições precárias do indivíduo negro nas grandes cidades e se aproxima da realidade vivida pela escritora mineira em seus tempos de juventude.

Segundo Carlos Moore é preciso compreender as estruturas que alicerçam o mundo capitalista em seus moldes atuais:

O mundo moderno, o capitalismo e a indústria são incompreensíveis, e inexplicáveis, sem os três fatos fundantes da Modernidade: a) a brutal investida da Europa Ocidental no Continente Africano; b) o empreendimento de um tráfico negreiro transoceânico e de grande porte que envolveu dezenas de milhões de seres humanos; c) e com a imposição aos africanos de raça

negra, nas Américas, e por mais de três séculos, de um sistema de escravidão social, que gerou as fabulosas riquezas para o mundo Ocidental, dando origem ao capitalismo industrial. (2007, p. 216)

Moore é taxativo em relação à contribuição do tráfico negreiro e da escravidão como fatores principais para entendermos o boom da Modernidade. Essa linha de pensamento corrobora com a ideia de Anibal Quijano (*in* SANTOS & MENESES, 2010) sobre a formação e o amadurecimento do capitalismo mundial através do uso de mão-de-obra escrava (negra) e como a questão da raça apresentou-se nesse cenário enquanto uma das questões centrais para entender as relações de exploração continuada (ao lado da questão do trabalho e de gênero). Em *Becos* essa relação pode ser vista, por exemplo, através da experiência de Tio Totó: “Sabia que não nascera ali, como também ali não nasceram seus pais. Estavam todos na labuta da roça, da capina. Sabia que seus pais eram escravos e que ele já nascera na ‘Lei do Ventre Livre’. Que diferença fazia? Seus pais não escolheram aquela vida e nem ele” (EVARISTO, 2013, p. 33). No romance de Evaristo a fragmentação das histórias serve como forma de reafirmar a própria fragmentação da identidade dessas pessoas, e em especial para configurar na jovem Maria-Nova, o desejo de lutar contra o sofrimento de seu povo. A protagonista mostra consciência de que seu povo sempre foi o perdedor, e que a sua história e sua voz sempre foram silenciadas como forma de legitimar essa realidade, por essa razão

o que doía mesmo em Maria-Nova era ver que tudo se repetia, um pouco diferente, mas no fundo, a miséria era a mesma. O seu povo, os oprimidos, os miseráveis, em todas as histórias, quase nunca eram os vencedores, e sim, quase sempre, os vencidos. A ferida dos do lado de cá sempre ardia, doía e sangrava muito. (*idem*, p. 9)

Chama a atenção o fato de que quase todas as pessoas da favela assumem para suas vidas um senso de comunidade que lhes permite alentar suas dores. No entanto mesmo esse senso de comunidade não é capaz de dar-lhes força para resistir, como propunha Negro Alírio; eles não estavam acostumados a lutar por seus direitos, fugiram da escravidão e caíram em novas armadilhas. A colonialidade do poder apresenta-se através da instituição desse sentimento de impotência, por essa razão os moradores acreditam que seus destinos estão definidos, assim como o passado de seus antepassados foi traçado pelos traficantes, comerciantes e senhores de engenho. Apesar de lembrar esse passado, a narrativa de *Becos da Memória* analisa a atual conjectura das relações de trabalho, a partir da comparação com a

escravidão. Evaristo pontua a realidade vivida por seus personagens como resultado de uma classificação social baseada na cor da pele:

o menor salário das raças inferiores pelo mesmo trabalho dos brancos, nos atuais centros capitalistas, não poderia ser, tampouco, explicado sem recorrer-se à classificação social racista da população do mundo. Em outras palavras, separadamente da colonialidade do poder capitalista mundial. (QUIJANO, 2005, p. 120)

Os três romances operam demonstrando a força dessa classificação social racista, tendo em vista que ela funciona como forma de aprisionamento das pessoas em suas condições sociais e em suas relações pessoais. Nenhum personagem consegue desconstruir essa realidade, e os que chegam perto de fazê-lo, ou pelo menos mostram maior consciência, são aqueles que entram em contato com o conhecimento e refletem sobre ele. É o caso da narradora Elaine (*Mr. Potter*) e o aprofundamento que ela faz acerca da trajetória de seu pai; e também é o que acontece com os personagens Maria-Nova, Negro Alírio, e Bondade (*Becos da Memória*), todos eles pautam suas ações na ajuda ao outro: Bondade sempre traz alimentos e sempre está de prontidão para resolver algum problema; Negro Alírio explica aos companheiros de trabalho sobre seus direitos e ele mesmo aceita ser porta-voz para as negociações com os patrões; Maria-Nova ouve com atenção as histórias que lhe contam e reflete sobre elas chegando à conclusão de que elas precisam ser contadas e reconhecidas como parte da história de seu povo. São ações pessoais que possibilitam imaginar a viabilidade de ações coletivas mais abrangentes e que traduzam o desejo de mudar a realidade. No caso dos personagens de *At the Full and Change of the Moon* a forma como eles foram espalhados pelo mundo fez com que nenhum deles desenvolvesse uma consciência de luta, é claro que cada um busca reagir, mas nenhum deles foi capaz de criar um senso real de comunidade, é cada um por si.

2.5 A escravidão e a *voicelessness* do negro nas Américas

A história da escravidão é mais antiga do que alguns possam imaginar, há relatos acerca da existência de escravos séculos antes da instituição da hegemonia ocidental em relação ao resto do mundo no século XIV, para falarmos de um único exemplo podemos citar a história da Grécia, considerada o ‘berço da civilização’; e mesmo antes dos gregos já era comum usar a escravidão como punição para os inimigos derrotados em batalha. Patterson (1985) debruçou-se sobre um estudo comparativo entre algumas sociedades escravocratas para pensar as relações de poder e como elas se estabeleciam a partir de um ambiente hostil. Segundo o autor a morte social causada pela escravidão carregava uma dimensão simbólica forte e conceituada graças às relações de dominação em suas três facetas: a social, ligada diretamente à violência empregada; a psicológica, responsável por tornar o escravo completamente dependente de seu ‘dono’, um ser cativo, a alienação promovida aqui é uma ferramenta importante; e a cultural, que indicava que os escravos não tinham existência social e eram culpados pela própria situação.

Não podemos negar que as peculiaridades do processo histórico que instaurou a escravidão dos negros e os enviou para as Américas mais a dimensão simbólica das relações entre escravos e senhores contribuíram de forma substancial para o estabelecimento da dinâmica racista que é tão comum, mesmo sendo tão fortemente camuflada, nas sociedades com histórico de colonização. Morrison¹⁰⁴ afirmou que a vida moderna, como a conhecemos, começa com a escravidão, pois foi ela a responsável por um processo de desumanização dos negros no mundo inteiro, mas principalmente nas Américas, onde a mão-de-obra escrava negra foi a principal ferramenta para o enriquecimento dos países colonizadores (tendo em vista que o processo de escravização dos indígenas não foi bem sucedido). O grande problema reside no fato de que esse processo de desumanização que começou como forma de legitimar as atrocidades do tráfico negreiro e da escravidão se adaptou de tal forma às sociedades que a

¹⁰⁴ Toni Morrison nasceu em 1931 nos Estados Unidos, é escritora dos romances *Songs of Solomon* (1977) e *Beloved* (1987), entre outros. Graças a seu cargo de editora da *Random House* contribuiu de forma significativa para tornar popular a escrita negra nos Estados Unidos, lançando nomes como Angela Davies e Gayl Jones. Ganhou o Nobel de Literatura em 1993, sendo a primeira escritora negra a recebê-lo; em sua obra há a problematização das experiências do racismo e preconceito contra mulheres negras, além de uma reflexão profunda sobre o legado da escravidão, a tradição de oralidade da cultura africana e o legado cultural africano.

figura do negro continua sendo desvalorizada e depreciada, não apenas no período pós-libertação, mas principalmente na contemporaneidade. Em outras palavras a alforria dos escravos entre os séculos XVIII e XIX pode tê-los libertado da condição oficial de escravos, mas o discurso da colonialidade, que nos leva diretamente ao complexo de superioridade do branco e inferioridade do negro, enraizou-se de tal modo que o racismo pode passar despercebido.

O estabelecimento e manutenção das desigualdades sociais e raciais devem ser entendidos através do mapeamento do discurso e das ações que apagaram a história do povo negro enquanto indivíduos livres para instituir uma história em que esse grupo social é lembrado por sua experiência de cativo. Como resultado direto dessa desigualdade está a realidade que gera a *voicelessness*, o conceito traduzido por ‘não voz’ e que implica a voz que é silenciada pela colonialidade, subalternidade e marginalidade dos descendentes de africanos no continente americano; segundo Rancière precisamos “fazer falar os silêncios da História, essas terríveis pausas onde ela não diz mais nada e que são justamente seus tons mais trágicos” (1995, p. 218), só assim seremos capazes de reconstruir o passado e recuperar a voz apagada pela colonização e pela escravidão.

Evaristo fala sobre a *voicelessness* do negro na literatura afirmando que “Destacando a roupagem estereotípica com a qual os negros são vestidos em várias obras brasileiras, é possível ressaltar um imaginário construído em que o sujeito negro surge destituído do dom da linguagem” (2009, p. 22), mesmo que pensemos fora da realidade brasileira o processo de destituição da linguagem do negro – seja na literatura seja em outras esferas – acontece de forma a negar-lhe o direito à fala e à representação. Se pensarmos especificamente nos três países em que vivem e escrevem Kincaid, Brand e Evaristo perceberemos que as nuances do racismo remontam ao período de chegada dos negros às Américas e desde então têm se consolidado. Nos Estados Unidos a abolição total da escravidão acontece no final da guerra civil em 1867, mas outras ações nesse sentido já aconteciam desde 1780; no Canadá houve a instituição da lei de abolição gradual em 1793; no Brasil a escravidão foi oficialmente abolida apenas em 1888¹⁰⁵). Com datas similares há diferenças na maneira como os fatos ocorreram ou como as tensões se desenvolveram antes e depois do fim da escravidão, mas em todos esses países as relações entre brancos e negros ainda estão pautadas nos resquícios das

¹⁰⁵ Lembremos que no Brasil a Lei do Ventre Livre (1871) e a Lei dos Sexagenários (1885) não representaram muita coisa porque a situação dos filhos de escravos e dos escravos sexagenários continuava a mesma.

relações instauradas durante o período escravocrata¹⁰⁶. Dos três países aquele em que houve um embate mais violento sobre a libertação dos escravos e posteriormente a igualdade de direitos entre negros e brancos foram os Estados Unidos, enquanto no Brasil e no Canadá até hoje há uma mistificação sobre a condição da população negra, o que favorece a ilusão de que nesses países não há discriminação racial.

A análise dos romances que fazem parte desse segundo capítulo permite-nos pensar sobre a forma como Kincaid, Brand e Evaristo se posicionam sobre a composição e estabelecimento do poder baseados na classificação racial/social a fim de romper com a *voicellessness* do sujeito negro. É interessante ressaltar que há diferenças substanciais na forma com que cada autora explora esse tema: por mais que a personagem Elaine busque resgatar e contar a história do senhor Potter não houve luta para mudar a condição social do personagem; já no romance de Brand encontramos um ato de resistência isolado, mesmo se sacrificando para que a filha Bola não fosse escrava fica claro que a atitude de Marie Ursule não foi suficiente para que seus descendentes tivessem força para lutar contra a opressão; mesmo a união dos moradores na favela de *Becos da Memória* não funciona como mote para a luta e só Negro Alírio parece saber a real força que eles poderiam ter.

Nesse caso fica claro que a construção de personagens em cada um dos romances cumpre a função de refletir o lugar do negro na sociedade contemporânea, não através da construção de heróis, mas pela exploração do sentimento de vazio e perda; é partindo da (não)consciência de sua condição subalternizada que entramos em contato com o silêncio como forma de opressão. É assim que a *voicellessness* toma forma. Em *Mr. Potter*, por exemplo, o direito à fala é negado constantemente, o silêncio do personagem é um símbolo de sua opressão; quando se refere ao pai e a outros que vivem nessas mesmas condições a narradora Elaine afirma: “*the world would not allow them to do so, speak of the shadows in which they lived, the world would first shudder and then shatter into a million pieces of something else before it would allow them to do so*”¹⁰⁷ (KINCAID, 2002, p. 114). A narradora compreende que o ‘lugar das sombras’ em que o pai vive é um constructo social

¹⁰⁶ Por mais paradoxal que seja não podemos esquecer que essas relações sociais são influenciadas por uma ‘ideologia da democracia racial’ que mascara as reais condições de subalternidade da população negra, mesmo nos Estados Unidos, onde ao longo de décadas avanços significativos foram conquistados (mais que no Brasil, por exemplo), a quantidade de negros mortos em ações policiais, é maior do que em relação aos brancos. A segregação diminuiu muito, mas ainda está presente no país norte-americano; em pesquisa realizada pela Universidade de Brown ficou comprovado que os brancos vivem em bairros cuja média da população branca é 75% e apenas 8% é negra.

¹⁰⁷ “o mundo não permitiria que eles o fizessem, falar das sombras em que eles viviam, o mundo primeiro tremeria e quebraria em um milhão de pedaços de outra coisa antes de permitir que eles fizessem”

pautado na colonialidade, sendo assim a não linguagem do senhor Potter gera uma subordinação capaz de impossibilitar qualquer ação do protagonista do romance, que de fato viveu e morreu na marginalidade total.

A *voicessness* é, portanto, parte da engrenagem de subalternização do indivíduo negro colonizado. Pensando na instituição dessa não linguagem lembremo-nos do prefácio de *Pode o subalterno falar?*, em que Almeida fala sobre como o processo da fala necessita de um espaço dialógico para existir:

o processo de fala se caracteriza por uma posição discursiva, uma transação entre falante e ouvinte e, nesse sentido, conclui afirmando que esse espaço dialógico de interação não se concretiza jamais para o sujeito subalterno que, desinvestido de qualquer forma de agenciamento, de fato, não pode falar (SPIVAK, 2010, p. 15)

Para o sujeito subalterno o espaço dialógico nunca se concretiza e, sem ele, não é possível falar. Mesmo que o livro de Spivak não se refira ao sujeito da cor negra é inegável que a inexistência de diálogo também se faça presente nas relações sociais pautadas na ideia de raça. Quando a impossibilidade de participar do espaço dialógico passa a fazer parte da vida do sujeito ele para de acreditar na existência de uma liberdade de que ele possa, de fato, desfrutar. Figuras emblemáticas desse cenário sombrio são os personagens do senhor Potter, em *Mr. Potter*, e o Tio Totó, em *Becos da Memória*. Ambos parecem mais conformados com o que a realidade lhes reserva, não há neles esperança de mudança e por isso desistem de lutar; de certa forma é também o que acontece com Bola, filha de Marie Ursule, que apesar de ter conquistado a liberdade que a mãe tanto queria ficou presa numa realidade solitária:

*“Bola retreated into the sea the way one retreats into the bush. Fled the way one flees terrors, craving joys. The sea’s billowing mountains and crinkling ridges became as well known to her as any territory is known by its travellers. She plunged into its wide ways, its hesitations when waves crested, its untouchable crystals and soft diamonds.”*¹⁰⁸ (BRAND, 1999, p. 62)

¹⁰⁸ “Bola recuou para o mar da forma como se recua para o mato. Fugiu do jeito que alguém foge de terrores, desejando alegrias. Montanhas e cumes do mar ondulantes tornaram-se tão conhecidos para ela como qualquer território é conhecido por seus viajantes. Ela mergulhou em suas formas largas, suas hesitações quando as ondas com cristas, seus cristais intocáveis e diamantes macios.”

Bola passa a viver uma existência esquizofrênica que só pode ser explicada pela solidão em que ela vive, afastada de seu povo e de sua mãe, e sem qualquer referência humana que possa lhe dar força e coragem; ela refugiou-se na contemplação do mar e nem mesmo o nascimento de seus filhos gerou nela alguma mudança de atitude. Todos os romances analisados apresentam personagens que, assim como Bola, são socialmente ignorados e não possuem qualquer tipo de importância; a história de dominação e exploração está presente em cada trajetória narrada, ao mesmo tempo em que lapsos de resistência vão sendo construídos a partir da posição de alguns personagens que continuam a acreditar em mudanças, mesmo em cenários tão desfavoráveis. Nos casos da narradora Elaine (*Mr. Potter*), e dos personagens Marie Ursule (*At the Full and Change of the Moon*), Negro Alírio, Bondade e Maria-Nova (*Becos da Memória*) o que acontece é o contrário, cada um a sua maneira reconhece as dificuldades, mas continua acreditando na construção de um futuro diferente, libertador. São eles e suas ações que permitem às narrativas promover um discurso de resistência.

Richard Wright, considerado por muitos o primeiro escritor negro a conquistar grande importância na literatura mundial¹⁰⁹, acreditava que a palavra ‘negro’ era usada como uma ilha psicológica com o objetivo de aprisionamento. Na opinião de Wright “os padrões de repressão interna, culpa, miséria e desespero estabelecidos sob a disciplina social da escravidão perduram mesmo que a ordem política e econômica que os criou tenha sido parcialmente transformada” (*apud* MOORE, 2010, p. 303), o escritor norte-americano acreditava que a história de escravidão e opressão do negro nunca foi completamente superada, mas internalizada, tornando-se uma realidade cristalizada pela cultura, dessa forma o preconceito continua existindo em bases mais ‘amenas’. Na análise de *Becos da Memória*, assim como na própria fala de Evaristo acerca do romance, fica claro que existe uma construção consciente em aproximar os signos da favela e da senzala, com o intuito de mostrar o que significa realmente a vida na favela; o romance aborda de forma transparente que existe a perpetuação das condições miseráveis de vida da população negra no Brasil, a favela representa, portanto, o mesmo amontoado de pessoas negras escravas não mais dos senhores de fazenda, mas da condição econômica. É o mesmo que acontece no romance de

¹⁰⁹ Richard Nathaniel Wright nasceu nos Estados Unidos em 1908 e era neto de escravos libertos, Wright ficou conhecido pelos livros *Native Son* (1940), que traz um personagem que descobre não ser possível adaptar-se ao modelo de vida americano por causa de sua condição de negro, e *Black Boy* (publicado primeiramente em 1945), romance autobiográfico que aborda as condições de vida da população negra e as dificuldades do escritor durante a juventude vivida no sul dos Estados Unidos.

Brand, apesar do fato de que os descendentes de Marie Ursule não estão enclausurados numa favela como os moradores de *Becos*. Aqui podemos imaginar que os personagens criados por Brand representam os negros espalhados pelo mundo por causa da escravidão. Como já dissemos Bola se livra da condição de escrava, mas o fato de ter crescido sozinha, sem referências, provoca uma identidade pautada na esquizofrenia de sentimentos. Por causa do sofrimento de Bola ela também espalha seus filhos e filhas pelo mundo, deixando de oferecer-lhes o sentimento de pertencimento de que eles tanto sentem falta, a personagem precisou aprender a cuidar de si mesma e de se bastar; as atitudes de Bola são de quem não sente o pertencimento de um grupo ou de um espaço geográfico. Dessa forma, apesar de não agir de forma consciente e deliberada a personagem nunca é capaz de criar um elo de aproximação com os filhos nem um elo que permitisse uma relação com outra pessoa, sendo assim as relações de Bola acabam priorizando o físico/sexual, as experiências de Bola criaram nela uma impossibilidade de se relacionar (o mesmo pode ser dito do senhor Potter, que por ter crescido sem o carinho de sua família adotiva não foi capaz de estabelecer um relacionamento saudável).

Faz parte da violência colonial fundamentar seu discurso em elementos que inviabilizam o estabelecimento de uma identidade estável e saudável no sujeito negro, isso porque há uma necessidade em criar uma dicotomia que sustente a superioridade do indivíduo branco, nesse caso, como afirma Fanon “precisamos ter a coragem de dizer: é o racista que cria o inferiorizado” (2008, p. 90). Seguindo a mesma linha de raciocínio podemos dizer que é o passado de escravidão somado à instituição da colonialidade do poder na base social que gera a *voicelessness* e que permite que ela continue fazendo parte da realidade sócio-histórico-cultural. A impossibilidade de ter uma voz desempenha um papel importante para a manutenção do poder nos moldes atuais, por essa razão ao encontrar formas de recuperar a voz e a história de indivíduos completamente apagados como o senhor Potter, Marie Ursule e seus descendentes, e os moradores de uma favela brasileira as escritoras Jamaica Kincaid, Dionne Brand e Conceição Evaristo criam uma literatura atenta e consciente, produzindo o que passamos a chamar de poética de autorrepresentatividade feminina negra.

2.6 A literatura é (também) uma forma de autorresgate¹¹⁰

O que fazer quando a sociedade faz de você um ser invisível? Quando sua própria família não acredita em seu potencial? O que fazer se desde criança você aprende que não pode almejar nada de grandioso? Ou você aceita a invisibilidade, a *voicelessness* e todas as impossibilidades que lhe impõem ou você implode seu mundo e constrói um outro. Jamaica Kincaid afirma em entrevista¹¹¹ que “*I was inventing myself. I didn’t make up a past that I didn’t have. I just made my present different from my past*”¹¹²; há nela uma necessidade em transformar sua vida, e para isso ela não apenas mudou de país, como também afastou-se totalmente de sua família e começou a escrever, e a literatura virou seu mundo. “A escrita se apresenta como um novo combate: luta com as palavras, com a censura interna” (FIGUEIREDO, 2013, p. 88), a literatura de Kincaid, Brand e Evaristo faz uso da escrita para lutar, como forma de exorcizar o passado, e essa postura não tem nada a ver com esconder esse passado, o objetivo é mostrá-lo, é refletir sobre ele e apresentar a possibilidade de desconstruí-lo e de superá-lo.

Desde o capítulo 1 ficou muito claro que se nem sempre a literatura pode ser vista como uma forma de resgatar o autor de si mesmo, aqui é o que acontece. As narrativas analisadas neste capítulo reforçam o comprometimento das escritoras em desconstruir os paradigmas que por tanto tempo inviabilizaram a história dos negros; segundo Brand “*The horror is of course three or four hundred years of slavery, its shadows was and is colonialism and racism*”¹¹³ (BRAND, 2001, p. 22). Nossa análise parte da visibilidade que Kincaid, Brand e Evaristo criam sobre uma realidade histórica estabelecida por causa desse horror relatado na citação acima. O complexo de inferioridade, que teria início na infância, se fortalece com as experiências de racismo e opressão; colonialismo e racismo fazem parte do cenário social e cultural nas Américas.

¹¹⁰ Usamos como mote para esse subtópico a afirmação de Kincaid, que explica que o ato de escrever foi uma forma de salvar a si mesma (<http://www.gradesaver.com/author/jamaica-kincaid>, acesso em 30/10/2014).

¹¹¹ <http://www.missourireview.com/archives/bbarticle/interview-with-jamaica-kincaid/>, acesso em 30/10/2014.

¹¹² “Eu estava inventando a mim mesma. Eu não inventei um passado que eu não tive. Eu apenas fiz meu presente diferente do meu passado.”

¹¹³ “O horror é claro por trezentos ou quatrocentos anos de escravidão, sua sombra era e é o colonialismo e o racismo”

Para essas escritoras escrever sobre esse passado obscuro é uma forma de transformar o presente. Kincaid atualiza em *Mr. Potter* o desejo de possuir uma voz que além de pessoal/individual, é também um desejo de encontrar uma voz coletiva; o interessante aqui é o fato de que essa aspiração não fazia parte do senhor Potter, sujeito totalmente apagado, mas de Elaine: “*the line that is drawn through me, this line I have inherited, but I have not accepted my inheritance and so have not deeded it to anyone who shall follow me*”¹¹⁴ (KINCAID, 2002, p. 143). Ao mesmo tempo em que precisa lidar com a invisibilidade do pai, a narradora do romance também necessita lutar contra essa herança de dominação, criando uma nova herança para as futuras gerações; em outras palavras Elaine quer criar uma herança da escrita e não do silêncio. Nos romances *At the Full and Change of the Moon* e *Becos da Memória* também encontramos personagens que vivem à margem da história, buscando um espaço de representação positiva.

No romance de Brand os personagens estão em conflito entre a necessidade histórica de esquecer e o desejo pessoal de lembrar, exemplo dessa ambiguidade que percorre todo o romance pode ser traduzido a partir de duas passagens que demonstram com clareza que a história que os excluiu como sujeitos históricos também os aprisiona no silêncio: primeiro a mãe do personagem Priest, preocupada com o comportamento autodestrutivo do filho, afirma que lembrar causa sofrimento e pede que ele tente esquecer; em contrapartida a personagem Eula, ao escrever uma carta para mãe, fala de seu desejo em estar com pessoas que não precisassem esquecer porque seriam detentores de uma ‘linha’ de ancestralidade e pertencimento:

*A line that I can reach for in my brain when I feel off kilter. Something to pull me back. I want a village and a seashore and a rock out in the ocean and the certainty that when the moon is in full the sea will rise and for that whole time I will be watching what all of my ancestry have watched for, for all ages.*¹¹⁵ (BRAND, 1999, p. 247)

O desejo de Eula precisa de um lugar, aqui vemos que a personagem se sente uma folha ao vento. Da mesma forma que Kamena buscou a vida inteira encontrar Terre Bouillante, conhecida por ser uma comunidade onde os negros viviam livres da escravidão,

¹¹⁴ “esta linha que é desenhada através de mim, esta linha que eu herdei, mas eu não tenho aceitado minha herança e então não a tenho transmitido para ninguém que deva me seguir”

¹¹⁵ “Uma linha em que eu possa chegar no meu cérebro quando eu me sentir fora de ordem. Algo para me puxar de volta. Eu quero uma vila e uma praia e uma rocha no oceano e a certeza de que quando a lua estiver cheia o mar subirá e por todo esse tempo eu estarei observando o que meus ancestrais observaram, por todos os tempos.”

também Eula gostaria de encontrar um espaço em que fosse possível afirmar a identidade negra e onde a história do povo negro fosse contada. Os indivíduos que vivem em exílio, independentemente da razão, sentem a necessidade de continuar ligados à sua terra, mesmo quando têm a certeza de que não voltarão; no caso dos personagens de Brand esse desejo por uma terra está ligado à ancestralidade de um povo.

Em *Becos da Memória* há uma série de acontecimentos que são explorados para demonstrar que a história se repete permitindo que a comunidade negra continue sendo subordinada e submissa. Embora Maria-Nova entre em contato direto com a História Oficial através da escola, ela permanece convicta que essa história não conta toda a verdade, e revela à professora seu ponto de vista:

Maria-Nova levantou-se dizendo que, sobre escravos e libertação, ela teria para contar muitas vidas. Que tomaria a aula toda e não sabia se era bem isso que a professora queria. Tinha para contar sobre uma senzala que hoje, seus moradores não estavam libertos, pois não tinham nenhuma condição de vida. (EVARISTO, 2013, 209)

Em seguida Maria-Nova pensa em diversos personagens que não gozam de uma liberdade real e reflete sobre sua própria condição (ela, por exemplo, estava fora da faixa etária da turma porque teve que trabalhar antes de começar os estudos). Maria-Nova consegue criar uma linha de raciocínio bastante claro: “Eram muitas histórias, nascidas de uma outra História que trazia vários fatos encadeados, consequentes, apesar de muitas vezes distantes no tempo e no espaço” (idem, p. 209-210); Evaristo propõe, portanto, uma dupla escrita que mostra os dois lados da moeda – os vencedores/brancos/senhores e os perdedores/negros/escravos – demonstrando a força dos discursos históricos como espaços de marginalização. Em um de seus poemas a escritora mineira mais uma vez revela a existência de uma ‘história perdida’ que deve ser recuperada: “O que os livros escondem,/ as palavras ditas libertam./ E não há quem ponha/ um ponto final na história./ Infinitas são as personagens” (EVARISTO, 2008, p. 51-52); apesar de não fazer parte de nossa pesquisa esse poema apresenta a consciência de Evaristo em afirmar sua história com a certeza de que ela não continuará apagada, desde que se produza uma revisão histórica – mesmo via texto literário – que revele a configuração real do passado e do presente, possibilitando assim um futuro reconstruído pelas marcas da resistência.

Na obra de Kincaid, Brand e Evaristo o desejo em conquistar a personalidade histórica de um povo que teve sua história, suas origens e sua cultura apagadas pela colonização e pelo estabelecimento do capitalismo nos moldes modernos faz parte de uma estratégia de autorrepresentação positiva e não estereotipada. Em *Mr. Potter* os problemas de comunicação do pai de Elaine só podem ser explicados se pensarmos que o senhor Potter vive uma existência solitária, resultado do abandono sofrido mais o efeito da violência epistêmica sofrida por ele em todas as etapas de sua vida, para Elaine: “*he was all alone in the world, the world that refused to bear any trace of capriciousness of history, the world that had passed away*”¹¹⁶ (KINCAID, 2002, p. 39-40). O senhor Potter não consegue criar laços nem consegue impor sua presença às demais pessoas, ele é, simplesmente, uma peça movimentada contra sua vontade. Spivak acredita que a violência simbólica é uma forma de concretizar e exercer o poder simbólico, tendo em vista que “o mais claro exemplo disponível de tal violência epistêmica é o projeto remotamente orquestrado, vasto e heterogêneo de se constituir o sujeito colonial como Outro” (2010, p. 60), o romance kincaidiano mostra que a violência simbólica altera a subjetividade do indivíduo, porque tira a força e a vontade de estabelecer mudanças, inviabiliza a possibilidade de uma existência normal; o fato do protagonista do romance não ter tido voz mostra bem essa realidade, pois se “Falar uma língua é assumir um mundo, uma cultura” (FANON, 2008, p. 50), é também carregar o peso dessa cultura. Fica claro que a forma como o senhor Potter vê o mundo e a si mesmo faz parte da falta de uma subjetividade adquirida pela relação colonial/imperial que se perpetua nas relações sociais.

A violência simbólica é, portanto, importante para entender que as relações sociais se estabelecem a partir de traumas históricos. Em *At the Full and Change of the Moon* a conexão entre os personagens, suas histórias e seus sofrimentos vai além da vida e da morte da ancestral Marie Ursule, tem a ver principalmente com o esquema dérmico que estabeleceu a outremização e a invisibilidade do indivíduo negro (BONNICI, 2012) desde os tempos da colonização do continente americano e sua manutenção em larga escala. No entanto, é válido destacar que as ações da primeira personagem do romance não são diretamente responsáveis pelo despedaçamento da existência e da identidade desses homens e mulheres que continuam sentindo as marcas da escravidão, o que une Marie Ursule e seus descendentes também é o sofrimento incomensurável dos séculos de dominação desenfreada: “*In another century*

¹¹⁶ “ele era sozinho no mundo, o mundo que se recusou a dar qualquer traço de capricho da história, o mundo que havia falecido”

*without knowing her, because centuries are forgetful places, Marie Ursule's great-great-grandchildren would face the world too. But even that forgetfulness Marie Ursule had accounted for. Forgetfulness is true speech if anyone listens*¹¹⁷ (BRAND, 1999, p. 18). Esse trecho revela como o romance brandiano trabalha sobre a certeza de que o esquecimento também faz parte da história, o esquecimento dos descendentes de Marie Ursule não foi uma escolha, mas uma realidade imposta pelas condições que se estabeleceram pela decisão de Marie Ursule em separar-se da filha. E mesmo o esquecimento foi contabilizado por Marie Ursule porque a personagem compreendeu que era preciso agir, ao depositar suas esperanças na liberdade da filha e pensando nas novas gerações que surgirão, fica evidente que Marie Ursule agiu não apenas por desespero, mas também com confiança de que a mudança pudesse ser concretizada, que a liberdade seria conquistada, que as novas gerações seriam livres. Ao lutar pela sobrevivência da filha a personagem crê num futuro diferente. E apesar de esse ato de resistência não ser capaz de livrar Bola do sofrimento e da solidão não podemos esquecer que também Bola, à sua maneira, luta por sua sobrevivência; no último capítulo do romance – também intitulado *At the Full and Change of the Moon* – a narrativa, que voltou a focar na filha de Marie Ursule, mostra de onde vinha a necessidade de Bola em relacionar-se com vários homens:

*She had made them it seemed one after the other. Their fathers were different, one smelled sweet, one loved gold things, one lover to fish, later one was blind – she loved these men for what they loved or what they didn't have. And then again it was more selfish than that. She had a great appetite for anything.*¹¹⁸ (idem, p. 294)

Os sentimentos da personagem Bola eram confusos, ela cresceu tendo de conviver com a solidão e a orfandade, nesse caso ações que consideramos normais e saudáveis não são aplicáveis à forma como a personagem se relaciona. Bola amava os filhos, assim como amou cada homem com quem teve relações sexuais. O ponto principal é que a separação traumática entre Bola e Marie Ursule provocou na menina uma série de sentimentos conflituosos, a personagem sentia um vazio que não podia ser preenchido por ninguém, por essa razão ela não conseguia se envolver com ninguém durante muito tempo. Apesar de todo sofrimento

¹¹⁷ “Em outro século sem conhecê-la, porque séculos são lugares esquecidos, os tataranetos de Marie Ursule iriam enfrentar o mundo também. Mas mesmo esse esquecimento Marie Ursule tinha contabilizado. Esquecimento é o verdadeiro discurso se alguém ouve”

¹¹⁸ Ela os tinha feito um após o outro. Seus pais eram diferentes, um cheirava doce, um amava coisas de ouro, um amante de pescar, mais tarde um era cego – a ela amava esses homens pelo que eles amavam ou pelo que eles não tinham. E então novamente foi mais egoísta do que isso. Ela tinha um grande apetite por algo.

Bola luta para continuar viva, pois segundo ela mesma dizia aos seus filhos “*Life will continue*”¹¹⁹ (idem, 297). De certa forma Bola nunca desistiu da vida, esse grande apetite por algo que a narrativa menciona comprova que há desejo, muitas vezes o indivíduo não é capaz de materializá-los ou mesmo compreender sua natureza (essa mesma realidade também está presente em *Mr. Potter*).

Quando analisamos os personagens de *Becos da Memória* a sensação é que o sofrimento pulsa nas linhas do romance; Eduardo de Assis Duarte afirma que a obra de Evaristo (e de outros escritores afro-brasileiros) funciona como mecanismo para a “construção de uma imagem do povo negro infensa aos estereótipos e empenhadas em não deixar esquecer o passado de sofrimentos, mas, igualmente, de resistência à opressão” (2006, p. 306), a interação entre os personagens também mostra que eles repartem esse passado e ao contar essas histórias de opressão para Maria-Nova buscam proteger seu ‘legado’ e não silenciá-lo. A perspectiva de Maria-Nova reflete a amargura de uma realidade crua, afinal: “Ela quase sempre estava mais para a amargura. Achava os barracos, as pessoas, a vida de todos, tudo sem motivo algum para muita alegria” (EVARISTO, 2013, p. 56), esse sentimento tem a ver com o entendimento de que a vida de todas aquelas pessoas continuava a ser uma repetição da vida daqueles que viveram como escravos, personagens como Tio Totó viviam perdidos e sem esperança e Maria-Nova sofria junto com eles. Mas Conceição Evaristo não foca apenas no sofrimento sem fim, seu romance também é uma ode à perseverança, por isso ela cria personagens que fazem um contraponto ao pessimismo e à aceitação da realidade: “Negro Alírio, como Bondade e Vó Rita, eram incansáveis. Acreditavam e diziam que a vida de cada um e de todos podia ser diferente. Que tudo aquilo estava acontecendo, mas muita coisa podia mudar” (idem, p. 190). O romance de Evaristo leva às últimas consequências a esperança como sentimento possível, sendo assim os personagens responsáveis pela resistência compreendem qual é o apetite dos demais personagens: eles querem raízes, eles anseiam sair da sarjeta e encontrar um espaço de participação na sociedade.

As narrativas de *Mr. Potter*, *At the Full and Change of the Moon* e *Becos da Memória* de certa forma apresentam um movimento cíclico que se refere à continuidade da exploração do indivíduo negro. No romance de Kincaid o senhor Potter, que teve sua história modificada muitos séculos antes de ter nascido, morre na mesma obscuridade que foi sua vida; os personagens de Brand estão escravizados por uma realidade que começou com Marie Ursule e

¹¹⁹ “A vida continuará”

se perpetuou de formas diversas; por fim no texto de Evaristo os personagens que fugiram das más condições de vida no campo e se amontoaram na favela, são expulsos do lugar para se amontoarem em outros lugares. Essas realidades que se repetem e se mostram em ciclos opressores dão a tônica de que na obra literária dessas escritoras o final feliz é substituído por um final problemático que indica que não há felicidade onde há exploração.

Chamamos também a atenção para o fato de que nesses romances a proposta apresentada diz respeito a uma visão mais ampla das condições sociais dos descendentes de escravos nas Américas, e por essa razão também os personagens masculinos ganham espaço e mostram-se presentes no universo literário das escritoras Kincaid, Brand e Evaristo como possibilidade para observarmos a subalternidade e marginalidade vividas por ambos os sexos. Figueiredo afirma que “o silêncio se constitui na mais poderosa e eficiente forma de opressão, porque a linguagem lhe permitiria o acesso à revolta e à libertação” (2013, p. 87), a construção narrativa presente nos romances analisados quebra o silêncio da dominação a partir do momento em que insere no núcleo do texto personagens que deixam de ser estereotipados e lutam para se livrar de uma existência silenciada. Através da narração de histórias de pessoas ‘sem história’, ‘sem visibilidade’ e ‘sem voz’ encontramos na obra de Kincaid, Brand e Evaristo uma proposta de estabelecimento de uma escrita que se fundamenta numa poética de autorrepresentatividade contra o mutismo e a favor do grito. Esses romances trabalham a partir de uma conscientização do ser feminino negro que salta do texto e que é responsável pelo desejo de libertação, entre todos os personagens dos três romances talvez esse desejo apareça de forma mais latente e clara na personagem Maria-Nova, que está constantemente pensando numa forma de aliviar as dores de seu povo, mas esse desejo está, na verdade, em outros personagens: a narradora Elaine, por exemplo, não aceita a subalternidade e passa a contar os fatos através de sua perspectiva; Marie Ursule se sacrifica para salvar sua filha; Cordelia se desfez de um casamento infeliz para viver uma vida toda sua, livre das responsabilidades que sempre a aprisionaram; Negro Alírio trabalha com a conscientização de seus companheiros e amigos, a fim de estabelecer um caminho para lutar pelos direitos dos trabalhadores.

Terminamos esse capítulo reafirmando que os textos analisados indicam que a literatura pode mesmo ser uma forma de autorresgate, de reflexão, uma maneira de aliviar as diversas formas de opressão; no caso específico de escritoras como Kincaid, Brand e Evaristo as várias citações usadas em nosso trabalho indicam a existência de marcas de resistência que

vão sendo construídas e que tomam o lugar das marcas da opressão, ao longo das narrativas decifra-se a violência simbólica como sendo detentora da perpetuação da *voicelessness* do sujeito negro mesmo após a escravidão.

CAPÍTULO 3

O PASSADO E A MEMÓRIA COMO INSTRUMENTOS DE LUTA CONTRA A VIOLÊNCIA EPISTÊMICA

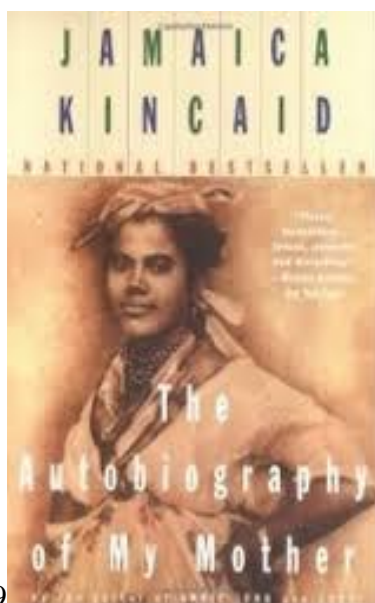


Figura 9

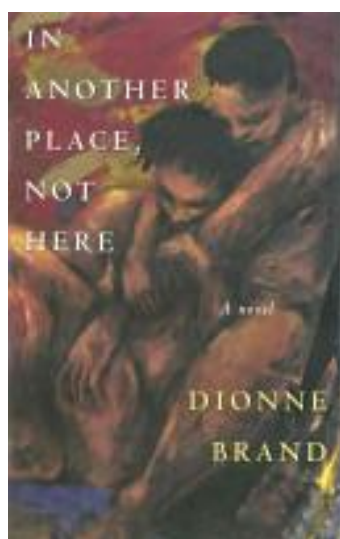


Figura 10

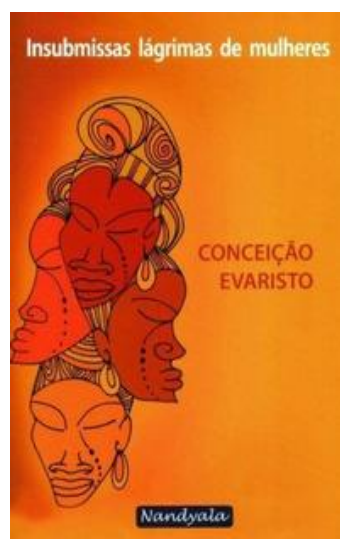


Figura 11

3.1 “Recordar é preciso”¹²⁰

No capítulo anterior trabalhamos a partir da construção e formação da identidade dos personagens de Kincaid, Brand e Evaristo buscando esclarecer como eles são interpelados num sistema/epistemologia dominante que produz e reproduz uma série de cenários de marginalização, promovendo um processo que resulta em vozes silenciadas e histórias apagadas pela violência física e pela violência epistêmica (SPIVAK, 2010). A partir desse panorama explorado no capítulo 2 tornou-se ainda mais evidente o quanto o trabalho mnemônico é importante na construção das narrativas dessas escritoras porque ele se apresenta como uma ferramenta contra as diversas violências. Ficou claro a necessidade em abordar como as escritoras objetos de nosso estudo trabalham com os elementos relacionados ao uso da memória enquanto ação para recuperação e revitalização do passado; em nossas análises percebemos que a memória surge como um instrumento de resistência para viabilizar a desconstrução da História Oficial, com essa atitude as inúmeras histórias que foram sendo extintas vão sendo contadas e problematizadas. Quando falávamos na existência da *voicelessness* como ferramenta do discurso colonial ficou claro que o caminho a ser percorrido para estabelecer a voz do sujeito negro é através do restabelecimento de suas origens a partir de uma ação afirmativa, aliado ao resgate do passado e da história.

A literatura aparece no século XX como um dos fatores essenciais para compreender o estabelecimento de uma identidade que tem como principal característica a sua fragmentariedade; a contemporaneidade nos submeteu a uma crise de identidade (HALL, 1996), no entanto os indivíduos que vivem ou viveram no signo da pós-colonialidade enfrentam uma crise de outra ordem, que possui um recorte bem específico, que passa pela subalternidade imposta pela experiência e pela ‘herança colonial’ (MIGNOLO, 2005). Transferindo essa crise de identidade para o mundo ficcional Kincaid, Brand e Evaristo apostam na problematização das vivências de seus personagens em suas relações afetivas e sociais a fim de gerar um sentimento de pertencimento, ou simplesmente uma busca por autoconhecimento. Sabemos que a relação do escritor com a sociedade é dialógica, e nela a

¹²⁰ Abrimos esse capítulo utilizando o título de um dos poemas de Conceição Evaristo, ‘Recordar é preciso’ (2008), em que o eu-lírico lança seu olhar para a relação do mar e a memória, revelando o sofrimento oriundo da diáspora e a relação entre a ancestralidade negra e o oceano.

memória cumpre função primordial porque é a partir dela que os eventos se conectam e se complementam; para Pierre Nora a memória deve ser entendida como um processo contínuo desenvolvido pelo e para o ser humano:

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. (1993, p. 9)

O entendimento de que a memória está em constante evolução permite mergulhar nas dinâmicas do processo mnemônico, é através da dialética entre passado e presente e entre lembrança e esquecimento que somos capazes de compreender a influência da memória para o indivíduo e, de uma forma mais ampla, para o grupo social a que este indivíduo pertence. Este mesmo raciocínio pode ser estabelecido quando falamos do texto literário, se “A obra literária não existe abstratamente. Não existe sozinha” (PORTELLA, 1963, p. 70) devemos encarar a memória como instrumento fundador do texto; em alguns casos ela é referência para a resistência, afinal memória, enquanto fenômeno coletivo (HALBWACHS, 1990), ajuda a entender o cenário sociocultural em que vivemos. Identificar a maneira como os discursos de memória vão sendo construídos nas narrativas literárias e refletir sobre como eles participam no desenvolvimento da identidade das personagens é uma forma de narrativizar o passado a partir de outra óptica, buscando assim um olhar diferenciado acerca da ‘realidade periférica’ ou da ‘experiência subalterna’. Esta postura nos permite estabelecer um paralelo importante que torna possível recriar o passado através de um novo ponto de vista, antes esquecido e ignorado pelo discurso cientificista da História.

Tendo em vista o papel central que a invocação do passado e o resgate da memória ocupam no processo de ressignificação da trajetória histórica do sujeito colonizado (lembrando que essa ressignificação acontece em dois níveis: o pessoal e o coletivo) abordaremos nesse capítulo como as narrativas pautam-se na recuperação da memória e como os personagens das obras analisadas vivenciam a experiência mnemônica. Para isso utilizaremos o romance *The Autobiography of My Mother* (1996), de Jamaica Kincaid, o romance *In Another Place, Not Here* (1997), de Dionne Brand, e o livro de contos *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011), de Conceição Evaristo; através dessas obras nos debruçaremos sobre a representação dos personagens a partir da centralidade do discurso

mnemônico. Partimos do princípio de que esse discurso promove uma implicação direta nos processos de memorização e rememoração, minando a experiência de marginalidade e subalternidade através de uma postura distinta que se afasta do discurso dominante que tornou possível e viável a construção e a manutenção de um império no Ocidente estabelecido e consolidado em diversas esferas (social, política, econômica) sobre o restante do mundo¹²¹.

Os romances e contos analisados mostram que apesar de o discurso ser controlado a memória é, de certa forma, autônoma, porque ela se estabelece através da interpretação dos fatos e não apenas pela existência pura e independente deles: “a memória, ao contrário do que as pessoas pensam, não recorda. Ela vai interpretar o que se viveu ou o que se pensa ter recordado. O homem recorda simplesmente o que a memória quer” (PIÑON, 1999, p. 3); nesse sentido ela se forma através de negociações ocorridas no tempo e no espaço, dessa forma experiências posteriores podem comprometer essa interpretação, assim como nossa visão de mundo ou outros fatores externos. Os textos analisados apresentam as experiências mnemônicas das protagonistas revelando que essas experiências são sempre uma interpretação do passado, uma retomada que nunca é imparcial. Através da memória o indivíduo cria a impressão de pertencimento; o mesmo acontece com a relação entre identidade e memória, já que ambas estão entrelaçadas e representam o “sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo” (POLLAK, 1992, p. 18); mas até que ponto esse sentimento de continuidade e coerência mantém-se intacto em obras como as de Kincaid, Brand e Evaristo, textos que representam sujeitos destituídos de narrativa histórica, que precisam buscar o passado como forma de buscar a si mesmos? Seguindo essa indagação é possível perceber que a importância da memória aparece não apenas nos livros escolhidos para este capítulo, pelo contrário, analisando num contexto mais amplo todos os textos de Kincaid, Brand e Evaristo utilizam-se da memória e da releitura do passado porque “na literatura pós-colonial a memória não se entrega a história, mas reconstrói a história mediante o futuro esquecido que segundo Walter Benjamin (1969), existe no passado e pode/deve ser recuperado” (WALTER, 2010, p. 10), ou seja, a memória resgata a história esquecida, apresentando configurações desconhecidas e estabelecendo novas conexões.

¹²¹ Para o sociólogo Paulo Henrique Martins (2015, p. 9) “a colonização planetária não foi o produto de uma evolução histórica linear gerada pelo avanço inelutável de uma cultura ‘superior’, o eurocentrismo, como nos ensinavam os livros de história universal, mas antes foi um processo histórico particular de conquista militar, de dominação econômica e religiosa que orientou a ocidentalização do mundo sob o sistema capitalista”, esse processo histórico criou ramificações fortes que dificultam a desconstrução do império Ocidental; o estudo das narrativas que propomos neste capítulo confirma que houve um processo histórico – que não deve ser ignorado – que nunca foi natural, apesar de sempre ter sido naturalizado e institucionalizado em diversas esferas sociais.

A pesquisa que fizemos com as entrevistas de Kincaid, Brand e Evaristo evidenciou o uso consciente do discurso autobiográfico em seus textos literários como forma de criar estratégias de afirmação acerca de suas experiências. Segundo Carole Boyce Davies existe uma subjetividade autobiográfica na escrita de mulheres negras que não deve ser ignorada: “*the autobiographical subjectivity of Black Women is one of the ways in which speech is articulated and geography redefined*”¹²² (1994, p. 21), a compreensão dessa subjetividade torna possível integrar os textos como ferramentas de resistência, ou seja, como formas de se autoinscrever e se autorrepresentar num mundo em que mulheres negras são invisíveis ou têm suas imagens deturpadas. As escritoras presentes em nosso estudo se encaixam bem nesse cenário porque fazem parte de um grupo de escritoras que tem utilizado um discurso autobiográfico, feminino, marginal e pós-colonial, e que está em evidência na literatura contemporânea como forma de promover rachaduras no sistema mundo moderno-colonial¹²³ e em seu modelo. Ao nos debruçarmos sobre os textos escolhidos percebemos que a racionalidade hegemônica (baseada no eurocentrismo) vai sendo desconstruída, e em seu lugar encontramos uma racionalidade alternativa, pautada nas relações familiares e/ou nas histórias de resistência.

3.2 Subjetividades femininas nos romances *The Autobiography of My Mother* e *In Another Place, Not Here* e nos contos de *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*

Os livros analisados estão inseridos no âmbito literário enquanto construções discursivas que apresentam ao leitor experiências de subalternidade que se pautam em

¹²² “a subjetividade autobiográfica de Mulheres Negras é uma das formas em que a fala é articulada e a geografia redefinida”

¹²³ O conceito sistema mundo foi cunhado pelo sociólogo Immanuel Warllestein e pode ser encontrado em seu livro *The Modern World System*, de 1974. O conceito de sistema mundo refere-se à constituição de uma centralidade política da Europa, fato que acontece a partir de 1492, segundo Porto-Gonçalves (2006) é com o desenvolvimento dessa estrutura durante o período de colonização das Américas que surge o sistema mundo moderno-colonial, configurando assim a marca da colonialidade no continente americano.

preceitos e valores historicamente institucionalizados por práticas racistas responsáveis pela cisão entre os grupos sociais, nesse modelo os grupos rotulados de minorias são excluídos porque são diferentes, sendo essa diferença marcada por um conceito de inferioridade. Kincaid, Brand e Evaristo constroem as narrativas *The Autobiography of My Mother*, *In Another Place, Not Here* e *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (respectivamente) a fim de introduzir de forma incisiva uma poética discursiva que desconstrua os mitos institucionalizados pelo sistema mundo moderno-colonial e promova uma problematização e uma conscientização sobre as marcas da violência física e epistêmica da colonização e das relações que se estabelecem a partir dessa visão/ação sobre o mundo.

Em alguns livros mais do que outros as subjetividades femininas são evidenciadas com mais força. No caso das obras analisadas neste capítulo é possível destacar que a questão feminina (e também a questão feminista) molda as narrativas, aqui encontramos protagonistas mulheres em busca de memória, história e identidade. Vejamos como as escritoras criam nessas obras um ambiente de subversão de valores estabelecidos socialmente através do uso da memória como ferramenta para o desenvolvimento de uma identidade cultural livre. Esses livros são a comprovação de que os textos literários de Kincaid, Brand e Evaristo apresentam uma pós-colonialidade pulsante, que subverte a lógica opressora apresentando alternativas às histórias de personagens marcados por um passado cruel e aterrorizante, nossa análise demonstra que os personagens que aparecem nos textos não são simplesmente postos como vítimas ou encarados como objeto de estudo de uma realidade estagnada, mas são sujeitos de uma história complexa e problemática que vai tendo desdobramentos à medida que as narrativas avançam. Gloria Anzaldúa, escritora e ativista chicana, acredita que é possível criar uma nova história a partir de uma nova postura:

Sou sem cultura porque, como uma feminista, desafio as crenças culturais/religiosas coletivas de origem masculina dos indo-hispânicos e anglos; entretanto, tenho cultura porque estou participando da criação de uma outra cultura, uma nova história para explicar o mundo e a nossa participação nele, um novo sistema de valores com imagens e símbolos que nos conectam um/a ao/à outro/a e ao planeta. (2005, p. 708)

Muitas escritoras têm buscado romper com a tradição da escrita masculina e branca, promovendo assim um novo sistema de escrita que permita o estabelecimento de novos valores. A realidade apresentada por Anzaldúa discorre da mesma realidade que Kincaid, Brand e Evaristo produzem em seus textos literários; as narrativas presentes neste capítulo

apresentam mulheres em busca de liberdade e libertação, de passado e de futuro; estes romances comprovam que as escritoras estão à procura de uma nova história para explicar o seu mundo, tendo em vista que a história contada até aqui não tem dado espaço a vários grupos sociais marginalizados. A subjetividade feminina presente em *The Autobiography of My Mother*, *In Another Place, Not Here* e *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* representa muito para a poética de autorrepresentatividade feminina negra porque desafia o discurso patriarcal (e o discurso de colonialidade) desde o princípio e mesmo narrando histórias cheias de dor, sofrimento e solidão estes romances cumprem um papel de traduzir o ser feminino em força e resistência.

3.2.1 *The Autobiography of My Mother*

Publicado em 1996, o romance *The Autobiography of My Mother* traz a história da protagonista Xuela Claudette Richardson, narrando a vida da personagem e de sua jornada para recuperar a história da mãe que nunca conheceu. Assim como a maioria dos romances de Kincaid é a própria protagonista quem narra sua história e a principal marca de sua voz é o sentimento de incompletude, primeiramente porque ela cresceu sem a mãe, que morreu no parto, e segundo porque ela nunca conseguiu ter uma relação saudável com o pai, nem com os demais representantes da família paterna, esses dois fatos geram consequências negativas para os relacionamentos futuros da personagem. A condição de órfã consome Xuela de diversas maneiras e, mais uma vez, assim como também acontecerá em *Mr. Potter* (publicado em 2002) a narração é realizada por uma personagem imbuída de contar a história de alguém ‘invisibilizado’ pelas circunstâncias (a diferença está no fato de que enquanto Elaine tinha a lembrança do pai, apesar da recusa dele em reconhecê-la, o único contato de Xuela com a mãe acontece no momento em que ela nasce). Mais uma vez Kincaid aborda a necessidade de dar voz a alguém, Xuela é um símbolo da luta do sujeito colonizado contra a *voicellessness* promovida pela colonialidade.

Alguns estudiosos da obra de Jamaica Kincaid, como Justin Edwards (2007), afirmam que seus textos possuem duas temáticas principais: a desigualdade de gênero e os efeitos da colonização na vida do indivíduo e na vida de uma nação; no romance *The Autobiography of My Mother* esses dois temas são abordados de forma lúcida, mas o que parece ser mais importante é o fato de que Kincaid utiliza a trajetória de uma personagem como forma de trabalhar questões mal resolvidas, seja no aspecto familiar, seja em relação aos laços com a terra natal e sua história. Kincaid apresenta ao leitor assuntos tão importantes para as discussões contemporâneas (como a situação da mulher negra em sociedades colonizadas, por exemplo) não apenas como forma de refletir sobre a realidade sociocultural, mas principalmente para trabalhar nela fatos que causaram sofrimento e rancor. Em outras palavras o romance se apresenta como forma de salvar Kincaid de sua própria história.

Quando o romance começa a personagem Xuela está com setenta anos e narra os fatos de sua vida desde a infância; a narrativa conta com poucos capítulos, sendo que no início de cada um a figura de uma mulher vai se revelando através de uma fotografia, indicando que na medida em que Xuela vai contando sua história um quebra-cabeça vai sendo resolvido; num primeiro momento pode-se pensar que é a figura da mãe que toma corpo, mas não podemos descartar a possibilidade de que ao buscar vestígios da história da mãe a personagem do romance kincaidiano descobre a si mesma. A narrativa começa com o fato que mudou toda a vida de Xuela: “*My mother died the moment I was born and so for my whole life there was nothing standing between myself and eternity; at my back was always a bleak, black wind*”¹²⁴ (KINCAID, 1996, p. 4), além do sofrimento por nunca ter tido contato com a mãe, Xuela conta que foi rejeitada pelo pai, que a entregou a uma mulher chamada Eunice Paul, a lavadeira que cuidava de suas roupas, apesar de Eunice não ser uma má pessoa não era capaz de ser gentil. Portanto, a vida de Xuela foi marcada por um acontecimento traumático que produziu outros traumas e isso permitiu que ela carregasse consigo um vazio, durante toda sua vida a personagem viveu incompleta.

Apesar de nunca dar carinho à Xuela seu pai exige que ela frequente a escola, algo muito incomum para o lugar, na classe de Xuela, por exemplo, só havia ela de menina. A personagem se mostra bastante inteligente, mesmo assim a relação entre ela, a professora e os demais colegas de classe não é boa, é nesse espaço que ela aprende outras lições duras sobre falta de amor e falta de respeito, a personagem sente as adversidades desde cedo e com elas

¹²⁴ “Minha mãe morreu no momento em que nasci e por isso minha vida inteira foi um nada em pé entre mim e a eternidade; nas minhas costas havia sempre um vento negro, sombrio”

vem o peso do preconceito: “*My mother was a Carib woman, and when they looked at me this is what they saw: The Carib people had been defeated and then exterminated, thrown away like the weeds in a garden; the African people had been defeated but had survived*”¹²⁵ (idem, p. 24). A maneira como Xuela era tratada tem a ver com a visão da professora, alunos e funcionários da escola sobre suas origens, enquanto eles eram descendentes de africanos ‘puros’ Xuela era uma mistura entre Caribe (por parte de mãe) e África (por parte de pai)¹²⁶, independente de seu desempenho escolar é sua condição de mestiça que a desfavorece em relação aos demais.

Xuela passa a viver com o pai depois que a professora entrega a ele uma das cartas escritas pela filha. A personagem se muda para a casa do pai e da madrasta (que por não conseguir engravidar nutre ódio pela menina), mas ela nunca consegue se sentir em casa, mais uma vez Xuela está só no mundo, por isso ela gosta do som de sua voz, que a faz se sentir menos solitária ao mesmo tempo em que lhe permite afastar-se de sentimentos inferiorizantes. A personagem afirma não se importar com a forma como era tratada: “*No love: I could live in a place like this, I knew this atmosphere all too well. Love would have defeated me. Love would always defeat me. In an atmosphere of no love I could live well; in this atmosphere of no love I could make a life for myself*”¹²⁷ (idem, p. 29), Xuela aprendeu a sempre esperar pelo pior, viver preparada para as adversidades fazia dela uma pessoa mais forte; pensar que a personagem tinha essa ideia de viver sem amor desde criança é um ponto-chave para entendermos as ações de Xuela durante o romance. Notemos aqui que a personagem parece sentir que a falta de amor pode funcionar como um escudo para protegê-la dos sofrimentos da vida, e por essa razão em nenhum momento da narrativa ela parece ter vontade de render-se a qualquer forma de amor, nem mesmo como consequência da maternidade.

Como dissemos anteriormente a falta da figura materna e tudo o que ela representa é um fardo pesado que Xuela precisa carregar por toda sua vida. Durante a infância ela fechava os olhos para sonhar com a mãe, mesmo que nunca tenha sido possível criar um rosto para

¹²⁵ “Minha mãe era uma mulher caribe, e quando eles olhavam para mim era isso que eles viam: o povo caribe tinha sido derrotado e então exterminado, lançado fora como as ervas daninhas em um jardim; o povo africano foi derrotado, mas sobreviveu”.

¹²⁶ Isso significa dizer que, enquanto a mãe de Xuela descendia dos povos nativos do Caribe, que foram dizimados por causa da colonização, o pai da personagem era descendente de negros vindos da África para trabalhar nas plantações. Hall (2003) menciona a importância que alguns povos dão à pureza étnica, dando como exemplo sua própria vivência na Jamaica.

¹²⁷ “Sem amor: eu podia viver num lugar como este. Eu conhecia essa atmosfera muito bem. O amor teria me derrotado. O amor sempre me derrotaria. Numa atmosfera sem amor eu podia viver bem; nessa atmosfera sem amor eu podia fazer uma vida pra mim mesma”

esses sonhos. Mesmo depois de adulta a personagem demonstra vontade de recuperar a história da mãe e de sua família materna, contrariando assim a postura do pai, que buscava a todo custo enterrar essa história. O pai de Xuela aparece nesse espaço como um símbolo do colonizador europeu, que possui uma sede por conquistar; ele era uma espécie de delegado que maltratava as pessoas que iam em busca de ajuda; mesmo tendo sangue do colonizado seus atos sempre revelaram seu desejo de ser dominador e é por essa razão que Xuela enxerga no pai a pessoa responsável pela morte da mãe (e num aspecto mais amplo responsável pela dominação da Dominica). É interessante notar que a figura desse pai tão ausente também funciona como um contraponto à ausência da mãe, ambos são como pesos postos numa balança durante toda a narrativa, e a escolha de Xuela em exaltar a mãe e culpar o pai é a forma que a personagem encontrou para afirmar sua identidade, para Xuela:

*This account of my life has been an account of my mother's life as much as it has been an account of the life of the children I did not have, as it is their account of me. In me is the voice I never heard, the face I never saw, the being I came from. In me are the voices that should have come out of me, the faces I never allowed to form, the eyes I never allowed to see me. This account is an account of the person who was never allowed to be and an account of the person I did not allow myself to become.*¹²⁸ (idem, p. 227)

Essa é uma passagem forte que revela um aspecto intrigante da narrativa kincaidiana: Xuela vê a vida enquanto um relato, e nele muitos elementos são somados a fim de resultar no que somos; os fatores mencionados não são apenas acerca do que a personagem viveu, eles também têm a ver com o que ela se negou a experienciar. O trecho acima revela que Xuela viveu uma vida inteira de incompletude, no aprendizado diário de viver sem amor ela tornou-se incapaz de amar, incapaz de gerar uma nova vida; entre a ausência da mãe e a rejeição do pai Xuela cresceu sem contar com um alicerce para que pudesse estabelecer uma identidade saudável. Mesmo em outros ambientes, como na casa de Eunice e na escola, a personagem nunca recebeu apoio e atenção, segundo ela mesma afirma “*No one observed and beheld me, I observed and beheld myself; the invisible current went out and it came back to me*”¹²⁹ (idem, p. 56), Xuela percebe que cabe a ela tomar as rédeas de sua vida e cuidar de si mesma porque ninguém mais o fará. Existe na personagem um desejo em resgatar a história da mãe

¹²⁸ “Este relato da minha vida tem sido um relato da vida da minha mãe tanto quanto tem sido um relato da vida dos filhos que eu não tive, assim como a deles é um relato da minha. Em mim é a voz que eu nunca ouvi falar, o rosto que eu nunca vi, o ser de onde eu vim. Em mim são as vozes que deveriam ter saído de mim, os rostos que nunca permiti que se formassem, os olhos que eu nunca permiti que me vissem. Este relato é uma conta da pessoa que nunca teve permissão para ser e um relato da pessoa que eu não permito-me a tornar-se.”

¹²⁹ “Ninguém me observou e me viu, eu observei e vi a mim mesma, a corrente invisível saiu e voltou pra mim”

porque essa também é sua história, o sentimento de sempre ser excluída é também a mesma sensação que Xuela sente em relação à figura da mãe, que foi completamente apagada.

Na vida adulta a personagem escolhe viver a vida de seu próprio jeito, tem alguns relacionamentos com homens e comete aborto toda vez que engravida. Ela também ajuda a meia-irmã a fazer um aborto porque reconhece que ambas são, de certa forma, iguais, menosprezadas por serem mulheres. Xuela deseja liberdade desde o primeiro momento que reconhece as atitudes cruéis do pai e da sociedade, ela sempre reflete sobre as atitudes do pai de forma crítica, a maneira como ele usava de sua autoridade para humilhar a ela e aos demais era uma forma deliberada de imitar o colonizador. É por perseguir essa liberdade que ela usa sua sexualidade para si: “*The impulse to possess is alive in every heart (...), some people choose husbands, I choose to possess myself*”¹³⁰ (idem, p. 173-174). Ela acaba casando-se com Philip Bailey, um médico com quem trabalhava e que era casado quando começa a se envolver com ela, mas em nenhum momento ela nutre algum tipo de sentimento romântico para com ele, ela só o aceita porque lhe é conveniente, ela sabe disso e essa foi uma escolha consciente.

The Autobiography of My Mother mostra as experiências de Xuela desde a sua infância, no entanto no momento em que a narrativa é feita a personagem já se encontra em idade avançada. Na parte final do romance a personagem conta os momentos de agonia vividos pelo pai antes de sua morte, e para ela todo esse sofrimento era uma forma de justiça por todo mau que o pai cometera ao longo da vida. Ela se mostra incomodada e ainda mais sozinha porque seus genitores estavam mortos. Além de falar da morte do pai as últimas páginas do romance também trazem uma reflexão sobre a morte como fator inerente ao ser humano; Xuela acreditava que a morte era a única coisa inevitável e ela mesma termina sua narrativa esperando por esse destino.

A leitura de *The Autobiography of My Mother* corrobora com a ideia de que a escritora caribenha Jamaica Kincaid apresenta em sua obra textos que se constroem no desejo em legitimizar as vozes silenciadas pela opressão colonial. O uso constante de narrações em primeira pessoa funciona como forma de legitimação das personagens, de suas experiências, escolhas e trajetórias. O discurso do ‘eu’ também identifica a busca por liberdade e através da protagonista Xuela percebe-se que essa liberdade passa pelo fator sexual e por outros

¹³⁰ “O impulso de possuir está vivo em todo coração (...), algumas pessoas escolhem maridos, eu escolhi possuir a mim mesma”

aspectos, em especial a forma de conduzir a própria vida. Sabemos que a colonização se fundamenta a partir da ideia de que “o colonizado é um débil”, um selvagem; por outro lado o colonizador entende que é superior, é civilizado e sua postura “sugere com isso que tal dependência reclama proteção” (MEMMI, 1989, p. 79); só a descolonização das mentes será capaz de desconstruir esse discurso colonizador. A narrativa de Xuela sobre sua vida e sua busca por legitimar a memória da mãe exemplifica esse desejo em desconstruir o discurso de colonialidade através do resgate do passado e da narrativização das experiências subalternizadas pela colonização.

3.2.2 *In Another Place, Not Here*

In Another Place, Not Here foi publicado primeiramente em 1997 e apresenta a história de duas mulheres fortes – Elizete e Verlia – que vivem num mundo dominado pela exploração da mão-de-obra negra e a objetificação do corpo da mulher negra. Esse é o primeiro romance publicado pela escritora e entre seus livros de ficção é um dos mais fortes, é uma leitura que nos força a encarar e ressignificar os acontecimentos vividos no nível pessoal e transmutá-los para o nível coletivo, ressignificando assim a própria história. A revelação e problematização desse passado abordado no romance brandiano apresenta também a perspectiva de trazer à tona um não pertencimento do sujeito diaspórico negro nas sociedades americanas, e essa perspectiva abordada na narrativa é a mesma postura da escritora em (re)afirmar sua natureza *in-between*, o que explica a decisão de Brand em afirmar-se como afro-caribenha-canadense e de explorar em suas obras as questões referentes a pertencimentos e representações identitárias múltiplas.

O romance está dividido em duas partes, cada parte diz respeito a uma das protagonistas, ele começa sendo narrado em primeira pessoa a partir do ponto de vista da personagem Elizete, que logo no início da narrativa reflete sobre sua condição: “*one afternoon as I look up saying to myself, how many more days these poor feet of mine can take*

*this field, these blades of cane like razor, this sun like coal pot*¹³¹ (BRAND, 1997, p. 3). Elizete sente no corpo a opressão do sistema canavieiro, ela tem consciência de sua marginalidade e conta que por diversas vezes tentou fugir da fazenda porque era tratada como escrava, mas todas as tentativas foram frustradas (Isaiah sempre a alcançava) e num determinado momento ela percebe que não há lugar para ir, afinal “*Nobody here can remember when they wasn’t here*”¹³² (idem, p. 8), esse pensamento revela o sentimento de que aquela realidade vivida por todos era eterna e imutável. Por ter sido engolida por esse sistema desde criança Elizete tem sua vida resumida, até esse momento, a uma existência de exploração e dominação, por isso ela acredita que não existia nada antes nem depois disso.

A primeira parte do romance – intitulada *Elizete, beckoned* – é dividida em 11 pequenos capítulos sem título e apresenta uma linguagem rudimentar que demonstra a pouca instrução da protagonista. Elizete foi entregue a um homem chamado Isaiah, que acabou se tornando seu ‘proprietário’, Isaiah a obrigava a trabalhar no campo, limpar sua casa e ainda deitar-se com ele: “*Isaiah ride me every night. I was a horse for his jumbie.*”¹³³ (idem, p. 10), durante muito tempo a personagem precisou conviver com diversos abusos e aos poucos foi se acostumando a viver assim, Elizete acabou desistindo de sonhar, de lutar e por fim desistiu de ser uma pessoa e aceitou a animalização que sua vida lhe impunha¹³⁴. Quando Elizete conhece Verlia, que se tornaria sua amante mais tarde, não dá ouvidos ao seu discurso de mobilização dos trabalhadores para formar uma cooperativa e buscar melhores condições de vida porque já tinha internalizado a ideia de que sua condição nunca mudaria e que o povo negro não era capaz de se unir para a conquista de direitos. O relacionamento amoroso entre Elizete e Verlia produz na primeira uma sensação de liberdade como nunca sentira antes e promove nela uma quebra na compreensão do que é um relacionamento, já que Elizete só conhecia a sexualidade forçada.

Elizete muda-se para Toronto e quando a história passa a focar em sua vida na área urbana da cidade canadense a personagem começa a ser constantemente interpelada pelo discurso opressor que promove sua inferiorização frente à sociedade:

¹³¹ “uma tarde enquanto eu olho pra cima dizendo a mim mesma, quantos dias a mais esses pobres pés meus podem suportar esse campo, essas lâminas de cana como navalha, esse sol como panela de carvão”

¹³² “Ninguém aqui podia lembrar quando eles não estavam aqui”

¹³³ “Isaiah montava em mim toda noite. Eu era o cavalo para a cela dele”. Outra tradução possível para o termo *jumbie* diz respeito a um espírito maligno presente na mitologia caribenha.

¹³⁴ Quando Elizete diz que era o cavalo de Isaiah, entende-se que ela internalizou a forma como era tratada pelo patrão.

*Nobody told her about Young Street or Avenue Road or Yorkville. Nobody told her what wasn't necessary or possible or important for a woman from nowhere (...). She'd been told about kitchens and toilets and floors and sewing machines and cuffs and rubber and paint spray and even been offered some sidewalks but nobody told her about any place she wouldn't fit in*¹³⁵ (idem, p. 49)

Aqui é possível estabelecer uma conexão entre a realidade rural e a realidade urbana, pois em ambos os casos encontramos um discurso de exploração do trabalhador negro, se na zona rural as únicas oportunidades de trabalho estavam nos serviços braçais na área urbana encontramos uma distinção ainda mais direta do lugar dos negros e do lugar dos brancos. Quando se muda para o Canadá o único desejo da protagonista é encontrar um pouco de Verlia, o grande amor de sua vida, no entanto Elizete encontra-se num lugar que produz nela uma série de experiências desconfortáveis, ela passa por uma série de experiências traumáticas principalmente porque ela não conhece ninguém no lugar e ainda enfrenta a necessidade de aprender a se virar por conta própria. Elizete não conhecia a cidade em sua totalidade porque em cidades como Toronto há espaços que não são feitos para todos; muitos bairros são frequentados apenas por pessoas brancas, em contrapartida há empregos subvalorizados que são ocupados por imigrantes não-brancos, como é o caso de Elizete. A passagem acima evidencia a sedimentação dos espaços e a exclusão dos diversos grupos étnicos que fazem parte da sociedade canadense, Elizete foi apresentada aos espaços de trabalho e subjugação e em nenhum momento tem a oportunidade de conhecer as belezas de Toronto. Os imigrantes negros, sedentos por melhores condições de vida, com a certeza que um dia poderiam usufruir os frutos de seu trabalho duro, aos poucos vão conhecendo o fantasma da decepção que mata a esperança em cada entardecer.

No decorrer dessa parte da narrativa Elizete convive com vários imigrantes ilegais, pessoas receosas de serem descobertas e que por essa razão não criam laços afetivos com ninguém, numa tentativa de se manterem a salvo eles se isolam do mundo. Uma dessas pessoas é Jocelyn, que conta histórias que explicam por que as pessoas se desesperam quando procuradas pela Imigração. No caso das mulheres negras essa realidade é ainda mais cruel: *“Call this living. This ain't no living. This is where you do that Black woman trick. Squeeze*

¹³⁵ “Ninguém contou pra ela sobre a *Young Street* ou a *Avenue Road* ou sobre *Yorkville*. Ninguém contou para ela o que não era necessário ou possível ou importante para uma mulher de lugar nenhum (...). Tinha sido contado a ela sobre cozinhas e banheiros e pisos e máquinas de costura e punhos e borracha e tinta spray e até ofereceram-lhe algumas calçadas, mas ninguém disse a ela sobre lugares em que ela não se encaixaria”

water from a stone, (...) hope for another century, make something that can last another age, something that can wait, for some light.”¹³⁶ (idem, p. 83) Quando a narrativa apresenta o momento em que uma mulher é empurrada contra a parede e apalpada pelo oficial que a humilha de diversas maneiras, descobrimos o constante assédio sexual que a mulher negra e imigrante sofre e também descobrimos, de uma vez por todas, que aquela sociedade não é multicultural na essência, apenas na aparência.

Já a segunda parte da narrativa – *Verlia, flying* – traz 10 capítulos (também sem título), começando a narração em terceira pessoa essa parte passa a mostrar a trajetória de Verlia e a maneira como ela age e reage aos acontecimentos frutos da dominação e violência. Quando menina Verlia passa a apresentar sérias dificuldades para dormir, passando a sentir um barulho em sua cabeça que a fazia sentir-se incomodada. Verlia vai morar com os tios num lugar chamado *Sudbury* e lá, espaço habitado somente por pessoas negras, a personagem começa a entender como o mundo funciona, seus tios tentam seduzi-la afirmando que lá era um lugar de oportunidades, mas afirmam que ela precisa saber comportar-se e não dar ouvidos ao que outras pessoas vão dizer. O que eles queriam era, na verdade, passar despercebidos para não ter problemas: *“They want to be ordinary in an ordinary world”*¹³⁷ (idem, p. 140), os tios de Verlia internalizaram o discurso de que eles precisam ser invisíveis em troca de um pouco de conforto e de uma vida mais tranquila. Em outras palavras eles foram domesticados, a família de Verlia era vítima e cúmplice de sua própria dominação e exploração¹³⁸.

Como dissemos a própria Elizete já deixara claro que Verlia era uma mulher forte que buscava a todo custo resistir ao sistema dominador; mesmo quando se muda para a casa dos tios na adolescência e vivenciando tanto deslumbramento ela começa a demonstrar insatisfação em relação ao que vê em sua volta. Verlia não aceita ser controlada nem mesmo por sua própria família:

She cannot see how they think that this is love, how they think that she should live with them quietly dying in acceptance, asking permission and begging pardon, cutting herself off from any growing, solidifying when she wants to liquefy, to make fluid, grow into the Black self. They must have

¹³⁶ “Chamam isso de vida. Isso não é vida. Isso é onde você faz o que mulher negra ilude. Espremer água de uma pedra, (...) esperar por outro século, fazer algo que pode durar mais tempo, algo que pode esperar, por alguma luz.”

¹³⁷ “Eles queriam ser comuns num mundo comum”

¹³⁸ Essa ideia sobre a atitude passiva do dominado que acaba auxiliando o discurso do dominador foi explorada por vários autores, incluindo Jean-Paul Sarte (1972) e Simone de Beauvoir (1980).

*decided to cut themselves out in this way to avoid the trouble of their skin.*¹³⁹
(idem, p. 148-149)

A insatisfação de Verlia em relação aos tios passa pelo fato de que ela sente que está vivendo uma farsa, para o tio era preciso adaptar-se às condições da sociedade para ser aceito; mas o que fica latente é até que ponto vale a pena aceitar todas as imposições sociais? Até que ponto desistir de sua condição de negro é a melhor solução? Como aceitar-se inferior o fará ser livre? Verlia não se sentia confortável com aquela situação, se o tio decepciona-se com suas atitudes por achar que ela não se esforçou o suficiente, ela também se decepciona com a passividade e o conformismo de sua família. O discurso do tio corrobora com a sensação de que ao aceitar a inferioridade é possível conviver de forma pacífica com os demais. A identidade de Verlia se desenvolve a partir da negação do discurso do tio, e sua postura passa a ser tão ativa e altiva que ela cita algumas passagens de Fanon para falar da inferioridade imposta pela colonização¹⁴⁰, na primeira passagem Verlia lembra uma das frases mais famosas do autor de *Os Condenados da Terra* (1968): “*Decolonisation is always a violent phenomenon*”¹⁴¹ (idem, p. 157). Já na página seguinte a personagem lembra que existe uma dificuldade muito grande em mudar a situação estabelecida, mas que ela queria estar acordada, atenta; Verlia diz que segundo Fanon: “*The colonialist bourgeoisie had hammered into the native’s mind the idea of a society of individuals where each person shut himself up in his own subjectivity, and whose only wealth is individual thought*”¹⁴² (idem, p. 158-159). A personagem não apenas tem interesse em mobilizar-se por uma causa, mas apresenta uma leitura vasta de mundo, que lhe permite ter uma fala articulada e comprometida socialmente; por acreditar na violência da descolonização a personagem se engaja nos mais variados grupos de luta e resistência negras.

Verlia busca, portanto, lutar por seus direitos e sua liberdade e para isso ela acaba saindo de casa aos dezessete anos para juntar-se ao Movimento Negro, no mundo inteiro o

¹³⁹ “Ela não pode ver como eles acham que isso é amor, como eles pensam que ela deveria viver com eles calmamente, morrer em aceitação, pedindo permissão e implorando perdão, cortando-se fora de qualquer crescimento, solidificando quando ela quer liquefazer, fazer fluido, crescer dentro do ser Negro. Eles devem ter decidido cortar-se fora desta maneira para evitar o problema da pele deles.”

¹⁴⁰ É importante frisar que no livro *A Map to the Door of No Return* (2001) Brand também se utiliza de fontes ‘externas e reais’ para falar de assuntos como racismo, preconceito e história; no romance que estamos analisando neste capítulo há menções sobre Frantz Fanon, Angela Davies, Martin Luther King, Bobby Seaggle, Che Guevara.

¹⁴¹ “A descolonização é sempre um fenômeno violento”

¹⁴² “A burguesia colonialista martelou na mente do nativo a ideia de uma sociedade de indivíduos onde cada pessoa se fecha em sua própria subjetividade, e cuja única riqueza é o pensamento individual”

movimento ganhou força porque partia de uma realidade global – a existência de dificuldades em lidar com as diferenças de raça/etnia – e propunha ações afirmativas com particularidades locais, visando principalmente acabar com as desigualdades e o preconceito racial. No capítulo que narra a entrada de Verlia no movimento a personagem está consciente sobre sua condição social de inferioridade por causa da cor de sua pele; Brand também revelou várias vezes que passou por experiências de racismo e por essa razão se engajou em algumas manifestações que visavam romper com a cultura de intolerância. Quando Verlia pensa em juntar-se à ala mais radical do movimento percebe-se o tamanho de sua fúria, a personagem afirma que o discurso pacifista de Martin Luther King não deu certo, e por essa razão é preciso estar pronto para a luta, segundo ela é fácil encontrar onde os jovens do movimento estão: *“The rooms are packed with sisters and brothers like her, excited and eager, who have, like her, awakened themselves. Their skin is electrified Black, burning. It is as if they suddenly became aware of its power where they had only known its weakness”*¹⁴³ (idem, p. 166). Em muitos aspectos Verlia apresenta semelhança com a visão de mundo de Dionne Brand, a começar pelo entendimento a cerca do comunismo, em entrevista¹⁴⁴ a escritora canadense afirma *“I became communist before I ever read Marx”*¹⁴⁵. Já no romance as ações de Verlia quando procura conscientizar os trabalhadores da fazenda de Isaiah comprovam que a personagem acredita que o sistema que continua operando nas plantações é responsável pela vida de pobreza dos trabalhadores; para Verlia a única forma de modificar essa realidade é através da união dos trabalhadores por melhores condições de trabalho.

No oitavo capítulo da segunda parte a narração sai da terceira pessoa e passamos a ter acesso ao diário de Verlia, onde ela explica seus sentimentos e sua luta. Suas primeiras palavras são: *“The first day here. I have trouble recalling why I came. When you come to a totally new place to which you’ve made a political commitment and when you arrive you’re not sure if it is the right place because it never is the place you conjure up in your head”*¹⁴⁶ (idem, p. 204); além do receio sobre o lugar Verlia explica que estar no Caribe sempre mexe com ela. Entre suas anotações ela menciona o primeiro encontro com Elizete, como elas não

¹⁴³ “As salas estão cheias com irmãs e irmãos como ela, excitados e ansiosos, que, como ela, despertaram a si mesmos. A pele deles é um Negro elétrico, queimando. É como se de repente eles tivessem tomado conhecimento do poder dela onde eles tinham conhecido apenas sua fraqueza”

¹⁴⁴ <http://www.forpsicom.uniba.it/public/files/Interview%20to%20Brand%20re%20THE%20DOOR.pdf>, Acesso em 04/11/2014.

¹⁴⁵ “Eu me tornei comunista antes de ler Marx”

¹⁴⁶ “O primeiro dia aqui. Eu tenho dificuldade para lembrar porque eu vim. Quando você vem para um lugar totalmente novo em que você realiza um engajamento político e quando você chega você não está certo se é o lugar certo porque nunca é o lugar que você invoca em sua cabeça”

conseguem se aproximar, e tempos depois Verlia fala sobre como ela e Elizete se completam. O relato do diário termina com a personagem afirmando que ela e seu grupo estão perdendo a batalha e ela precisa sair dali. Mais adiante Verlia acaba sendo ferida e tentando fugir, e o último capítulo mostra esse momento final, as últimas linhas do romance também são os últimos momentos de vida de Verlia, ferida e morta numa emboscada. Longe de todos. Longe de tudo. Longe da liberdade. Longe do amor.

Como dissemos em outras passagens Brand sempre afirmou ter interesse em eventos históricos e, ao que parece, a ambientação do romance é feita a partir da experiência da escritora durante sua estada em Granada, que foi invadida pelos Estados Unidos em 1983 para derrubar o governo de Coard¹⁴⁷. Segundo Brand este foi o estopim para que ela tratasse abertamente de sua homossexualidade e suas percepções políticas; mais uma comprovação sobre como a conjuntura política e social transformou a visão de mundo da escritora afro-canadense pode ser lida a partir de uma de suas entrevistas: *“If the anti-colonial movement began to reveal the possibilities for being a Black person in the world, then the 1960s and the Black Power movement in the States, for me at any rate, and the Civil Rights movement, solidified my sense of those possibilities”*¹⁴⁸ (BUTLING & RUDY, 2005, p. 68), esse trecho apresenta o reconhecimento de Brand em relação aos diversos movimentos que se desenvolveram a partir da década de 60 e que foram solidificando um posicionamento positivo acerca da figura do negro. Acreditamos que *In Another Place, Not Here* Brand atualiza as políticas de representação do sujeito negro a partir de suas duas protagonistas, demonstrando o alto nível de complexidade que um discurso não alienado oferece, Brand apresenta um engajamento aberto e explícito em seu texto literário.

¹⁴⁷ Em 1979 ocorreu uma revolução em Granada, instituindo um governo marxista-leninista que se aproximou da Rússia e se tornou um problema para os Estados Unidos, por essa razão o país norte-americano criou a maior operação desde a Guerra do Vietnã, o que deu início a um massacre de grandes proporções.

¹⁴⁸ “Se o movimento anti-colonial começou a revelar as possibilidades de ser uma pessoa Negra do mundo, então a década de 1960 e o movimento *Black Power* nos Estados Unidos, de qualquer modo para mim, e o movimento dos Direitos Civis, solidificou a minha compreensão dessas possibilidades”

3.2.3 *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*

Conceição Evaristo publicou seus primeiros poemas e contos nos Cadernos Negros¹⁴⁹, depois dessas primeiras publicações e com a recepção positiva acerca de seus romances a escritora mineira publicou o livro de contos *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* em 2011. Ao todo são 13 contos, que narram histórias de sofrimento e superação de mulheres que precisaram enfrentar muitos obstáculos para realizar sonhos e conquistar vidas melhores. A narração é feita em primeira pessoa por uma mulher que não se identifica, mas que sai em busca de histórias para colecionar e contar. O início de cada conto traz como título o nome de cada protagonista (demonstrando que cada uma delas é importante) e mostra que as personagens recebem a narradora ou vão em busca dela para contar suas experiências de vida. Os fatos narrados guardam considerável espaço de tempo em relação à narração, o que faz com que elas se sintam mais confortáveis para relembrar momentos amargos, além disso todas as personagens conseguiram, cada uma a sua maneira, superar o trauma vivido no passado e refazer a vida livre de qualquer amarra.

A primeira história contada é da personagem Aramides Florença, uma mulher que tinha um casamento feliz e uma boa condição financeira, mas que ao dar à luz percebe que seu companheiro passa a enxergar o filho como um rival de sua atenção. Numa crise de raiva e ciúme por não ter a mulher a seu dispor ele a estupra: “Aquele que eu havia escolhido para ser o meu e com quem eu havia compartilhado sonhos, desejos, segredos, prazeres (...) me violentava, machucava meu corpo e a minha pessoa, no que eu tinha de mais íntimo” (EVARISTO, 2011, p. 18). Depois do ato de violência ele some de sua vida.

A seguir é a vez de Natalina Soledad, que foi rejeitada pelo próprio pai por ter nascido menina, por essa razão o pai a castiga com um nome que a envergonha. Aos poucos, na medida em que crescia Natalina passou a ser desprezada por todos da família (inclusive a mãe), e acaba afastando-se de todos e de tudo. Seu maior objetivo sempre foi sair daquele espaço de subordinação e falta de amor: “Tinha um só propósito. Um grande propósito.

¹⁴⁹ Um dos principais meios de divulgação da literatura negra brasileira surge através do Grupo Quilombhoje. Em 1978 o primeiro volume de Cadernos Negros foi publicado contendo oito poetas negros. Desde então escritores e escritoras negras publicaram seus poemas e contos em 37 volumes que trazem uma literatura comprometida com a afro-brasilidade e com o desejo da pertença e da visibilidade cultural.

Inventar para si outro nome.” (idem, p. 23) E apesar de tanto sofrimento ela conseguiu escolher o próprio nome, e assim, mudar o rumo da vida que fora desenhada para ela.

Shirlei Paixão acreditava que tinha uma família feliz e unida, composta por ela, suas duas filhas e as três filhas de seu companheiro. Sua felicidade cai por terra quando ela vê que o marido iria abusar sexualmente de uma das meninas (e já fazia isso com outra, sua própria filha); para salvá-las Shirlei ataca o homem: “Quando vi caído o corpo ensanguentado daquele que tinha sido meu homem, nenhuma compaixão tive” (idem, p. 25) e é presa por três anos, mas não demonstra qualquer tipo de arrependimento, porque para ela não havia alternativa.

Já Adelha Santana Limoeiro é uma mulher de certa idade que viveu feliz com seu companheiro durante toda a vida. Mas com a chegada da velhice ele passa a ter problemas sexuais, compreensiva ela permite que ele procure mulheres mais novas para não se sentir acabado: “dei asas ao velho, para que ele, na ignorância, na teimosia, no orgulho ferido de macho, voasse em busca daquilo que não se recupera, o vigor da juventude” (idem, p. 36). O marido de Adelha acaba morrendo na casa de uma das meninas e ela precisa ir lá para cuidar de tudo.

Maria do Rosário Imaculada dos Santos era de uma família pobre do sertão e foi roubada quando criança por um casal que passava de carro pelo local: “foi preciso que passassem muitos dias e noites de viagem nas estradas, para que eu entendesse que a moça e o moço estrangeiros tinham me tomado de meus pais” (idem, p. 39). A menina foi levada para uma fazenda e criada como filha do casal até que eles foram embora e a deixaram com outra mulher, que a fez trabalhar de doméstica. Só na idade adulta Maria do Rosário tem um reencontro com seu passado e consegue curar suas feridas.

Isaltina Campo Bello conta sua história como se o fizesse para sua filha, que no momento não estava no local. Ela cresceu revoltada com a mãe que não enxergava que ela não era igual às demais meninas de sua idade: “Toda a minha adolescência, vivi um processo de fuga. Recusava namorados, inventava explicações sobre o meu desinteresse sobre os meninos e imaginava doces meninas sempre ao meu lado” (idem, p. 54); a gravidez de Isaltina só ocorreu porque ela foi violentada por cinco rapazes que queriam ‘ensinar-lhe a ser mulher de verdade’. Ela precisou se recuperar e criar forças para superar a si mesma e criar sua filha sozinha.

Diferentemente de outras personagens é Mary Benedita que vai ao encontro da narradora com o objetivo de contar como se tornou pintora vindo de uma família com poucos recursos. Ela era uma menina inteligente e curiosa, que foi capaz de deixar a família e a vida no interior para estudar na cidade grande e viver com a ‘tia solterona’: “eu nem imaginava qual conceito a família tinha dessa minha tia. Uma mulher solteira, estudada, que morava sozinha na capital” (idem, p. 63), superando qualquer expectativa e dificuldade ela alcança seus objetivos.

Mirtes Aparecida Daluz nasceu cega e perdeu o pai no mesmo dia (ele comete suicídio no exato momento do nascimento da filha). Segundo ela: “Tenho, no meu corpo, a minha completude, que é diferente da sua. Um corpo não é só olhos” (idem, p. 72), por essa razão a personagem pede que a narradora ouça sua história de olhos fechados, para poder sentir um pouco o que ela sente. Mirtes também precisou mostrar coragem e determinação para enfrentar as dificuldades depois de ter sido abandonada pelo seu companheiro após o nascimento da filha do casal.

Líbia Moirã cresceu tendo grandes dificuldades em adaptar-se e relacionar-se com outras pessoas, tudo por causa de um pesadelo que era recorrente na menina: “eu perdida em algum lugar indefinido, sozinha e vendo alguma coisa grande, muito grande, querendo sair de um buraco muito pequeno.” (idem, p. 78) Só depois de décadas e de três tentativas de suicídio a personagem descobre que quando pequena presenciou o nascimento de seu irmão mais novo. E isso a traumatizara.

Lia Gabriel afirma: “Consertei a minha vida, cuja mola estava enferrujada. Eu mesma imprimi novos movimentos aos meus dias. Fiz por mim e pelas crianças” (idem, p. 84) e depois revela que o ponto central de sua vida foi superar as dificuldades em criar um filho esquizofrênico. Ela e as filhas precisaram aprender a lidar com o menino que às vezes ficava agressivo; no decorrer do conto descobrimos que algo no passado desencadeou a doença do filho de Lia: depois de anos sofrendo violência doméstica do marido um dia a personagem foi espancada durante horas na presença das crianças que choravam e gritavam, após esse episódio o menino mudou.

Rose Dusreis foi uma criança que tinha interesse nas artes, mas que chegou a ser barrada numa apresentação escolar por causa de sua cor (a trocaram por uma menina branca que precisou se pintar de preto para fazer o papel da bonequinha negra), mas nenhum dos atos

de preconceito conseguiu tirar seus sonhos: “nem as dores, as violências sofridas nessa época de infância, cuja compreensão me fugiam, tiveram a força de me fazer desistir.” (idem, p. 93) A personagem tornou-se dançarina profissional, e mesmo estando doente no momento de seu relato afirma com serenidade que a dança a salvou.

Saura Benevides Amarantino conta a história dela e de como a maternidade despertou-lhe sentimentos tão discrepantes, sua terceira filha foi concebida fora do casamento enquanto seu marido estava doente e isso mexeu muito com ela: “A enjeitada gravidez comprovava que outro corpo havia dançado sobre o meu, rasurando uma imagem que, até aquele momento, me parecia tão nítida. E desde então, odiei a criança que eu guardava em mim.” (idem, p. 102) A filha caçula era um lembrete que o pai de Saura estava certo sobre sua falta de pudor, e para piorar as coisas a menina não se parece em nada com ela ou com ninguém de sua família, o que reforça ainda mais o desprezo da mãe para com a filha.

A história de Regina Anastácia é a última a ser contada. No início desse conto a narradora presta reverência àquela mulher mais velha e mostra seu respeito por ela. Quando moça a personagem envolveu-se com Jorge D’Antanho, filho da família tradicional ‘dona’ de Rios Fundos. Pelo fato de ele ser branco e ela ser negra a família de Anastácia mostrou-se receosa, afinal nessa época era uma atitude comum para os moços brancos se aproveitarem das negras com quem tinham contato: “Corriam atrás das mocinhas negras, assim como os donos de escravos, tomavam o corpo das mulheres escravas e de suas filhas” (idem, p. 114). Apesar da ira da família de Jorge ele abandona tudo e se casa com Anastácia e torna-se um companheiro para vida toda.

Esses contos apresentam histórias e facetas de personagens femininas, mostrando-lhes a partir de inúmeras subjetividades e ressaltando a coragem e a dedicação de mulheres sofredoras. As trajetórias das mulheres de *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* estão compostas não apenas por sofrimento, mas principalmente pela atitude de resistência, a busca por transformar o futuro e a certeza de que pensar o passado pode ser uma forma de exorcizar as dores vividas ao longo do caminho. São contos com diversas temáticas que apresentam sonhos e angústias, temores e desafios, sexualidade e amores, conquistas e decepções, traumas e resistências e que se apresentam como gritos de mulheres insubordinadas, pois como a própria Evaristo afirma “os subalternos gritam desde sempre”¹⁵⁰. Os contos revelam a

¹⁵⁰ Em palestra proferida no evento Mulheres em Letras, em maio de 2014, na Universidade Federal de Minas Gerais.

estratégia da escritora em criar personagens bastante distintas entre si, fugindo de qualquer rótulo ou estereótipo encontramos mulheres (muitas vezes mães) que descobriram maneiras de lutar e que venceram. Com experiências e personalidade diferentes as mulheres de Evaristo dividem suas histórias para exorcizar suas dores.

3.3 Entre recordações e resistências: a construção narrativa de *The Autobiography of My Mother, In Another Place, Not Here* e *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*

A maneira como esses três textos são desenvolvidos oferece uma perspectiva ampla acerca da condição da mulher negra na sociedade capitalista contemporânea (partindo de três realidades geográficas diferentes) através do estabelecimento de uma linha de raciocínio que permite estabelecer um lugar de memória enquanto lugar de resistência. A leitura desses romances e contos nos possibilita perceber o quanto a memória é seletiva e se mostra de maneira irregular, os fatos selecionados em cada história estão ali em detrimento de outros fatos. Para Evaristo seus textos possibilitam uma contra-escrita que revela muito mais da população afro-brasileira:

É criar a partir de uma realidade que conheço antes de tudo por vivência. É elaborar uma ficção talvez como forma de exorcizar a realidade. Não estou escrevendo sobre a condição dos afro-brasileiros, mas sim com um corpo, com uma identidade negra. Vivendo as possibilidades e as limitações que esta condição me impõe dentro da sociedade brasileira. Escrever nesse caso pode ser muitas vezes deixar fluir o recalcado, o silenciado pela História. Pode ser uma contra-escrita àquilo que é estereotipado pela literatura quando se trata de representar o negro. Uma ficção literária a partir do universo negro pode revelar a fragilidade das relações raciais no Brasil. (EVARISTO, 2004, p. 4)

Assim como Evaristo, Kincaid e Brand usam sua literatura para problematizar os espaços vazios causados pela marginalidade; as obras que fazem parte do corpus deste capítulo têm como protagonistas mulheres que vivem em sociedades racistas e machistas e que estão sendo constantemente interpeladas por sua condição de inferioridade. Nossa análise

desvenda a forma como cada protagonista reage à realidade recalcada, nenhuma delas mostra-se passiva frente às dificuldades e ao preconceito (mesmo Elizete muda sua postura e começa a lutar por uma vida diferente). Isso demonstra o desejo de exorcizar o passado e deixar fluir uma nova história, na qual cada mulher-personagem é protagonista de sua trajetória.

Livros →	<i>The Autobiography of My Mother</i>	<i>In Another Place, Not Here</i>	<i>Insubmissas Lágrimas de Mulheres</i>
Tópicos ↓			
Protagonista	Xuela	Elizete e Verlia	Cada conto possui uma protagonista
Tipo de narração	Primeira pessoa – durante todo tempo é Xuela que narra sua história	O romance é narrado em terceira pessoa, mas em alguns trechos a narração é feita em primeira pessoa (na maioria das vezes é Elizete que fala ou Verlia que escreve em seu diário)	Os contos são narrados por uma mulher que não se identifica, mas em alguns momentos as personagens tomam a voz
Outros personagens	O pai e a mãe de Xuela são importantes, tendo em vista que a vida dela foi sempre dividida entre eles e o que eles representavam. Além disso aparecem os irmãos de Xuela, a madrasta, Phillip, o senhor e a senhora	Isaiah é mencionado no início do romance, mas na maioria das vezes são mulheres que aparecem na narrativa (Adela, Abena, Jocelyn)	Em geral cada conto apresenta um personagem que foi importante para a trajetória das protagonistas, algumas vezes são eles os responsáveis pela dor e sofrimento do passado

	LaBatte etc		
Tempo	A narrativa indica que a Xuela idosa está narrando eventos de seu passado	Durante todo o tempo presente e passado vão se intercalando	Os contos focam em eventos vividos no passado
Lugar	Dominica	Caribe e Canadá	Várias regiões do Brasil
Construção/ Desenvolvimento da narrativa	A narração vai sendo conduzida através da linearidade dos fatos, desde o nascimento até o momento em que Xuela sente estar perto da morte	A narração se apresenta de forma fragmentada pela trajetória de Elizete e Verlia, o momento em que as duas narrativas se aproximam é quando uma fala da outra	O esquema de cada conto é o mesmo: a narradora encontra com cada uma das mulheres e ouve suas histórias
Total de capítulos	6 capítulos sem título	21 capítulos sem título	13 contos
Foco temático em primeiro plano	O poder da memória na recuperação da história da mãe/nação de Xuela	A força do discurso opressor causa estagnação (Elizete), mas também causa o desejo de resistência (Verlia)	A trajetória de subalternização da mulher negra na sociedade brasileira em contextos diversos
Foco temático em segundo plano	O entendimento da história e das consequências da dominação na formação da identidade de um indivíduo e de um povo	A memória permeia as relações de dominação da mesma forma que estabelece uma força que rompe com o passado de submissão	A memória e a recuperação do passado são ferramentas para a superação do trauma
Início da narrativa	As primeiras	O romance inicia	O início de cada

	palavras do romance representam o centro de toda narrativa: a morte da mãe de Xuela	mostrando como era a vida de Elizete e como ela perdeu a esperança	conto mostra o interesse em colecionar histórias de mulheres desconhecidas
Final da narrativa	Xuela reflete sobre a morte, incluído a sua, e apresenta seus arrependimentos	Depois de uma emboscada Verlia, que está longe de Elizete, perde a vida	Cada conto termina mostrando que as personagens superaram seus problemas e deram um novo rumo às suas vidas
Observação sobre a narrativa	Durante toda a narrativa Xuela cria binarismos para falar do pai e da mãe	A narrativa é densa, e todas as vezes que Elizete fala é possível perceber que ela não usa o inglês oficial, diferentemente de Verlia, que possui uma linguagem bem articulada	Os contos apresentam frases simples e períodos curtos, apesar de algumas cenas narradas serem de extrema comoção o texto se desenvolve de forma leve

Figura 12

Diferentemente dos romances analisados no capítulo 2, permeados por personagens e/ou protagonistas masculinos, viabilizando assim uma visão panorâmica acerca das temáticas da colonialidade e da objetificação do ser negro na sociedade contemporânea, os textos analisados neste capítulo apresentam uma perspectiva mais específica. Em todos eles mulheres convivem com a objetificação não apenas do ser, mas do próprio corpo, afinal o discurso colonial apresenta o corpo feminino como também sendo um território; no âmbito da memória vale lembrar que o corpo funciona como um elemento catalisador da recordação: “a memória corporal de feridas e cicatrizes é mais confiável do que a memória mental”

(ASSMANN, 2011, p. 265). Em cada um dos romances ou contos é possível compreender que na situação de marginalidade da mulher as feridas do corpo facilmente tornam-se feridas da alma. Em *A Map to the Door of No Return* (2001) Brand afirma que o corpo feminino negro é o mais regulado de todos (ela refere-se especificamente ao corpo presente na experiência diaspórica); nos textos de Kincaid, Brand e Evaristo há um processo desconstrutor do discurso normativo do corpo feminino negro. É possível ressaltar o uso da sexualidade como ferramenta opressora, basta pensar nas histórias de Aramides Florença, Shirlei Paixão, Isaltina (*Insubmissas Lágrimas de Mulheres*), Elizete (*In Another Place, Not Here*) e a própria Xuela (*The Autobiography of My Mother*) para compreender que a violência sexual é uma das formas de exercer o poder patriarcal sobre a mulher.

Outro ponto que aproxima as narrativas é a condição de subalternidade que é imposta a cada personagem feminina. Para Spivak destina-se à mulher uma dupla subalternidade que só pode ser explicada quando pensamos que a construção histórica da figura feminina foi pautada por uma suposta inferioridade:

A questão é, na verdade, que como objeto da historiografia colonial e como sujeito da insurreição, a construção ideológica de gênero mantém o masculino no poder. Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o subalterno como feminino está ainda mais envolto em sombras. (SPIVAK, 2010, p. 82)

Em cada narrativa analisada há um personagem masculino exercendo o discurso do opressor. A situação da mulher se baseia numa multiplicidade de opressões que surgiram especialmente por causa da herança colonial e dos contextos influenciados por essa herança. Kincaid, Band e Evaristo produzem uma obra literária que está interessada em minar essa subalternidade, para isso é preciso entender a dimensão ideológica do sistema vigente, compreendendo assim a forma como o poder é distribuído. O resgate do passado é um instrumento poderoso para repensar a herança colonial e seus dogmas, e por essa razão a memória é usada na literatura dessas escritoras a todo momento, fazendo com que os textos estejam repletos de eventos que influenciaram a vida e as escolhas de cada protagonista. É através do uso de uma memória ignorada e silenciada que *The Autobiography of My Mother*, *In Another Place, Not Here* e *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* recuperam a dignidade feminina e rearticulam a consciência das personagens.

No caso do romance *In Another Place, Not Here* e do livro de contos *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* apesar de a narrativa ser em terceira pessoa há momentos em que as personagens tomam para si a palavra, havendo uma marcação bastante evidente sobre como a história dessas mulheres passou despercebida pelos anais da História. Em *The Autobiography of My Mother* a protagonista Xuela conta sua própria vida deixando claro que ela escolheu de forma consciente um lado da história, o lado da mãe, que em último caso é o lado do perdedor. O mais importante a ser destacado é a aproximação das narrativas com as experiências mnemônicas e como elas são capazes de ressignificar a identidade do sujeito colonizado e o seu passado.

O que diferencia as narrativas, além dos espaços físicos e a temporalidade, é o desfecho das histórias. Enquanto os romances de Kincaid e Brand acabam com melancolia e morte, os contos de Evaristo revelam focos de esperança porque apresentam histórias de sofrimento que se transformaram em histórias de superação e vitória. Apesar de ser possível afirmar que Xuela, Elizete e Verlia também são mulheres insubmissas o final de suas trajetórias manifesta muito mais as realidades problemáticas que cada uma viveu do que as vitórias conquistadas por elas; isso fica claro, por exemplo, na escolha de Xuela em não ser mãe, algo pensado e resolvido mostrou-se ser, na verdade, uma consequência da falta da mãe e de uma afetividade real. Existiu em todas as personagens um sentimento de incompletude, mas o decorrer de cada narrativa demonstrou que algumas personagens se tornam mais abertas e propensas a desconstruir esse sentimento, superando traumas e aceitando o passado, esse não é o caso de Xuela.

3.4 O Feminismo Negro e suas reivindicações: o lugar da mulher negra na sociedade versus o lugar da mulher negra nas narrativas

No tópico 5 do primeiro capítulo introduzimos a temática do feminismo negro como uma das pautas de engajamento de Jamaica Kincaid, Dionne Brand e Conceição Evaristo, lá mostramos como a questão da representação feminina negra importa para estas escritoras e como ainda é precária a maneira como a mulher negra é vista na sociedade e também na obra literária. Agora é o momento de articular esse discurso a partir de obras específicas e demonstrar a demanda produzida por um novo grupo de escritoras que têm se afastado dos discursos de estereotipação racial e de gênero.

O feminismo, enquanto movimento articulado, surgiu no final do século XIX com o pensamento de que a inferioridade da mulher era algo socialmente construído e com o objetivo de lutar por igualdade de direitos entre homens e mulheres. De maneira geral o feminismo foi muito criticado porque em seus primeiros momentos eram as mulheres brancas, educadas e de classe média que estavam à frente das reivindicações¹⁵¹; com a ineficácia em abarcar todas as necessidades de mulheres que estavam ‘fora do padrão’ começa a surgir, no final da década de 1970, um feminismo preocupado com a homogeneização da categoria mulher e da experiência feminina em relação à sociedade patriarcal. Surge então o feminismo negro:

O pensamento feminista negro possibilita às mulheres negras diferentes visões de si mesmas, e do seu mundo, mais do que a oferecida pela ordem social estabelecida. Isso é feito com base na cultura e nas tradições das mulheres negras; assim, o pensamento feminista negro rearticula a consciência do que já existe. Ele oferece ferramentas de resistência para as subordinações vividas pelas mulheres afro-americanas. Segundo Collins, os grupos subordinados têm utilizado diferentes caminhos para criar uma consciência independente e rearticulá-la com base na opressão de si mesma. (BARBOSA, 2010, p. 4)

¹⁵¹ Cada fase do movimento feminista, ou simplesmente ‘onda feminista’, tinha um foco específico que alinhava o pensamento do grupo. A primeira onda teve como principal bandeira o direito ao voto e à educação; a segunda onda buscava a valorização do trabalho da mulher e lutava contra a violência sexual; já a terceira onda buscou aplacar os problemas das ondas anteriores, é nesse momento que a pauta de reivindicação do movimento passou a se concentrar em questões mais específicas, dando espaço à crítica ao discurso universal feminista e à denúncia sobre a invisibilidade das mulheres que não faziam parte da ‘nata’ do movimento, as necessidades das mulheres negras, por exemplo, até então não fazia parte das discussões.

Dessa forma o pensamento se volta para um conjunto de questões bem específicas da condição das mulheres negras nas sociedades atuais. Pensando a partir dos textos e entrevistas que analisamos podemos afirmar que Jamaica Kincaid, Dionne Brand e Conceição Evaristo sentiram o peso de escrever literatura feminina negra, elas muitas vezes foram contestadas por terem escrito certas histórias¹⁵² ou enfrentaram dificuldades diversas em seu fazer literário¹⁵³. Como a citação acima deixa claro os grupos subalternizados vão encontrando caminhos, e o que fica evidente nas obras das escritoras que estudamos é que esses caminhos alternativos passam também pela literatura, pela escolha de quem narra, sobre o que se narra, quais eventos se narram, como se narram esses eventos; vemos uma estética que vai sendo direcionada a partir de uma ética, que é, em último caso, uma ética feminista e negra. Destacamos aqui que existe um significado real e muito especial em oferecer ao leitor personagens com uma consciência racial articulada e apresentar essas personagens em histórias de resistência e insubordinação.

As mulheres negras protagonistas de *The Autobiography of My Mother, In Another Place, Not Here* e *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* rompem um quadro comum no texto literário só pelo simples fato de estarem nos textos. Também é possível observar que esses romances e contos apresentam uma dinâmica que não se atém apenas às esferas mais íntimas das mulheres protagonistas, os personagens funcionam como engrenagens que tornam possível compreender o discurso de resistência proposto nas narrativas; devemos ressaltar que na maioria dos textos analisados aqui são os sujeitos masculinos que figuram como os antagonistas das histórias. No romance de Kincaid, por exemplo, a figura do pai representa tudo que Xuela entende como maléfico, porque ele é uma figura que busca o poder a todo o momento e deixa claro nas suas relações familiares que esse poder é masculino: “*he was a part of a whole way of life on the island. Which perpetuated pain*”¹⁵⁴ (KINCAID, 1996, p. 39), isso explica o fato de que Xuela e sua meia-irmã eram tratadas de forma diferente em relação ao meio-irmão delas. Aqui somos confrontados com uma situação extremamente opressora, a relação familiar se estabelece a partir da hierarquia dos gêneros, apresentando-se como um espelho para as relações sociais futuras.

¹⁵² Jamaica Kincaid, por exemplo, passou anos sem conseguir publicar *A Small Place* porque ele era considerado ‘raivoso demais’.

¹⁵³ Os primeiros livros publicados por Conceição Evaristo (*Ponciá Vicêncio* e *Becos da Memória*) foram custeados quase que totalmente por ela mesma, e mesmo depois de ter tido um bom recebimento acerca de sua obra Evaristo continua afirmando que existe uma dificuldade enorme para um escritor negro ou escritora negra publicar sua obra por uma grande editora no Brasil.

¹⁵⁴ “ele era uma parte de todo um modo de vida na ilha que perpetuava a dor”

Já no romance de Brand temos dois personagens homens que são fundamentais para compreender as atitudes futuras de Elizete e Verlia: o comportamento de Isaiah demonstra a força do poder patriarcal e personifica a violência sexual vivida por Elizete; o tio de Verlia é uma representação da internalização da ideologia patriarcal que é sexista-racista e que Verlia tanto rejeita; isso significa dizer que Brand entende o projeto de submissão feminina a partir de dois aspectos: o fator físico e o fator psicológico. Verlia demonstra de maneira muito clara sua posição em relação à doutrinação psicológica que seu tio tenta promover:

*She does not want to be harmless. She does not want to be a physiotherapist married to another physiotherapist or to a tool-and-die maker or a computer analyst or a sociologist, or to the dry skinny Black man she expects her uncle to bring home, because she is only half the person she expects to be and she might fall for it. She is as much in danger of accepting the perfect picture as her uncle.*¹⁵⁵ (BRAND, 1997, p. 150)

Uma das razões para Verlia sair de casa é para afastar-se dessa dinâmica tradicional familiar e para trilhar um caminho realmente seu. Mesmo antes de mudar-se a personagem reflete sobre sua condição e a condição de seu povo, de seus ancestrais, para Verlia sua missão é lutar contra o opressor, ela não queria encaixar-se naquela sociedade, seu desejo era ser uma ‘garota negra perigosa’ (idem, p. 157). Não satisfeita a juntar-se ao Movimento Negro Verlia passa a integrar a ala mais radical e violenta, mostrando toda sua disposição para a luta, e mostrando também o quanto seu temperamento era diferente do temperamento do tio e de seus demais familiares, e como as aspirações de cada um também eram distintas.

Por fim, nos contos de Evaristo também aparecem personagens masculinos importantes para o desenvolvimento das narrativas, mas geralmente não são nomeados (e isso revela o desejo de Evaristo em deixá-los em segundo plano). Tendo em vista que muitas das personagens já foram casadas, às vezes são os próprios companheiros os responsáveis pelo histórico de violência física, emocional ou sexual das protagonistas, fazendo com que elas sejam subjugadas também no ambiente privado/doméstico; vejamos o exemplo de Lia Gabriel:

Passados uns instantes, ele, o cão raivoso, retornou à sala, avançou sobre mim, arrastando-me para a área de trabalho. Lá, abriu a torneira do tanque e,

¹⁵⁵ “Ela não queria ser inofensiva. Ela não queria ser uma fisioterapeuta casada com outro fisioterapeuta ou um fabricante de ferramentas ou um analista de computador ou um sociólogo, ou com um homem negro e magro que ela espera que seu tio leve para casa, porque ela é apenas a metade da pessoa que ela espera ser e ela pode se apaixonar por isso. Ela está tão em perigo de aceitar o retrato perfeito como seu tio.”

tampando a minha boca, enfiou minha cabeça debaixo d'água, enquanto me dava fortes joelhadas por trás. Não era a primeira vez que ele me agredia. (EVARISTO, 2011, p. 86)

A personagem viveu durante muito tempo sob o jugo opressor do marido, sendo objeto de sua raiva e aceitando essa objetificação. O entendimento é de que o homem negro, apesar de sua condição social e racial, pode agir como opressor da mulher negra, o que comprova que há níveis de opressão baseados nos conceitos de raça e gênero¹⁵⁶. Lia Gabriel consegue forças para seguir em frente e sozinha por causa de seus filhos, que presenciavam o sofrimento da mãe e soltavam gritos ensurdecedores. Aliás é interessante observar que a maioria dessas personagens encontram força para lutar por conta de seus filhos, além de Lia esse é o caso de Aramides Florença, Shirley Paixão, Isaltina Campo Belo e Mirtes Aparecida Daluz, confirmando o que estudos como o de Vania Vasconcelos (2015) apontam sobre os caminhos que Evaristo trilha para suas personagens negras, antes apenas símbolos de sexualidade e destituídas de maternidade e laços familiares. O que a escritora brasileira propõe é também apresentar mulheres que são mães e que na luta diária buscam o espaço não apenas para sua liberdade, mas também para a libertação de seus descendentes¹⁵⁷; encontramos na literatura evaristiana personagens que se conectam de forma mais positiva e amorosa com seus familiares e demonstram o poder da ancestralidade a partir desses laços de amor, sangue e sofrimento.

Na realidade produzida na escrita literária – assim como na vida cotidiana – as relações sociais costumam ser pautadas na hierarquia, o mesmo acontece com as relações sexuais, que funcionam como forma de subjugação, por essa razão algumas escritoras costumam usar a temática da sexualidade a fim de desconstruir as estruturas da hierarquia patriarcal. A postura da protagonista de *The Autobiography of My Mother* confirma essa tendência:

Xuela builds her self-identification on her body, touching her genitals, smelling her sexual smell, and making love. Her rebellious attitude of self-determination creates a sensual order of knowledge which aims at the subversion of Caribbean in-betweenness, the decolonization of mind and

¹⁵⁶ Sobre esta questão bell hooks (1986) já pontuava que mesmo homens e mulheres lutando juntos contra a escravidão o homem negro sempre acolheu os valores patriarcais, justificando suas ações através da necessidade de lutar contra o racismo como prioridade.

¹⁵⁷ Conforme Figueiredo afirma: “Mulheres subalternizadas, discriminadas em razão da etnia, da classe social, do gênero, [...] sofrem todo tipo de desprezo da sociedade, mas resistem, cuidando sozinhas de sua prole, porque seus homens morrem ou desaparecem.” (2013, p. 157)

*body, by appropriating internalized colonial shame and inverting it into a means of self-definition*¹⁵⁸ (WALTER, 2003, p. 160)

Em geral as personagens femininas de Kincaid apresentam uma sexualidade bem resolvida e por essa razão suas personagens não encontram problemas em escolher parceiros sexuais sem envolvimento amoroso. Xuela promove através de si mesma uma libertação pautada na exploração de sua sexualidade e de seu corpo em benefício próprio, ela não permite que homem algum tome as rédeas da sua vida; mesmo quando se casa é ela quem dita as regras e se mostra sempre muito consciente de seus objetivos, mesmo quando perde a virgindade com o patrão, o senhor LaBatte, Xuela mostra consciência do que faz e não cede às pressões para manter uma gravidez para saciar o desejo da patroa em criar um filho (mesmo bastardo).

Em um dos contos de Evaristo a personagem Saura Benevides Amarantino, mãe de dois filhos e que gera outra criança fora do casamento também não segue as regras impostas pela sociedade patriarcal, e nesse caso ainda tem o apoio da mãe: “minha mãe me surpreendeu ao enfrentar meu pai. Em uma das discussões, em altos brados, ela desafiou o velho, dizendo que, se o corpo do homem pede, o da mulher também, principalmente de uma mulher jovem” (EVARISTO, 2011, p. 101). Apesar de não explorar de maneira tão explícita a sexualidade de suas personagens Evaristo também utiliza uma perspectiva que se distancia do modelo de sexualidade comum no Brasil, que construiu a figura da mulata como objeto sexualizado a serviço do homem branco.

Os três textos analisados trazem cenas de violência sexual como forma de evidenciar a submissão que se imprime à mulher em relação a outras violências: Xuela (que era menor de idade) perde a virgindade com o patrão senhor LaBatte, Elizete é constantemente violentada por Isaiah, Aramides foi violentada pelo marido antes de ele abandonar, Isaltina é violentada por vários rapazes (sendo que um deles tinha se declarado para ela):

Cinco homens deflorando a inexperiência e a solidão de meu corpo. Diziam, entre eles, que estavam me ensinando a ser mulher. Tenho vergonha e nojo do momento. Nunca contei para ninguém o acontecido. Só agora, depois de

¹⁵⁸ “Xuela constrói sua autoidentificação no seu corpo, tocando suas genitais, sentindo seu cheiro, fazendo amor. A atitude rebelativa dela de autodeterminação cria uma ordem de conhecimento sensual que almeja a subversão do entre-lugar caribenho, a descolonização da mente e do corpo, pela apropriação da vergonha colonial internalizada e invertendo-a em um meio de autodefinição”

trinta e cinco anos, neste exato momento, me esforço por falar em voz alta o que me aconteceu. (idem, p. 55)

Isaltina é estuprada porque não cede às investidas de um rapaz, que resolve dar-lhe uma lição para ela ‘aprender a gostar de homem’. Entre todas as protagonistas apenas Xuela não se importa em manter relações sexuais com o patrão, afastando-se dele apenas quando resolve abortar um filho seu. O mais importante a ser ressaltado é que as narrativas não focam apenas nessas experiências traumáticas, todas essas personagens superam esses momentos e seguem em frente com suas vidas. Diferentemente de outros textos literários encontramos nos romances e contos analisados uma perspectiva que vai além do uso da sexualidade como característica da mulher negra, a dimensão psicológica e sociológica é mais importante e desvela uma realidade mais densa e complexa sobre a hierarquia entre os gêneros.

Ainda sobre a questão da sexualidade não podemos deixar de citar os relacionamentos homossexuais que aparecem nos textos de Brand e de Evaristo. Geralmente quando se pensa em relações homossexuais, em especial entre mulheres, existe uma ideia de duplo, de igualdade entre as partes; mas isso não é uma regra, por exemplo, se compararmos as personagens Elizete e Verlia (*In Another Place, Not Here*) e Isaltina Campo Belo (*Insubmissas Lágrimas de Mulheres*) perceberemos que há uma discrepância muito grande, já que Verlia apresenta uma postura de não se envolver totalmente com ninguém e por isso acaba separando-se de Elizete (e o mesmo aconteceu com Abena tempos antes). Já Isaltina depois da experiência de um estupro encontra uma companheira para a vida toda numa reunião na escola da filha e descobre o que é o amor verdadeiro: “Como um chamamento à vida, Miríades me surgiu. Eu nunca tinha sido de ninguém em oferecimento, assim como corpo algum tinha sido meu como dádiva” (idem, p. 58).

Também é importante analisar que as mulheres que protagonizam os romances e contos analisados nesse capítulo são todas negras que passam por dificuldades bem específicas. Segundo Bonnici “o que se fala sobre cultura na Europa, nos Estados Unidos e mesmo numa nação híbrida como o Brasil inculca a não existência, a ausência e a exclusão da mulher negra” (2007, p. 106), não há dúvida de que os textos de Kincaid, Brand e Evaristo contribuem para a inclusão da mulher negra e a reflexão sobre a invisibilidade que durante tanto tempo acometeu aquela que sempre fora responsável pela amamentação das crianças brancas nas fazendas escravagistas ou nas cidades recém-fundadas.

Lélia Gonzalez (1984) pensa a situação da mulher negra partindo da ideia de que o racismo apresenta uma articulação com o sexismo que produz efeitos violentos desde os tempos do Brasil colônia. Ampliando a questão para fora da realidade brasileira acreditamos que esse entrecruzamento entre racismo e sexismo ocorre em todas as Américas com a mesma intensidade, personagens como Xuela, Elizete e Verlia compartilham através de suas experiências os aspectos simbólicos da dominação patriarcal sobre as mulheres negras, tendo em vista que elas são duplamente domesticadas. As experiências negras importam, e através do feminismo negro e da literatura feminina negra é possível contribuir para a ressignificação da condição da mulher negra, mas também da mulher branca que muitas vezes não está ciente de todas as esferas do patriarcalismo ou simplesmente não se interessa pelas realidades que estão fora de seu campo de vivência (como se, de alguma forma, essas realidades não tivessem importância), afinal: “as mulheres brancas que dominam o discurso feminista têm pouca ou nenhuma compreensão da supremacia branca como estratégia do impacto psicológico da classe, de sua condição política dentro de um Estado racista, sexista e capitalista” (HOOKS, 2015, p. 194).

3.5 Passado e memória, resistência e libertação

As obras analisadas ao longo desta pesquisa comprovam o crescimento exponencial de uma literatura voltada para a realidade afro-descendente desde dentro, através do contato estabelecido entre a escrita de Kincaid, Brand e Evaristo e a análise dos personagens e suas trajetórias afirmamos que as narrativas se estabelecem enquanto um *modus operandi* diverso da literatura e da cultura do colonizador branco, usando para isso a recuperação de um passado apagado pela violência da colonização.

Durante todo este capítulo buscamos pensar sobre os caminhos que levam as personagens a uma busca por pertencimento e ancestralidade. Nesse sentido não podemos deixar de lado que a estrutura das narrativas propõe uma problemática interessante acerca da relação entre passado e memória, uma vez que essa relação indica na escrita feminina negra

uma atitude de resistência e libertação, Evaristo afirma que “A literatura negra é um lugar de memória” (EVARISTO, 1996, p. 30), memória que aparece como forma de estabelecer um caminho possível para recuperação de uma ancestralidade até então desconhecida e que precisa ser respeitada porque representa as bases originárias de povos que foram arrancados de seus lares e terras e postos em situações desumanas. O entendimento da obra de Kincaid, Brand e Evaristo passa pelo mapeamento da reconstrução do passado através da memória, pois a esta, enquanto força subjetiva (BOSI, 2003), é uma ferramenta eficaz contra a subalternidade, os personagens que conseguem lidar com ela de uma forma saudável e que são capazes de narrar o passado afastando-se do trauma do esquecimento são os personagens que terminam a narrativa vencendo o sentimento de vazio e incompletude.

Os romances e contos analisados mantêm como foco centralizador o desenvolvimento de identidades despedaçadas pela falta de ancestralidade e pertencimento, muitas das protagonistas tornaram-se capazes de reconectar-se ao passado, mesmo traumático, através de uma ação afirmativa. Se é verdade que “as mulheres que escrevem no século XXI têm uma memória que se distingue daquela veiculada pelos homens, na medida em que elas dão conta de uma experiência de assujeitamento na ordem patriarcal que está longe de terminar” (FIGUEIREDO, 2013, p. 156) podemos inferir que Kincaid, Brand e Evaristo elaboram discursos de resistência mnemônica contra os discursos representacionais (que são, em sua maioria, brancos e masculinos), desconstruindo a ordem patriarcal e seu discurso de marginalização feminina.

Em última instância devemos levar em consideração que os eventos narrados em *The Autobiography of My Mother*, *In Another Place, Not Here* e *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* compartilham entre si a vivacidade do desejo de recordar como forma de autoconhecimento. As personagens dessas histórias vivem a memória porque ela faz parte de cada uma, segundo Assmann “o que será confiado à memória precisa não apenas manter-se indelevelmente inesquecível, mas também permanentemente presente” (2011, p. 265), ou seja, não há como escapar desse passado que apesar de apagado pelo discurso do opressor ainda é parte constante do ser-mulher enquanto sujeito colonizado, o passado que é reevocado pelas narrativas e pelas personagens explica o presente ao ressignificá-lo e permite uma ideia de futuro que não mais está fadado a ser sombrio; encontramos, portanto, uma materialidade na memória que guia cada narrativa.

3.5.1 A releitura do passado: perspectivas e paradigmas

As obras literárias de Jamaica Kincaid, Dionne Brand e Conceição Evaristo estão constantemente usando o passado como forma de pensar a existência humana em suas bases e paradigmas. Essas escritoras são representantes de um grupo social historicamente subalternizado e aniquilado política e economicamente, tendo em vista que “Desconstruir uma posição é mostrar que ela não é natural nem inevitável, mas uma construção” (WELLEK & WARREN, 1962, p. 70) estar consciente dessa construção é um passo importante, pois a consciência afasta o sentimento de naturalização de certos discursos, tornando inviável sua internalização. Fica claro que para que se possa estabelecer a desconstrução dessa posição de subalternidade é preciso restabelecer uma verdade sobre o passado que não diga respeito à verdade considerada autêntica/oficial, é preciso instituir uma verdade alternativa. Sendo mulheres escritoras e negras Kincaid, Brand e Evaristo precisaram estabelecer um espaço em que a releitura do passado fosse possível e viável, para isso as narrativas primeiramente apresentam os cenários em que a violência simbólica acontece (precedida ou não da violência física) com o objetivo de problematizar as experiências das personagens-protagonistas.

No romance *The Autobiography of My Mother* a narrativa é controlada pela protagonista Xuela, e o resgate do passado da mãe é a forma encontrada pela personagem para resgatar sua própria vida, mais uma vez Kincaid trabalha com a concepção de que nossa vida começa muito antes de nosso nascimento¹⁵⁹, é por essa razão que a personagem desse romance representa um símbolo dos efeitos cruéis da colonização (WALTER, 2003). Um desses efeitos é o apagamento da história e da cultura do povo colonizado, a própria Xuela mostra compreender a situação histórica de seu povo quando reflete sobre a sua vida: “*what makes the world turn against me and all who look like me?*”¹⁶⁰ (KINCAID, 1996, p. 132); desde criança Xuela foi percebendo que as pessoas não eram tratadas como iguais, e que as diferenças são responsáveis pela hierarquização das relações, inclusive as familiares. Ao não se permitir criar um laço afetivo com o pai a personagem salienta que as ações dele permitiram o apagamento da mãe e influenciaram negativamente o desenvolvimento de sua

¹⁵⁹ Em *Mr. Potter* a escritora já havia demonstrado isso quando se refere ao destino do senhor Potter ter sido traçado com a chegada de Cristóvão Colombo. O mesmo raciocínio também aparece no ensaio *In History*.

¹⁶⁰ “o que faz o mundo girar contra mim e contra todos que se parecem comigo?”

identidade, a forma com que o pai a tratou desde seu nascimento seria uma prova de que a colonização não acabou por completo porque as relações humanas continuavam seguindo o mesmo parâmetro.

A história de Elizete também está permeada por uma história apagada fruto da colonização da herança colonial, um exemplo claro de sua situação é o próprio fato de que ela não se lembra de nada do que viveu antes de mudar-se para a fazenda, é esse esquecimento total que permite que se sinta um objeto e não uma pessoa livre: *“I born to clean Isaiah’s house and work cane since I was a child and say what you want Isaiah feed me and all I have to do is lay down under him in the night and work the cane in the day”*¹⁶¹ (BRAND, 1997, p. 4). A submissão de Elizete relatada no início do romance deixa nítida a forma como a personagem via o mundo e enxergava a si mesma como sendo uma posse de Isaiah, a internalização do discurso opressor, que passa a ser visto como natural é extremamente perigoso, o contato com Verlia faz com que Elizete repense sua condição e esse é um fator crucial para a transformação da personagem.

A personagem Adela, que cuidou de Elizete durante algum tempo, também é um símbolo do passado na narrativa, ela é a representação da ancestralidade africana que continua presente no interior do indivíduo negro, ela está presa num lugar que não é sua terra, que não é África, ela repete as ações de sua tataravó que ao chegar à América não era capaz de nomear as coisas que estavam à sua volta. O próprio lugar em que elas viviam foi nomeado *Nowhere* e segundo Elizete há uma explicação para isso: *“I think deep about how a place name Nowhere could make sense and I discover that Adela had to make her mind empty to conceive it. The place she miss must have been full and living and take every corner in she mind so when she reach, there was no more room for here”*¹⁶² (idem, p. 20), o esquecimento muitas vezes funciona como uma forma de proteção. Os ancestrais de Adela (os primeiros escravos a chegar ao continente americano) precisaram abrir mão de seu passado e de suas experiências com a liberdade como forma de sobrevivência, mas com o tempo as atitudes como as de Adela causavam um estrago enorme nas identidades dos descendentes. O passado apagado é mais um trauma que precisa ser resolvido:

¹⁶¹ “Eu nasci para limpar a casa de Isaiah e trabalhar na cana desde que eu era uma criança e diga o que você quiser Isaiah me alimenta e tudo o que eu tenho que fazer é deitar com ele a noite e trabalhar na cana durante o dia”

¹⁶² “Eu pensei profundamente sobre como um lugar chamado Lugar Nenhum poderia fazer sentido e eu descobri que Adela teve que deixar sua mente vazia para concebê-lo. O lugar que ela perdeu devia ser completo e vivo e tomar todos os cantos da sua mente por isso quando ela chegou, não havia mais espaço para aqui”

A reevocação do passado constitui-se a partir de uma dupla cisão, que concerne, simultaneamente, ao tempo e à identidade: é porque o eu reevocado é diverso do eu atual que este pode afirmar-se em todas as suas prerrogativas. Assim, será contado não apenas o que aconteceu noutra tempo, mas como um outro que ele era tornou-se, de certa forma, ele mesmo. (MIRANDA, 1992, p. 33)

Essa dupla cisão tem muito a ver com as diversas etapas da vida e como cada etapa e cada história é constituída enquanto um constructo humano, e como essa história está repleta de ficção. Carlos Fuentes (2005) afirma que a literatura tem um papel essencial na recuperação do passado, segundo ele a arte restaura o que a história desprezou, enquanto a literatura torna real tudo aquilo que foi esquecido pela história; até que ponto estamos dispostos a ver a história a partir de uma perspectiva diferente, pois quando ela é recontada através da óptica da literatura ganhamos na essência, mas perdemos a suposta precisão científica dos fatos. Evaristo explica que realmente suas histórias são inventadas, mas ao mesmo tempo ela recupera alguns ‘personagens reais’ como forma de inspiração; mesmo quando há um fundo de verdade a imaginação se faz presente e para a escritora mineira a imaginação é sua melhor aliada:

Desafio alguém a relatar fielmente o que aconteceu. Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta. O real vivido fica comprometido. E, quando se escreve, o comprometimento (ou o não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência. (EVARISTO, 2011, p. 9)

O trecho acima faz parte da apresentação do livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* e nele Evaristo lembra que a distinção entre o fato vivido e o fato narrado não é tão simples, e por essa razão precisa ser visto e revisto em suas discrepâncias, a questão é que algo se perde na narração do fato, no entanto algo também se ganha. É por essa razão que as histórias contadas em *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* são sempre passadas para a narradora e ela faz questão de dizer que sai pelo mundo recolhendo histórias¹⁶³; lembremo-nos de que a própria Evaristo afirma em entrevista que aprendeu a contar histórias graças ao convívio com a mãe e a avó e que o dom da escrita veio a partir do saber ouvir: “gosto de afirmar que não

¹⁶³ A narradora não nomeada nesse livro de contos lembra muito a personagem de Maria-Nova (*Becos da Memória*), talvez ela seja uma versão adulta de Maria-Nova, já que ambas tem em si o seu desejo em colecionar histórias.

nasci cercada por livros, nasci cercada por palavras. Minha escrita nasce, talvez, mais da minha experiência com a oralidade, aprendizagem de berço, embora a leitura tenha me encantado também desde criança”¹⁶⁴.

A obra literária de Evaristo apresenta-se em sua intersecção entre história e ficção, oralidade e escrita, dor e resistência utilizando uma narrativa que se estabelece no contexto sociocultural brasileiro pensando na experiência afrodescendente em espaços controlados/controladores, fazendo sempre um paralelo com o passado histórico de escravidão. A personagem Mary Benedita, por exemplo, sabe de sua ancestralidade e reconhece traços de seu passado a partir das atitudes de sua mãe: “Cresci vendo minha mãe mascarar folhas para tingir nossas roupas. Tínhamos um guarda-roupa naturalmente colorido. Aprendizado que ela herdou de minha avó, que já havia recebido esse legado de outras mulheres mais antigas ainda, desde o solo africano” (EVARISTO, 2011, p. 67), Evaristo não perde a chance de fazer uma conexão entre suas personagens e o povo africano, revelando nuances dessa ancestralidade que muitas vezes se perdeu nas páginas dos livros de História do Brasil.

Esse olhar para o passado é uma constante na obra de Evaristo, e essa postura revela um ato de resistência, segundo Walter esse é um tipo de resistência necessário para a concretização de uma conscientização:

A deflagração do passado no presente é uma resistência cultural porque, enquanto agenciamento subalterno, ela constitui uma forma de conscientização que contém a possibilidade de uma futura transformação sociocultural no sentido de fazer compreender aos personagens diversos aspectos de sua história compartilhada, demonstrando como estes continuam a influenciar seu ethos e sua cosmovisão. (2009, p. 74)

A citação confirma a possibilidade de o passado ser instituído para criar uma resistência discursiva que impulsiona o indivíduo em sua busca por afirmação, autoconhecimento e libertação. A deflagração do passado, no entendimento de Walter, pode ser concebida como uma das ferramentas principais do agenciamento subalterno porque é a partir do ato de repensar o passado que o subalterno muda as bases de sua subalternidade. Dois trechos do conto ‘Regina Anastácia’ mostram que essa resistência cultural é possível quando se recupera o passado; ao se referir à mãe, Regina fala sobre a força da ancestralidade:

¹⁶⁴ <http://racabrasil.uol.com.br/Edicoes/96/artigo15620-1.asp/>, acesso em 07/11/2014.

“a força de minha mãe vinha do pessoal de outrora, principalmente das mulheres desde lá” (EVARISTO, 2011, p. 112); um pouco mais a frente a personagem comenta sobre a habilidade das mulheres de sua família na arte da culinária: “sei que as mulheres de minha família, todas eram e são exímias cozinheiras, além de todo ou qualquer outro dom. Habilidades que foram transmitidas, ensinadas umas para as outras” (idem, p. 113). Aqui se vê com clareza que a construção do passado continua tendo influência na atualidade da vida das personagens evaristianas, por essa razão o passado não deve ser esquecido, é preciso resgatá-lo e ressignificá-lo no sentido de dar ferramentas para o indivíduo resgatar a si próprio.

Para Xuela a história não é algo linear, o que indica a consciência da personagem que continua olhando para trás para entender como sua vida se entrelaça com a vida daquela mulher que tornou possível sua existência. A narrativa de *The Autobiography of My Mother* configura-se como uma intersecção entre passado e presente, ao mesmo tempo em que promove uma intersecção entre o eu e o outro, que neste caso, dá-se entre Xuela e a mãe; é por esse motivo que o título do romance possui dois termos ambíguos: ‘autobiografia’ implica o texto que narra a biografia de alguém por ele mesmo, enquanto ‘minha mãe’ indica que o texto seria a biografia de outra pessoa (nesse caso alguém que já está morta). Essa suposta confusão revela, entretanto, o real objetivo do romance, que é demonstrar como Xuela é, de certa forma, a representação da figura da mãe, e como esta é a própria filha. O mesmo acontece com a representação do tempo no romance, enquanto elemento crucial da história: “*For me history was not only the past: it was the past and it was also the present*”¹⁶⁵ (KINCAID, 1996, p. 138-139); resta saber como o indivíduo é interpelado e como ele reage às interpelações que surgem por conta da fragmentação da História¹⁶⁶, porque em último caso é essa fragmentação histórica parte fundadora do indivíduo pós-moderno e também do indivíduo pós-colonial.

Segundo Matsuda o passado se estabelece a partir do conflito e da fragmentariedade característica de nossa memória:

¹⁶⁵ “Para mim a história não é apenas passado: era o passado e também o presente”

¹⁶⁶ Referimono à fragmentação da História para falar sobre a maneira como o discurso historiográfico passou a ser caracterizado por muitas tendências ao mesmo tempo. José D’Assunção Barros (2004) discorre sobre a existência de uma fragmentação de especialidades (que passaram a ser cada vez mais restritas) e uma fragmentação de expectativas (não se aceita mais uma única forma de ver as coisas) que tornou a historiografia moderna um campo fragmentado e compartilhado.

*no history can be pure event, pure evolution; it is rather a repetition, a return to a history which must be retold, distinguished from its previous tellings. The past is not a truth upon which to build, but a truth sought, a re-memorizing over which to struggle. The fragmentary, disputatious, self-reflexive nature of such a past makes a series of 'memories' – even imperfect, imprecise, and charged with personal questions – the appropriate means of rendering the 'history' of the present.*¹⁶⁷ (1996, p. 16)

A história e o passado não são elementos puros, logo podemos supor que passado e história são lugares de batalha em que a memória interage com o objetivo de ir além do registro de eventos, afastando-se do 'discurso do vencedor' e do apagamento de histórias. A memória busca uma verdade que ultrapassa a linearidade histórica, a evocação do passado pela memória é uma característica da literatura de grupos excluídos socialmente porque serve como âncora para buscar uma identidade perdida, que ao ser resgatada torna possível uma reformulação nas bases socioculturais. Também é importante ressaltar o quanto a arte em geral, e a literatura em particular, tem cada vez mais utilizado a memória como ferramenta para reconstruir o passado; os textos de Kincaid, Brand e Evaristo demonstram essa tendência, reafirmando a máxima que o texto literário, ao não estar vinculado oficialmente ao documento histórico, tem maior liberdade para ficcionalizar o passado. Brand, por exemplo, utilizou-se de um texto histórico não apenas para criar a história de Marie Ursule em *At the Full and Change of the Moon*, mas também usou eventos históricos em poemas e no próprio romance *In Another Place, Not Here*, já que o texto narra como pano de fundo uma invasão americana no Caribe¹⁶⁸:

They ran out of the awful brightness of the cemetery, they ran out of their dreams, her head saying not today, not today, not today, round Circular Street up the fort road. They were heading for the fort, the comfort of the stone walls, the height, the lovely view of the sea and the harbour. She did all that she could with her body, pushed and pushed her legs to the walls, gave her flesh to running and running. Her body watering and emptying, her breathing so fast for her breath it burned. Her eyes unblinking. She could

¹⁶⁷ “nenhuma história pode ser acontecimento puro, evolução pura; é uma repetição, um retorno a uma história que deve ser contada, distinta das suas narrativas anteriores. O passado não é uma verdade sobre a qual se constroi, mas uma verdade procurada, uma rememoração sobre a qual se luta. A natureza fragmentária, discutida, autorreflexiva de tal passado produz uma série de ‘memórias’ – mesmo imperfeitas, imprecisas, e até acusadas por questões pessoais – os meios apropriados para render a ‘história’ do presente.”

¹⁶⁸ Os Estados Unidos criaram uma política de expansão depois da guerra civil que tinha como objetivo de estabelecer-se de vez como uma potência mundial. Graças ao Caribe o país norte-americano foi capaz de transformar-se num país industrial: “a relação peculiar com os Estados Unidos resultante dentre outros fatores de uma dramática assimetria de poder, bem como a proximidade geográfica, fez com que o Caribe fosse acessível a uma variedade de projetos norte-americanos” (VIVAS, 2011, p. 198). Durante todo o século XX várias foram as investidas dos Estados Unidos às ilhas do Caribe, pelo que Brand afirma em entrevistas ela utilizou como pano de fundo para o final de seu romance a invasão americana à ilha de Granada, que ocorreu no ano de 1983.

see the calm of the ocean, her heart so big she heard it in her ear. And pushing and running and running and forgetting she felt someone behind her, 'Comrade, run! Comrade, sister, lover, run, not today, not today.' Up the fort road, the steep, steep, gravel road, clothes heavy, heavy wet, the dry season sky, the dry dry day, the bees barking, the cicada shouts, heat waving through her rain of sweat. Who was behind her. Who was she leaving. 'Run, comrade!'"¹⁶⁹ (BRAND, 1997, 245)

Verlia busca forças para fugir de um final trágico que já se apresentava desde o começo do confronto. Essa citação, presente no final do romance brandiano, oferece a visão de uma combatente e de forma bastante poética mescla a dor física com a serenidade de quem vê a calma do oceano pela última vez. O leitor consegue visualizar o desespero da personagem através de períodos curtos e o uso de palavras afetivas como 'camarada', 'irmã', 'amante' mesclam-se com a ordem para correr.

3.5.2 A memória e o resgate da história como metáfora para o resgate de si mesmo

A história tradicional, com foco em eventos documentados e fatos oficiais, tem produzido 'órfãos culturais', pessoas que não conseguem estabelecer uma conexão entre o passado e suas raízes históricas porque estes foram apagados; os países colonizados estão cheios desses órfãos e existe uma grande demanda por parte de vários grupos étnicos a fim de ressignificar o passado como forma de amadurecimento coletivo. A literatura tem contribuído de forma significativa para essa construção cultural, as obras *The Autobiography of My Mother*, *In Another Place, Not Here* e *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* estabelecem uma

¹⁶⁹ "Eles correram para fora do horrível brilho do cemitério, eles correram para fora de seus sonhos, a cabeça dela dizendo hoje não, hoje não, hoje não, indo da Circular Street até a estrada do forte. Eles estavam indo para o forte, para o conforto dos muros de pedra, a altura, a bela vista do mar e do porto. Ela fez tudo que podia com o corpo dela, empurrou e empurrou as pernas para a parede, deu sua carne para correr e correr. O corpo dela regando-se e esvaziando-se, sua respiração tão rápida por sua respiração queimada. Seus olhos sem piscar. Ela podia ver a calma do oceano, o coração dela tão grande que ela podia ouvi-lo. E empurrando e correndo e correndo e esquecendo ela sentiu alguém atrás dela, 'Camarada corra! Camarada, irmã, amante corra, não hoje, não hoje'. Na estrada do forte, a estrada de cascalho íngreme, íngreme, roupas pesadas, pesado molhado, a estação seca no céu, o dia seco seco, as abelhas latindo, a cigarra grita, o calor acenando através de sua chuva de suor. Quem estava por trás dela. Quem era ela saindo. 'Corra, camarada!'"

articulação entre presente e passado através das memórias que as personagens mulheres buscam recuperar. Podemos ressignificar suas experiências pessoais pelo entendimento de que suas histórias são parte de uma realidade mais ampla; segundo Maurice Halbwachs (1990) a memória interna/pessoal/autobiográfica é influenciada diretamente pela memória externa/social/histórica. No entanto como relacionar memória interna e memória externa quando essa última se revela insuficiente para dar conta de uma ‘realidade quebrada’?

Os espaços mnemônicos criados na obra de Kincaid, Brand e Evaristo vão além do simples recordar fatos e experiências porque eles desenvolvem uma memória que reapropria histórias, renomeia lugares, reconta eventos, realoca pessoas em suas próprias histórias, afinal se vivemos sob o signo da memória (HUYSSSEN, 2000) é preciso analisar sobre qual memória estamos falando e a favor de quem essa memória trabalha. O processo mnemônico é guiado pelo próprio grupo social que está no poder ou que tem o discurso do poder a seu favor (e geralmente é isso mesmo que acontece), sendo assim os fatos servirão de instrumentos para dominação e para tornar viável a invisibilidade e a subalternidade de outros grupos. Relembramos aqui o fato de que o pai de Xuela nunca contou-lhe sobre sua mãe, isso porque para ele era melhor que ela simplesmente não existisse.

Segundo Aleida Assmann (2011) a reformulação da memória leva à reformulação da identidade, por essa razão as personagens dos romances e contos analisados estão em constante processo de transformação, reformulação e compreensão da realidade. A memória, tanto no nível coletivo como no nível individual desenvolve uma proliferação de discursos que subvertem a ordem preestabelecida e aproximam o sujeito de suas raízes; nesse caso um sentimento de pertencimento torna-se possível e viável, embora seja problemático e muitas vezes doloroso. No caso de Xuela a forma que a personagem encontra para recuperar a história da mãe é através da memória, quando sonha com a mãe a própria Xuela se transforma: “*when I awoke, I was not the same child I had been before I fell asleep*”¹⁷⁰ (KINCAID, 1996, p. 18). O relato sobre o sonho de Xuela é comovente porque indica o desejo da personagem em sentir a presença materna¹⁷¹, por outro lado Xuela nunca consegue ver o rosto da mãe, algo angustiante. Pelo processo de memorização (BHABHA, 1998), apesar de todas as lacunas, Xuela se torna capaz de descolonizar a figura materna e

¹⁷⁰ “quando eu acordava, eu não era a mesma criança que eu era antes de dormir”

¹⁷¹ Na página 18 do romance a personagem chega a afirmar que se sentia satisfeita em poder ver pelo menos os tornozelos da mãe, visto que ela nunca fora capaz de sonhar com ela e vê-la de corpo inteiro.

descolonizar a ela mesma, esse é um processo importante que revela uma mudança de paradigmas.

Vimos que em *The Autobiography of My Mother* o sentimento de perda nunca é superado, e na medida em que Xuela nunca consegue recuperar por completo a figura da mãe não é capaz de obter uma compensação satisfatória e isso influencia todos os estágios da vida da personagem. Na obra de Kincaid o relacionamento com a mãe se estabelece como um paralelo da relação do indivíduo com sua terra natal, logo, quando Xuela pensa em sua mãe como um símbolo de uma perda afetiva existe a tentativa de Kincaid em lidar com o sentimento de perda de sua terra. Nesse caso a memória de Xuela, assim como os recursos memorialísticos usados na narrativa justificam-se como uma forma de subverter a educação britânica recebida por ambas (autora e personagem do romance), fato comprovado quando lembramos que as primeiras palavras que Xuela aprende a ler são “*The British Empire*” (KINCAID, 1996, p. 10). Todo o romance é uma busca por recuperar a memória da mãe de Xuela (e de todos aqueles que foram silenciados pelas mãos do império britânico e de sua colonização). Kincaid falou sobre a educação recebida durante sua infância:

*I did not know then that the statement, ‘Draw a map of England’ was something far worse than a declaration of war, for in fact a flat-out declaration of war would have put me on alert, and again in fact, there was no need for war — I had long ago been conquered. I did not know then that this statement was part of a process that would result in my erasure, not my physical erasure, but my erasure all the same.*¹⁷² (KINCAID, 1991, p. 34)

Analisando sua educação Kincaid é capaz de estabelecer uma ligação entre o modelo educacional britânico e o discurso do colonizador, ao entender essa ligação a escritora consegue perceber que ela fora conquistada há muito tempo, ou seja, antes mesmo de seu nascimento. Acreditamos que a força na literatura produzida por Jamaica Kincaid vem da compreensão do processo de apagamento de seu povo e dela mesma enquanto mulher negra, a partir dessa compreensão surge um pensamento de resistência. O uso da memória num indivíduo consciente se estabelece, portanto, como uma ferramenta contra esse apagamento do indivíduo, e é claro, da nação. A memória também é uma forma de se manter em alerta e superar as marcas da opressão. No caso dos contos de Evaristo encontramos personagens

¹⁷² “eu não sabia então que a declaração, ‘Desenhe um mapa da Inglaterra’, era algo pior que uma declaração de guerra, de fato uma declaração de guerra teria me colocado em alerta, e de novo de fato, não havia necessidade de guerra – eu tinha sido conquistada há muito tempo. Eu não sabia então que essa declaração era parte de um processo que resultaria no meu apagamento, não meu apagamento físico, mas meu apagamento mesmo assim.”

dispostas a contar suas histórias como forma de exorcizar fantasmas do passado, em cada caso o ato de lembrar-se é uma forma de cura e por essa razão a memória mexe com os sentidos; em cada narrativa de *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* “o processo de rememoração é impregnado de atitudes emotivas e ideológicas (in)conscientes” (WALTER, 2010, p. 8), levando a momentos comoventes em que a narradora/colecionadora das histórias se emociona tanto quanto as mulheres que contam suas experiências. Muitas vezes recuperar a memória pode ser doloroso, mas é uma ação necessária; esse é o caso da personagem Maria do Rosário Imaculada dos Santos, que foi sequestrada ainda criança, e passou muito tempo tentando esquecer-se de lembrar, o momento em que acontece o encontro com o passado é libertador:

Eu tinha um desejo enorme de falar de minha terra, de minha casa primeira, de meus pais, de minha família, de minha vida e nunca pude. Para eles, era como se eu tivesse nascido a partir dali. Todas as noites, antes do sono me pegar, eu mesma me contava as minhas histórias, as histórias de minha gente. Mas, com o passar do tempo, com desespero, eu via a minha gente como um desenho distante, em que eu não alcançava os detalhes. Época houve em que tudo se tornou apenas um esboço. Por isso, tantos remendos em minha fala. A deslembração de vários fatos me dói. Confesso, a minha história é feita mais de inventos do que de verdades. (EVARISTO, 2011, p. 42)

Notemos que num primeiro momento é a lembrança da família que faz a menina suportar a dor da distância, mas depois de tentar fugir e de perceber que não seria capaz de voltar para casa o ‘esquecimento’ foi o único caminho a ser percorrido; naquele momento foi preciso esquecer. Quando adulta Maria do Rosário começou a relembrar do seu rapto com frequência, durante um evento para pessoas desaparecidas ela encontra a irmã e nas memórias contadas por ela a personagem Maria do Rosário se encontra novamente. Esse e outros relatos presentes no livro de contos apresentam as experiências das ‘mulheres narradas’ na obra de Evaristo partindo do ponto de vista delas mesmas; as narrativas refletem sobre as relações sociais entre homens e mulheres, e as relações afetivas entre indivíduos e suas famílias, além de abordar as relações que se estabelecem entre o passado dessas mulheres e suas memórias. Para Ricouer “lembrar-se é não somente acolher, receber uma imagem do passado, como também buscá-la, fazer alguma coisa” (2007, p. 71), em outras palavras é tornar real o que a memória resgatou, é entender que a memória não é simplesmente um local de depósito (um ambiente passivo), mas um local de construção, cujas atividades acontecem continuamente, muitas vezes quando menos se espera, outras vezes graças ao esforço pessoal em recuperar o

que foi perdido; de toda forma o trauma só é superado por completo quando ele consegue ser narrativizado, quando a memória finalmente aceita trazer as imagens de volta ao presente.

Percebemos também que principalmente na obra de Evaristo, e especialmente em *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* a oralidade (característica típica das tradições africanas) tem um papel importante na recuperação da memória das mulheres presentes na narrativa, sendo um elemento catalisador da ancestralidade; a importância desse papel se intensifica na medida em que a narradora se põe como uma guardiã da memória (assim como Maria-Nova e Ponciá). Na oralidade o mote principal é a imaginação e sua força transformadora, por causa da necessidade em preencher as lacunas da enunciação a história pode finalmente ser revista e repensada, é por isso que a narradora não se envergonha em utilizar-se da memória e da imaginação para compor suas histórias: “Eu invento Líbia, eu invento! Fale-me algo de você, me dê um mote, que eu invento uma história como sendo sua” (EVARISTO, 2011, p. 74).

Como dissemos há pouco não é fácil recuperar a memória, porque ao fazê-lo também entramos em contato com o que perdemos. A personagem Adela, de *In Another Place, Not Here*, foi arrancada de sua terra e trazida para a América e por isso não consegue nomear as coisas porque sua mente está repleta de lembranças de sua terra natal, Elizete tenta ajudar a anciã: “*I say to myself that if I say these names for Adela it might bring back she memory of herself and she true name. And perhaps I also would not feel lonely for something I don't remember*”¹⁷³ (BRAND, 1997, p. 24). Elizete, que nasceu na Dominica, não quer sofrer por um lugar que não conhece, mas ao mesmo tempo compreende a necessidade de recuperar o passado de Adela como forma de resgatá-la e trazer de volta sua vontade de viver; nada do que Elizete faz é eficaz porque Adela nunca superou o trauma do rapto.

Já Verlia, que é mandada para o Canadá para ficar com os tios e conseguir uma educação de qualidade e uma profissão de respeito, demonstra ter uma percepção sobre o passado histórico muito mais apurada do que Elizete. Verlia demonstra desde pequena ter uma consciência do que acontece à sua volta, é por isso que não consegue se adaptar à vida em Toronto; na verdade Verlia não é capaz de se adaptar nem ao seu núcleo familiar, a personagem se mostra surpresa porque não se parece com seus familiares, eles não possuem qualquer traço de consciência: “*She knows that none of them remember; they proceed, living their own lives outside of her looking. She envies them. For them, children did not have*

¹⁷³ “Eu digo a mim mesma que se eu disser esses nomes para Adela eu poderia trazer de volta a memória dela sobre si mesma e seu verdadeiro nome. E talvez eu não me sentisse solitária por algo que eu não lembro”

*memories or worries or grief or needs that were more than arbitrary*¹⁷⁴ (idem, p. 131). A personagem não compreende por que eles não se lembram e por isso ela não aceita a postura dos familiares, eles, por sua vez, não acreditam que ela possa ter um turbilhão de consciência dentro de si; Verlia guarda em si um barulho permanente em sua cabeça (o barulho do oceano) e na busca por lembrar o que perdeu a personagem vive numa constante infelicidade. O fato de que ela não consegue criar laços com seus parentes deixa tudo ainda mais complicado e perturbador. Verlia não possui um sentimento de pertencimento que a conecte à sua família¹⁷⁵. É possível que a volta de Verlia para o Caribe seja com o objetivo implícito de recuperar uma memória perdida, e não apenas para lutar contra as forças opressoras do capitalismo.

Os textos de Kincaid, Brand e Evaristo abordam pontos de vista de grupos excluídos pela herança colonial. A memória cumpre a função de narrativizar histórias que mesmo estando separadas pelo tempo, pelo espaço e pelas experiências continuam sendo ramificação de uma realidade que se repete; sendo assim os romances e contos analisados funcionam como espaços mnemônicos, ou como lugares impessoais de memória:

Textos literários, gostaria de argumentar, funcionam como lugares impessoais de memória porque acumulam e geram significados da episteme cultural de um grupo, etnia, sociedade, nação [...], a memória é inevitavelmente discursiva e sujeita à disposição psicológica da pessoa que memoriza” (WALTER, 2010, p. 4)

Gostaríamos de ressaltar que os significados gerados a partir dos textos literários são responsáveis por uma postura questionadora do leitor, que passa a encarar os espaços mnemônicos das narrativas como alternativas para o discurso histórico; nesse caso a memória emocional ganha *status*. A escrita dessas autoras é permeada por essa memória emocional que se apresenta a partir da dor, segundo Xuela: “*Everything in my life, good or bad, to which I am inextricably bound is a source of pain*”¹⁷⁶ (KINCAID, 1996, p. 7). Ao tomar para si a responsabilidade por sua memória Xuela, assim como as outras protagonistas, referenciam o

¹⁷⁴ “Ela sabe que nenhum deles lembra, eles continuam, vivendo suas próprias vidas fora de seu olhar. Ela tem inveja deles. Para eles, as crianças não têm memórias ou preocupações ou dores ou necessidades que sejam mais do que arbitrárias”

¹⁷⁵ No capítulo anterior já falávamos que os personagens de *At the Full and Change of the Moon* também sentiam-se perdidos porque o sentimento de pertencimento não existia. A sensação de não pertencer de fato a um lugar ou a um grupo é, portanto, uma questão recorrente na obra de Brand e demonstra o desejo da escritora em relatar as identidades fragmentadas pela experiência diaspórica e pela escravidão.

¹⁷⁶ “Tudo na minha vida, bom ou ruim, a que estou ligada indissolivelmente é uma fonte de dor”

desejo de ter uma voz e de ter uma história; por mais que pensem unicamente em suas trajetórias, elas não serão capazes de cortar o laço com a coletividade, mesmo que a memória individual nunca possa ser vista de forma separada, cada memória coletiva também é interpelada pelo ponto de vista individual, e “este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações com outros meios” (HALBWACHS, 1990, p. 51), ou seja, há caminhos que podem ser trilhados a fim de ressignificar essa memória para o sujeito e para os demais de seu grupo social.

3.5.3 Memória e Representação: em busca da decolonialidade¹⁷⁷

Durante todo este capítulo trabalhamos com romances e contos que possuem protagonistas mulheres que viveram experiências dramáticas e buscaram se reerguer a partir de uma postura de resistência frente ao discurso histórico institucionalizado, essa resistência também aparece como caminho para desconstruir a própria História. As narrativas analisadas utilizam a linguagem como tecido da memória, mas essa memória aplicada aos textos de Kincaid, Brand e Evaristo é ressignificada, e vai colando fragmentos e pedaços recolhidos de histórias perdidas e apagadas, como uma colcha de retalhos. Não se pode falar em memória sem falar em esquecimento.

Para Benjamin (1987) quando a escrita da História silencia a experiência dos grupos subalternos ela transforma-se num ‘monumento de barbárie’, e temos vivido sob a sombra desse monumento por tempo demais, muitas vezes sem a consciência de fazê-lo. A escrita feminina negra, em geral, visa instituir um elemento básico para fortalecer a identidade fragmentada de sujeitos ‘sem-história’: a memória como elemento de resistência e sobrevivência. Em *The Autobiography of My Mother* Xuela trava uma busca incessante:

¹⁷⁷ O conceito de decolonialidade foi desenvolvido por Mignolo (2003) a fim de falar sobre a necessidade de uma construção de novos olhares que possibilitem o afastamento da perspectiva eurocêntrica e de suas demandas, pois segundo o autor o eurocentrismo nunca foi suficiente para explicar a realidade americana em suas bases epistemológicas.

*To speak of my own situation, to myself or to others, is something I would always do thereafter. It is in this way that I came to be so extremely conscious of myself, so interested in my own needs, so interested in fulfilling them, aware of my grievances, aware of my pleasures. From this unfocused, childish expression of pain, my life was changed and I took note of it.*¹⁷⁸
(KINCAID, 1996, p. 22)

A personagem do romance de Kincaid conta ter passado a vida inteira tentando aplacar a falta que constituía todo seu ser e nesse trecho, percebemos que a menina Xuela percebe o poder da linguagem, afinal é com a descoberta das cartas que Xuela escrevia que a professora chama o pai da personagem, é nesse momento, depois de ler o conteúdo dessas cartas, que o pai resolve levar a filha para morar com ele. Xuela percebe que pode inscrever sua história na própria História, e de certa forma essa consciência em relação à linguagem e à memória é uma característica comum na obra de Kincaid e em sua própria trajetória como escritora.

A ideia de que quando se perde a memória o indivíduo – ou a nação – submerge ao mundo das trevas está presente na primeira parte de *In Another Place, Not Here*. Elizete não se lembra de nada e Adela (e seus antepassados que vieram da África para a América) se recusa a lembrar: “*I used to try to make my mind as empty as Adela but I never like it because it make me feel lonely and blind and sorrowful and take me away from myself*”¹⁷⁹ (BRAND, 1997, p. 20), Elizete sente necessidade de tentar fazer com que Adela se recorde de seu verdadeiro nome e de sua verdadeira língua porque o ‘esquecimento’ de Adela repercute nas gerações futuras, que passam a não ter história ou ancestralidade. A própria Elizete sofre com esse ‘esquecimento institucionalizado’ porque parte de seu ser, enquanto sujeito histórico, é simplesmente desconhecido.

Quando as protagonistas de *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* aceitam compartilhar suas trajetórias de vida com uma mulher desconhecida fazem-no com a certeza de que “é contando nossas próprias histórias que damos a nós mesmos uma identidade” (RICOEUR, 1997, p. 426). Nesse aspecto é correto afirmar que a identidade dessas personagens se estabelece a partir do momento em que se mostram conscientes de suas trajetórias de vida e preparadas para narrar seus traumas; sua identidade está intimamente ligada ao desejo de

¹⁷⁸ “Falar da minha própria situação, para mim mesma ou para outros, é algo que eu sempre faço depois. É desta forma que cheguei a ser tão extremamente consciente de mim mesma, tão interessada em minhas próprias necessidades, tão interessada em cumpri-las, consciente de minhas queixas, consciente de meus prazeres. A partir desta expressão sem foco, infantil de dor, minha vida mudou e eu tomei nota disso.”

¹⁷⁹ “Eu costumava tentar deixar minha mente tão vazia quanto a de Adela mas eu não gosto porque isso me faz sentir solitária e cega e triste e me leva para longe de mim”

superação e resistência, e a narradora vai ‘costurando’ essas histórias porque sabe que elas estão, de um jeito ou de outro, conectadas:

Enquanto Lia Gabriel me narrava a história dela, a lembrança de Aramides Florença se intrometeu entre nós duas. Não só a de Aramides, mas as de várias outras mulheres se confundiram em minha mente. Por breve instante, me veio também a imagem da Mater Dolorosa e do filho de Deus pregado na cruz, ficções bíblicas, a significar a fé de muitos. Outras deusas, mulheres salvadoras, procurando se desvencilhar da cruz, avultaram em minha memória. Aramides, Lia, Shirley, Isaltina, Daluz e mais outras que desfiavam as contas de um infinito rosário de dor. E depois, elas, mesmas, a partir de seus corpos mulheres, concebem a sua própria ressurreição e persistem vivendo. (EVARISTO, 2011, p. 81)

Notamos que os contos de Evaristo não se equiparam simplesmente por causa das histórias de dor e sofrimento, o principal objetivo da escritora – e da narradora – é mostrar que a superação venceu o sofrimento, cada uma das mulheres lutou por suas vidas e seus objetivos, a passagem ‘outras deusas, mulheres salvadoras’ demonstra que o foco desses contos é exaltar a luta, a insubmissão e a postura contra a subalternidade. Além disso há de se destacar o fato de que essas vitórias foram sendo conquistadas por elas mesmas, em nenhum momento vemos as personagens sendo resgatadas, é a luta delas que as liberta. Essas narrativas comprovam que é possível fazer ouvir as vozes femininas silenciadas pela opressão patriarcal-colonial-racial-social através do estabelecimento de um comprometimento contra a alienação. Segundo Lélia Gonzalez é possível pensar em duas instâncias que se contrapõem:

A gente tá falando das noções de consciência e de memória. Como consciência a gente entende o lugar do desconhecimento, do encobrimento, da alienação, do esquecimento e até do saber. É por aí que o discurso ideológico se faz presente. Já a memória, a gente considera como o não-saber que conhece, esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade, dessa verdade que se estrutura como ficção. Consciência exclui o que memória inclui. Daí, na medida em que é o lugar da rejeição, consciência se expressa como discurso dominante (ou efeitos desse discurso) numa dada cultura, ocultando memória, mediante a imposição do que ela, consciência, afirma como a verdade. Mas a memória tem suas astúcias, seu jogo de cintura: por isso, ela fala através das mancadas do discurso da consciência. (1984, p. 226)

Gonzalez opõe os conceitos de consciência e memória tendo em vista como cada um desses elementos funciona enquanto discurso ideológico. Já que o termo consciência é posto como o lugar em que o discurso aparece em cena e configura-se como mais potente podemos

dizer que o conceito de ‘consciência’ trabalhado pela autora tem uma ligação com o que chamamos de História, afinal ela também exclui muitos fatos em detrimento de outros em favor de um discurso dominante, em outras palavras ela está repleta de silenciamentos, que, por sua vez, instauram um lugar de desconhecimento para grupos sociais marginalizados. Já a memória, apesar de instável é inclusiva e pode ser várias em uma só porque “é múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada” (NORA, 1993, p. 9); a memória está em busca de uma verdade mais profunda, para tornar possível o resgate dessa verdade a memória tem que problematizar o discurso da consciência/história.

Os romances e contos reforçam a postura ativa e comprometida de Kincaid, Brand e Evaristo em assumir o controle de seus caminhos através da literatura, além de proporcionar às suas personagens espaços em que se possam criar alternativas para a subalternidade. Numa entrevista Kincaid explica sua necessidade em reivindicar a si mesma “*I do come from this tradition of possessing and claiming yourself, because if you don’t possess and claim yourself, someone else will. You keep declaring that you are in full possession, which is to say you are on guard*”¹⁸⁰ (apud FERGUSON, 1994, p. 184). O que Kincaid quer dizer com reivindicar-se é tomar posse de sua vida, de seu ser e de sua história, lutar por tudo aquilo que foi roubado durante o período de conquistas, colonização e escravidão, livrar-se da exploração que foi sedimentada desde então.

As narrativas presentes nesse capítulo funcionam como engrenagens para o estabelecimento de uma consciência que funcione para descolonizar corpos, mentes, culturas e relações institucionalizados pelo discurso historicamente aceito e estabelecido. Se a colonialidade trabalha para impedir que se questionem essas estruturas a descolonialidade (ou decolonialidade) funciona como uma energia que desafia as estruturas sociais, minando a lógica do sistema desde dentro. Essa busca por descolonialidade está presente em cada texto analisado nesta pesquisa e o conceito de identidade que vai sendo formado e desenvolvido por Kincaid, Brand e Evaristo vai pontuando essa desconstrução de discursos, valores e crenças. Os romances e contos analisados propõem uma posição remodelada em relação à representação de indivíduos com histórico de dominação, promovendo assim uma poética de autorrepresentação que longe de buscar um discurso de vitimização corre atrás do resgate da memória como elemento de autoconhecimento.

¹⁸⁰ “Eu venho desta tradição de possuir e de reivindicar-se, porque se você não se possui e não se afirma, alguém o fará. Você continua declarando que está em posse total, o que quer dizer que você está em guarda.”

CAPÍTULO 4

A DIÁSPORA NEGRA E A PROBLEMÁTICA DA IDENTIDADE DIASPÓRICA



Figura 13



Figura 14

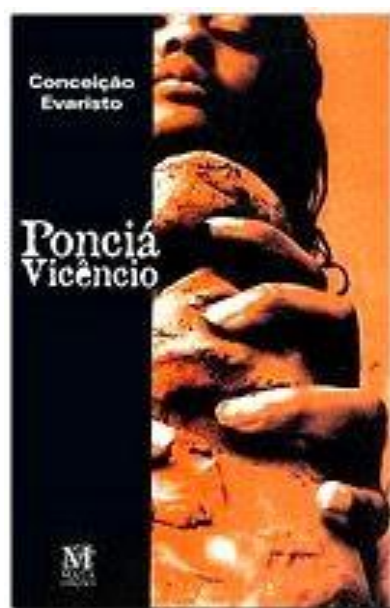


Figura 15

4.1 A Diáspora Negra e a geopolítica da marginalidade

A experiência diaspórica tem sido uma das fontes mais exploradas na literatura negra produzida nas Américas; esta constatação demonstra uma conexão forte entre o contexto diaspórico da contemporaneidade e os laços com o passado dos negros africanos retirados de África. Esse contexto apresenta uma realidade problemática que promove uma identidade fragmentada, resultado das condições típicas dos tempos atuais, essa fragmentação diz respeito ao estilhaçamento das origens e raízes dos sujeitos que não tiveram uma experiência de pertencimento positiva.

O termo diáspora vem do grego clássico (*διασπορά*) sendo traduzido para *diaspeirein*, cujo significado indica ‘dispersar’, ‘espalhar’, ‘disseminar’. A palavra diáspora passou a ser utilizada para falar sobre a dispersão de povos, em especial como consequência de perseguição política ou religiosa. Esses dois exemplos mostram que a diáspora tem várias facetas e pode se estabelecer de várias formas. Seu uso esteve condicionado a dois momentos históricos: primeiro a colonização dos gregos e o estabelecimento da Primeira e da Segunda Diáspora Grega, ocorrida no período de XV a.C. a VIII a.C.; em segundo lugar há o relato sobre a dispersão do povo judeu a partir do exílio babilônico, este grupo social sofreu preconceito e perseguição, por essa razão foi se espalhando por várias partes do mundo, formando novas comunidades.

Já há algum tempo o conceito de diáspora tem sido objeto dos Estudos Culturais para definir e problematizar o deslocamento – forçado ou não – de outros grupos de seres humanos excluídos pela dinâmica capitalista globalizada, essa atitude é um contraponto aos estudos tradicionais que por muito tempo detiveram-se apenas à experiência judaica. Ainda hoje a Diáspora Negra ou Africana é menos conhecida do que a Diáspora Judaica, mas imaginemos a amplitude de sua influência para a história da humanidade, afinal enquanto evento histórico ela teve função importante para as configurações sociais, históricas, políticas, econômicas e culturais do mundo contemporâneo. O primeiro ponto que deve ser destacado é o fato de que a diáspora negra proporcionou um crescimento da escravidão e do tráfico de escravos numa escala nunca antes vista, esse movimento serviu ao sistema imperial/colonial e gerou muito lucro para os países europeus envolvidos, que encontraram uma verdadeira ‘mina de ouro’ no

‘Novo Mundo’ e desenvolveram a ‘mão-de-obra ideal’ para seus interesses. Segundo Hall (2000) essa realidade de exploração dá início à diáspora nos moldes que conhecemos; sem dúvida pensar a questão da diáspora nas Américas a partir do seu papel no cenário global atual é refletir sobre tópicos relacionados à cultura, identidade, raça, etnia, memória etc. e relacioná-los ao esquema civilizatório implantado pelo colonizador europeu.

Com o advento dos Estudos Culturais e o aumento da quantidade de textos – teóricos e literários – sobre o tema percebe-se que o conceito de diáspora negra/africana ganhou uma importância que não deve ser ignorada. Escritores e escritoras negros de todas as partes têm usado a literatura como forma de refletir sobre a experiência diaspórica na contemporaneidade, revelando suas nuances e problemáticas; também se percebe que esses escritores pensam a diáspora relacionando-a com o passado histórico da Diáspora Negra. Em um de seus livros mais conhecidos – *A Map to the Door of No Return* – Dionne Brand chega a dizer que “*Our inheritance in the Diaspora is to live in this inexplicable space*”¹⁸¹ (2001, p. 19), o que deixa claro quão difícil é lidar com todo este espaço que se configura a partir da natureza ambígua e conflitante do sentimento de um indivíduo e de um povo. Este capítulo tem o objetivo de compreender como esse evento histórico (que começa com o tráfico negreiro e se estende aos dias atuais, com especificidades obviamente diferentes) é introduzido na escrita das autoras Kincaid, Brand e Evaristo, tendo em vista que o movimento diaspórico revela muitas vezes um processo de alienação e fragmentação identitárias que pode ser insuperável, extremamente cruel e muitas vezes com consequências irreversíveis. Ora, se “A diáspora constitui um trauma coletivo de um povo que voluntária ou involuntariamente foi banido de sua terra e, vivendo num lugar estranho, sente-se desenraizado de sua cultura e de seu lar” (BONNICI, 2005, p. 361) e se ela interfere de maneira direta no desenvolvimento da identidade dos indivíduos a diáspora precisa/deve ser analisada a partir do conflito e da contradição que lhe são inerentes.

É importante ressaltar que a diáspora traz consigo uma ruptura angustiante com o passado e com os povos ancestrais, essa realidade é ampliada quando pensamos no caso africano. Poderíamos pensar na diáspora africana a partir de três momentos históricos significativos: no primeiro a dispersão dos negros se dá a partir do período da Antiguidade, como forma de abastecer um comércio escravista que utilizava como rotas o deserto do Saara, o Mar Vermelho e o Oceano Índico. O segundo momento acontece depois das ‘descobertas’

¹⁸¹ “Nossa herança na Diáspora é viver nesse espaço inexplicável”

feitas a partir das navegações portuguesas e ocorre entre os séculos XV e XIX, nesse contexto mais de 10 milhões de africanos foram trazidos para as Américas para atuar como mão-de-obra escrava. O terceiro momento – o mais atual – se dá em meados do século XX quando um número significativo de pessoas passa a migrar principalmente para as antigas metrópoles coloniais em busca de melhores condições de vida (é bom lembrar que essa é a primeira vez que a diáspora negra acontece de forma livre e intensa, ou seja, sem a existência de um comércio de escravos). Notemos que os dois primeiros momentos que citamos enquadram-se no conceito de diáspora pré-transnacional trabalhado por Spivak (1996); já o terceiro momento, mais atual, se enquadra no conceito de diáspora transnacional também trabalhado pela estudiosa indiana e demonstra a luta contra a desigualdade social e racial; para Gilroy (2001) saímos de uma percepção de maldição para uma reapropriação das experiências de subordinação.

Mesmo que os textos de Kincaid, Brand e Evaristo abordem esse terceiro estágio da diáspora negra, um momento em que o desejo pessoal do indivíduo é a principal causa da migração, nota-se claramente que não é uma decisão simples, uma vez que nesses casos as pessoas sentem que a única alternativa para conquistar uma vida melhor é sair de sua terra natal – local assolado por desigualdades sociais e problemas de várias ordens. De maneira geral as obras a serem analisadas nesse capítulo exploram a heterogeneidade e diversidade na identidade e nas relações dos personagens, que são interpelados por uma realidade dúbia (passado e o presente, ‘nós’ e os ‘outros’, lar e exílio, conforto e desconforto etc.) que se manifesta de forma contínua; ao mesmo tempo veremos que as personagens de Kincaid, Brand e Evaristo reagem a essa realidade dúbia e conflitante de formas diferentes, de acordo com as especificidades de cada contexto narrado, nesse contexto é preciso refletir como o sentimento de pertencimento/não pertencimento é abordado nas narrativas.

Os textos analisados apresentam personagens com identidades pautadas principalmente na memória e na experiência afrodiaspórica. Em geral nossa análise mostra a importância dada por Kincaid, Brand e Evaristo à busca por descolonização do indivíduo pós-colonial, focando na impossibilidade de o indivíduo migrante encontrar seu lugar na sociedade a não ser numa condição subalternizada. Para este capítulo utilizamos os romances *Lucy* (1990), de Jamaica Kincaid, *What We All Long For* (2005), de Dionne Brand, e *Ponciá Vicêncio* (2006), de Conceição Evaristo, a fim de analisar a experiência diaspórica como fonte de influência profunda para a construção da identidade e para o estabelecimento das relações

sociais do sujeito negro migrante, em especial a mulher migrante. Tendo em vista que a diáspora é um conceito “fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um ‘Outro’ e de uma posição rígida entre o dentro e o fora” (HALL, 2003, p. 32), o entendimento dos romances escolhidos passa pela apreensão de como essa fronteira de exclusão se estabelece no texto. Procuramos perceber como as personagens seguem seus caminhos e fazem suas escolhas a partir dessa realidade de exclusão e da construção desse ‘Outro’.

Ao abordarmos a diáspora como foco temático deste capítulo queremos traçar um olhar que retrate como a diáspora está enredada no estágio atual da experiência humana, sendo um símbolo da vida contemporânea globalizada. Pensamos na importância de analisar o duplo pertencimento causado pela experiência diáspórica, afinal “pertencer, por assim dizer, aos dois lados da divisa imperial permite que os entendamos com mais facilidade” (SAID, 1995, p. 29); principalmente nos casos de Kincaid e Brand (que se mudaram para Estados Unidos e Canadá) é preciso levar em consideração que existe um olhar privilegiado que consiste na ação dupla e problemática (muitas vezes confusa) de olhar de dentro para fora e ao mesmo tempo olhar de fora para dentro (MINH-HÁ, 1997); já no caso de Evaristo percebemos que o olhar que a escritora desenvolve tem a ver com um movimento migratório interno, mas que se estabelece com grande ruptura, uma vez que Evaristo muda para uma cidade-metrópole. É essa percepção que viabiliza a compreensão mais ampla desse sujeito, em última instância, um sujeito transnacional¹⁸² interpelado pelo local e pelo global, pelo lar de origem e o lar adotado.

A diáspora negra é, portanto, uma encruzilhada onde está posicionada uma série de elementos que trazem à baila conceitos relacionados com a experiência de uma população dispersa, que apresenta um sentimento de exílio e cujo passado foi posto em ruínas pela escravidão e preconceito (CLIFFORD, 1997). Os romances analisados no decorrer deste capítulo configuram-se, assim, como lugares estratégicos para ressignificar a experiência diaspórica a partir de vozes afro-descendentes e de suas histórias de desterritorialização e esquecimento epistêmico.

¹⁸² O termo transnacional refere-se aqui ao fato de que cada vez mais e de forma mais contundente vivemos num mundo em que as fronteiras geográficas encontram-se dispostas num sistema não-rígido e fluido. Dessa forma as identidades diaspóricas se estabelecem nos contextos global e local, estes, por sua vez estão sendo restabelecidos e reconduzidos a novas conexões, e essas ocorrem numa realidade sem precedentes (WALTER, 2009; BRAH, 1996).

4.2 *Lucy, What We All Long For*, e *Ponciá Vicêncio*: a experiência diaspórica nas Américas

Segundo Stuart Hall “os processos das chamadas migrações livres e forçadas estão mudando de composição, diversificando as culturas e pluralizando as identidades culturais dos antigos Estado-Nação dominantes, das antigas potências imperiais e, de fato, do próprio globo” (2003, p. 94), isso significa dizer que ao se afastarem das características dos primeiros estágios da diáspora cada vez mais os movimentos diaspóricos têm sido responsáveis por uma mudança no panorama contemporâneo, com isso eles negam a composição de pureza e homogeneidade e se declaram heterogêneos e cheios de diversidade. Quando analisamos os romances *Lucy, What We All Long For* e *Ponciá Vicêncio* é possível inferir que a evolução do multiculturalismo no cenário global não se dá de maneira simples, por essa razão apesar de o discurso multicultural ser relativamente bastante comum em países como Estados Unidos, Canadá e Brasil, as relações sociais que se estabelecem a partir desse padrão ‘multicultural’ são conflituosas e escondem o processo complexo que institui cotidianamente as relações de poder e exploração em especial nas comunidades ou grupos subalternizados pela condição racial.

Veremos que a vivência das protagonistas desses romances demonstra que a diáspora é responsável por um processo de desestruturação do ser humano; a diáspora, mesmo consentida e desejada, provoca no sujeito uma sensação que se caracteriza pela dubiedade de sentimentos e também pela impossibilidade de possuir uma identidade estável. Quando Anh Hua cita Paul Gilroy ela explica que é preciso pensar a diáspora como tema problematizador de conceitos tradicionais: “*As Paul Gilroy observes, diaspora theorizing can problematize and complicate issues of belonging by providing alternatives to the traditional conceptions of race, nation, and bounded culture*”¹⁸³ (2005, p. 196), dessa forma o conceito de diáspora e sua teorização pode nos levar a uma reformulação de questões tradicionalmente mais homogêneas e estáveis. É graças a esse repensar que podemos analisar a identidade diaspórica negra enquanto fragmentária e partindo desse ponto é possível considerar as ações das personagens dos romances como uma reação a essa realidade, a forma como cada escritora faz

¹⁸³ “Como Paul Gilroy observa, a teorização sobre diáspora pode problematizar e complicar questões de pertencimento por oferecer alternativas para as concepções tradicionais de raça, nação, e cultura limitada.”

a mediação nas narrativas esclarece seu próprio entendimento em relação ao processo de escrita, mas principalmente o nosso entendimento frente à perspectiva crítica de Kincaid, Brand e Evaristo.

4.2.1 *Lucy*

O romance *Lucy* foi publicado em 1990 e ajudou a fortalecer a carreira literária de uma escritora que já havia recebido prêmios por seu trabalho literário e que demonstrava um estilo forte e por vezes ácido e irônico. A narrativa traz a história da protagonista Lucy Josephine Potter, uma jovem de dezenove anos que sai de seu país de origem – Antígua – em busca de uma profissão nos Estados Unidos; a história é narrada em primeira pessoa e por essa razão entramos em contato com a intensidade dos sentimentos de Lucy, tanto no que diz respeito ao seu passado conturbado (em especial por causa da relação da protagonista com sua mãe) quanto em relação ao seu presente (principalmente seus sentimentos e percepções acerca de seu país e de seu novo lar). Neste romance somos apresentados à experiência de Lucy e entramos em contato com a ideia de que os deslocamentos da personagem (deslocamento físico/geográfico e deslocamento mental/psicológico) constituem a realidade do sujeito diaspórico.

Mais uma vez não podemos deixar de mencionar o fato de que a trajetória da protagonista desse romance é muito similar à trajetória da própria escritora, segundo ela mesma afirma em entrevista¹⁸⁴: “*She was going to have a name that would refer to the slave part of her history, so why not my own? I write about myself for the most part, and about things that have happened to me.*”¹⁸⁵ Dessa forma temos a construção de uma narradora-personagem que, assim como a escritora, mudou-se para os Estados Unidos ainda muito jovem, a fim de estudar, trabalhar como *au pair* e enviar dinheiro à família; no começo da narrativa fica claro que o objetivo principal da viagem de Lucy era preencher as expectativas

¹⁸⁴ <http://www.missourireview.com/archives/bbarticle/interview-with-jamaica-kincaid/>, acesso em 30/10/2014.

¹⁸⁵ “Ela ia ter um nome que ia se referir à parte escrava da história dela, então porque não meu próprio nome? Eu escrevo sobre mim mesma na maior parte do tempo, e sobre coisas que aconteceram comigo.”

da mãe em tornar-se uma enfermeira e ajudar financeiramente a família. Lucy percebe que os desejos da mãe são uma armadilha para seu futuro, por essa razão acaba mudando seu destino quando enxerga que o futuro fabricado para ela não condizia com o que ela própria queria para si. Através da análise de várias entrevistas de Kincaid é possível afirmar que o espírito crítico e contestador de Lucy também aproxima a personagem da escritora, ambas mostram uma busca incansável por espaço e respeito.

A história gira em torno do primeiro ano de Lucy nos Estados Unidos e tem cinco capítulos em que as peças sobre quem verdadeiramente é Lucy vão se encaixando através do uso de *flashbacks*. O primeiro capítulo – intitulado *Poor Visitor* – se inicia com a chegada da personagem a seu destino final, os Estados Unidos, no mês de janeiro. É perceptível o desconforto de Lucy, e este pode ser explicado por duas questões principais: em primeiro lugar ela, nascida e criada na Antígua – um país de clima tropical –, chega ao país norte-americano em pleno inverno; em segundo lugar ela percebe, no instante que começa a andar pelas ruas, que o sonho americano que ela mesma cultivava dentro de si está recheado de mentiras e decepções. Lucy passa a morar e trabalhar na casa de Lewis e Mariah, tornando-se babá das quatro filhas do casal (Louise, May, Jane, Miriam). Durante todo esse capítulo é possível perceber o sentimento de inadequação da personagem, que sonha com a terra natal e a mãe, mas mesmo assim continua sua vida infeliz porque não aceita as limitações que sua família impunha por ela ser mulher.

A convivência de Lucy com a patroa Mariah (uma mulher branca, culta e de classe média, típico modelo de esposa da sociedade patriarcal) é narrada de forma mais enfática no capítulo 2 intitulado *Mariah*. A narrativa é desenvolvida demonstrando também a complexidade do relacionamento entre a protagonista do romance e sua mãe, que ficou na Antígua. Em um dos momentos narrados Lucy explica a maneira como a patroa sempre tentava fazer com que as filhas gostassem de tudo e se tornassem uma cópia dela; esse trecho é importante porque essa é a mesma sensação da protagonista em relação à sua mãe. O intrigante é o fato de que sempre que os sentimentos de Lucy são apresentados temos a sensação de que existe uma confusão tão profunda que nem mesmo a personagem é capaz de explicar, no trecho “*The time that I loved Mariah it was because she reminded me of my mother. The times that I did not love Mariah it was because she reminded me of my*

*mother*¹⁸⁶ (KINCAID, 1990, p. 58) percebemos a importância da figura de Mariah para o desenvolvimento da identidade de Lucy, e como a relação dela com a patroa serve sempre como mote para a comparação entre a relação de Lucy com sua genitora. Lucy torna-se apta para traçar um paralelo entre as figuras da mãe e de Mariah porque ela enxerga nas duas símbolos do discurso patriarcal, seja por causa da condição delas perante a estrutura familiar, seja por suas condutas na criação dos filhos e na internalização dos discursos de inferioridade da mulher; esse paralelo é sintomático pois demonstra que o contato com o patriarcalismo e seus preceitos está em todo lugar, em toda classe social, em toda relação humana.

À medida que a narrativa vai avançando descobrimos um pouco mais sobre a intimidade da personagem, desde as amizades que Lucy cultivava nos Estados Unidos (em especial com Peggy, que também é babá) e principalmente os envolvimento da personagem com alguns homens, incluindo o primeiro beijo dado quando ela ainda morava na Antígua. O capítulo *The Tongue* mostra como a protagonista do romance tem uma postura madura e não convencional em relação à sua sexualidade; quando Lucy fala de Hugh, por exemplo, ela mostra que naquele momento estava interessada apenas no prazer físico e não num relacionamento amoroso: “*Just thinking about hands and his mouth could make me feel as if I were made up of an extravagant piece of silk*”¹⁸⁷ (idem, p. 71). O mesmo raciocínio vale quando a personagem relembra como perdeu a virgindade, Lucy deixa claro que em seu ponto de vista a virgindade não era tão importante quanto para a sociedade patriarcal, e com certeza essa é uma tônica recorrente no romance kincaidiano.

Em *Cold Heart* a família de Mariah volta para casa depois de passar o verão na casa de veraneio da família. É durante esse capítulo que ficamos sabendo da decisão da personagem de sair da casa de Mariah, apesar da forma carinhosa com que a patroa trata Lucy, a personagem carrega em si a certeza de que quer conquistar sua independência e viver com Mariah impossibilitaria essa conquista por causa das crenças de sua patroa e de tudo que ela representava para o sistema patriarcal. O fato mais importante dessa parte da narrativa é a descoberta da morte do pai de Lucy através de uma carta entregue em mãos, artifício pensado pela mãe, pois Lucy não respondeu a qualquer das cartas que recebera anteriormente (aliás vale ressaltar que ela sequer as abriu). Essa descoberta é a responsável pela carta que Lucy resolve escrever para a mãe; é por conta da maneira fria como a personagem encara a situação

¹⁸⁶ “As vezes que eu amava Mariah era porque ela me lembrava de minha mãe. As vezes que eu não amava Mariah era porque ela me lembrava de minha mãe”

¹⁸⁷ “Só em pensar em suas mãos e boca poderia me fazer sentir como se eu fosse feita de uma peça extravagante de seda”

que o capítulo foi intitulado Coração Frio; Lucy parece compreender que é na distância da família que reside sua liberdade, apesar de pensar diversas vezes em sua terra natal e em seus parentes a personagem nunca cede ao sentimentalismo, ela usa da razão para estabelecer objetivos claros e também para mostrar força para não desistir de qualquer um deles.

O último capítulo recebe o mesmo nome do livro e aqui ficam ainda mais claras as mudanças ocorridas na vida de Lucy. É janeiro novamente e diferentemente da visão pessimista que paira sobre boa parte da narrativa a protagonista de Kincaid mostra que o ano que passou desde sua chegada aos Estados Unidos foi importante para sua jornada de autoconhecimento e liberdade. Aqui ela é capaz de afirmar que *“I had been a girl of whom certain things were expected, none of them too bad: a career as a nurse, for example; a sense of duty to my parents; obedience to the law and worship of convention. But in one year of being away from home, that girl had gone out of existence”*¹⁸⁸ (idem, p. 133), houve um processo de amadurecimento de Lucy que tornou possível uma postura de emponderamento. Em um ano a personagem foi capaz de ir além da atitude pessimista que a acompanhava no começo do romance, ela compreendeu sua condição de mulher negra na sociedade e mesmo sem incentivo traçou suas próprias escolhas. Lucy deixou pra trás todo o discurso patriarcal que a infantilizava e começou a traçar o caminho para sua liberdade e independência. O romance termina com Lucy tomando as rédeas de sua vida: ela sai da casa de Mariah e se demite para trabalhar como secretária, além disso ela já havia desistido de fazer o curso de enfermagem para dedicar-se à fotografia.

Através da forma como o romance é trabalhado identifica-se de forma clara a impossibilidade epistemológica de a protagonista ter uma identidade sólida, e essa impossibilidade é constituída por causa da vivência de Lucy no entre-lugar tão próprio do indivíduo migrante:

Lucy nunca consegue encontrar um lugar na sociedade e nem estabelecer uma identidade sólida. Lucy é um híbrido cultural que termina sua história sozinha, pois ela, que nasceu em Antígua, foi criada sob os rígidos padrões britânicos e vive nos Estados Unidos, personifica características pertencentes a todas essas culturas em que viveu e ao mesmo tempo não é representante de nenhuma delas. (PONTES, 2010, p. 107)

¹⁸⁸ “Eu tinha sido uma menina de quem se esperava certas coisas, nenhuma delas tão ruim: uma carreira como enfermeira, por exemplo; um senso de dever para com meus pais, obediência para com a lei e uma adoração à convenção. Mas em um ano de vida longe de casa, aquela garota tinha deixado de existir”

É interessante pontuar que o romance kincaidiano possui duas questões importantes para uma mesma realidade: em primeiro lugar a narrativa apresenta uma personagem com um posicionamento crítico latente que demonstra a força de uma consciência não subalterna, em segundo lugar nos deparamos com uma personagem que termina a narrativa quase tão solitária como começou. Kincaid usa de sua própria experiência e compartilha com seus personagens as mesmas reflexões e os mesmos desapontamentos que ela vivenciou em sua jornada nos Estados Unidos, mas ao mesmo tempo cria um espaço de ficcionalização responsável por uma narrativa intimista. Ao se apropriar de características culturais de sua terra natal, da terra natal de seus colonizadores e da potência mundial norte-americana em sua obra literária Jamaica Kincaid comprova que as culturas não estão distantes entre si, elas se interconectam em processos fluidos e heterogêneos. *Lucy* se estabelece, portanto, como um produto desse processo cultural e sua identidade não sólida apresenta-se como uma representação do sujeito negro diaspórico preso no âmbito da colonialidade e suas marcas.

4.2.2 *What We All Long For*

Vários textos literários de Brand apresentam-se através de uma ótica coletiva, essa coletividade leva suas narrativas a possuírem o mesmo esquema de (não)pertencimento. É o que acontece com o livro *What We All Long For*, publicado em 2005 (o terceiro romance de Dionne Brand). Nele a escritora afro-canadense mescla o protagonismo da história entre um grupo de amigos (Tuyen, Carla, Oku e Jackie) e o irmão de um deles (Oku), é importante mencionar que a narrativa brandiana dá um espaço que não pode ser ignorado à cidade em que esses personagens vivem, mostrando que Toronto é, ao mesmo tempo, multicultural e segregacionista. O viés multicultural se evidencia quando, logo no início do romance somos informados de que a cidade está cheia de pessoas de todo lugar do mundo: “*Name a region on the planet and there’s someone from there, here*”¹⁸⁹ (BRAND, 2005, p. 4), o próprio laço de amizade entre os personagens do romance, todos eles vindos de lugares diferentes e com

¹⁸⁹ “Nomeie uma região no planeta e há alguém de lá, aqui”

etnias diferentes, é, também, a prova do encontro entre diversos povos e das relações sociais que são estabelecidas a partir desse encontro.

Apesar de toda essa diversidade cultural aclamada como sendo própria da identidade cultural canadense os personagens vivem inúmeras experiências traumatizantes de preconceito e exclusão social, comprovando a ideia de que existe uma construção histórica de estereótipos capaz de criar uma série de isolamentos. Ao todo são 25 pequenos capítulos sem título em que percebemos uma realidade comum para aqueles que não são considerados ‘verdadeiros canadenses’; graças à alternância da primeira para a terceira pessoa e graças ao foco narrativo, que passa por Quy e pelos amigos de Tuyen (Carla, Oku e Jackie) conseguimos mapear as dificuldades vividas pelos imigrantes ou filhos de imigrantes (mesmo aqueles nascidos no país).

Todas as vezes em que o foco narrativo está em Quy a narração acontece em primeira pessoa, nesse caso entramos em contato com o único personagem que não convive com os demais e que não vive em Toronto; Quy está longe de todos porque se perdeu dos pais e irmãs quando eles estavam fazendo a travessia do Vietnã para o Canadá. A história de Quy é importante principalmente porque nos permite entender como a relação entre Tuyen e os pais se deteriora; além disso o romance também apresenta a faceta cruel da condição dos imigrantes em países desenvolvidos, isso fica bastante claro quando analisamos a condição de Cam e Tuen (pais de Tuyen), eles tinham um status social em seu país de origem, e quando chegam ao Canadá não conseguem arrumar empregos em suas áreas – engenharia e medicina, respectivamente – e por isso passam a trabalhar em trabalhos subsalariados, passando assim à viver numa condição de marginalidade social¹⁹⁰.

De maneira geral o principal elo entre Tuyen e seus amigos se estabelece através dos problemáticos laços familiares destes com seus genitores: “*They had an unspoken collaboration on distancing themselves as far as possible from the unreasonableness, the ignorance, the secrets, and the madness of their parents*”¹⁹¹ (idem, p. 19), ora a amizade entre eles começa a se solidificar porque eles se veem uns nos outros, eles compartilham um senso de comunidade que não existe entre cada personagem e sua família. Esse trecho deixa claro que existia uma necessidade inerente a todos eles de afastar-se do universo doente e

¹⁹⁰ É sabido que aos imigrantes, especialmente imigrantes de cor, são destinados os trabalhos com menor valor salarial e social.

¹⁹¹ “Eles tinham uma colaboração não-dita para distanciar-se tão longe quanto possível, da irracionalidade, da ignorância, dos segredos, e da loucura de seus pais”

contraditório de seus pais, imigrantes em primeiro grau¹⁹². Para entender o romance é preciso entender a história de cada um dos amigos de Tuyen, assim veremos como suas narrativas se encaixam e como elas funcionam para indicar um senso de coletividade.

A personagem Tuyen é filha de Tuan e Cam, casal que sai do Vietnã com duas filhas e um filho mais novo a fim de fugir da guerra. Na primeira oportunidade a personagem sai de casa em busca de independência e com o objetivo de afastar-se do ambiente familiar, para Tuyen esse afastamento é necessário porque ela desejava exercer sua individualidade. Tuyen não se sentia parte daquele grupo de pessoas que cultivavam uma cultura (a vietnamita) que ela não reconhecia como sendo dela: *“When she was little, Tuyen rebelled against the language, refusing to speak it. At five she went through a phase calling herself Tracey because she didn’t like anything Vietnamese.”*¹⁹³ (idem, p. 21) Aqui é possível perceber que o conflito existente entre Tuyen e seus pais diz respeito, principalmente a esse choque cultural, a personagem não reconhece as raízes de seus pais como suas e por essa razão busca refúgio fora de casa e procura encontrar raízes próprias (nesse caso Tuyen quer que suas raízes sejam canadenses).

Tuyen é apaixonada por Carla e apesar de serem amigas íntimas e morarem próximas não desenvolvem um relacionamento amoroso. A proximidade entre Tuyen e Carla pode ser explicada em parte, pelo histórico de conflitos familiares que culminaram na atitude desta em sair de casa. No caso dessa personagem o conflito se estabelece exclusivamente com a figura paterna; Carla guarda rancor pelo fato de seu pai, um homem negro, ter abandonado sua mãe branca; além de culpá-lo pelo sofrimento da mãe Carla também sente na pele sua rejeição. Quando Carla e o irmão Jamal vão viver com o pai e sua esposa fica perceptível que não há qualquer esforço por parte dele a fim de criar uma conexão com os filhos, o que causa grande desconforto, ambos acabam saindo de casa e Carla sente a necessidade de cuidar e proteger o irmão.

Na medida em que a narrativa se desenvolve entramos em contato com a trajetória de Quy, que precisou desde cedo aprender a cuidar de si próprio. Quando sua família troca de embarcação rumo ao Canadá Quy entra no barco errado e acaba sozinho em Pulau Bidong, um campo de refugiados; no início ele continuava esperando pelos pais, até que sua esperança

¹⁹² Usamos aqui ‘imigrante de primeiro grau’ para nos referirmos aos pais de Tuyen, Carla, Oku e Jackie, pessoas que vieram de outros países em busca de melhores condições de vida. Já seus filhos, que nasceram no Canadá não tiveram a experiência direta da experiência diaspórica.

¹⁹³ “Quando ela era pequena Tuyen se rebelou contra a língua, recusando-se a falá-la. Aos cinco anos ela passou por uma fase em que chamava a si mesma Tracey porque ela não gostava de nada vietnamita.”

em reencontrá-los se dissipa com o passar dos dias: “*now you would understand I was not a lovely child any more. My legs had sores, places I picked and picked and ate the skin off. I was unwashed, and lice were plentiful in my head. I scratched and scratched until my head was bruised and scabby*”¹⁹⁴ (idem, p. 76). A partir do momento em que Quy perde a esperança também perde o contato com a identidade que ia construindo em sua infância, essa falta de identidade e a necessidade material e emocional fazem com que o personagem passe a cometer atos ilícitos para sobreviver.

Quando a focalização passa para Oku encontramos mais um personagem que enfrenta as dificuldades em relacionar-se com os pais imigrantes; sua família é negra e por essa razão passam por problemas que dizem respeito à falta de oportunidades e preconceito racial. Diferentemente de seus amigos Oku ainda mora com os pais, e isso provoca nele sentimentos surreais, Oku sente que habita dois mundos: o mundo dos pais e suas expectativas em relação ao futuro dele, já que Oku está na universidade seus pais enxergam a possibilidade de uma vida diferente (assim o futuro poderia funcionar como uma forma de redenção para o passado deles), há também o mundo de Oku, lugar cheio de incertezas e com um nível de desigualdade social enorme.

A vida de Jackie também não é fácil, sua família veio da Nova Scotia, uma província que até 1867 era independente e passa a fazer parte do território canadense através de um ato constitucional. O afastamento entre Jackie e seus pais acontece porque a personagem não lembra nada sobre o antigo lar de seus pais e ela sabe que o pai não fora capaz de terminar os estudos porque toda a família dele tinha que trabalhar, eles eram muitos e a chance de estudar sempre fora algo sem qualquer prioridade. Sua relação com o namorado Reiner é uma forma de buscar abrigo e proteção, a personagem desejava um porto seguro e por isso Jackie sempre afasta as investidas de Oku, porque acredita que eles vivem a mesma situação conflituosa em relação a suas identidades e em relação aos laços familiares, e para Jackie isso significa que eles não poderiam ter um futuro juntos.

Ao longo do romance outros personagens aparecem, mas todos eles apresentam-se como ramificações desses cinco personagens, demonstrando o quanto a narrativa se prende a uma grande teia em que as mesmas questões são postas em cena através de perspectivas que se aproximam em alguns aspectos, mas que são, antes de tudo, fundamentalmente

¹⁹⁴ “agora você entende que eu não era mais uma criança encantadora. Minhas pernas tinham feridas, lugares que eu piquei e piquei e que comi a pele. Eu estava sujo, e piolhos eram abundantes na minha cabeça. Eu cocei e cocei até que minha cabeça ficasse machucada e cheia de crostas”

heterogêneas e multiculturais numa cidade que promove tudo isso de forma complexa. Segundo Brand afirma em entrevista¹⁹⁵

*I think I do live in a different place, I just haven't fully come to understand it yet. I sat down the other night for a coffee with a friend, and it occurred to me that this city we live in has never happened before. Toronto has not happened before, and that's something incredible. And it hasn't ever happened before because all of these different types of people, sharing different kinds of experiences, or what we call identities, have just not been in the same place together before.*¹⁹⁶

O que acontece no romance é essa profusão de vidas e identidades que apesar de ser garantida pelos processos de transculturação que determinam a globalização e vice-versa, continua sendo pautada por exclusão social e racial, preconceito e tantos outros problemas. A escrita brandiana aponta na realidade sociocultural canadense uma série de inconsistências no que diz respeito à multiculturalidade e à aceitação das diferenças raciais/étnicas.

Brand se interessa pelos diferentes tipos de pessoas que dividem suas vidas em Toronto porque percebe que todas essas experiências são uma coletânea da fragmentação identitária tão própria da sociedade canadense, a profusão de personagens nas narrativas brandianas demonstra o desejo da escritora em pensar e problematizar as relações tênues que têm sido mantidas como base estrutural para a exploração da mão-de-obra de sujeitos não brancos. Em outras palavras a experiência diaspórica desses sujeitos está envolta na problemática da invisibilidade e da sua não nomeação (WEST, 1993) e é desconstruindo o falso discurso da multiculturalidade e tudo que ele carrega que Brand encontra novas formas de representação a fim de substituir os estereótipos criados e difundidos.

¹⁹⁵ <http://www.forpsicom.uniba.it/public/files/Interview%20to%20Brand%20re%20THE%20DOOR.pdf>, acesso em 04/11/2014.

¹⁹⁶ “Eu acho que vivo em um lugar diferente, eu só não entendi totalmente ainda. Sentei-me na outra noite para um café com um amigo, e me ocorreu que esta cidade em que vivemos nunca aconteceu antes. Toronto não aconteceu antes, e isso é algo incrível. E não já aconteceu antes, porque todos esses diferentes tipos de pessoas, compartilhando tipos diferentes de experiências, ou o que nós chamamos de identidades, não estiveram no mesmo lugar juntos antes.”

4.2.3 *Ponciá Vicêncio*

Graças ao romance *Ponciá Vicêncio* Conceição Evaristo ganha destaque no cenário literário nacional. Esse texto revela, como a própria escritora afirma, o desejo em “situar a existência de um discurso literário que, ao erigir as suas personagens e histórias, o faz diferentemente do previsível pela literatura canônica, veiculada pelas classes detentoras do poder político-econômico” (EVARISTO, 2009, p. 19). O leitor se depara com personagens não estereotipados e com histórias de sofrimento e exploração entrelaçadas a um forte envolvimento familiar. Evaristo afasta-se, portanto, da previsibilidade que sempre esteve presente nas narrativas com personagens negros e de sua conduta na literatura canônica para aprofundar-se nos vazios, perdas e partidas de uma personagem jovem em busca de um futuro diferente para si e para os seus.

O romance narra a história de Ponciá Vicêncio, mulher jovem que nasceu na propriedade do coronel Vicêncio (homem poderoso que continuava a tratar seus empregados da mesma forma como seus predecessores tratavam seus escravos); a fazenda se localizava no interior de algum Estado brasileiro (não identificado no texto) e estava dividida em inúmeras partes, em cada uma delas seus moradores precisavam plantar e prestar contas ao coronel. Apesar de terem recebido pedaços de terras depois de alforriados os moradores estavam presos a uma dívida inventada pelo coronel, e nunca sanada. Ponciá teve que desde cedo conviver com a miséria e a falta de oportunidades porque os moradores-empregados da fazenda não tinham sequer direito a frequentar a escola; Ponciá e sua família viviam e trabalhavam em terras que não eram suas, continuavam a viver a vida de escravidão, mesmo sendo indivíduos livres.

Entre os romances analisados *Ponciá Vicêncio* é o menor em extensão, no entanto o texto explora as complexidades dos personagens de forma tão intensa que o leitor acaba mergulhando na linguagem sutil e no sofrimento escancarado. Para Maria José Somerlate Barbosa – que escreve o prefácio do livro – “É muitas vezes a sutileza do que não foi dito ou explicado, ou aquilo que foi narrado apenas de soslaio que anuncia os processos de travessia emocional dos personagens e que enriquece o texto” (EVARISTO, 2003, p. 12), ou seja, entre os não ditos é possível compreender os sentimentos de Ponciá e como estes sentimentos estão

ligados ao passado da personagem. O romance é formado por 46 pequenos trechos que funcionam como uma colcha de retalhos bem produzida, é graças a essa ‘colcha’ que somos capazes de conhecer a história da protagonista a partir de suas experiências, sejam elas felizes ou traumáticas, é através do entrelaçamento entre o passado na fazenda (desde antes do nascimento da personagem) e o presente na cidade grande (com todas as dificuldades e desafios) que as reflexões que dão a tônica do romance vão sendo delineadas, especialmente no que diz respeito à caracterização dos ambientes marcados pela desigualdade social.

Logo no início da narrativa somos apresentados a uma lembrança da Ponciá criança, quando ela brincava de ‘enganar o arco-íris’ para não se tornar menino. Nesse tempo a personagem era genuinamente feliz, não tinha preocupações e não via necessidade de desejar ser um menino. Ponciá não se sentia incompleta por ser mulher porque compreendia a força do ser feminino, graças à força que emanava de sua mãe, a quem ela tanto admirava a personagem via a mulher como um ser forte que podia inclusive dar ordens ao marido; quando criança Ponciá tinha uma visão bem resolvida acerca da condição feminina: “Ponciá Vicêncio gostava de ser menina. Gostava de ser ela própria. Gostava de tudo.” (idem, p. 13) A imagem de Ponciá em seus primeiros anos de vida – e a imagem da formação de sua identidade e personalidade – representa um ponto positivo porque revela que o vazio que a personagem sente, e que vai aumentando com o passar do tempo, só é desenvolvido em nível alarmante em sua vida adulta, quando ela está afastada de suas raízes e de seus familiares.

A narração é feita em terceira pessoa, por causa da narração onisciente temos a oportunidade de ter um conhecimento sobre o interior da personagem que nos permite uma visão privilegiada acerca dos sentimentos mais íntimos de Ponciá. Nos momentos em que a personagem está com seu marido, por exemplo, não há conversa, há apenas a descrição sobre o que ocorre no interior de Ponciá. Ficamos sabendo logo no começo do romance que a personalidade de Ponciá foi profundamente influenciada pelo pai de seu pai, Vô Vicêncio, fato que causa estranheza em todos porque o avô morre quando ela ainda era uma criança de colo; a trajetória de Vô Vicêncio (um homem que viveu a experiência da escravidão institucional e acabou matando a mulher para salvá-la dessa realidade) é uma marca do passado de sofrimento que faz parte de Ponciá, mesmo que ela não tenha total compreensão sobre isso. Depois de cometer o homicídio de sua companheira Vô Vicêncio tenta cometer suicídio para fugir da escravidão, o pai de Ponciá corre para buscar ajuda, impedindo Vô Vicêncio de terminar seu plano, ele acaba com uma mão decepada e completamente louco. As

marcas que o avô deixa em Ponciá podem ser explicadas se pensarmos na força da ancestralidade, elemento tão presente nas obras evaristianas.

A vida e a trajetória de Ponciá emergem como resultados de um processo traumático gerado pela experiência de escravidão de seus antepassados. Marianne Hirsch (2001) desenvolveu o conceito de pós-memória para caracterizar a experiência dos indivíduos que cresceram sob o signo do trauma a partir de narrativas e discursos que disseminavam o silêncio de grupos marginalizados, segundo a autora *“Postmemory describes the relationship of the second generation to powerful, often traumatic, experiences that preceded their births but that were nevertheless transmitted to them so deeply as to seem to constitute memories in their own right”*¹⁹⁷ (HIRSH, 2008, p. 103). O passado de escravidão do povo de Ponciá, e conseqüentemente de sua família de sangue, é mencionado diversas vezes, comprovando que a personagem vive uma realidade que representa um passado inacabado de fato e que nunca pode ser superado. Dessa forma Ponciá continua apresentando sintomas dessa violência porque esta foi um marco na história do grupo social de que ela faz parte; autores como Caruth (1995), Seligmann-Silva (2000) e Hirsch (2001) enfatizam que o trauma se forma através da junção entre os eventos traumáticos e a incapacidade do sujeito de lidar com eles. Esse passado tão traumático destrói vidas e também é responsável por destruir relações familiares, como é o caso do pai de Ponciá:

Filho de ex-escravos, crescera na fazenda levando a mesma vida dos pais. Era pajem do sinhô-moço. Tinha a obrigação de brincar com ele. Era o cavalo onde o mocinho galopava sonhando conhecer todas as terras do pai. Tinham a mesma idade. Um dia o coronelzinho exigiu que ele abrisse a boca, pois queria mijar dentro. O pajem abriu. A urina do outro caía escorrendo quente por sua goela e pelo canto de sua boca. Sinhô-moço ria, ria. Ele chorava e não sabia o que mais lhe salgava a boca, se o gosto da urina ou se o sabor de suas lágrimas. (EVARISTO, 2003, p. 17)

A tensão que existia entre o pai de Ponciá e Vô Vicêncio diz respeito à morte da mãe, obviamente, mas parte do ódio que o filho nutria pelo pai tinha a ver com a forma desumana com que ele era tratado pelos donos da fazenda, e com o fato de que ele culpava Vô Vicêncio pela realidade que eles viviam e pela violência sofrida por ele todo dia. Quando cresce o pai de Ponciá não encontra alternativa para sua vida e por isso também trabalha na plantação dos

¹⁹⁷ “A pós-memória descreve a relação da segunda geração com experiências poderosas, muitas vezes traumáticas, que precederam os seus nascimentos, mas que, no entanto, lhes foram transmitidas tão profundamente que parecem constituir memórias neles mesmos”

Vicêncio, essa vida escrava se repete até o dia em que ele morre. É mais uma perda que marca a vida de Ponciá, no caso dessa personagem leva-se em conta que ela não viveu na época da escravidão (ela nasceu livre perante a lei), mas o trauma que acomete Ponciá vem dos eventos devastadores sofridos por seus familiares e com a incapacidade de lidar com esses eventos; apesar de Ponciá não ter presenciado qualquer desses acontecimentos a família percebe que existe uma relação direta entre a forma como a personagem se comporta e o processo traumático que marcou toda a família.

Crescendo num ambiente de tantas dificuldades a protagonista de Evaristo tem convicção de que a vida na fazenda não lhe oferecerá qualquer oportunidade, assim Ponciá resolve ir para a cidade grande procurar um futuro diferente, num certo dia ela simplesmente comunica sua decisão à mãe (que entende que nada pode fazer para interferir no desejo da filha). Em parte a esperança de mudar de vida nasce em Ponciá depois que ela tem aulas com um grupo de missionários que lhe ensina a ler e a escrever, a personagem acredita que com seu esforço e com as habilidades de leitura e escrita ela poderia vencer os obstáculos, arrumar um trabalho, comprar uma casa e trazer para junto de si sua mãe, Maria Vicêncio, e seu irmão, Luandi Vicêncio. Ela pega um trem com pouca comida e chega a seu destino depois de três dias.

Assim como ocorre com tantas pessoas que se apegam à esperança de mudar de vida através da migração a personagem do romance descobre a dura realidade da vida na cidade para uma mulher negra. Nada acontece como Ponciá pensara: depois de uma viagem exaustiva e com fome Ponciá se vê perdida em meio ao movimento das pessoas e na incapacidade de conseguir ajuda. Primeiro ela teve de dormir nas ruas por uns dias, passando fome e frio, só após algum tempo ela arruma emprego como empregada doméstica; depois de anos sem ter notícias da mãe e do irmão Ponciá resolve visitá-los porque já sentia o peso da saudade e da desilusão, mas quando chega à fazenda dos Vicêncio a casa está vazia e a personagem não consegue descobrir o paradeiro de seus parentes, tendo que voltar para a cidade sem ter o alento do seio familiar. Por fim o relacionamento entre Ponciá e seu marido fica cada vez mais comprometido pelas ausências psíquicas de Ponciá e pela violência física desenfreada do marido, também vítima da exclusão social.

Nos momentos em que relembra de sua vida junto à família e quando relembra do rio, que produzia o tipo de barro próprio para a confecção de sua arte, Ponciá consegue fugir, mesmo que por pouco tempo, de sua realidade. A personagem se apega às suas lembranças

como forma de permanecer viva: “Ela gastava todo o tempo com o pensar, com o recordar. Relembrava a vida passada, pensava no presente, mas não sonhava e nem inventava nada para o futuro.” (idem, p. 19) Depois de perceber que sua vida de escravidão continuaria mesmo na cidade, depois de perder sete filhos no ventre, depois de perceber o vazio que era sua vida, Ponciá não encontra mais força para trabalhar, entregando-se à letargia e à loucura (mesmo mal que acometera Vô Vicêncio); a incompreensão de seu homem e sua violência quase cotidiana fazem com que a personagem resgate seu passado e se refugie nele como forma de proteção. Percebe-se que quanto mais Ponciá aproxima-se do sofrimento causado pela dor da separação e da desilusão mais ela se afasta da possibilidade de superar o trauma causado pela violência colonial e pela escravidão.

O romance também revela Luandi e Maria Vicêncio como peças importantes para sanar a crise identitária de Ponciá, e eles o fazem porque as trajetórias deles funcionam de forma diferente. Enquanto Ponciá vai perdendo sua própria identidade por causa do afastamento de sua família, sua terra e sua arte, Luandi chega à cidade em busca da irmã e encontra uma realidade diferente do que estava acostumado, ao encontrar o soldado Nestor, um homem negro numa posição de autoridade, o irmão de Ponciá acredita que pode vencer na vida, tornando-se ele mesmo um soldado. Apesar de perder a noiva assassinada pelo cafetão da cidade, a trajetória de Luandi é mais amena do que a de Ponciá porque ele encontra pessoas que o acolhem e o ajudam a buscar seu objetivo. No final do romance é a vez de Maria Vicêncio sair de casa em busca dos filhos, primeiro ela encontra Luandi por intermédio do soldado Nestor, que estava na estação (aqui é preciso destacar o papel importante que a mãe de Ponciá exerce na narrativa, apesar de não estar com a filha o tempo todo seus ensinamentos mostraram a força da mulher; a sabedoria de Maria Vicêncio só pode ser comparada à sua força e coragem, além do talento para o uso do barro).

Mais uma vez é na estação ferroviária que tudo acontece: quando Ponciá resolve voltar para sua terra ela sai de seu barraco e acaba encontrando o irmão, apesar de não ficar claro se ela o reconheceu ou não. Maria Vicêncio e Luandi compreendem a necessidade em resgatar Ponciá, reconduzi-la à sua casa e à beira do rio para que ela possa voltar a viver, apesar de toda angústia e sofrimento a protagonista de Evaristo ainda guarda traços de sua vida no campo: “A menina continuava bela; no rosto sofrente, feições de mulher. Por alguns momentos, outras faces, não só a de Vô Vicêncio, visitaram o rosto de Ponciá. A mãe reconheceu todas, mesmo aquelas que chegavam de um outro espaço-tempo” (idem, p. 125).

Mais uma vez Evaristo deixa claro que sua personagem é um receptáculo de seus ancestrais. O romance termina com as reflexões de Luandi sobre toda a jornada de autoconhecimento que a experiência diaspórica lhes proporcionara; primeiro reflete sobre o estado da irmã, e depois pensa sobre sua própria situação, já que ele entendeu que mesmo que ele se tornasse soldado ainda estaria à mercê dos outros (brancos), ele continuaria a receber ordens e nunca seria capaz de tornar-se uma autoridade de fato.

O último capítulo revela que a força de Ponciá repousava em sua arte, essa era sua forma de se comunicar com o mundo e se conectar com seu passado e sua ancestralidade de forma saudável e positiva, afinal “O barro - signo que remete à idéia de origem, de vínculo, de raiz - materializa a história afro-descendente na trajetória da protagonista, ao mesmo tempo em que a inscreve no processo criativo de sua construção identitária no presente.” (ARAÚJO, 2007, p.86) *Ponciá Vicêncio* apresenta, portanto, uma jornada em que a protagonista ultrapassa não apenas as fronteiras territoriais, mas principalmente as fronteiras do tempo para indicar que passado, presente e futuro não são meras construções compartimentadas separadamente, mas elementos que curam o indivíduo ou podem simplesmente exterminá-lo.

4.3 Literatura diaspórica: uma reinvenção de África nos romances *Lucy, What We All Long For* e *Ponciá Vicêncio*

Ao analisarmos os romances escolhidos para este capítulo percebemos que cada texto, a seu modo, estabelece uma ressignificação de África através da experiência diaspórica; segundo Hall essa ressignificação tem um papel fundamental no desenvolvimento de novas realidades: “Em cada conjuntura tem sido uma questão de interpretar a ‘África’, reler a ‘África’, do que a ‘África’ poderia significar para nós hoje, depois da diáspora” (2003, p. 40). Acreditamos que a literatura produzida por Kincaid, Brand e Evaristo percorre esse caminho de retrabalhar as origens e o papel da ancestralidade para os afrodescendentes de várias nacionalidades, essa busca por retrabalhar o passado só é possível através da escrita de narrativas cujo perfil desmantela o modelo tradicional de identidade, aquele que está ligado a

uma concepção de homogeneidade cultural e que não leva em consideração que a herança identitária de um povo também influencia a formação da identidade do indivíduo. O senso estético das escritoras presentes nesta pesquisa caminha junto com o senso crítico; Kincaid, Brand e Evaristo buscam desconstruir o discurso da colonialidade e da subalternidade, desconstruindo-o desde suas bases históricas até suas estruturas epistemológicas.

É nesse âmbito de desconstrução e desmantelamento que conseguimos entender os conflitos gerados pelo deslocamento físico/geográfico e/ou psicológico/emocional das protagonistas dos romances. Esses conflitos se apresentam, portanto, a partir de uma dinâmica diaspórica que se estrutura graças às especificações da diáspora transnacional contemporânea, levando em consideração que muitas vezes o desejo de regresso ao país natal não se estabelece de forma determinante¹⁹⁸; dessa forma vemos que a temática do ‘lar’ e da ‘volta ao lar’ é apresentada de maneira problemática e aparece de formas distintas em cada romance. É importante ressaltar que os personagens Lucy, Tuyen, Carla, Oku, Jackie, Quy e Ponciá estão inseridos numa teia narrativa que começa a partir da experiência diaspórica e que se ramifica em diversas direções, a forma como o passado é encarado decifra o nível em que cada experiência interfere no estabelecimento das relações sociais e na maneira como cada personagem trabalha com suas emoções. O passado só se estabelece amenamente através de Ponciá, pois no caso dos personagens Lucy, Tuyen, Carla, Oku, Quy e Jackie o passado é uma questão difícil de lidar porque é indicativo de desencontros.

Livros → Tópicos ↓	<i>Lucy</i>	<i>What We All Long For</i>	<i>Ponciá Vicêncio</i>
Protagonista	Lucy	Tuyen, Carla, Oku, Jackie e Quy	Ponciá
Tipo de narração	Primeira pessoa	Terceira pessoa (exceto nos trechos em que Quy conta sua história)	Terceira pessoa

¹⁹⁸ Quando Susan Fridman (2006) trabalha o conceito de poética do deslocamento ela explora o fato de que existe uma ficcionalização das memórias do sujeito diaspórico que age de forma continuada graças à condição ímpar da realidade diaspórica; apesar dessa ficcionalização (na maioria das vezes acontecendo de forma romantizada) há o entendimento de que o lar/terra natal ainda que seja um ‘local de afeto’, envolto por saudade, precisa ser deixado para trás como forma de sobrevivência e adaptação.

Outros personagens	Lewis, Mariah, Peggy. Não podemos ignorar o papel da mãe que está longe	As famílias de cada protagonista aparecem na narrativa com frequência	Vô Vicêncio, Maria Vicêncio, Luandi, soldado Nestor, o marido de Ponciá (sem nome)
Tempo	Presente com flashbacks	Presente e passado	Presente e passado
Lugar	Estados Unidos	Canadá	Brasil
Construção/ Desenvolvimento da narrativa	A narração traça o perfil de Lucy, desde a chegada ao país norte-americano até completar um ano de migração	Todos os personagens ganham atenção de forma intercalada	A maior parte do romance traz a realidade atual de Ponciá e explica o sofrimento da personagem através do passado
Total de capítulos	5 capítulos com título	32 capítulos curtos sem título	46 partes sem título
Foco temático no primeiro plano	Identidade na experiência diaspórica	Relações familiares conturbadas que se estabelecem por causa do passado diaspórico e suas marcas	A experiência diaspórica como fator chave para o sentimento de desilusão e sofrimento
Foco temático no segundo plano	Estabelecimento de uma maturidade emocional que extrapola a relação patroa-empregada (e mãe-filha)	Busca por espaço e reconhecimento de uma identidade canadense	Passado, memória e ancestralidade como formas de resistência
Início da narrativa	Lucy chega aos Estados Unidos	Reflexão sobre a vida na cidade	Relato sobre um momento na infância de Ponciá
Final da narrativa	Lucy sai da casa da	Quy é morto por	A família se

	patroa e estabelece suas próprias metas	Jamal (irmão de Carla) antes de reencontrar os pais	reencontra
Observação sobre a narrativa	Os sentimentos de Lucy vão se modificando, assim como as estações do ano, demonstrando o desabrochar de uma nova visão de mundo	A narrativa fragmentada aprofunda os temas através do entrelaçamento das histórias	Com períodos curtos e <i>flashbacks</i> a narrativa escancara as mutilações emocionais de Ponciá

Figura 16

De maneira geral as narrativas se fundamentam principalmente no estabelecimento de conflitos e em relações pessoais problemáticas. Enquanto nos romances *Lucy* e *What We All Long For* os personagens lidam com laços familiares complexos e cheios de rancor e desapontamento, em *Ponciá Vicêncio* os conflitos dizem respeito à relação de violência entre Ponciá e seu marido; estamos interessados na forma como esses conflitos afetam a vida e as escolhas dos protagonistas dos romances estudados porque esses conflitos também interferem na ordem social estabelecida nas narrativas. O contexto de cada história proporciona um entendimento da vida metropolitana/urbana pelos olhos de personagens que representam a diversidade cultural, mas que são, ao mesmo tempo, excluídos socialmente. A reflexão sobre a condição social e cultural de cada personagem (e num aspecto mais amplo dos personagens secundários cujas histórias giram em torno dos personagens principais) se encaixa no escopo de nossa pesquisa porque revela o quanto questões relacionadas à identidade, memória, passado estão entrelaçadas e fazem parte do estudo acerca da diáspora africana e de sua influência para a literatura de escritoras negras como Kincaid, Brand e Evaristo.

Ao longo de nossa pesquisa temos demonstrado a importância das personagens femininas. Esse fato se comprova em *Lucy*, *What We All Long For* e *Ponciá Vicêncio* pelo fato de que a maioria dos personagens com destaque nas narrativas continuam sendo mulheres em situações de vida específicas (o que é significativo porque demonstra o compromisso das escritoras em revelar um contexto que não foi muito abordado antes do século XX). Chamamos a atenção o fato de que a protagonista kincaidiana aparece de forma mais isolada,

enquanto nos romances de Brand e Evaristo há um contexto mais interativo entre protagonistas e demais personagens. No caso de *What We All Long For* existe uma fragmentação significativa na apresentação dos personagens e de suas histórias de modo que somos capazes de entender o que cada um deles sente através da conexão entre suas vidas e também pelo fato de que, como o próprio título do romance sugere todos eles desejam algo. Apesar de em *Lucy e Ponciá Vicêncio* o título indicar de quem é o protagonismo da história Evaristo insere os personagens secundários dando-lhes um papel de destaque, demonstrando de que forma os laços familiares funcionam como fonte de força, amor e superação; no romance kincaidiano só o ponto de vista de Lucy importa, isso se dá porque nesse romance (assim como na obra kincaidiana como um todo) é o sujeito colonizado que interessa, Kincaid estabelece em seus textos um significado pragmático para seus protagonistas, todos eles são pessoas isoladas pelas marcas da colonização. Kincaid refere-se à mãe-nação e ao sujeito-povo e nos limites das experiências de subordinação.

A questão da diáspora é o grande centro temático dessas narrativas, através delas nos aproximamos das experiências pessoais de Kincaid, Brand e Evaristo, já que as três viveram a realidade da diáspora (interna ou externa) como forma de mudar de vida. Para Isidore Okpewho a diáspora passa a estabelecer-se graças ao contexto global responsável pela dispersão dos povos ao redor do planeta: “*it becomes clear that diaspora represents a global space, a worldwide web, that accounts as much for the mother continent as for wherever in the world her offspring may have been driven by the unkind forces of history*”¹⁹⁹ (2001, p. xiv), esse estudioso deixa claro que existe um processo de deslocamento físico e geográfico que gera outros deslocamentos (incluindo o deslocamento psicológico e o emocional, capazes de gerar problemas graves que interferem direta ou indiretamente na personalidade do sujeito diaspórico) e que estabelece um entre-lugar, que, por sua vez, é pautado por conflito constante e um sentimento de perda identitária:

*Lives in the city are doubled, tripled, conjugated – women and men all trying to handle their own chain of events, trying to keep the story straight in their own heads [...]. In this city, like everywhere, people work, they eat, they drink, they have sex, but it’s hard no to wake up here without the certainty of misapprehension.*²⁰⁰ (BRAND, 2005, p. 5)

¹⁹⁹ “torna-se claro que a diáspora representa um espaço global, uma rede mundial, que é responsável tanto pelo continente mãe quanto por qualquer lugar do mundo em que sua descendência pode ter sido impulsionada pelas forças cruéis da história”

²⁰⁰ “As vidas na cidade são duplicadas, triplicadas, conjugadas – mulheres e homens todos tentando lidar com sua própria rede de acontecimentos, tentando manter a história em linha reta em suas próprias cabeças [...].

Esse trecho, que aparece logo no início da narrativa, é uma amostra do que vai ser revelado ao longo do romance. Em vários momentos os personagens brandianos apresentam como se dá a conturbada construção da identidade de sujeitos diaspóricos, e é através da fragmentação do romance que é possível entender essa identidade como o resultado de um conflito profundo. Existe um entrelaçamento conturbado entre o passado e o presente, além da relação entre o ‘nós’ e os ‘outros’, entre o lar perdido e o lar nunca conquistado; na obra de Brand é possível refletir sobre o que significa viver nesses grandes centros e as consequências negativas em entregar-se a essa busca esquizofrênica por pertencimento. Cada um dos personagens de *What We All Long For* busca inserir-se na sociedade canadense, mas eles sempre carregam um sentimento de incompletude, por mais que trabalhem e estudem, por mais que tenham nascido e vivido em Toronto a vida inteira eles continuam sendo vistos como ‘outsiders’²⁰¹.

Se entendermos que o conceito de diáspora é problematizador, ou seja, que “o conceito de diáspora, portanto, oferece uma crítica dos discursos de origens fixas enquanto leva em conta diversas formas de mobilidade pós-/transnacional” (WALTER, 2009, p. 34) seremos capazes de compreender melhor o lugar que as personagens analisadas ocupam, isso porque apesar de cada personagem carregar consigo especificidades culturais elas continuam inseridas em sociedades que têm como base a exclusão de quem é diferente mesmo com a propagação de um discurso multicultural. É possível criar um paralelo que aproxime a noção de colonialidade com a necessidade de diáspora se levarmos em conta que a colonialidade indica uma continuidade das formas de poder, que continuam se fazendo presentes após o período de colonização institucionalizada, isso significa dizer que a cultura de hierarquização anterior permanece, por essa razão as estruturas sociais, a mente dos indivíduos, as relações sociais continuam seguindo a mesma lógica e o mesmo sistema. Nesse aspecto podemos afirmar que a fronteirização diaspórica abordada nos romances analisados faz parte das consequências dessa colonialidade, uma vez que os personagens sentem-se impelidos a sair de onde estão para buscar uma vida nova. Essa necessidade de deslocamento aparece também no romance *Ponciá Vicêncio*, exemplificando como as marcas do colonialismo se perpetuam nas relações humanas entre diversas camadas da população brasileira. Ponciá revela a existência e a força dessas marcas quando pensa nas inúmeras

Nesta cidade, como em todo lugar, as pessoas trabalham, elas comem, bebem, fazem sexo, mas é difícil não acordar aqui sem a certeza do equívoco.”

²⁰¹ ‘forasteiros’

gerações que continuam sendo ‘escravas’ do coronel Vicêncio, representante de um sistema que parece invencível:

De que valera o padecimento de todos aqueles que ficaram para trás? De que adiantara a coragem de muitos em escolher a fuga, de viverem o ideal quilombola? De que valera o desespero de Vô Vicêncio? Ele, num ato de coragem-covardia, se rebelara, matara um dos seus e quisera se matar também. O que adiantara? A vida escrava continuava até os dias de hoje. Sim, ela era escrava também. Escrava de uma condição de vida que se repetia. Escrava do desespero, da falta de esperança, da impossibilidade de travar nossas batalhas, de organizar novos quilombos, de inventar outra e nova vida. (EVARISTO, 2003, p. 83)

A esperança abandonou Ponciá, que acreditava que ao mudar para a cidade grande seria capaz de gerir seu próprio destino. A diáspora revelou-se enganosa e cruel porque no final das contas o sistema promove na personagem a certeza de que ‘a vida escrava continua’ tanto na zona rural quanto na zona urbana. Em entrevista Evaristo lembra que “os povos diaspóricos perdem seus nomes de origem”²⁰², a escritora está se referindo aos povos diaspóricos negros/africanos, pois uma das primeiras medidas quando eles chegavam no Brasil era receber um nome cristão, e foi exatamente isso que aconteceu com os antepassados de Ponciá, que perderam seus nomes (e suas identidades enquanto povo) e passaram a carregar o nome Vicêncio. O mais difícil é que não são apenas os nomes de origem que se perdem, com eles também a história e o passado são apagados com o objetivo de tornar os negros invisíveis.

Já em *Lucy* somos confrontados com a certeza de que não é possível voltar atrás, essa certeza se instaura porque a personagem não aceita fazer parte do sistema de colonialidade que lhe foi imposto pela família e pela sociedade antiguana desde criança. Lucy não aceita compactuar com essa realidade, seu desejo de distanciar-se da mãe e de seus preceitos e expectativas não é apenas uma atitude de uma jovem rebelde, é uma alternativa, uma rota de fuga: “*it isn’t the most blissful thing in the world to be away that you don’t even know yourself anymore and you’re not sure you ever want to come back to all the things you’re a part of?*”²⁰³ (KINCAID, 1990, p. 66). O desejo de afastamento continua se fazendo presente porque Lucy tem medo de fazer parte da mesma realidade de sua mãe, a protagonista de Kincaid revela ao longo de várias passagens que por mais que não consiga imaginar morrer e

²⁰² <https://www.youtube.com/watch?v=heHftI429U4>, acesso em 07/11/2014.

²⁰³ “não é a coisa mais bem-aventurada no mundo estar longe que você nem sequer conhece a si mesmo mais e você não tem certeza de que você nunca irá querer voltar para todas as coisas de que você fazia parte?”

ser enterrada num lugar gelado ela fez uma escolha consciente, e mesmo que não tenha certeza sobre o lugar onde ela se encaixa Lucy sabe muito bem o que não quer ser e o que não quer para si.

A experiência diaspórica não está pautada na pureza e sim na contradição, logo a heterogeneidade e a diversidade estão presentes em sua estrutura. As personagens apresentadas nesses romances são um exemplo de que “Identidades de diáspora são as que estão constantemente produzindo-se e reproduzindo-se novas, através da transformação e da diferença” (HALL, 1996, p. 75); nossa análise ainda reflete sobre um fator complicador, que é o fato de que essas identidades de diáspora também fazem parte do que podemos chamar geração pós-migração, o que significa que a experiência diaspórica estende-se a outros membros indiretamente ligados a ela, em outras palavras a diáspora deixa seu legado e muitas vezes ele é difícil de ser carregado. Em vários momentos de *What We All Long For* Brand demonstra de forma clara essa problemática relacionada aos ‘filhos da diáspora’, apresentando a situação em que Tuyen não suporta a ideia de não ser canadense, quando criança ela queria ser chamada de Tracey porque era um nome comum na América do Norte, e mesmo adulta ela não se interessa pelo passado dos pais nem quer saber nada sobre o Vietnã. De toda forma e em qualquer geração, o movimento diaspórico revela na maioria das vezes o desenvolvimento de um sujeito alienado e fragmentado, e esse processo pode ser insuperável. Com essa certeza em mente Brand focaliza a busca por descolonização do indivíduo e expõe as dificuldades do sujeito migrante em encontrar seu lugar na sociedade canadense.

4.4 A dinâmica familiar na encruzilhada afrodiaspórica

Há temáticas na obra de Jamaica Kincaid, Dionne Brand e Conceição Evaristo que convergem entre si, obviamente cada contexto cultural, entre outros fatores, cumpre um papel importante na hora de identificar as particularidades de cada texto analisado. Quando falamos sobre a representação do núcleo familiar devemos levar em consideração os níveis de

interatividade e conflito para entender como a dinâmica familiar se apresenta nos romances *Lucy*, *What We All Long For* e *Ponciá Vicêncio* a partir da experiência produzida pela encruzilhada afrodiaspórica. O espaço doméstico apresenta-se como lugar importante, tal como pontua Avtar Brah (1996) quando afirma que o que chamamos de lar pode se configurar como um lugar seguro ou como um lugar aterrorizante, ou seja, um mesmo espaço geográfico pode inferir uma série de significados; o mesmo vale para a estrutura familiar, que pode ser sinônimo de força, segurança e união, mas também pode indicar conflito, hostilidade e sofrimento.

Em *Lucy* existe uma tensão enorme que envolve a maneira como a personagem internaliza a figura da mãe e seu discurso na sociedade patriarcal²⁰⁴. Mesmo depois de mudar-se para os Estados Unidos Lucy continua buscando afastar-se dos preceitos familiares que a incomodavam tanto – aliás a principal razão para a imigração da personagem é fugir da realidade que ela vivia na Antígua. Em vários momentos da narrativa podemos captar que para Lucy havia similaridades entre sua família e a família de Mariah, como, por exemplo, na passagem em que Mariah resolve enterrar o coelho morto para que as filhas participassem da cerimônia: “*The ceremony was another one of those untruths that I had only just begun to see as universal to life with mother, father and some children. I had thought the untruths in family life belonged exclusively to me and my family*”²⁰⁵ (KINCAID, 1990, p. 77). Esse sentimento de similaridade entre as duas famílias explica a necessidade que Lucy passou a sentir de sair da casa de Mariah, afastando-se do que ela acreditava ser uma realidade que vivenciara em sua própria casa, Lucy percebe que sua família e a família de Mariah funcionavam com o mesmo esquema patriarcalista e nele uma menina só consegue alcançar o que lhe é permitido, nada mais.

As críticas mais contundentes feitas por Lucy em relação à mãe e à Mariah dizem respeito à postura delas enquanto mulheres. Em seu livro *Ain't a Woman: Black Women and Feminism* bell hooks (1986) defende a irmandade entre mulheres como forma de empoderamento porque oferece respeito, proteção, encorajamento e amor. A narrativa de

²⁰⁴ Essa tensão também estava presente no romance *Annie John*. Neste livro a personagem Annie sente um amor imenso pela mãe, mas com a chegada da puberdade ela percebe que a genitora busca criá-la de acordo com os preceitos patriarcais; Annie, assim como Lucy, começa a desenvolver uma consciência crítica sobre a maneira como foi criada e passa a deliberadamente afastar-se da mãe e buscar um caminho diferente. *Lucy* é a culminância do que *Annie John* já denunciava.

²⁰⁵ “A cerimônia foi mais uma daquelas mentiras que eu tinha apenas começado a ver como universal à vida com mãe, pai e algumas crianças. Eu tinha pensado que as inverdades na vida familiar pertenciam exclusivamente a mim e minha família”

Kincaid acaba colocando a protagonista em lado oposto às duas figuras femininas que deviam servir de espelho e fonte de inspiração, mas que foram simples reprodutoras do patriarcalismo. Ainda segundo hooks “*My life experience had shown me that the two issues were inseparable, that at the moment at my birth, two factors determined my destiny, my having been born black and my having been born female*”²⁰⁶ (idem, p. 12), a ativista norte-americana expõe que a condição de mulher e de negra condiciona uma dupla subalternidade nas sociedades americanas, marcadas pelo discurso colonial e patriarcal. A consciência em relação ao lugar ocupado no cenário social é exatamente a mesma percepção que Lucy possui, ela vê com ressentimento o fato de que sua mãe tinha esperanças sobre o futuro de seus irmãos porque eles eram homens e por isso teriam mais oportunidades, e isso não tinha nada a ver com capacidade intelectual, mas com uma questão cultural no entendimento sobre a capacidade de homens e mulheres. Essa diferenciação na criação acabou afastando Lucy de seus irmãos, seu ressentimento por ser tratada diferente também explica a não relação dela com o pai, a quem via como inimigo; toda a dinâmica familiar foi destituída de sua afetividade por causa da rigidez dos modelos patriarcal e imperialista, ambos presentes na vida de Lucy enquanto pessoa e enquanto parte de um povo.

No romance de Dionne Brand as relações familiares também são conturbadas, mas diferentemente de Lucy, onde a diáspora é resultado das dificuldades em estabelecer laços afetivos com os familiares, em *What We All Long For* essa complexidade de sentimentos tem a ver com a impossibilidade de Tuyen, Carla, Oku e Jackie de compreender seus pais e a conseqüente falta de conexão entre eles. Em outras palavras nesse romance foi o legado da experiência diaspórica que promoveu essa ruptura nos laços familiares, as dificuldades pelas quais os personagens passam no convívio familiar dizem respeito às marcas da encruzilhada diaspórica. Quando o processo de diversificação cultural não é estabelecido de forma saudável, com cada indivíduo percebendo-se como parte de um todo, como parte de um grupo, existe a promoção de uma sociedade excludente e nesse caso há o registro de uma série de rupturas substanciais nas relações humanas; no romance de Brand não é a visão dos familiares dos personagens em relação às questões de gênero e raça o fator primordial para entender a relação entre pais e filhos, esses laços estão comprometidos por causa do desconforto que a diáspora causou em suas vidas.

²⁰⁶ “Minha experiência de vida me mostrou que as duas questões eram inseparáveis, que no momento em que nasci, dois fatores determinaram o meu destino, meu ser tendo nascido negra e meu ser tendo nascido do sexo feminino”

Talvez o elo mais forte que se estabelece na relação de amizade entre os personagens do romance brandiano é primeiramente um desejo de conectar-se, de criar laços afetivos com alguém de fora, é também uma busca por uma identidade própria pautada num desejo por pertencimento e reconhecimento social que os pais de cada um falharam em adquirir. Os personagens vivem rodeados de problemas familiares e todos eles guardam para si as dificuldades que enfrentam como forma de proteção; não há dúvida de que o desejo em ser compreendido era responsável pela união entre eles: *“They all, Tuyen, Carla, Oku and Jackie, felt as if they inhabited two countries – their parents’ and their own”*²⁰⁷ (BRAND, 2005, p. 20). Essa passagem comprova a existência de uma dificuldade muito grande não apenas para quem sai de seu país de origem em busca de melhores condições, mas também para os descendentes dessas pessoas, que muitas vezes não conhecem o país de seus pais e mesmo assim vivenciam um entre-lugar complexo e contraditório, mesmo nascidos no Canadá eles não são considerados canadenses de fato, porque suas raízes não são verdadeiramente canadenses, sendo assim eles sempre serão vistos como aqueles que são de fora; por outro lado eles também não se encaixam na cultura dos pais e por isso não se sentem conectados às suas raízes.

Além dessa dificuldade em relacionar-se com os pais Tuyen e Carla também têm irmãos, mas agem de maneira diferente em relação a eles, Carla trata o irmão Jamal de forma protetora e essa postura indica que a personagem se sente responsável pelo irmão desde a morte da mãe e do descaso do pai em prover o mínimo de segurança e afeto, para Carla *“Her brother was a piece of work for sure, but she would defend him against that kind of presumption any day”*²⁰⁸ (idem, p. 36). O mesmo não acontece com Tuyen, a personagem sai de casa e afasta-se de toda a família, ela sente-se desconfortável com o passado dos pais (que continuam sofrendo a perda do filho Quy) e também não consegue criar laços com as irmãs Lam e Ai, porque as considera sombras, nem com o irmão Binh, que assim como Tuyen também nasceu no Canadá. A visão de Tuyen sobre o que é família é, portanto, problemática e indica que o sujeito não consegue ter consciência de si – nem dos outros – porque ele se depara com uma “sequência de perdas” e “uma expropriação de raízes” (WALTER, 2009, p. 202) que interferem diretamente na construção da dinâmica familiar. O sentimento de Tuyen

²⁰⁷ “Todos eles, Tuyen, Carla, Oku e Jackie, sentiam como se eles habitassem dois países – o país dos pais deles e o país deles”

²⁰⁸ “Seu irmão era com certeza um bocado de trabalho, mas ela o defenderia contra aquele tipo de presunção todo dia”

em relação aos laços familiares expressa a fissura provocada pela experiência diaspórica nas relações humanas:

*“She had left the embrace of her family – truthfully, not embrace, her family did not embrace. They feed you, they clothe you, they fattened you but they did not embrace. Yet they held you. With duty, with obligation, with honour, with an unspoken but viselike grip of emotional debt”*²⁰⁹ (BRAND, 2005, p. 60)

Também em Brand as relações familiares estão permeadas por contrariedade e hostilidade. Tuyen deixa claro que sua visão de família se aproxima mais do entendimento sobre pessoas que cuidam de você por dever e que esperam algo em troca. A dinâmica familiar que se afasta completamente desse cenário de conflito, ressentimento e tensão é a que se faz presente em *Ponciá Vicêncio*. A escrita de Conceição Evaristo está baseada na força do núcleo familiar, e não em seu esfacelamento; levando em consideração uma entrevista em que a escritora brasileira fala da importância da família em sua trajetória pessoal Vasconcelos afirma que “No caso de Evaristo, que vem de uma família de mulheres fortes e solidárias, que muitas vezes, chefiam suas famílias, a valorização da maternidade como uma expressão do cuidado e da transmissão de valores positivos parece ser inspiração constante” (2015, p. 151), dessa forma encontramos em poemas, contos e romances de Evaristo uma valorização dos laços afetivos familiares como um receptáculo de força e resistência.

Em *Ponciá Vicêncio* a protagonista não decide sair da fazenda onde nasceu e foi criada com o objetivo de afastar-se de sua família (como em *Lucy*), nem a experiência diaspórica provoca uma ruptura nos laços familiares (como em *What We All Long For*). A personagem decide mudar para a cidade grande para buscar condições melhores para si e para sua família, porque ela percebeu após a morte de seu pai que naquele lugar eles jamais alcançariam uma vida diferente, tamanha a cristalização do regime escravocrata na cultura da região, o pensamento de Ponciá repousa no desejo de ficar com sua família e não separar-se dela. A relação de Ponciá com sua mãe é de profunda admiração pela força e coragem com que esta lidava com as adversidades e por lidar tão bem com a distância do esposo e do filho, que ficavam dias trabalhando na roça sem voltar para casa: “A mãe nunca reclamava da ausência do homem. Vivia entretida cantando com as suas vasilhinhas de barro”, era ela o chefe da

²⁰⁹ “Ela tinha deixado o abraço de sua família – sinceramente, não abraçar, a família dela não abraçava. Eles alimentam você, eles vestem você, eles engordam você, mas eles não abraçam. No entanto, eles te seguram. Com o dever, com a obrigação, com a honra, com uma silenciosa mas viciosa dívida emocional”

família: “Quando ele chegava, era ela quem determinava o que o homem faria em casa naqueles dias” (EVARISTO, 2003, p. 27). A mãe de Ponciá assume uma centralidade no romance porque aparece como mulher forte e guerreira, ela era um espelho para Ponciá; e esse traço de sua personalidade contrasta com as figuras maternas presentes nos outros romances analisados, Maria Vicêncio representa a figura da matriarca e isso só acontece nas narrativas evaristianas.

Luandi sai de casa em busca da irmã enquanto a mãe espera o momento certo de ir atrás dos filhos porque reconhece a importância da união familiar e da necessidade em ajudar Ponciá, tão parecida com Vô Vicêncio (que de tanto sofrimento enlouqueceu), Maria Vicêncio sabe que para tudo tem um tempo certo. As demais pessoas da fazenda em que a família Vicêncio vivia também têm um papel importante porque representam um elo de união que transcende os laços de sangue, que faz os laços de ancestralidade serem vistos com respeito. Esse é o caso de Nêngua Kainda, uma espécie de líder espiritual, que explica a Luandi a necessidade de resgatar Ponciá de sua esquizofrenia diaspórica; era preciso lutar contra a herança deixada pelo Vô Vicêncio, que se fazia cada vez mais presente desde que Ponciá passara a morar na cidade grande: “Ponciá Vicêncio não queria mais nada com a vida que lhe era apresentada. Ficava olhando sempre um outro lugar de outras vivências. Pouco se dava se fazia sol ou chovia. Quem era ela? Não sabia dizer. Ficava feliz e ansiosa pelos momentos de sua auto-ausência” (idem, p. 90), Ponciá já não fazia planos porque a vida perdera o sentido no momento em que a protagonista do romance esquecerá quem ela era, esse esquecimento acontece porque Ponciá perdeu o contato com suas origens e com seu passado.

Os três romances analisados apresentam, portanto, realidades distintas que traduzem a maneira pela qual Kincaid, Brand e Evaristo compreendem o lugar do indivíduo diaspórico na sociedade contemporânea levando em consideração a dinâmica familiar e suas implicações epistemológicas. Segundo Spivak “os subalternos precisariam se articular para inscrever sua especificidade subalterna dentro de uma identidade cultural dominante e, assim, deixar de ser subordinados” (SCHOLLHAMMER *apud* LOPES & BASTOS, 2010, p. 167), no entanto essa articulação, que passa necessariamente pelo fortalecimento das relações sociais, nem sempre se apresenta de forma contundente; assim encaramos o núcleo familiar como ferramenta importante para a ação que visa afastar-se da realidade subalterna, logo quando o núcleo familiar se estabelece como um lugar hostil as complicações aumentam. Quanto mais

existe proximidade e afetividade na dinâmica familiar maiores são as chances de reverter as fissuras provocadas pela experiência diaspórica e as consequências ligadas a ela.

Os romances *Lucy*, *What We All Long For* e *Ponciá Vicêncio* oferecem um quadro em que a abordagem multicultural é problematizada desde suas bases, apresentando a multiplicidade de sujeitos com experiência diaspórica (em qualquer nível que ela se apresente) como sendo o centro dessas sociedades multiculturais. As narrativas apresentam um foco narrativo que se estabelece a partir dessa abordagem multicultural, utilizando a fragmentação da história para revelar de forma mais profunda os anseios e dificuldades de Lucy, Tuyen, Carla, Oku, Jackie, Quy e Ponciá; assim uma espécie de mosaico vai sendo construído através do entrelaçamento do passado e do presente, as marcas do passado também são levadas em conta, o que é bastante emblemático, tendo em vista que nos três romances a diáspora aparece como mote orientador do texto e das experiências dos personagens, além de interferir diretamente nas relações familiares que se estabelecem ou se dilaceram.

4.5 Deslocamento, trauma e suas implicações para a adaptação da mulher negra nas sociedades receptoras

As relações sociais são um fator imprescindível para que o desenvolvimento da identidade do indivíduo aconteça de forma saudável, em parte essas relações sociais – incluindo as que acontecem no seio familiar – estão intimamente ligadas à relação desse sujeito com suas raízes (territoriais) e origens (culturais), e por essa razão o deslocamento físico/geográfico pode causar tantos danos, traumas, e dificuldades. Em geral a face real do movimento diaspórico revela identidades que não são fixas ou homogêneas e que estão em constante mudança e fluidez (HUA, 2005), no caso específico da mulher negra vê-se claramente a existência de um desconforto que tem muito a ver com o processo de adaptação nas sociedades receptoras. Em relação à necessidade de adaptação da mulher negra e o processo para que isso aconteça podemos recorrer a Carole Boyce Davies quando ela discorre sobre a negociação e renegociação das identidades na construção cultural:

*The renegotiating of identities is fundamental to migration as it is fundamental to Black women's writing in crosscultural contexts. It is the convergence of multiple places and cultures that re-negotiates the terms of Black women's experience that in turn negotiates and re-negotiate their identities.*²¹⁰ (1994, p. 3)

Para Davies a diáspora surge como uma alternativa contra a ideia de Estado-Nação e as ilusões que este conceito carrega. A autora também fala sobre como a escrita de mulheres negras está imbuída pela reflexão e pela reinterpretação de tópicos como fronteira, identidade, história, memória. Em *Lucy* essa negociação e reinterpretação dos fatos se faz presente de forma clara, quando a personagem chega aos Estados Unidos sua decepção com o lugar é quase que instantânea, demonstrando o quanto a idealização do país receptor pode ser perigosa e enganosa; Lucy imaginava o país norte-americano a partir do que ela via e lia em revistas, mas a realidade do lugar difere muito do discurso midiático. Logo no início da narrativa ela afirma:

*Now that I saw these places, they looked ordinary, dirty, worn down by so many people entering and leaving them in a real life, and it occurred to me that I could not be the only person in the world for whom they were a fixture of fantasy. It was not my first bout with disappointment of reality and it would not be my last.*²¹¹ (KINCAID, 1990, p. 4)

Conseguimos compreender o tamanho do desapontamento de Lucy quando a experiência diaspórica se concretiza através de sua chegada aos Estados Unidos. É interessante notar que a personagem de Kincaid acreditava que ao sair de seu país de origem tudo de ruim que havia em sua vida desapareceria; contudo o que ocorre de fato é que longe da zona tropical Lucy precisa se acostumar com o frio do país adotivo e com as dificuldades inesperadas que encontra no processo de entendimento de sua nova realidade e a adaptação a sua nova forma de vida. Clifford pontua que *“diaspora women are caught between patriarchies, ambiguous pasts, and futures. They connect and disconnect, forget and remember, in complex, strategic ways. The lived experiences of diasporic women thus involve*

²¹⁰ “A renegociação das identidades é fundamental para a migração, assim como é fundamental para a escrita das mulheres negras em contextos interculturais. É a convergência de múltiplos lugares e culturas que renegocia os termos da experiência negra das mulheres que, por sua vez negocia e renegocia suas identidades.”

²¹¹ “Agora que eu vi esses lugares, eles pareciam comuns, sujos, desgastados por tantas pessoas entrando e saindo deles na vida real, e me ocorreu que eu não podia ser a única pessoa no mundo a quem eles eram uma mistura de fantasia. Não foi a primeira luta contra o desapontamento com a realidade e não seria minha última.”

painful difficulty in mediating discrepant worlds”²¹² (1997, p. 314), é através dessa mediação de mundos discrepantes, que também envolve trauma e sofrimento, que as narrativas analisadas se desenvolvem, a partir da concepção de que as personagens femininas vivenciam a ambiguidade patriarcal de diversas maneiras é possível compreender que a adaptação dessas mulheres nunca é tarefa simples.

Outro exemplo sobre essa mediação tão complicada de ser efetuada pode ser dada através da mãe da personagem Tuyen. O romance de Brand faz uma comparação interessante sobre a forma como os pais de Tuyen vivem e revivem a perda do filho Quy ainda criança: “*Cam played the vision over in her head, trying to regain the moment when she did not see, trying to alter the sequence of events so that she would arrive at herself in the present with her family and her mind intact.*”²¹³ (BRAND, 2005, p. 113) Enquanto o marido procurava não pensar no assunto Cam continuava pensando em cada detalhe, procurando uma razão para explicar tudo o que aconteceu, é dela também a atitude de contratar detetives para investigar o paradeiro do filho, é ela quem escreve inúmeras cartas às autoridades pedindo ajuda; enfim a busca por Quy continua ao longo dos anos, por mais que essa recusa em desistir cause sofrimento; essa personagem é, sem dúvida, o principal expoente dessa realidade a que se refere James Clifford.

Por sua vez Ponciá é a personagem com maior teor de sofrimento em termos de adaptação, tanto no que diz respeito à vida urbana quanto em relação à aceitação das limitações que a nova realidade lhe impõe. Enquanto os pais de Tuyen acabam conquistando *status* econômico (mesmo que estejam impedidos de exercer suas profissões que também ofereciam *status* social) Ponciá continua num espaço de subalternidade completa, ela apenas se transferiu para a realidade urbana, adaptando a posição marginal da personagem, que nem conquista *status* econômico nem consegue estudar, produzir sua arte ou exercer algum tipo de ação que transforme sua condição: “Ponciá havia tecido uma rede de sonhos e agora via um por um dos fios dessa rede destecer e tudo se tornar um grande buraco, um grande vazio” (EVARISTO, 2003, p. 26). Suas experiências no centro urbano geram decepção porque a expectativa por uma vida melhor nunca é concretizada, apesar de ter saído da fazenda com o objetivo de afastar-se da violência epistêmica provocada pela exploração do coronel Vicêncio

²¹² “as mulheres da diáspora estão presas entre patriarcados, passados e futuros ambíguos. Eles conectam e desconectam, esquecem e lembram, de formas complexas, estratégicas. As experiências vividas pelas mulheres diaspóricas envolvem assim a dificuldade dolorosa na mediação de mundos discrepantes”

²¹³ “Cam jogava a visão sobre sua cabeça, tentando recuperar o momento que ela não viu, tentando alterar a sequência de eventos para que ela pudesse chegar a si mesma no presente com sua família e sua mente intactas.”

e pela falta de oportunidades tudo que Ponciá conseguiu foi aproximar-se da violência física infligida pelo homem que ela escolheu para viver consigo. “A mulher autóctone africana foi tão violada como sua terra e, até os dias de hoje, sofre as implicações dessa violência, que a limita entre muros sociais e a estagna em estereótipos” (PIMENTEL, 2010, p. 3), este é um ponto de confluência entre a realidade africana e a brasileira e confirma que a realidade vivida pelas mulheres negras trazidas de África é similar à vivida por suas descendentes brasileiras. A forma como a personagem Ponciá é construída demonstra essa realidade de estagnação social, que se torna tão forte e evidente que a protagonista do romance nunca consegue se adaptar à vida urbana, tornando-se mais um exemplo da violência e exclusão social.

Hall acredita que “a diáspora é um espaço em que se cria novas etnicidades” (HALL, 1996, p. 72) e por essa razão as identidades de diáspora estão sempre (re)produzindo-se (HALL, 2003). Em termos de adaptação o que isso significa? Pensar nesse processo de (re)produção constante de novas identidades fazendo parte de um mesmo sujeito indica a necessidade de uma adaptação à nova realidade, uma superação das adversidades, ação de adotar uma nova postura frente às dificuldades enfrentadas. Essa adaptação não ocorre de maneira simples em qualquer dos romances e por essa razão há passagens em que cada personagem revela uma reflexão sobre sua condição de migrante; da mesma forma que Lucy vê com pessimismo sua condição Ponciá também fica desiludida com a realidade que se estabelece em sua vida:

ali, deitada de olhos arregalados, penetrados no nada, perguntava-se se valera a pena ter deixado a sua terra. O que acontecera com os sonhos de uma vida melhor? Não eram somente sonhos, eram certezas! Certezas que haviam sido esvaziadas no momento em que perdera o contato com os seus. E agora feito morta-viva, vivia. (EVARISTO, 2003, p. 33-34)

A fragmentação identitária faz parte desse processo de (in)adaptação. O deslocamento geográfico e todas as suas consequências, incluindo o afastamento dos laços familiares, demonstram que as dificuldades em conciliar passado e presente, lugar de origem e lugar adotado, expectativa e realidade apresentam-se em níveis distintos, mas sempre se apresentam porque são inerentes à experiência diaspórica. As narrativas de *Lucy*, *What We All Long For* e *Ponciá Vicêncio* trabalham com o processamento dessa experiência através de um discurso que desmistifica e desconstrói noções como lar, família e terra natal.

Marianne Hirsh (2001) utiliza o conceito de pós-memória para aludir ao trauma que passa a ser transmitido de uma geração para a outra de forma intersubjetiva e imaginativa, nesse caso podemos dizer que os romances *What We All Long For* e *Ponciá Vicêncio* são as obras que melhor exemplificam a teoria do trauma porque notamos que a vida e as relações dos personagens estão diretamente ligadas a um passado secundário, ou seja, a eventos que aconteceram antes do nascimento de cada um deles. No romance de Brand o principal evento traumático refere-se ao sumiço de Quy e ao desespero de seus pais, Tuyen simplesmente não consegue compreender o alcance desse momento, no entanto acreditamos que todas suas ações – desde antes de sair de casa – são efeitos diretos do sentimento de perda que constitui a família, a incapacidade de Tuyen em estabelecer uma relação de diálogo com seus pais indica que a personagem também não supera a perda de alguém que sequer conheceu.

A pós-memória revela, portanto, um vínculo entre gerações que não deve ser ignorado porque é um indicativo de que o passado pode ser um elemento catalisador de emoções e experiências poderosas, mesmo quando os personagens não falam abertamente sobre seus sofrimentos conseguimos identificar facilmente a existência de uma transmissão de experiências traumáticas. Em *Ponciá Vicêncio* o trauma da escravidão está presente em Vô Vicêncio e é, de alguma forma, transferido para Ponciá, que desde pequena demonstra ter uma relação com o avô que não conhece difícil de explicar; ao mudar-se para a cidade a personagem evaristiana passa a sentir sintomas corporais relacionados à experiência traumática, isso acontece porque a psique da personagem não consegue romper com o passado:

Freqüentemente, a memória traumática tem sua origem e permanece inscrita no corpo; corpo este apresentado como um arquivo e uma testemunha ativa que é prova única e obstinada dos horrores do passado. O corpo é figurado como um lugar pós-traumático. O corpo, numa cultura pós-escravista, é sempre marcado pela violência e pelo trauma. A experiência traumática pode ser armazenada no corpo sem mediação ou consciência e volta como flashbacks ou pela compulsão de repetir – flashbacks que reivindicam a experiência não-reivindicada do passado. (WALTER, 2011, p. 4)

A morte dos sete filhos de Ponciá, todas elas ocorridas no primeiro dia de vida, pode ser explicada pela memória traumática que interfere diretamente na projeção de futuro da personagem, segundo os médicos era um problema no sangue que impedia que os bebês vivessem; o corpo de Ponciá – enquanto lugar pós-traumático – passa adiante a certeza da vida sofrida e chega um determinado momento em que ela percebe que é melhor não trazer

filho ao mundo, tendo em vista as condições de vida miseráveis que ela e todo seu povo experienciam há séculos. Quando a personagem Nêgua Kainda afirma que Vô Vicêncio deixou uma herança para Ponciá a personagem se pergunta “Que legado do avô seria pertença dela?” (EVARISTO, 2003, p. 61), no decorrer do romance fica claro que a herança vai além dos trejeitos do avô, Ponciá também carregava em si a loucura provocada pelo trauma da escravidão. A medida em que vai vivendo novas experiência de dor e sofrimento a personagem simplesmente sucumbe e passa a viver numa autoausência que só pode ser quebrada a partir do reencontro com seus familiares.

4.6 Repensando a multiculturalidade: identidade e diferença em Jamaica Kincaid, Dionne Brand e Conceição Evaristo

No capítulo 1 desta tese falamos sobre o modelo de multiculturalidade que existe nos Estados Unidos, no Canadá e no Brasil e procuramos demonstrar que esse modelo geralmente esconde as tendências do multiculturalismo na sociedade contemporânea²¹⁴ através de um discurso homogeneizador que é, na verdade, falacioso. No capítulo atual indicamos o entrelaçamento dos conceitos de diáspora e multiculturalismo levando em consideração a maneira como os personagens são interpelados pelo choque cultural causado pelo deslocamento do lugar de origem/terra natal e do acolhimento ao destino final/país adotado e como o passado da diáspora negra cumpre um papel na criação estética dos romances. Nos tempos de globalização em que vivemos a diáspora tornou-se um elemento comum; a decisão em sair do lugar de origem para um lugar desconhecido não deixa de ser, de certa forma, a escolha por aventurar-se que é explicada principalmente pela ilusão de uma vida melhor que se estabelece como alternativa para a dura realidade vivida. Neste capítulo pudemos compreender como as experiências das personagens de *Lucy*, *What We All Long For* e *Ponciá Vicêncio* descontroem a ilusão de uma vida melhor através de suas experiências, percebemos que ao mesmo tempo em que essas experiências se revelam distintas elas guardam em seu

²¹⁴ Lembremos que Kabengele Munanga (2012) cita três tendências: a separatista, a segregacionista e a inclusiva ou integracionista.

âmbito a problemática adaptação de personagens que se encontram em sociedades autointituladas multiculturais, mesmo quando os personagens anseiam por inclusão (como é o caso dos personagens de *What We All Long For*) o discurso segregacionista continua se fazendo presente.

Segundo Hall (1996) é difícil esclarecer o significado do termo multiculturalismo, e por essa razão ele precisaria ser usado “sob rasura”; entendemos que o conceito de sociedade multicultural está ligado à sua característica principal de ser culturalmente heterogênea. No entanto não há como esconder que a questão multicultural carrega consigo muitos elementos problemáticos, entre eles está a inserção do indivíduo diaspórico na dinâmica sociocultural; nos romances analisados neste capítulo percebemos que a experiência diaspórica dos personagens funciona com o intuito de refletir sobre e desconstruir o ‘mito de multiculturalidade’ e igualdade social. Mesmo se levarmos em consideração que “As versões emancipatórias do multiculturalismo baseiam-se no reconhecimento da diferença e do direito à diferença e da coexistência ou construção de uma vida em comum além das diferenças de vários tipos” (NUNES & SANTOS, 2003, p. 33) perceberemos que na maioria das sociedades essa versão emancipatória ainda não se faz presente de fato; as narrativas analisadas demonstram que a realidade configura-se de maneira perversa, inviabilizando uma cultura em que as identidades se estabeleçam sem a exclusão criada por uma heterogeneidade cultural, também fruto da globalização vigente e herança da colonização e dos efeitos da colonialidade na vida das pessoas.

Ficou claro que a identidade diaspórica preserva um lugar de desconforto que se explica pelo deslocamento físico e psicológico, mas que vai além dessa questão. O passado (e as marcas que ele produz) interfere diretamente nas relações familiares, sociais e amorosas mantidas pelos personagens que analisamos; devemos, portanto, entender a memória como ferramenta importante:

A memória enquanto processo seletivo de (re)codificação de imagens mediante a rememoração e o esquecimento tem sido um meio de cura: uma estratégia multidimensional de transformar desabrigos em lares, de resistir à subalternização e reconstruir identidades culturais. Transferida da experiência individual vivida dos ancestrais africanos para a imaginação coletiva, a memória [...] enfatiza a descontinuidade entre o passado vivido e lembrado. (WALTER, 2006, p. 16)

A temática da memória é importante para entendermos a realidade diaspórica porque ela se estabelece como um elo entre o passado vivido e a imaginação. O conceito de diáspora, que passou a ser utilizado por tantos grupos sociais, é também agora pensado a partir da forma de dar um passo adiante no entendimento da literatura produzida por escritores/as negros/as como forma de estabelecer a diáspora africana como resultado da escravidão e com consequências reais que ainda perduram em nossos dias. No caso de Ponciá vimos a importância das tradições familiares como forma de manter vivas as tradições do povo africano, é por essa razão que a personagem evaristiana se perde na cidade, ela não tem mais o contato com suas origens e raízes. Já nos romances de Kincaid e Brand percebe-se que a criação da memória cultural não acontece da mesma forma; os laços familiares que seriam responsáveis pelos traços de identidade e pertencimento estão, de alguma forma, completamente destruídos. As narrativas de *Lucy* e de *What We All Long For* se apresentam sem o mesmo desejo de interação presente em *Ponciá Vicêncio*, as personagens estão isoladas em seus próprios mundos, e o desejo do retorno ou do reencontro não aparece como forma de cura, mas como sintoma da doença.

Os romances analisados nos permitem ver as relações sociais sendo desnudadas do rótulo de harmonia e homogeneidade, existe uma abordagem da disfuncionalidade das relações (familiares, sociais, empregatícias etc.) e o lugar de subalternidade dos indivíduos negros, que precisam enfrentar sua inadequação na sociedade. Os três romances partem da perspectiva de indivíduos não-brancos, em sua maioria mulheres negras, que vivenciam uma realidade social fundamentada no racismo e na exploração das pessoas; que as escritoras, cada uma à sua maneira, adotam um percurso crítico sobre questões relacionadas ao gênero, raça, etnicidade, espaço, classe social, identidade, problematizando essas questões com o objetivo de encontrar meios para a desmarginalização das ‘minorias’; Dionne Brand afirma em uma entrevista²¹⁵: “*In some ways, I feel it is my job to observe how these discourses work. Not everybody is interested in undoing these, of course, or not everybody is uncomfortable with certain types of discourses. But certainly, I am*”²¹⁶, evidenciando seu desejo de analisar os discursos a fim de ressemantizá-los. Segundo Gilroy é preciso pensar que “A diáspora africana pelo hemisfério ocidental dá lugar aqui à história de futuras dispersões, tanto econômicas quanto políticas, pela Europa e pela América do Norte”, sendo assim devemos

²¹⁵ <http://puritan-magazine.com/love-enough-an-interview-with-dionne-brand>, acesso em 04/11/2014.

²¹⁶ “De certa forma, eu sinto que é o meu trabalho observar como esses discursos trabalham. Naturalmente, nem todo mundo está interessado em se desfazer deles, ou nem todo mundo se sente desconfortável com certos tipos de discursos. Mas, certamente, eu me sinto”

reconhecer que “estas jornadas secundárias também estão associadas à violência e são um novo nível da disjunção diaspórica, e não apenas reviravoltas ou impasses” (2001, p. 21), isso significa dizer que a diáspora africana deve ser entendida através da soma das dispersões passadas e presentes, afinal elas relacionam-se diretamente às dispersões futuras, funcionando como um elo em cadeia.

CAPÍTULO 5

PÓS-COLONIALIDADE E EXCLUSÃO SOCIAL: UMA CARTOGRAFIA CONTRA A SUBALTERNIDADE E A FAVOR DA DESCOLONIZAÇÃO

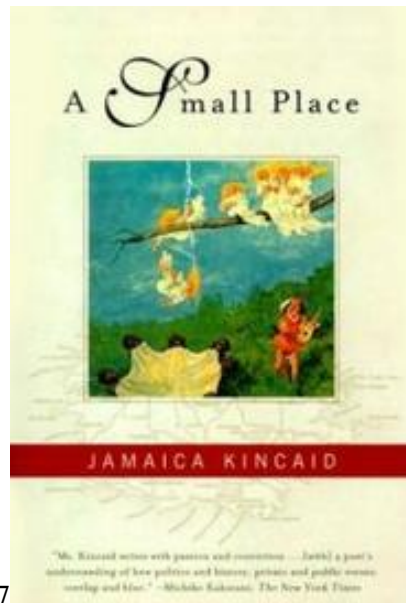


Figura 17

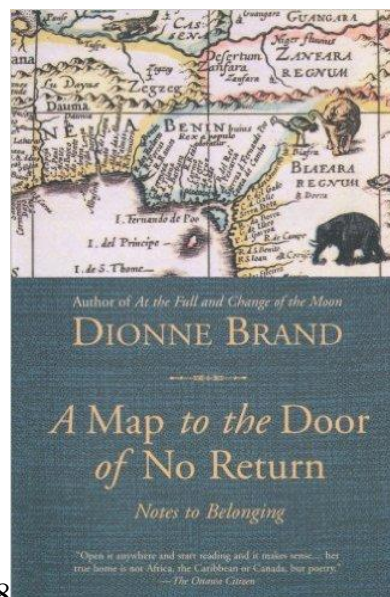


Figura 18



Figura 19

5.1 Colonialismo *versus* Pós-colonialismo

Ao longo de nossa pesquisa alguns tópicos apareceram com bastante frequência, o que demonstra a conexão que os textos analisados possuem entre si. A intensidade com que determinados assuntos são tratados nas narrativas comprova nossa ideia de que há uma poética de autorrepresentatividade feminina negra que nasce através da estruturação de componentes presentes na obra literária de Jamaica Kincaid, Dionne Brand e Conceição Evaristo que visa questionar a dominação epistemológica do indivíduo colonizado a partir do cenário literário. Nessa poética a questão da pós-colonialidade é central para entendermos os processos de escrita de cada escritora; o fato de a identidade e a realidade pós-colonial estarem constantemente pontuadas nas obras de Kincaid, Brand e Evaristo deve ser visto enquanto peça importante para apreender as ferramentas usadas por essas escritoras a fim de desconstruir ‘verdades’ e inviabilizar os discursos de subalternidade. O conjunto de obras analisado nesta pesquisa demonstra a necessidade que as escritoras possuem em pensar a questão da representatividade de ‘certas minorias’ na contemporaneidade, em especial em sociedades que tiveram um passado de colonização e que hoje se intitulam multiculturais.

Pensar a questão do pós-colonialismo nos obriga a pensar no próprio colonialismo enquanto uma realidade cristalizada em diversos lugares do globo, obviamente a razão de ser e existir do primeiro só se explica através da existência do segundo, mas a relação entre colonialismo e pós-colonialismo não deve ser encarada como uma questão simples. Assim como vários estudiosos, Childs e Williams (1997) refletiram sobre as dificuldades em definir o que é o pós-colonial, muitos dos estudos sobre o tema identificam o conceito de pós-colonialismo por sua característica mais forte: a abrangência (característica que tem sido amplamente criticada). Basicamente podemos pensar o pós-colonialismo a partir de dois entendimentos: 1) ele indicaria um tempo histórico que surge com o fim do colonialismo (nesse caso é compreensível que se questionem os limites temporais entre um e outro), e 2) ele constitui uma série de contribuições teóricas – inclusive na área dos estudos literários – que tem como objetivo apresentar uma crítica contundente ao colonialismo e seus efeitos (pensando muito mais as questões relacionadas à estruturação da sociedade com histórico de colonização).

Acreditamos que apesar de surgir de um conceito problemático que nem sempre é tão fácil de ser compartimentado os estudos pós-coloniais têm um papel importante para pensar questões fundamentais, entre elas o conceito de nacionalidade, a construção e o desenvolvimento da identidade do sujeito pós-colonial, a reescrita da história, o preconceito racial, o multiculturalismo etc. Nesse caso pensemos na importância de questionar o discurso colonial como elemento fundamental da escrita pós-colonial: *“By recognising how the binarisms of colonial discourse operate (the self-other, civilised-native, us-them, manichean polarities) post-colonial critics can promote an active reading which makes these texts available for re-writing and subversion”*²¹⁷ (ASHCROFT, 1995, p. 8); ao problematizar tais questões o pós-colonialismo pensa a dominação física e/ou territorial enquanto ferramenta para dominação simbólica e a violência epistêmica, e por essa razão deve continuar ocupando um espaço de destaque no âmbito acadêmico. O reconhecimento dos binarismos funciona, portanto, como mote para reconhecer as bases epistemológicas do discurso colonial e do processo de internalização da colonialidade.

Nos capítulos anteriores utilizamos as temáticas ‘identidade’, ‘memória’ e ‘diáspora’ para pensar as obras de Jamaica Kincaid, Dionne Brand e Conceição Evaristo, nessa trajetória percebemos a importância de refletir as narrativas analisadas a partir de contextos socioculturais específicos, explorando a realidade glocal a partir de uma perspectiva que entenda a exclusão social presente nas Américas como resultado da colonialidade do poder e da subalternidade. Partindo do princípio de que a literatura pós-colonial é a produção literária feita por aqueles que tiveram sua terra colonizada pelas potências europeias durante os séculos XV e XX (BONNICI, 2012) buscamos estabelecer uma cartografia que seja capaz de demonstrar como as narrativas das escritoras em questão configuram-se numa realidade pós-colonial pautada num desejo de descolonização (descolonização do corpo, da mente e da cultura). Nossa cartografia começa a partir da fala e do posicionamento crítico de Kincaid, Brand e Evaristo e segue através da análise da obra literária de cada escritora, esse caminho mostrou-nos que o eu-escritor e o eu-narrador ou eu-personagem aproximam-se graças à busca em recuperar as raízes da cultura africana.

Durante o capítulo 2 tratamos do tópico sobre colonialidade do poder e procuramos nos aprofundar sobre a diferença entre os termos colonialismo e colonialidade. É importante

²¹⁷ “Ao reconhecer como os binarismos do discurso colonial operam (o eu-o outro, civilizado-nativo, nós-eles, polaridades maniqueístas) a crítica pós-colonial pode promover uma leitura ativa que torna esses textos disponíveis para a re-escrita e a subversão”

pontuar mais uma vez que mesmo que a colonialidade não dependa da continuidade do colonialismo ela está atrelada a ele porque a colonialidade indica o cenário que foi semeado pelas relações de poder instituídas primeiramente durante o período de colonização, época em que as relações humanas pautadas na dominação e exploração estavam em alta e eram justificadas pelo ‘discurso do progresso’. Os estudos pós-coloniais, enquanto matriz teórica diversificada, têm apresentado contribuições significativas para pensar as relações de poder e a institucionalização desse poder em sociedades colonizadas; quando pensamos em literatura podemos dizer que há uma teoria literária pós-colonial que se caracteriza pelo questionamento à teoria europeia e à sua inabilidade em entender as complexidades do contexto pós-colonial:

*The idea of ‘post-colonial literary theory’ emerges from the inability of European theory to deal adequately with the complexities and varied cultural provenance of post-colonial writing. European theories themselves emerge from particular cultural traditions which are hidden by false notions of ‘the universal’. Theories of style and genre, assumptions about the universal features of language, epistemologies and value systems are all radically questioned by the practices of post-colonial writing. Post-colonial theory has proceeded from the need to address this different practice.*²¹⁸
(ASHCROFT, 1989, p. 11)

Parte do caminho de descolonização consiste no afastamento da teoria europeia com o objetivo de estabelecer uma teoria própria (e uma identidade própria), a teoria pós-colonial consegue esse feito pensando sua própria realidade. É por afastar-se da ‘cortina de fumaça’ criada pela noção de universal que a teoria literária pós-colonial mostra sua importância, as teorias até então vigentes não possuíam a disposição de entender a real situação da dominação epistemológica produzida pelo colonialismo e por seu legado histórico, político, social, econômico e cultural. Pensando a partir desse contexto percebemos o quanto as relações sociais dão forma a esse tipo de dominação, a teoria pós-colonial acaba se firmando, portanto, enquanto voz questionadora que se estabelece principalmente através do que chamamos de consciência pós-colonial que influencia a escrita pós-colonial.

Analisaremos textos que trabalham o espaço geográfico enquanto espaços discursivos socialmente e culturalmente definidos e problematizados por Kincaid, Brand e Evaristo,

²¹⁸ “A ideia de uma ‘teoria literária pós-colonial’ emerge da inabilidade da teoria europeia em lidar adequadamente com as complexidades e proveniência cultural variada da escrita pós-colonial. As teorias europeias emergem das tradições culturais particulares que estão escondidas em noções falsas ‘do universal’. Teorias de estilo e gênero, pressupostos sobre as características universais da linguagem, epistemologias e sistemas de valor são todos radicalmente questionados pelas práticas da escrita pós-colonial. A teoria pós-colonial tem procedido da necessidade em endereçar essa prática diferente.”

classificando esses espaços como símbolos da necessidade de descolonização do sujeito pós-colonial e da comunidade em que esse sujeito vive. Este capítulo conta com a análise dos livros *A Small Place* (1988), de Jamaica Kincaid, *A Map to the Door of No Return* (2001), de Dionne Brand, e *Olhos D'água* (2014), de Conceição Evaristo. Buscamos definir os espaços de violência e resistência presentes nos textos analisados, e seu funcionamento como instrumentos para a consciência pós-colonial, a partir da caracterização de personagens e ideias que se estabelecem através da construção ficcional. Nesse caso escolhemos textos com gêneros diversificados a fim de demonstrar a amplitude dos processos da escrita pós-colonial.

5.2 Espaços discursivos na escrita pós-colonial: *A Small Place*, *A Map to the Door of No Return* e *Olhos D'água*

No contexto contemporâneo a literatura afastou-se do senso puramente estético e transformou-se numa possibilidade real de proliferação de vozes subalternas, que têm falado de experiências de devastação histórica, religiosa, social e cultural, contudo ao mesmo tempo em que essa literatura funciona enquanto técnica de sobrevivência ela também indica o desejo de resistência e descolonização. Mais uma vez pensamos a teoria pós-colonial – e a literatura pós-colonial – através de seu senso de desconstrução e através de seu objetivo de afastamento das teorias eurocêntricas; Ramón Grosfoguel menciona a descolonização como sendo o grande sonho do século passado:

parte do mito eurocêntrico é que vivemos numa chamada era ‘pós’-colonial e que o mundo e, em especial, os centros metropolitanos, não necessitam de descolonização. Segundo esta definição convencional, a colonialidade é reduzida à presença de administrações coloniais. Porém, como comprovou o trabalho do sociólogo peruano Aníbal Quijano (1993, 1998, 2000) com a sua perspectiva da ‘colonialidade do poder’, continuamos a viver num mundo colonial e temos de nos libertar das formas estreitas de pensar as relações coloniais, de modo a concretizar esse inacabado e incompleto sonho do século XX que é a descolonização. (in SANTOS & MENESES, 2010, p. 396-397)

Uma visão reducionista da condição americana não permite o entendimento sobre a continuação das relações coloniais como parte significativa da realidade social, por essa razão o sonho de descolonização ainda continua sendo o sonho deste século, uma vez que ele não se materializou no século passado. O entendimento de Grosfoguel é que ainda existe uma necessidade intrínseca de alertar para a importância da descolonização. É possível compreender a colonialidade do poder não apenas enquanto um desmembramento da cultura que se desenvolveu a partir das administrações coloniais, mas também como um sistema que perpetua a lógica e o discurso do mundo colonial. Quando Kincaid afirma²¹⁹ “*I write out of defiance. I’m going to write this way, and no one will like it, but I don’t care*”²²⁰ ela está estabelecendo uma busca por liberdade, Kincaid demonstra o desejo de ser independente, de não estar presa às prerrogativas do discurso dominante, essa postura só é possível através da descolonização a que se refere Grosfoguel, segundo Kincaid ela não está interessada em aprovação. Mas o que isso quer dizer? Essa afirmação indica que a escritora está ciente de sua condição de subalterna, e não reconhecendo a aprovação que só pode ser concretizada a partir de uma lógica eurocêntrica Kincaid prefere continuar com seus esquemas narrativos que priorizam a rebeldia; assim como a característica questionadora de suas personagens Kincaid não se deixa abalar, é por essa razão que ela continuou insistindo para que *A Small Place* fosse publicado mesmo depois de tantas recusas e tantas críticas.

Nesse capítulo não utilizaremos o quadro temático com as informações acerca dos personagens e sobre a narrativa porque entendemos que a construção da compreensão dos textos *A Small Place* e *A Map to the Door of No Return* difere muito da compreensão dos contos presentes em *Olhos D’água*, isso acontece porque, como já mencionamos, esses livros apresentam-se a partir de gêneros distintos. Sendo assim trataremos cada texto distintamente: primeiro trataremos um sumário acerca dos livros e depois analisaremos cada um através de um tópico. Tendo feito essa análise seremos capazes de refletir sobre os caminhos trilhados por Jamaica Kincaid, Dionne Brand e Conceição Evaristo no último tópico; dessa forma entenderemos o estabelecimento do discurso literário descolonizador a partir de situações de escrita que desconstruem a visão de mundo solidificada pela herança colonial.

²¹⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=oPgjWIYKm5w>, acesso em 30/10/2014.

²²⁰ “Eu escrevo para o desafio. Eu escreverei desse jeito, e ninguém gostará, mas eu não me importo”

5.2.1 *A Small Place*

Quando analisamos a fortuna literária de Jamaica Kincaid encontraremos algumas temáticas que se sobressaem independentemente do gênero literário utilizado pela escritora. A escrita kincaidiana explora a relação mãe-filha e a problemática relação familiar, a questão do gênero e a exploração da sexualidade por parte da mulher, no entanto estes temas também funcionam como pontos de conversão para temáticas ainda mais amplas, tais como o colonialismo e o legado colonial, que inclui tópicos como a educação familiar e institucional, a desigualdade social e o racismo. Ao tratar de temas tão problemáticos Kincaid revela sua contribuição para os estudos pós-coloniais em literatura. Quando lemos o livro mais polêmico de sua carreira literária – *A Small Place* – publicado em 1988, percebemos que ao mesmo tempo em que conquistou um espaço importante no universo literário Kincaid continuou focando sua obra nas inconsistências de sua história pessoal e social; este texto apresenta temas cuja presença é comum na obra kincaidiana, mas isso acontece através de um texto de gênero híbrido, em que autoficção, ensaio e guia de viagem se misturam e se complementam num tom crítico que ironiza as relações coloniais através de histórias simples que se conectam com a experiência de Kincaid enquanto sujeito colonizado.

Em *A Small Place* Kincaid usa um tópico muito simples como ponto de partida para seu texto: a chegada de um turista em férias numa ilha paradisíaca parece uma escolha desprovida de significado à primeira vista, o que acontece é o estabelecimento de um texto ácido que pensa o passado e o presente da Antígua através de uma pessoa que já não vive mais aquela realidade, mas que foi profundamente influenciada por ela. Kincaid constrói a partir de seu texto o questionamento sobre a continuidade da dominação através de ‘instâncias globalizadas’, para isso ela funde as noções de turismo (e seu potencial econômico) e colonialismo (com seu legado cultural), uma relação que à primeira vista pode parecer completamente aleatória acaba se estabelecendo como um ponto de conexão entre as antigas e as novas formas de poder e de colonialidade. A análise que a escritora erradicada nos Estados Unidos faz a partir da realidade de uma ilha (seu país de origem) que se tornou um grande atrativo turístico abre possibilidades para pensarmos nos anseios de liberdade que continuam se fazendo presentes após a independência das antigas colônias.

A *Small Place* está dividido em quatro partes sem título, no início de cada seção aparecem imagens que remontam a uma paisagem rural, deixando claro que essa é a principal paisagem para os que vivem na ilha. Por mais que o livro explore a realidade do turismo o que se vê nas imagens são pessoas negras, descalças, com instrumentos de trabalho, Kincaid parece fazer uma conexão ao passado de escravidão de seu povo; essas paisagens separam as seções mas ao mesmo tempo também relacionam-se entre si porque há uma harmonização entre elas, e entre as imagens de dentro do livro e a imagem que aparece na capa podemos assinalar que a escolha da escritora funciona como um lembrete de que durante muito tempo as plantações e o mundo rural eram as principais responsáveis pela economia antiguan.

O tom sarcástico está presente em todo o texto e a narradora – que não se identifica diretamente em momento algum – é uma pessoa nativa da ilha, que conhece a ‘história oficial’ do lugar, mas que também conhece as histórias que se escondem num passado que foi apagado. O tipo de narração também chama atenção porque é bastante incomum os escritores usarem a segunda pessoa; em primeira instância a escritora abre um diálogo com um suposto turista, quando, na verdade, está se comunicando com os leitores, em mais uma estratégia de Kincaid para criar um cenário propício a uma sensação de desconforto: “*Kincaid uses the second person in a confrontational matter, casting the reader as the story's antagonist. This is challenging to readers, but ultimately rewarding, too, because by immersing yourself in the story, you gain a better understanding of the issues at stake.*”²²¹ Esta passagem²²² evidencia o fato de que a escritora caribenha busca através de sua escrita desconstruir a posição confortável do leitor através da exposição de uma realidade tão comum e que passa despercebida, Kincaid percebe que a colonialidade do poder – enquanto herança direta da colonização – faz vítimas, e por isso critica os colonizadores e suas ações: “*They don't seem to know that this empire business was all wrong*”²²³ (KINCAID, 1989, p. 23), e ataca o conforto daqueles que não têm consciência do que realmente acontece nos negócios em lugares subdesenvolvidos.

As páginas iniciais do livro já demonstram a essência impactante do texto. O livro começa desconstruindo a imagem do turismo enquanto uma atividade inocente e explorando as consequências que ela traz consigo na vida dos habitantes da Antígua; logo no primeiro

²²¹ “Kincaid utiliza a segunda pessoa num modo conflituoso, lançando o leitor como antagonista da história. Este é um desafio para os leitores, mas é em última análise gratificante, também, porque imergindo-se na história, você obtém uma melhor compreensão das questões em jogo.”

²²² <http://www.shmoop.com/a-small-place/narrator-point-of-view.html>, acesso em 09/02/2015.

²²³ “Eles não parecem saber que este negócio imperial estava todo errado”

parágrafo o texto causa uma sensação de estranhamento no leitor usando o pronome *you* (você) para endereçar as críticas à pessoa do turista:

*If you go to Antigua as a tourist, this is what you will see. If you come by aeroplane, you will land at the V.C. Bird International Airport. [...] You are a tourist and you have not yet seen a school in Antigua, you have not yet seen the hospital in Antigua, you have not yet seen a public monument in Antigua.*²²⁴ (idem, p. 3)

Todo o primeiro parágrafo do texto-ensaio tem como objetivo apresentar ao leitor a dura realidade da Antígua e de seus habitantes. Essa passagem introduz a primeira parte do ensaio e se configura como peça importante para a narrativa porque focaliza duas questões principais que continuam sendo abordadas nos parágrafos seguintes e que funcionam como instrumento para entendermos a maneira como o texto é construído: a princípio a narradora menciona o completo desconhecimento do turista em relação à Antígua, a narradora segue o raciocínio de que quando um indivíduo tira férias ele procura afastar-se de qualquer possibilidade de se aborrecer; ele quer apenas descansar e aproveitar a vista: “*Oh, what beauty! Oh, what beauty! You have never seen anything like this. You are so excited. You breathe shallow. You breathe deep*”²²⁵ (idem, p. 13). Quando o turista chega à ilha não quer pensar sobre os problemas do lugar, sobre questões relacionadas à opressão, exploração e dominação, logo ele funciona como uma peça alienada nesse sistema capitalista.

Ainda na primeira parte é feito um contraponto com essa ‘visão alienada’ do turista em contraste com a realidade dos moradores pobres da ilha; o texto demonstra o quanto as condições de vida são precárias no lugar. As pessoas comuns não têm direito à educação, nem mesmo a biblioteca funciona (ela foi destruída por um terremoto há vários anos), as pessoas também não tem direito à saúde (tanto o atendimento médico como as instalações são extremamente precárias), as condições de trabalho não são boas (as pessoas são exploradas em vários aspectos). Todo esse cenário gera uma imensa revolta na narradora, que também se indigna com a alienação dos nativos da ilha, que veem que suas belezas e riquezas naturais são aproveitadas por pessoas de fora e mesmo assim não saem da postura de passividade em relação aos governantes e mandatários. Somando as alienações provenientes do turista que

²²⁴ “Se você for à Antígua como turista, isso é o que você verá. Se você vier de avião você aterrissará no Aeroporto Internacional V.C. Bird. [...] Você é um turista e você ainda não viu uma escola em Antígua, você ainda não viu um hospital em Antígua, você ainda não viu um monumento público em Antígua.”

²²⁵ “Ah, que beleza! Ah, que beleza! Você nunca viu nada como isso. Você está tão animado. Você respira leve. Você respira fundo”

explora e do nativo que é explorado a Antígua transformou-se num lugar ideal para todo tipo de corrupção e desigualdade.

Na segunda parte a narradora explica a existência de duas visões ou duas formas de se enxergar e de seu viver em sua terra natal. Para os estrangeiros a Antígua é um lugar exótico cheio de belezas naturais, no entanto lugares como o clube *Mill Reef* funcionam como forma de viabilizar a separação entre os estrangeiros e os nativos, ou entre os ricos e os pobres, por essa razão o contato entre eles só acontece porque os empregados desse lugar sempre são os negros nativos da ilha (porque eles são mão-de-obra barata). Para estes, explorados de todas as formas possíveis, a Antígua transformou-se num mundo sombrio, em que o racismo é vivenciado todo dia, mesmo quando não reconhecido como tal ou compreendido de fato. Nesse ponto da narrativa o posicionamento crítico da narradora aparece com bastante intensidade: “*No periods of time over which my ancestors held sway, no documentation of complex civilisations, is any comfort to me. Even if I really came from people who were living like monkeys in trees, it was better to be that than what happened to me, what I became after I met you.*”²²⁶ (idem, p. 37) A narradora revela todo o ressentimento gerado pela colonização e pelo extermínio e exploração de sujeitos negros, esse trecho mostra o que a colonização representou para o apagamento do passado de um povo, como a própria narradora afirma não é possível evocar esse passado, mesmo assim ela deixa claro que preferia que os ingleses nunca tivessem deixado seu país para transformar completamente o país de outra pessoa.

Em todo o texto reflexões profundas somam-se ao tom irônico e sarcástico e revelam a visão de uma pessoa nascida e criada num lugar em que os resquícios da colonização continuam presentes e atuando na dinâmica social e cultural. A terceira parte de *A Small Place* começa com as lembranças da narradora em relação à biblioteca, é fácil perceber que esse tópico é recorrente no texto porque a biblioteca era um lugar especial para a narradora durante sua infância; de uma maneira geral a biblioteca gozava de certo *status* e era motivo de orgulho porque ficava localizada num prédio histórico e numa localização geográfica importante. O descaso com a reforma da biblioteca, aliado ao descaso com o bem-estar da população, acaba resultando numa crítica dura às autoridades e ao governo: “*The government is for sale; anybody from anywhere can come to Antigua and for a sum of money can get what*

²²⁶ “Sem períodos de tempo em que meus ancestrais tenham exercido poder, nenhuma documentação de civilizações complexas, é qualquer conforto pra mim. Mesmo se eu realmente tivesse vindo de pessoas que viviam como macacos em árvores, seria melhor ser isso do que o que aconteceu comigo, o que eu me tornei depois que eu conheci você.”

he wants”²²⁷ (idem, p. 47); o entendimento que a gestão pública é repleta de vícios reforça a ideia de que os moradores locais não têm importância alguma e por isso todos os serviços públicos são negligenciados.

A última parte do livro – e a mais curta – começa de forma totalmente diferente do que havia sido feito nas seções anteriores. Durante as duas primeiras páginas a narradora faz um elogio à beleza da Antígua, segundo o texto as belezas presentes na ilha podem ser consideradas quase irreais por causa da exuberância do lugar. Mais uma vez, assim como fizera no capítulo 3, a narradora explica que a Antígua é uma pequena ilha, um pequeno lugar, ‘descoberto’ por Cristóvão Colombo em 1492. Esse ‘descobrimento’, que ela caracteriza como uma invasão, é o responsável por tudo que aconteceu depois. No final de seu texto há mais uma reflexão sobre os papéis que cada um ocupou/ocupa no sistema imperial/colonial e mais uma vez a narradora questiona a legitimidade da colonização e as marcas deixadas pela escravidão dos africanos. Parece-nos que essa humanização que aparece nas últimas seções de *A Small Place* indica o anseio da narradora em buscar recuperar o sentimento que a conecta com esse espaço geográfico.

5.2.2 *A Map to the Door of No Return*

De maneira geral o escritor pós-colonial sempre está em busca da desconstrução do passado de colonização, criticando seus efeitos e buscando resgatar um passado seu, um passado próprio, em outras palavras o escritor pós-colonial visa afastar-se das concepções da colonialidade através de sua arte. Apesar de começar sua carreira literária no Canadá Dionne Brand nunca deixou de questionar suas origens ou de atacar as noções de identidade e pertencimento nos moldes tradicionais (e homogêneos). O conjunto de obras de Dionne Brand é diversificado e de alguma forma a escritora afro-canadense conseguiu desenvolver um senso crítico aliado a uma escrita lírica que se tornou marca registrada independente do gênero

²²⁷ “O governo está à venda; qualquer um de qualquer lugar pode vir a Antígua e por uma soma de dinheiro pode conseguir o que ele quiser”

literário que ela usa, segundo ela mesma explica: “*My tradition says that your speech must be relevant, charged, politically conscious, memorable. It must pursue human freedom*”²²⁸ (BRAND, 1998, p. 120). O posicionamento de Brand é declaradamente engajado à realidade, porque além de a escritora buscar espaço para a sua voz ela também procura compreender os caminhos que tornaram o grupo social a que pertence invisível aos olhos da sociedade e aos olhos da história.

Com o livro *A Map to the Door of No Return*, publicado em 2001, Brand cria uma obra híbrida²²⁹ em que suas experiências pessoais, suas memórias, suas análises acerca do passado e seu posicionamento artístico, político e intelectual são usados num texto fragmentado. Essa construção heterogênea cria uma sensação ampla de desconforto e reflexão no leitor, que é confrontado pelas noções que vão sendo desconstruídas ao longo do texto e vai identificando os conceitos desenvolvidos sobre temas complexos que muitas vezes não recebem um olhar minucioso. Na dedicatória desse livro Brand afirma “*Dedicated to the other dwellers of the door*”²³⁰, essa frase é relevante para a compreensão do que será lido em seguida porque revela que a escritora assume que toda a realidade tratada durante o texto não diz respeito apenas a sua trajetória, mesmo inserindo-se num campo extremamente pessoal *A Map to the Door of No Return* é, em última instância, também um relato coletivo e histórico.

O livro é totalmente narrado em primeira pessoa. Já no início somos apresentados a uma lembrança que, a nosso ver, explica o principal objetivo da obra: lutar e recuperar uma ‘memória quebrada’ por séculos de extermínio cultural. Brand apresenta seu descontentamento com a impossibilidade de possuir uma memória completa já nas primeiras páginas, quando a narradora conta que durante muito tempo tentou descobrir suas origens mas seu avô dissera-lhe que não se lembrava de qual povo eles descendiam, ele não conseguia lembrar-se de absolutamente nada; esse fato provocou em ambos grande desapontamento: “*Having no name to call on was having no past; having no past pointed to the fissure between the past and the present*”²³¹ (BRAND, 2001, p. 5). Lembremo-nos de que no romance *In Another Place, Not Here* há uma personagem, Adela, que também é incapaz de

²²⁸ “Minha tradição diz que seu discurso deve ser relevante, carregado, politicamente consciente, memorável. Deve perseguir a liberdade humana”

²²⁹ Alguns estudiosos (KROLLER, EGAN & HELMS, 2004) têm demonstrado dificuldade em classificar *A Map to the Door of No Return* por causa da mistura de gêneros que fazem parte do livro, entre eles podemos destacar: a autobiografia e o diário de viagem, por exemplo.

²³⁰ “Dedicado aos outros moradores da porta”

²³¹ “Não ter nenhum nome para chamar era não ter nenhum passado; não ter nenhum passado apontava para a fissura entre o passado e o presente”

lembrar-se de sua terra natal ou dela mesma antes de ser trazida para a América; de certa forma a narrativa brandiana destaca como um dos motes centralizadores de seus textos um não passado e uma história sem raízes e como essa realidade gera no indivíduo e em seus descendentes um apagamento de si mesmo.

A Map to the Door of No Return não está dividido em capítulos, mas têm inúmeras partes (ao todo são 51 seções) que se conectam entre si e que são o resultado de vários anos de anotações que Brand foi fazendo ao longo do tempo numa espécie de diário, através do livro somos capazes de identificar que a escritora esteve em diversos lugares, e cada um deles proporcionou-lhe percepções diferentes acerca de seu (não)pertencimento e de sua história, principalmente no aspecto coletivo. Já no título a escritora deixa claro que o que ela persegue não é algo palpável, a Porta a que Brand se refere não é um lugar específico, é, como a própria escritora afirma, uma metáfora: “*The door is a place, real, imaginary and imagined*”²³² (idem, p. 19). Notemos que em nenhum momento a escritora separa o real do imaginado, como se eles fizessem parte de um mesmo cenário; essa atitude revela a negociação que Brand faz com esses dois conceitos – real e imaginário – utilizando ambos como elementos complementares entre si e não antagonizantes.

Apesar de o livro não ter uma divisão tradicional alguns temas se sobressaem no texto e indicam uma linha de raciocínio. O primeiro assunto mencionado é a problemática da memória, primeiramente Brand aborda a falta de memória do avô, que não conseguia dizer ao certo sequer o nome da tribo de seus ancestrais, para depois passar para o nível coletivo e questionar a falta de memória a que foram submetidos os povos negros nas Américas. A não memória promove nos indivíduos uma ruptura, um vazio que os consome e que não permite o estabelecimento de uma identidade positiva, nesse caso é preciso buscar algo em que se possa apegar, algo que funcione como um símbolo, e o símbolo escolhido por Brand é o mar: “*Water is the first thing in my memory. The sea sounded like a thousand secrets, all whispered at the same time*”²³³ (idem, p. 8). Sabemos que para os afrodescendentes a relação com o mar é marcante principalmente por causa do trauma proveniente da diáspora ocorrida nos tempos da escravização negra, enquanto muitos morreram durante o trajeto milhões foram trazidos em condições subumanas para as Américas através dos navios negreiros; ao mesmo

²³² “A porta é um lugar real, imaginário e imaginado”

²³³ “A água é a primeira coisa em minha memória. O mar soava como mil segredos, todos sussurrados ao mesmo tempo”

tempo em que o mar evoca saudade de um tempo anterior também separa o negro da terra natal de seus ancestrais.

As primeiras páginas do livro de Brand mostram a importância do mar para a história da escritora, para a formação de sua identidade e para a recuperação da história de seu povo (por essa razão ela cita o famoso poema de Derek Walcott *The sea is history*²³⁴), Brand afirma que existe uma lacuna na vida de cada pessoa negra que é fruto da diáspora africana, ela diz que persegue essa lacuna desde sempre e que esta também tem a ver com a relação da escritora com o mar e o que ele representa: “*Our origins seemed to be in the sea. It had brought the whole of Guayguayare there from unknown origins. Unknown to me at the time and even more now*”²³⁵ (idem, p. 12). Por um lado esse trecho demonstra o poder negativo que a sensação de desconhecer suas origens promove no sujeito, por outro indica que a escritora continua perseguindo uma forma de transformar a sua não memória em uma memória.

A relação que a escritora diz sentir em relação ao mar pode ser explicada porque, segundo ela mesma confirma, o mar é a principal conexão entre o passado perdido e o presente. Por essa razão Brand também aborda a temática da diáspora e suas consequências para a formação da identidade de um indivíduo e do desenvolvimento da história de um povo; várias passagens apresentam a experiência da diáspora negra como algo que vai além do trauma, passa também pela relação que o tema possui com a própria escravidão, entre as páginas 22 e 24, por exemplo, Brand cita uma carta de William Bosman escrita em 1700 e que revela o sistema de escravidão presente em diversos países: “*The horror is of course three or four hundred years of slavery, its shadow was and is colonialism and racism.*”²³⁶ (idem, p. 22) Através desse documento a escritora questiona a validade do termo ‘migração’, uma vez que ele indica a intenção de deslocamento, enquanto a experiência da diáspora negra nas Américas teve a ver com a subjugação de um povo em relação ao desejo de conquista imperial de terras e riquezas através da utilização de mão-de-obra escrava. Outro ponto de destaque no texto, e que também aparece ficcionalizado em algumas obras brandianas diz respeito ao espaço que o corpo negro ocupa nesse universo diaspórico, quando fala de

²³⁴ É importante ressaltar que assim como em outros de seus livros Brand também cita estudiosos, documentos e eventos históricos em *A Map to the Door of No Return*, estabelecendo assim uma conexão entre suas lembranças e fontes ‘palpáveis’ e ‘reais’.

²³⁵ “Nossas origens pareciam estar no mar. Ele tinha trazido toda a Guayguayare de origens desconhecidas. Desconhecidas para mim na época e mais ainda agora”

²³⁶ “O horror é, naturalmente, trezentos ou quatrocentos anos de escravidão, sua sombra era e é o colonialismo e o racismo.”

diáspora negra Brand identifica o corpo negro enquanto um espaço de domesticação e encarceramento, para a escritora o corpo negro é um dos mais regulados na experiência diaspórica.

Todo esse trajeto que Brand faz a partir da reflexão sobre questões como a diáspora e a condição dos povos negros nas Américas é o principal embasamento para fundamentar o conceito que ela usa no livro: a porta do não retorno. Segundo ela mesma afirma: “*The thing is that I think Blacks in the Diaspora carry the Door of No Return in our senses*”²³⁷ (idem, p. 48), essa consciência a que Brand se refere serve para estabelecer definitivamente o entre-lugar na subjetividade do sujeito negro. O exercício que a escrita brandiana proporciona é o de questionar a realidade que se apresenta a partir do sentimento de vazio, de obscurecimento; para Walter

É a imaginação criativa de Dionne Brand que faz ouvir as vozes silenciadas daqueles que vivem neste entre-espaço mediante uma escrita que define e simultaneamente desconstrói identidades pela combinação de forças conflituosas e complementares entre o aqui e o lá, o presente e o passado caribenho (2009, p. 202)

É refletindo sobre essa ‘porta do não retorno’ que Brand se torna capaz de evocar as vozes silenciadas pela diáspora negra, a escritora afro-canadense não tenta encontrar um lugar de conforto, nem em seu discurso intelectual nem em sua escrita literária. Em *A Map to the Door of No Return*, assim como outros livros da fortuna literária de Dionne Brand, é perceptível a tensão existente entre o conceito de lugar e pertencimento (esse é mais um tópico de destaque do texto). Quando se refere ao Canadá, por exemplo, Brand pensa sobre os elementos que funcionam com o objetivo de desconstruir a noção de uma nação petrificada, apelando assim para sua multiculturalidade e seus desafios: “*How do we read these complicated juxtapositions of belonging, and not belonging, belonging and intrabelonging. In a place such as this, so full of immigrants, everyone is deeply interested in belonging*”²³⁸ (BRAND, 2001, p. 71). Ainda pensando na temática de pertencimento Brand relata sobre os sentimentos e percepções que vivenciou durante sua primeira viagem à África, esse foi um momento importante para a escritora e para sua jornada em busca desse portal, é um momento

²³⁷ “a questão é que eu penso que os negros na Diáspora carregam a Porta do Não Retorno em nossas consciências”

²³⁸ “Como podemos ler estas complicadas justaposições de pertencimento e não pertencimento, pertencimento e intra-pertencimento. Em um lugar como este, tão cheio de imigrantes, todo mundo está profundamente interessado em pertencimento”

marcado por confusão e euforia, mas principalmente por auto-conhecimento. Todas as viagens realizadas por Brand, e ela cita algumas no livro, são, de certa forma, jornadas de autoconhecimento, autocompreensão e autoaceitação.

Como mencionamos anteriormente alguns eventos históricos são lembrados, entre eles Brand cita a invasão americana à ilha de Grenada²³⁹, e como tudo o que aconteceu nesse período e a viagem que ela faz ao país durante a revolução a influenciou profundamente: “*I had come here in search of a thought, how to be human, how to live with historical pain. It seemed to me then that a revolution would do it*”²⁴⁰ (idem, p. 156); tendo ido ao país invadido pelos americanos e presenciando a morte de muitas pessoas – inclusive colegas seus – Brand mais uma vez se enche de desapontamento. Mesmo com essa experiência traumática é possível encontrar vários pontos da narrativa em que a escritora revela seu interesse pelo comunismo. Desde muito jovem Dionne Brand interessou-se por temas complexos e que indicavam sua curiosidade sobre as relações sociais e as relações de poder e opressão, isso fica em evidência, por exemplo, nas páginas finais de seu livro quando a escritora volta a lembrar de fatos de sua infância, chegando a mencionar a lembrança acerca do primeiro livro lido – *The Black Napoleon* – e como ele abriu seus olhos para a história que não é contada na escola.

A Map to the Door of No Return, que começara com a tristeza de Brand em saber que seu avô era incapaz de lembrar-se de seu passado, dá uma guinada e depois de refletir sobre o poder da linguagem, relembrar a importância de seu romance *At the Full and Change of the Moon*, e refletir sobre a importância dos museus e como eles provocam nela uma inspiração profunda acerca de sua própria realidade Dionne Brand volta a pensar sobre o esquecimento de seu avô, mas desta vez a escritora chega a conclusão de que para as pessoas que viveram a experiência traumática de ser desterritorializado muitas vezes esquecer era uma questão de sobrevivência. Ao mesmo tempo o texto explicita que para aqueles que descendem dessas pessoas o caminho é percorrido para recuperar essa memória e transformá-la em fonte de resistência.

²³⁹ Importante ressaltar que no romance *In Another Place, Not Here* Brand também utiliza esse evento histórico em sua narrativa, com as protagonistas fazendo parte desse momento.

²⁴⁰ “Eu tinha vindo aqui em busca de um pensamento, de como ser humano, como viver com a dor histórica. Pareceu-me, então, que uma revolução iria fazê-lo”

5.2.3 Olhos D'água

As pesquisas relacionadas à figura do negro na literatura brasileira ou mesmo ao levantamento de escritores e escritoras negras ao longo da formação de nossa literatura (como é o caso da coletânea organizada pelos professores Eduardo de Assis Duarte e Maria Nazareth Soares Fonseca e publicada em 2011) dão uma contribuição importante para o resgate da produção afrodescendente no âmbito literário e para a compreensão de componentes estéticos e elementos externos presentes nas obras. Muitos autores têm surgido e figurado no cenário literário brasileiro nos últimos anos com o comprometimento de refletir a realidade sócio-histórico-cultural no Brasil a partir de espaços geográficos e discursivos subalternizados; no caso de Conceição Evaristo temos uma escritora que tem procurado apresentar em suas obras um olhar direcionado em relação aos indivíduos negros marginalizados e excluídos, afastando-se, dessa forma, de estereótipos tão comuns e propagados em nossa sociedade.

Assim como em outras obras Evaristo trata do ambiente de marginalização e brutalidade da favela a partir das narrativas que se somam em *Olhos D'água*. O livro de contos, publicado recentemente (em 2014), é o penúltimo trabalho literário de Conceição Evaristo²⁴¹. Ao todo são 15 contos em que o protagonismo da história é ora de personagens masculinos, ora de personagens femininas; cada conto revela a história de um personagem, pontuando o alto teor de sofrimento que os personagens vivenciam, e como esse sofrimento é fruto da desigualdade social, racial e de gênero que provoca a invisibilidade desses indivíduos, que só se tornam conhecidos quando estampam as páginas de jornal na seção de crimes. Com exceção do primeiro conto, marcadamente autobiográfico, a narração das histórias é feita em terceira pessoa e remete a narrativas que parecem fazer parte da memória de quem narra.

A escrita evaristiana trata principalmente da desigualdade social e racial que molda a vida de personagens subalternizados pelo sistema que tem se perpetuado desde o período de colonização, para isso a escritora mineira escolhe um pano de fundo comum que aparece

²⁴¹ Evaristo publicou *Histórias de leves enganos e parecenças* em 2016, o livro é composto por 12 contos e 1 novela. Apesar de reconhecer a importância da obra não foi possível encaixar sua análise nessa pesquisa por uma questão de tempo.

frequentemente em sua obra: a favela. Para Jurema Werneck, que escreveu a introdução do livro aqui analisado, *Olhos D'água* se configura através de “histórias duras de derrota, de morte, machucados. São histórias que insistem em dizer o que tantos não querem dizer. O mundo que é dito existe” (in EVARISTO, 2014, p. 14). O contexto de desigualdade presente nos contos – e na vida – funciona através do silenciamento dos personagens e de suas histórias, a maioria deles absorve e internaliza toda negatividade e violência que um ambiente marginalizado oferece, dessa forma veem-se vidas inteiras fadadas ao fracasso, ao sofrimento e à morte, por essa razão a maioria das histórias termina em morte violenta.

O primeiro conto – *Olhos D'água* – não traz a história propriamente dita de um personagem. A narrativa começa a partir de uma sensação de incômodo da narradora: “Uma noite, há anos, acordei bruscamente e uma estranha pergunta explodiu de minha boca. De que cor eram os olhos de minha mãe?” (idem, p. 15), a narradora – cujo nome não é mencionado – procura desesperadamente lembrar-se da cor dos olhos de sua mãe. Apesar de grande esforço, e de conseguir se lembrar tão bem de momentos vividos em sua infância, quando a mãe precisava brincar de ‘distrair a fome’ e de não conseguir responder à sua pergunta inicial a narradora chega à conclusão de que os incontáveis prantos fizeram com que sua mãe tivesse ‘olhos d’água’.

Em seguida temos o conto *Ana Davenga*, Ana é mulher bonita que se envolve com Davenga (homem procurado pela polícia). Depois de finalmente ser aceita pelo círculo de amigos do companheiro, que viram com muita desconfiança o relacionamento entre eles, Ana engravida de seu primeiro filho, no entanto o futuro era um assunto delicado para quem mora no morro: “E o filho dela com Davenga, que caminho faria? Ah, isto pertence ao futuro. Só que o futuro ali chegava rápido. O tempo de crescer era breve. O de matar ou morrer chegava breve também.” (idem, p. 29) No dia do aniversário de Ana, depois de sua primeira festa de aniversário, e depois de fazer amor com seu homem, a polícia invade o barraco matando Davenga, e matando também Ana que tenta proteger o filho ainda em sua barriga.

Em *Duzu-Querença* narra-se a história de Duzu, uma mulher idosa que vive nas ruas; quando jovem foi enviada para a cidade grande depois que ela e sua família são enganados por uma falsa proposta de emprego. Duzu tornou-se então prostituta e nunca mais viu sua família, teve muitos filhos e muitos netos; Duzu passou a morar na rua até que um dos netos morre aos 13 anos numa emboscada, semeando na avó grande sofrimento, então resolve voltar

a morar com os filhos no morro para tentar aliviar a dor, até que morre pouco antes do carnaval.

O conto *Maria* relata um dia na vida da empregada doméstica Maria, que após trabalhar muito para limpar a casa da patroa que havia dado uma festa, começa sua jornada para voltar para casa com os restos de comida que recebeu. No ônibus a personagem encontra com o pai de seu filho, e eles trocam algumas palavras; logo em seguida ele e outro homem começam a assaltar os passageiros. Depois do assalto os passageiros se revoltam porque percebem que Maria conhecia um dos ladrões. Ela é linchada ali mesmo no ônibus: “Tudo foi tão rápido, tão breve, Maria tinha saudades de seu ex-homem. Por que estavam fazendo isto com ela? O homem havia segredado um abraço, um beijo, um carinho no filho. Ela precisava chegar em casa para transmitir o recado” (idem, p. 42).

As experiências de Natalina com suas gravidezes é o tema de *Quantos filhos Natalina teve?* Ficamos sabendo o que aconteceu em cada gestação: nas três primeiras a personagem dá as crianças recém-nascidas (o primeiro filho foi doado para uma enfermeira, o segundo é deixado com o pai, o filho é doado para os patrões de Natalina). A quarta gravidez foi gerada a partir de um estupro sofrido por Natalina, apesar da experiência traumática e do fato de ela ter atirado no homem que a estuprara ali mesmo no mato a escolha da personagem é de ficar com a criança: “dessa vez ela não devia a ninguém. Se aquela barriga tinha um preço, ela também tinha tido o seu, e tudo tinha sido feito com uma moeda bem valiosa. Agora teria um filho só seu, sem ameaça de pai, de mãe, de Sá Praxedes, de companheiro algum ou de patrões” (idem, p. 49). Natalina não conta o que aconteceu com ela para ninguém e mesmo com medo de ser encontrada pelo comparsa do homem que matou a personagem se encontra feliz à espera de seu ‘primeiro filho’.

O próximo conto – *Beijo na face* – traz a história de Salinda, uma mulher casada e com dois filhos que se depara com uma experiência que muda toda sua vida e seus sonhos: “Havia dois tempos fundamentais na vida de Salinda: um tempo em que o marido estava envolvido e cada vez mais se diluía e o tempo em que o novo amor se solidificava” (idem, p. 54). Nesse primeiro tempo Salinda era vigiada por um marido que a ameaçava constantemente, já no segundo tempo a personagem encontra a felicidade de novo ao encontrar-se apaixonada por outra mulher, tendo de manter seu sentimento em segredo e aguentar as consequências quando o romance é descoberto.

A personagem Luamanda dá nome a um dos contos de Evaristo, mais uma vez encontramos uma mulher madura (em torno de 50 anos) e com muita experiência de vida; o conto passeia por vários amores e vários prazeres da personagem, mas também demonstra que a vida é cheia de dores. A personagem mostra sabedoria porque compreende que a vida era feita de testes: “Entre encontros e desencontros, Luamanda estava em franca aprendizagem. Uma aprendizagem no, por dentro e fora do corpo” (idem, p. 63).

Em *O cooper de Cida* a história se passa no Rio de Janeiro e a protagonista – Cida – é apresentada como uma mulher forte, que não se entregava diante das dificuldades, que “corria sobre a corda bamba, invisível e opressora do tempo” (idem, p. 66). Cida mudou-se para o Rio aos dezessete anos e passou a trabalhar e morar sozinha, desde então não parou mais; todo dia Cida acordava cedo e saía para correr antes de ir trabalhar, até que um dia ela sentiu que caminhava em câmera lenta, parou e de frente para o mar refletiu, pela primeira vez, sobre sua vida.

Um dos contos mais tocantes do livro é *Zaita esqueceu de guardar os brinquedos*. A história se passa no barraco das irmãs gêmeas Zaita e Naíta; depois de um desentendimento entre as irmãs uma delas sai do barraco e descumpra a ordem da mãe de ficar perto de casa, assim como acontece em tantas favelas no Brasil há um tiroteio entre policiais e bandidos: “Balas, balas e balas desabrochavam como flores malditas, ervas daninhas suspensas no ar. Algumas fizeram círculos no corpo da menina.” (idem, p. 76) E assim a vida de Zaíta se esvai como água sendo levada pela correnteza.

No conto *Di Lixão* o protagonismo da história é destinada para um personagem masculino, um menino de 15 anos conhecido como Di Lixão que viu sua mãe ser morta mas que não contou a ninguém. O menino está no barraco sentindo muitas dores e sem ninguém para socorrê-lo. Interessante a reflexão que ele faz sobre sua condição: “Dor de dente matava? Não sabia. Sabia porém que ia morrer. Mas isto também, como a morte da mãe, pouca importância tinha” (idem, p. 79), em seus momentos finais ele simplesmente não queria ficar sozinho. Mesmo assim Di Lixão morre. Sozinho.

Lumbiá também traz a história de um personagem masculino. Lumbiá era um menino de rua lutando para sobreviver numa cidade que torna os marginalizados invisíveis; o personagem precisava vender produtos na rua e cuidar de si mesmo, sua única alegria era quando chegava o natal, porque ele se identificava com a pobreza presente nas manjedouras,

indo visitar todas as igrejas: “Lumbiá ficava extasiado olhando o presépio, buscando e encontrando o Deus-menino.” (idem, p. 84) Um dia ele resolve pegar o menino Jesus para si, e na fuga é atropelado e morre.

O conto *Os amores de Kimbá* narra um triângulo amoroso entre Kumbiá, um rapaz negro morador da favela, e Beth e Gustavo, jovens brancos de classe média. O personagem se depara com um mundo totalmente diferente do seu e recebe uma proposta de uma vida nova: “Era tentador. Deixar a favela. Deixar a miséria. Deixar a família (...). Não via nada de bom acontecer com ela [a avó] ou com a família” (idem, p. 92). Kumbiá não suporta a reza da avó porque ele não acredita que algo bom possa acontecer, de alguma forma o que parecia ser uma forma de fugir da dura realidade da favela acaba se tornando uma trágica história de três mortes.

Ei, Ardoca é um conto bem curto que traz os momentos finais do protagonista Ardoca, um homem que desde bebê convivia com as viagens de trem, pois sua mãe precisava trabalhar. O que parecia ser uma história sobre os solavancos e o empurra-empurra diários, além do descontentamento de Ardoca em relação à sua vida, tem uma guinada: “Ardoca não tinha mais nada, nem a vida” (idem, p. 97), desiludido com sua realidade o personagem bebe veneno no trabalho e vai em direção à estação de trem, sendo retirado do vagão por um rapaz que o conhecia e que acaba roubando seus pertences enquanto sua vida chega ao fim.

O penúltimo conto do livro é intitulado *A gente combinamos de não morrer* e narra a história de Dorvi e Bica, dois moradores da favela que acabam de ter um filho. Neste conto encontramos mais uma vez a realidade dura de quem vive às margens da sociedade brasileira, entre medo e tiros os personagens vão tentando sobreviver e vão fugindo da realidade através da alienação, a mãe da personagem Bica estabelece com precisão como funciona essa tentativa de evadir-se da própria vida: “Quando choro diante da novela, choro também por outras coisas e pela vida ser tão diferente. Choro por coisas que não gosto nem de pensar.” (idem, p. 105) É interessante notar que apesar da brevidade do conto a voz narrativa passa de Dorvi para Bica e para a mãe de Bica, estabelecendo o ponto de vista de cada um deles.

Por fim temos o conto *Ayoluwa, a alegria de nosso povo*. A narrativa traça a trajetória da pequena Ayoluwa, e como ela devolveu a esperança ao povo de uma comunidade repleta de pessoas que carregavam o sofrimento de um passado que continuava a atormentá-los porque se repetia. Até a chegada da personagem as crianças tinham deixado de nascer:

“Ayoluwa, alegria de nosso povo, continua entre nós, ela veio não com a promessa de salvação, mas também não veio para morrer na cruz” (idem, p. 114). O conto remete a uma narrativa mítica ao exemplificar a força simbólica do nascimento de Ayoluwa, além disso o fato de ela ser filha de Bamidele, a esperança, é esclarecedor quando pensamos que as pessoas começaram a sentir esperança no futuro novamente.

A forma como Evaristo aborda temáticas delicadas para a sociedade brasileira em *Olhos D'água* nos permite dizer que a escrita da escritora mineira está numa busca constante pelo desejo da presença do povo negro no Brasil; afastando-se do discurso homogeneizante da literatura brasileira²⁴² os contos de Evaristo revelam uma produção que desconstrói a invisibilidade de uma parcela marginalizada da população dos centros urbanos. Em 9 contos temos protagonistas mulheres, em 4 deles são protagonistas homens e no penúltimo temos uma narrativa cujo foco está em um casal. Podemos destacar elementos que permitem ao leitor aproximar as narrativas demonstrando assim a existência de uma linha de conexão entre as histórias contadas: primeiramente diríamos que a forma como a violência é apresentada nos textos é muito sintomática no que diz respeito à maneira como Evaristo desenvolve suas histórias, isso porque apesar da brutalidade com que os acontecimentos são narrados ainda há espaço para a humanidade dos personagens, por exemplo: no medo de Di Lixão de morrer sozinho, na inocência de Zaíta, ou na preocupação de Salinda com seus filhos mesmo quando é espancada. Para Eduardo de Assis Duarte a literatura produzida por Evaristo, em especial os contos que fazem parte de *Olhos D'água* afasta-se da especularização da violência e da apresentação de personagens desvairados:

o conto de Conceição Evaristo, mesmo sem abrir mão de cenas pungentes e de grande impacto, envolve-as numa linguagem marcada por tonalidades poéticas, em que há lugar para o sentimento e para a humanidade, tanto das vítimas quanto de seus carrascos. E, juntamente com a poesia e o sentimento, a reflexão em busca do porquê de tudo aquilo. (2016, p. 27)

Os contos evaristianos apresentam o que há de mais humano mesmo nos momentos mais dramáticos, a escritora mineira utiliza a brutalidade para abordar a condição precária em que vive a população negra brasileira sem perder a ternura, mostrando que compaixão e resistência podem caminhar juntas. Conceição Evaristo produz uma obra literária que

²⁴² Lembramos aqui da pesquisa da professora Regina Dalcastagnè sobre a representatividade de escritores negros ou personagens negros na literatura brasileira. Em artigo anterior à essa pesquisa Dalcastagnè já afirmava que “a literatura é um artefato humano, e como todos os outros, participa de jogos de força dentro da sociedade” (2008).

reapropria o espaço discursivo do afrodescendente sem o uso de estereótipos ou romantização da realidade, sobre as relações de exploração e dominação, por exemplo, podemos afirmar que vítimas e algozes são apresentados como seres humanos vivendo contextos específicos que são resultado da herança colonial e do passado de escravidão.

5.3 Pós-colonialidade e a representação do outro

Os três tópicos que se seguem estão distribuídos com o intuito de pensar os textos *A Small Place*, *A Map to the Door of No Return* e *Olhos D'água* separadamente, tendo em vista as características tão singulares que cada livro carrega faz-se necessário analisar os pontos de destaque das narrativas procurando enfatizar os tópicos levantados e a maneira como cada escritora constrói sua interpretação sobre a realidade de quem vive sob o jugo da colonialidade do poder. Procuraremos, portanto, analisar como as peculiaridades dos textos em questão dispõem-se a desconstruir os estereótipos destinados à figura do negro nas sociedades com histórico de colonização. Começamos pensando como o posicionamento crítico e intelectual de Jamaica Kincaid supera o sentimento de inferioridade do povo nativo da Antígua frente ao turista/colonizador branco através de *A Small Place*.

A escrita kincaidiana sempre questionou a força do poder (seja o poder patriarcal ou o poder colonial) e os efeitos desse poder na vida de pessoas marginalizadas por esse sistema; no começo de seu ensaio *In History* Kincaid se questiona: “*What should history mean to someone like me?*”²⁴³ (1997, p. 1), em cada um dos textos da escritora essa pergunta é refeita e repensada, Kincaid tem procurado encontrar seu lugar na história, e mais que isso tem buscado ressignificar a história para que ela, enquanto pessoa apagada pela colonização, possa ser ouvida e reconhecida. Em vez de utilizar personagens e criar um cenário em que ela pudesse exorcizar seus questionamentos pessoais e políticos, em *A Small Place* Kincaid põe o dedo direto na ferida, voltando seu discurso diretamente para o turista/leitor/colonizador,

²⁴³ “O que a história deveria significar para alguém como eu?”

utilizando um tom sarcástico para revelar-lhe não apenas seu descontentamento com a realidade, mas seu desprezo por essa realidade.

Segundo Thomas Bonnici “A importância da teoria pós-colonialista reside no fato de que o Ocidente jamais analisou suficientemente o problema do imperialismo” (2012, p. 39), pensando a partir dessa perspectiva podemos compreender o contexto pós-colonial como um espaço discursivo propício para a atividade de observação e questionamento analítico do sistema colonial/imperial, tendo em vista que o legado desse sistema está enraizado e institucionalizado; isso explica o fato de que os moradores de Antígua, apesar de desprezarem tudo o que os turistas e estrangeiros representam, continuam não compreendendo que a maneira grosseira como são tratados é fruto de racismo. O livro de Kincaid apresenta, portanto, uma explicação para diversas questões cruciais para esses indivíduos que continuam sendo ‘escravizados’, de forma eloquente a escritora caribenha exibe histórias e reflexões que nos permitem afirmar que a colonização no lugar não acabou totalmente e que o grupo social que se mantém no poder continua angariando para si toda a riqueza enquanto a população pobre continua amargando uma condição de vida precária.

Em toda a obra de Jamaica Kincaid encontramos traços biográficos, combinados a uma escrita caracterizada pela criticidade e desconstrução dos discursos patriarcal e colonial. No livro *The Empire Writes Back* (1989) os autores mencionam três preocupações elementares para a literatura pós-colonial: 1. a recuperação de espaços, 2. a afirmação da integridade cultural e 3. a revisão da história. Esses três elementos explicam o desejo de invalidar os estereótipos e as generalizações que o discurso colonial imprimiu nos indivíduos colonizados e em suas histórias, é uma forma de criar um contra-discurso que se sedimenta através da resistência e reapropriação do passado e, de certa forma, do presente e do futuro. O tom usado em *A Small Place* é ácido e toca em feridas que o tempo esconde, Kincaid inicia seu texto dirigindo-se ao turista que chega à Antígua, procurando descanso e sem o mínimo interesse pelas dificuldades que os moradores da ilha enfrentam. O discurso que a narradora desenvolve permite traçar um paralelo entre a condição de turista enquanto mestre e a condição do nativo enquanto escravo; Kincaid mostra seu ponto de vista quando lança o seguinte questionamento: “*Do you ever wonder why some people blow things up? [...] Do you ever try to understand why people like me cannot get over the past, cannot forgive and*

cannot forget?”²⁴⁴ (KINCAID, 1989, p. 26), logo em seguida ela mesma responde: “*People who think about these things believe that every bad deed, even every bad thought, carries with it its own retribution. So do you see the queer thing about people like me? Sometimes we hold your retribution.*”²⁴⁵ (idem, p. 27) A imagem revela seu anseio em problematizar o contato cultural proveniente da relação colonizador-colonizado num primeiro plano, atendo-se também à relação homem branco-homem negro; essa problematização permite que Kincaid também tente recuperar um espaço, uma identidade e uma história negados pelo discurso colonial.

A narradora demonstra que a visão colonizadora da ilha está presente também na classe política e na classe mais abastada da população (um grupo reduzido de pessoas), nesse caso vê-se claramente que a corrupção é a palavra-chave para entendermos a desigualdade social que já está institucionalizada em Antígua. Outro ponto importante para entendermos como funciona a sociedade antiguana está na maneira como o racismo é institucionalizado:

*Our perception of this Antigua – the perception we had of this place ruled by these bad-minded people – was not a political perception. The English were ill-mannered, not racists; the school headmistress was specially ill-mannered, not racist; the doctor was crazy – he didn’t even speak English properly, and he came from a strangely named place, he also was not a racist; the people at the Mill Reef Club were puzzling (why go and live in a place populated mostly by people you cannot stand), not racists.*²⁴⁶ (idem, p. 34)

A Small Place escancara o discurso do racismo velado que é normalmente interpretado como sendo um lapso ou um indicativo de má-educação, normalmente as pessoas não pensam essas questões de forma mais aprofundada. Segundo a narradora as pessoas vítimas de preconceito não acreditavam que estavam vivenciando um episódio de racismo, o que permite que a prática continue fazendo parte de suas vidas. Nesse caso há um paralelo bastante evidente com o racismo produzido no Brasil, em ambos o lugares os estereótipos se formam a

²⁴⁴ “Você já se perguntou por que algumas pessoas explodem coisas? [...] Você já tentou compreender por que pessoas como eu não conseguem superar o passado, não podem perdoar e não podem esquecer?”

²⁴⁵ “As pessoas que pensam sobre essas coisas acreditam que cada má ação, mesmo cada pensamento ruim, traz consigo a sua própria vingança. Então, você vê a coisa estranha sobre pessoas como eu? Às vezes a gente segura sua retribuição.”

²⁴⁶ “Nossa percepção desta Antígua – a percepção que tínhamos deste lugar governado por essas pessoas ruins de espírito – não era uma percepção política. O inglês foi mal-educado, não racista; a diretora da escola foi especialmente mal-educada, não racista; o médico estava louco – ele nem sequer falava inglês corretamente, e ele veio de um lugar de nome estranho, ele também não era um racista; as pessoas no *Mill Reef Club* eram enigmáticas (por que ir e viver em um lugar habitado principalmente por pessoas que você não pode suportar), e não racistas.”

partir das configurações produzidas pelos sistemas educacional, político, econômico e cultural e se perpetuam através das relações sociais e da internalização do discurso racista, “só haverá uma autêntica desalienação na medida em que as coisas, no sentido o mais materialista, tenham tomado os seus devidos lugares” (FANON, 2008, p. 29), ou seja, para que a baixa autoestima da população seja revertida uma série de representações necessitam ser reavaliadas, repensadas e desconstruídas; desde uma reformulação educacional que valorize os diferentes povos e que dê espaço à história de cada grupo social até a transformação das relações sociais e institucionais que pavimentam o racismo, também é preciso repensar o viés econômico e seu papel no estabelecimento das desigualdades sociais. Todos esses elementos devem ser usados para dar suporte a uma epistemologia que seja capaz de reverter a interiorização do sentimento de inferioridade e de invisibilidade das sociedades colonizadas.

Segundo Homi Bhabha elementos traumatizantes como a subjugação, a dominação, a diáspora e o deslocamento de forma geral produzem nos indivíduos lições de vida bem específicas, nesse caso “Há mesmo uma convicção crescente de que a experiência afetiva da marginalidade social – como ele emerge em formas culturais não-canônicas – transforma nossas estratégias críticas.” (1998, p. 240) Quando analisamos a obra literária de escritores que tiveram contato com essa experiência de marginalidade social e que buscam usar a subjetividade dessa experiência como mote criador para seus personagens e enredos percebemos a existência de uma poética cujo objetivo principal é criar eixos de insubordinação e inclusão das ‘minorias’, tentando desenvolver situações e espaços em que a integridade cultural torne-se uma característica assimilada pelos grupos sociais subalternizados.

O que diferencia *A Small Place* de outras obras de Kincaid com perfil autobiográfico é o fato de que nesse texto conseguimos enxergar de forma mais clara a presença da visão crítica de Kincaid, o uso do discurso metaficcional que ela propõe em seu livro, citando questões históricas e relacionando-as com memórias de sua infância e adolescência é um indicativo da proposta que o texto carrega. Se analisarmos *A Small Place* como sendo um livro-ensaio, por exemplo, podemos inferir que todas as experiências que a narradora conta servem para que Kincaid consiga apresentar sua teoria acerca dos efeitos da colonização na sociedade antiguan a partir de um ponto de vista declaradamente pessoal. Segundo Fanon (2008) o colonialismo precisa ser entendido como uma forma de ver o mundo, que esse mundo deve ser encarado, na verdade, como uma construção; através dos fatos mencionados

por Kincaid podemos inferir que a herança da colonização está incrustada nas relações sociais, também na administração política da Antígua é possível encontrar resquícios dessa herança:

*Have you wondered to yourself why it is that all people like me seem to have learned from you is how to imprison and murder each other, how to govern badly, and how to take the wealth of our country and place it in Swiss bank accounts? Have you ever wondered why it is that all we seem to have learned from you is how to corrupt our societies and how to be tyrants?*²⁴⁷
(KINCAID, 1989, p. 34)

Aqui voltamos ao tópico da corrupção enquanto prática arraigada nos países colonizados, sendo uma célula importante da vida política e do dia-a-dia das pessoas. Principalmente em países que foram colônias de exploração, cujo principal objetivo era o enriquecimento do país colonizador através da subtração das riquezas naturais e a exploração da terra e das pessoas, existe um enraizamento da cultura de corrupção. Esse trecho – referente à segunda parte do texto de Kincaid – revela que o sistema político adotado pós-independência segue uma estrutura semelhante ao sistema adotado durante a colonização, dessa forma encontramos líderes políticos e autoridades que, mesmo nascidos na Antígua, não se interessam pelo bem coletivo, procurando enriquecer-se e desfrutar do *status* que os cargos lhe oferecerem; essa ação não deixa de ser uma forma deturpada de lutar contra o sentimento de inferioridade criado pelo discurso colonial, através da adoção do sistema político, da cultura de corrupção e ganhos ilícitos, dos costumes europeus, o político antiguanense sente aproximar-se do ‘modelo civilizador’.

O passado de escravidão também é mencionado. Na penúltima parte do livro-ensaio, por exemplo, Kincaid expressa sua opinião sobre a forma ingênua e não crítica com que os habitantes de Antígua pensam esse passado, segundo ela mesma explica “*people cannot see a relationship between their obsession with slavery and emancipation and the fact that they are governed by corrupt men, or that these corrupt men have given their country away to corrupt foreigners*”²⁴⁸ (idem, p. 55). Ainda nessa parte ficamos sabendo que existe uma belíssima

²⁴⁷ “Você já perguntou a si mesmo por que é que todas as pessoas como eu parecem ter aprendido com você como prender e assassinar uns aos outros, como governar mal, e como tomar a riqueza de nosso país e colocá-la em contas bancárias na Suíça? Alguma vez você já se perguntou por que é que todos parecem ter aprendido com você como corromper as nossas sociedades e como ser tiranos?”

²⁴⁸ “as pessoas não conseguem ver uma relação entre sua obsessão com a escravidão e emancipação e o fato de que eles são governados por homens corruptos, ou que estes homens corruptos terem dado o seu país a estrangeiros corruptos”

praia onde foi construído um hotel de luxo, por essa razão a praia é fechada ao público, os nativos da ilha não podem usufruir de sua própria terra porque são negros e pobres, os únicos habitantes que conseguem chegar perto do local são aqueles que trabalham como empregados do hotel; essa realidade de ‘segregação disfarçada’ pode ser facilmente explicada se pensarmos sobre a colonialidade e o que ela representa: “Colonialidade do poder é um conceito que dá conta de um dos elementos fundantes do atual padrão de poder, a classificação social básica e universal da população do planeta em torno da idéia de ‘raça’.” (QUIJANO, 2002, p. 4) O controle do trabalho é um ponto estruturador do poder capitalista, aliar esse controle ao fator ‘raça’ permite uma classificação social que se caracteriza pela estagnação total, fato que explica o porquê de a população antiguanu continuar vivendo basicamente nas mesmas condições que nos tempos de escravidão.

É por estabelecer um discurso tão crítico e concentrado que *A Small Place* surge como um texto interessante para discutirmos a abrangência da teoria pós-colonial, de certa forma o pós-colonialismo se estabelece e cria raízes a partir de seu comprometimento político, seus questionamentos sobre o colonialismo e suas consequências, pensando caminhos para a desconstrução do discurso colonial-imperial. Jamaica Kincaid opta por desvelar um cenário que ela conhece bem, e mesmo que o livro tenha sido escrito nos Estados Unidos, anos depois de a escritora ter deixado sua terra natal sabemos que esse tema sempre foi muito importante na literatura kincaidiana, o fato é que “precisamos do pós-colonialismo para nos mostrar a experiência completa da descolonização” (BHABHA, 2012²⁴⁹), o que Kincaid promove no texto analisado é a ruptura com a colonialidade, graças ao tom irônico e sempre questionador a escritora abre espaço para que a descolonização – de corpo, mente e cultura – se concretize. Nesse aspecto a obra kincaidiana se insere através da reflexão acerca da representação do outro no ambiente pós-colonial, desenvolvendo alternativas para que este outro usufrua da diversidade cultural ao mesmo tempo em que não seja ‘engolido’ pelo discurso de subalternidade e marginalização.

²⁴⁹ Em entrevista encontrada em www.youtube.com/watch?v=m2dPYqivmA, acesso em 30/03/2016.

5.4 A intelectualidade negra no contexto pós-colonial

Apesar de estarmos diante de textos com gêneros distintos e com propostas narrativas bem diferenciadas podemos pontuar que existe um núcleo que é compartilhado. Este núcleo tem a ver basicamente com um questionamento claro em relação à condição do sujeito negro em sociedades multiculturais (como é o caso dos relatos em *A Map to the Door of No Return*) ou em sociedades com histórico de colonização (como é o caso da Antígua em *A Small Place* e o caso do Brasil em *Olhos D'água*). Como dissemos antes é preciso não perder de vista a continuidade das relações institucionalizadas a partir do colonialismo:

*while colonialism may have, in a large measure, ended 'officially' in the early 1960s, institutionalized practices such as language acquisition, education, and religion remain operational to the degree that previously colonized peoples essentially remain dominated by Western cultural constructs. Hence, the meaning of 'postcolonial' could be as diverse as the nations it hopes to give agency to, and many critics have often noted the risk in using the term to homogenize the diverse historical experiences of colonized peoples around the globe.*²⁵⁰ (SINGH & SMITH, 2000, p. 18)

A realidade pós-colonial está presente como forma de legado da ocupação colonial; apesar das críticas que o termo 'pós-colonial' tem recebido devemos nos concentrar no fato de que as práticas institucionalizadas a que se referem Singh e Smith são construções culturais ocidentais. Uma das questões importantes para o entendimento de como essas práticas continuam se perpetuando mesmo tanto tempo depois do fim da colonização e da conquista da 'independência' é o sentimento de não memória: “*we were not from the place where we lived and we could not remember where we were from or who we were*”²⁵¹ (BRAND, 2001, p. 5). A escritora canadense começa e termina o livro recordando o fato de que seu avô não conseguia se lembrar de seu passado, de quem era seu povo e essa percepção de quem não pertence de fato ao lugar onde vive e nem conhece o lugar de seus ancestrais impulsionou a

²⁵⁰ “enquanto o colonialismo pode ter, em grande medida, terminado ‘oficialmente’ no início de 1960, práticas institucionalizadas, como a aquisição da linguagem, a educação e a religião permanecem operacionais na medida em que os povos anteriormente colonizados essencialmente continuam dominados por construções culturais ocidentais. Assim, o significado de ‘pós-colonial’ poderia ser tão diverso como as nações que espera agenciar, e muitos críticos têm frequentemente observado o risco em usar o termo para homogeneizar as diversas experiências históricas dos povos colonizados ao redor do globo.”

²⁵¹ “Nós não éramos do lugar onde vivíamos e nós não conseguimos nos lembrar de onde nós éramos ou quem nós éramos”

produção de *A Map to the Door of No Return*. Ao ser perguntada sobre o significado do termo ‘a porta do não retorno’ Dionne Brand²⁵² explica a atmosfera simbólica do conceito criado por ela como um fator importante para a construção do texto enquanto espaço discursivo:

*The Door of No Return is a collective phrase for the places, the ports, where slaves were taken to be brought to the Americas. I'm fascinated by the idea of the Door of No Return. It's beautifully apt for the things I'm describing in the book. It is a lovely metaphor. The language of the phrase begins from simple description but it collects multiple meanings as we enter it. It allowed me to begin a journey to create a map to a place where a search for identity or the nature and quality of existence would begin. Because time and history separate us from that place it is therefore a space in the imagination. I felt I was connected to this door, this space. This journey would be to create a map to that place, which is both a map to a place in history and a map to a place in the imagination.*²⁵³

Brand produz uma bela metáfora para explicar a história daqueles que não tiveram sua história reconhecida, através da reflexão sobre a ‘porta do não retorno’ a escritora se aprofunda numa realidade conflituosa que remonta ao passado de escravidão de seus antepassados e permite-nos pensar sobre um ‘entre-lugar’ que na maioria das vezes se estabelece a partir da imaginação. É importante ressaltar que para que essa metáfora faça sentido Brand utiliza os conceitos de tempo e espaço para explicar a existência de um lugar onde tudo foi esquecido pela necessidade de um novo recomeço. A escrita brandiana se estabelece a partir de uma luta contra o ‘esquecimento institucional’, ao questionar essa porta, ao criar uma nomenclatura que sirva como um mapa para um lugar na história Brand evoca uma desconstrução desse esquecimento institucional através de sua problematização, ela insere seu texto como um espaço discursivo onde se clama por uma identidade saudável e uma história reconhecida.

Quando Brand trabalha o esquecimento de seus familiares em relação às suas origens é possível compreender que ao mesmo tempo em que trata da não memória a escritora também revela as nuances do colonialismo que se sedimentou na vida e na memória das pessoas,

²⁵² <http://www.forpsicom.uniba.it/public/files/Interview%20to%20Brand%20%20re%20THE%20DOOR.pdf>, acesso em 04/11/2014.

²⁵³ “A Porta do Não Retorno é uma frase coletiva para os lugares, os portos, onde os escravos foram tomados para serem trazidos para as Américas. Sou fascinada pela ideia da porta sem retorno. Ela é maravilhosamente apta para as coisas que estou descrevendo no livro. É uma bela metáfora. A linguagem da frase começa a partir da descrição simples, mas que recolhe múltiplos significados à medida que entramos nele. Permitiu-me começar uma jornada para criar um mapa para um lugar onde uma busca de identidade ou a natureza e qualidade da existência começaria. Porque o tempo e a história nos separam daquele lugar que é, portanto, um espaço na imaginação. Senti que estava ligada a esta porta, a este espaço. Esta viagem seria a criação de um mapa para aquele lugar, que é tanto um mapa para um lugar na história como um mapa para um lugar na imaginação.”

transformando por completo suas identidades e suas perspectivas. Consideremos que uma vez que a identidade está conectada a entidades histórico-sociais ela pode ser entendida como “uma categoria relacional, intersubjetiva e histórica. É uma parte e um modo das relações que na história se estabelecem, se modificam ou se cancelam, entre as diversas formas organizadas de existência social” (QUIJANO, 1992, p. 73), logo é correto inferir que a colonização, enquanto dimensão epistemológica da dominação e exploração nas Américas, interfere no estabelecimento das relações sociais. Temos que analisar a identidade como sendo uma categoria relacional e precisamos questionar de que forma as identidades estão posicionadas no sujeito colonizado. Assim como no livro de Jamaica Kincaid também em *A Map to the Door of No Return* a identidade é pensada e problematizada, também aqui essa identidade passa pelo discurso colonial: “*Through the BBC broadcasts we were inhabited by British consciousness. We were also inhabited by an unknown self. The African. This duality was fought every day from the time one woke up to the time one fell asleep*”²⁵⁴ (BRAND, 2001, p. 16-17). A importância da rádio BBC é mencionada no início do texto e demonstra como a população se conectava ao mundo através das notícias ouvidas por essa mídia (uma vez que a mídia televisiva ainda não era uma realidade para os lugares subdesenvolvidos); a consciência britânica (ou a consciência do colonizador europeu) se faz presente em diversos momentos. Uma pergunta que poderia facilmente ser feita através da lembrança de Brand em relação à rádio BBC e seu lugar na vida de sua família e de toda a população seria como a formação da identidade desses indivíduos é influenciada por essa dualidade de consciências (entre aquela que é oriunda da Inglaterra e aquela que é própria do africano que ainda permanece presente). Durante todo o livro fica claro que a escritora tenta resolver essa dualidade, e é por causa dessa tentativa que ela decide conhecer a África, como forma de conectar-se a uma consciência perdida.

O texto de Brand também lança um panorama bastante complexo em relação à educação – formal ou informal – fruto do sistema colonial. Um exemplo acerca dessa questão pode ser identificado quando Brand explica o cronograma de atividades a serem aprendidas por ela e pelas demais crianças na escola:

The time between the BBC at eight and the BBC at four was filled with brown school uniforms and lessons in the proper use of English; the proper use of knives and forks, the proper use of pens and inkwells; and the proper

²⁵⁴ “Através das transmissões da BBC nós éramos habitados pela consciência britânica. Nós também fomos habitados por um self desconhecido. O africano. Essa dualidade foi travada todos os dias a partir do momento em que alguém acordava até o momento em que alguém adormecia”

*use of leather straps; the proper use of speech, the proper use of everything.*²⁵⁵ (idem, p. 15)

Aqui se estabelecem as circunstâncias pelas quais o indivíduo internaliza a ideologia da colonialidade; o estudo do inglês, por exemplo, toma lugar como língua oficial substituindo as línguas nativas; em última instância o sujeito colonizado ‘precisa’ aprender a se comportar com um ser civilizado, a usar apropriadamente o discurso e a lidar com todo tipo de situação. Nas palavras de Frantz Fanon “todo povo colonizado – isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural – toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana” (2008, p. 34), ora, fica claro que o que Brand procura fazer em *A Map to the Door of No Return* é desconstruir esse complexo de inferioridade do ser negro e colonizado através da desconstrução de conceitos-chave, tais como: origens, identidade, pertencimento, representação, diáspora. Ao citar as atividades em que os alunos precisavam aprender o uso adequado de objetos Brand demonstra o processo de domesticação das crianças em relação aos ‘costumes civilizados’ dos britânicos; a partir daí a escritora produz uma desconstrução dessa visão colonizadora.

É com esse mesmo raciocínio crítico que Brand compreende sua relação com o Canadá. Vivendo nesse país desde a adolescência a escritora nunca demonstrou interesse em adquirir o *status* de cidadã canadense, mais uma vez a questão da identidade aparece como algo fluido: “*In opposition to the calcified Canadian nation narrative we read calcified hyphenated narratives, without exception, from all other groups in the nation which stand outside of that narrative.*”²⁵⁶ (BRAND, 2001, p. 70) Em seus textos e entrevistas conseguimos compreender que não existe um desejo de Dionne Brand em sentir-se ‘encaixada’ na sociedade canadense, o que a escritora busca é ir além desse tipo de representação, compreendendo verdadeiramente o significado do que é multicultural Brand se interessa pelo múltiplo e produz esse interesse através de personagens e narrativas bastante heterogêneas.

²⁵⁵ “O tempo entre a BBC às oito e a BBC às quatro era preenchido com uniformes escolares marrons e lições do uso adequado do inglês; o uso adequado de facas e garfos, o uso adequado de canetas e tinteiros; e o uso adequado de tiras de couro; o uso adequado do discurso, o uso adequado de tudo.”

²⁵⁶ “Em oposição à narrativa da nação canadense calcificada lemos narrativas hifenizadas calcificadas, sem exceção, de todos os outros grupos no país que ficam fora dessa narrativa”

Algo que Dionne Brand também faz questão de ressaltar é que sua obra tem um desejo de engajamento, ela se permite tratar de questões de cunho político, social e cultural porque acredita na função social da obra de arte. Encontramos na narrativa fragmentada e extremamente pessoal de *A Map to the Door of No Return* uma forma mais explícita para Brand tratar de elementos tão importantes para ela enquanto escritora negra e migrante; Hall explica que a utilidade de usarmos o conceito ‘pós-colonial’ existe porque ele serve para “descrever ou caracterizar a mudança nas relações globais que marca a transição (necessariamente irregular) da era dos Impérios para o momento da pós-independência ou da pós-descolonização” (2003, p. 101). Quando fala da própria experiência e da experiência de seus familiares (que num aspecto mais amplo funciona como experiência do povo negro em si) Brand trabalha com a necessidade de mudar as relações estabelecidas pela colonização, pensando na descolonização enquanto uma desconstrução de paradigmas e estereótipos; para isso a escritora indica, primeiramente, que “*any representation of blackness interests me*”²⁵⁷ (BRAND, 2001, p. 129) e em seguida revela seu desejo mais íntimo: “*I wanted to be free. I wanted to feel as if history was not destiny. I wanted some relief from the enclosure of the Door of No Return*”²⁵⁸ (idem, p. 168). Dionne Brand se interessa pelos eventos históricos porque quer entender a história e a cultura através de outros olhos, olhos intelectualizados, olhos engajados, olhos descolonizados.

5.5 O banzo nosso de todas as manhãs

A literatura produzida por Conceição Evaristo sempre se mostrou, desde os tempos das publicações nos Cadernos Negros, uma escrita com pautas bem definidas e trabalhadas de forma poética. As temáticas abordadas giram especialmente acerca da celebração do povo negro na sociedade brasileira, criando assim um contraste com a invisibilidade negra presente nos livros de história e na literatura brasileira. No prefácio do livro *Olhos D’água* Heloisa

²⁵⁷ “Qualquer representação de negritude me interessa”

²⁵⁸ “Eu queria ser livre. Eu queria sentir como se a história não fosse um destino. Eu queria algum alívio da clausura da Porta do Não Retorno”

Toller Gomes explica bem a relação que Evaristo cria a partir de seus contos, segundo Gomes eles “equilibram-se entre a afirmação e a negação, entre a denúncia e a celebração da vida, entre o nascimento e a morte” (*in* EVARISTO, 2014, p. 10), provocando no leitor um desconforto que é evocado pelo questionamento sobre a condição social dos personagens, ao mesmo tempo em que oferece centelhas de esperança e alegria em meio ao sofrimento cotidiano.

Todas as histórias narradas no livro apresentam níveis elevados de dramaticidade, traduzindo um sentimento de angústia pela realidade vivida pelos personagens. Chamou nossa atenção o fato de a palavra ‘banzo’ aparecer algumas vezes em textos de Evaristo, além de também aparecer no conto *Ayoluwa, a alegria de nosso povo*. O termo banzo tem sua origem no quimbundo *mbanza* e pode ser traduzido por ‘aldeia’; de maneira geral a palavra indica o sentimento de melancolia dos negros africanos retirados à força de sua terra natal e privados da liberdade (liberdade de ir e vir, liberdade para ter uma família, liberdade à cultura, à religião, ao *status* de cada tribo etc.). Estudos da época²⁵⁹ comprovam que a taxa de mortalidade entre os negros escravos no Brasil era alta, em tese defendida por Joaquim Manuel Macedo no ano de 1844 ele afirma que a nostalgia se estabelece por causa do amor pela pátria, partindo desse raciocínio ele afirma: “estamos convencidos de que a espantosa mortandade que entre nós se observa nos africanos, principalmente nos recém-chegados, bem como de que o número de suicídios que entre eles se conta, tem seu tanto de dívida a nostalgia” (MACEDO, 2004, p. 30). É claro que outras questões também devem ser levadas em conta sobre a mortandade negra, entre elas a concentração de trabalho, a alimentação escassa, a rotina de castigos etc., nem sempre os estudiosos pareciam se interessar pela dura realidade vivida pelos escravos.

Ao resgatar o termo ‘banzo’ a escritora mineira busca traçar um paralelo em relação à condição negra no passado escravocrata e no presente marginalizado, Evaristo também aponta para o fato de que a nostalgia presente nos escravos é um sentimento que ainda se faz presente na população negra, como uma herança que nunca acaba; devemos ressaltar que “Como outras escritoras negras, Conceição sublinha, através da intriga, que seus personagens são pobres e negros. O ser negro faz diferença na pobreza porque a vincula a uma História: a escravidão, a marginalização, o racismo” (FIGUEIREDO, 2013, p. 162). Conceição Evaristo

²⁵⁹ No artigo *Escravidão e nostalgia no Brasil: o banzo* (2008) Oda faz um levantamento histórico interessante sobre a forma como o termo banzo era utilizado e também discorre sobre autores que se debruçaram sobre o tema, referindo-se inclusive a textos escritos em 1794.

tem consciência dessa tríplice vertente e a explora a fim de chamar atenção para uma história esquecida e ignorada, por essa razão seus personagens são sempre seres marginalizados socialmente.

No conto *Olhos D'água* a narradora, que há muito tempo vive longe da mãe, busca lembrar-se da cor dos olhos de sua genitora e nessa busca acaba revisitando alguns momentos de sua infância miserável, segundo ela a fome era uma companheira constante da família, assim como eram constantes as tentativas da mãe para burlar a fome das filhas, numa forma de apaziguar o sofrimento das meninas:

Lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse, ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento. As labaredas, sob a água solitária que fervia na panela cheia de fome, pareciam debochar do vazio do nosso estômago, ignorando nossas bocas infantis em que as línguas brincavam a salivar sonho de comida. E era justamente nesses dias de parco ou nenhum alimento que ela mais brincava com as filhas. (EVARISTO, 2014, p. 16-17)

Essa passagem, carregada ao mesmo tempo de uma linguagem cheia de poeticidade e de dor, serve também como prefácio para os relatos narrados nos demais contos, tendo em vista que a miséria aparece como um fio condutor para cada narrativa. Os personagens de Evaristo, em especial as mulheres, costumam apresentar uma postura positiva sobre a vida, nunca abrindo mão de lutar contra as dificuldades que se apresentam no caminho, é o que acontece com a mãe da narradora do conto *Olhos D'água*, mulher forte que criou as filhas enfrentando obstáculos de toda ordem, e é uma tônica na obra desta escritora apresentar o sofrimento de forma a humanizar os personagens, apresentando-os como seres com defeitos e virtudes, com sonhos e desilusões.

Como a própria Evaristo explica a favela cumpre um papel importante em sua obra. O cenário da favela é um contraponto interessante com o ambiente da senzala porque ambos são espaços de subjugação do negro, nesse ambiente a marginalização se faz presente em várias circunstâncias. Segundo Quijano

A força e a violência são requisitos de toda dominação, mas na sociedade moderna não são exercidas de maneira explícita e direta, pelo menos não de modo contínuo, mas encobertas por estruturas institucionalizadas de autoridade coletiva ou pública e 'legitimadas' por ideologias constitutivas das relações intersubjetivas entre os vários setores de interesse e de identidade da população. (2002, p. 9)

É exatamente nessa realidade de violência velada que os personagens de *Olhos D'água* se inserem, as instituições sociais estão sedimentadas a fim de barrar qualquer chance de ascensão social. Nos contos de Evaristo o sofrimento oriundo de uma sociedade racista é uma marca registrada, em seus textos a escritora expõe os dramas individuais de cada personagem como forma de refletir sobre as ideologias a que Quijano se refere. No entanto Evaristo não apenas cria espaços de reflexão para a realidade da população negra no Brasil, mas também apresenta a herança cultural africana de forma positiva, demonstrando que as relações intersubjetivas podem se configurar como forma de resistência; tanto no primeiro como no último conto do livro aqui analisados a escritora revela todo seu respeito pela ancestralidade africana: primeiro quando diz que os olhos da mãe da personagem são 'Águas de Mãe Oxum' (no conto *Olhos D'água*) e em seguida em *Ayoluwa, a alegria de nosso povo*, ao narrar uma história que lembra uma lenda.

No conto *Duzu-Querença* Evaristo mais uma vez trabalha evidenciando as dificuldades vividas pela protagonista: "Duzu olhou no fundo da lata, encontrando apenas o espaço vazio. Insistiu ainda. Diversas vezes levou a mão lá dentro com um imaginário alimento que jogava prazerosamente à boca" (EVARISTO, 2014, p. 31). Ao mencionar tantas vezes a realidade da fome Evaristo procura ressaltar a luta diária de uma população marginalizada, que se esforça para sobreviver mas que na maioria das vezes não compreende a desigualdade sofrida como fenômeno da herança colonial. A trajetória de Duzu pode ser comparada à trajetória de muitos personagens, que desiludidos com a falsa promessa de uma vida melhor na cidade grande acabam explorados. É por focar na luta diária do povo negro, visto como descendente de escravos, que a escritora mineira utiliza o conceito de banzo, a própria personagem Duzu começa a sentir uma melancolia enorme depois da morte de um de seus netos; o banzo que podia funcionar na época da escravidão como uma forma de protesto ou resistência (viabilizando atos como o suicídio, o aborto, as fugas e a criação de quilombos), também levava à morte. Na literatura de Evaristo, contudo, vemos que o banzo serve para além desse lugar que explica a melancolia do ser-negro, esse termo funciona como lugar de memória que aproxima o passado e o presente. Em um de seus poemas podemos compreender o uso simbólico do termo banzo:

Todas as manhãs junto ao nascente dia
ouço a minha voz-banzo,
âncora dos navios de nossa memória.
E acredito, acredito sim
que os nossos sonhos protegidos

pelos lençóis da noite
ao se abrirem um a um
no varal de um novo tempo
escorrem as nossas lágrimas
fertilizando toda a terra
onde negras sementes resistem
reamanhecendo esperanças em nós. (EVARISTO, 2008, p. 13)

Podemos considerar este poema como uma síntese do projeto literário de Conceição Evaristo na medida em que é possível apontar que não existe resignação no eu-lírico em relação à sua situação, mas uma marca de resistência na crença de que um dia os sonhos protegidos fertilizarão a terra. Apesar de todo o sofrimento que Evaristo narra em seus contos também surge a esperança, uma semente que pode ser encontrada, mesmo que às vezes ela não seja concretizada em todas as narrativas. A literatura produzida por Evaristo acaba se estabelecendo, portanto, como uma postura de resistência à melancolia, segundo ela mesma afirma “na origem da minha escrita, ouço os gritos, os chamados das vizinhas debruçadas sobre as janelas, ou nos vãos das portas, contando em voz alta umas para as outras as suas mazelas, assim como suas alegrias” (2007, p. 19). Em suas narrativas a escritora mineira estabelece um tom de denúncia contra essas mazelas sem se esquecer das alegrias, projeta os sofrimentos de seus personagens sem se esquecer da ternura dos laços de sangue, amizade e ancestralidade, e acaba produzindo narrativas que não exploram imagens deturpadas da história, mas que representam a cultura de um povo através de seu sofrimento cotidiano.

Entre os países do continente americano o Brasil teve o maior número de escravos e foi o último a promover o fim da escravidão. Somada a essa particularidade histórica a maneira como as relações sociais entre brancos e negros foram desenvolvidas e sedimentadas viabilizaram um olhar deturpado em relação ao negro e sua condição na sociedade brasileira, isso interferiu diretamente na maneira como o negro percebe a si mesmo; essa situação de deturpação é ideal para o estabelecimento e o fortalecimento da subalternidade. O irmão mais velho de Zaíta tem consciência de sua condição subalterna, mesmo que não consiga racionalizar essa condição com os fatores externos: “Tinha um querer bem forte dentro do peito. Queria uma vida que valesse a pena. Uma vida farta, um caminho menos árduo e o bolso não vazio. Via os seus trabalharem e acumularem miséria no dia a dia” (EVARISTO, 2014, p. 73). A cada nova narrativa o sofrimento dos personagens é elaborado de forma a fazer o leitor romper com as barreiras do discurso homogeneizante e racista responsável por estereotipar uma parcela da população brasileira; o mito da democracia racial no Brasil coíbe

o entendimento de que mesmo trabalhando muito é improvável que a família de Zaíta consiga sair da miséria. Sobre a persistência da condição de subalternidade Lélia Gonzalez explica:

As condições de existência material da comunidade negra remetem a condicionamentos psicológicos que têm que ser atacados e desmascarados. [...] Desde a época colonial aos dias de hoje, percebe-se uma evidente separação quanto ao espaço físico ocupado por dominadores e dominados. O lugar natural do grupo branco dominante são moradias saudáveis, situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente protegidas por diferentes formas de policiamento que vão desde os feitores, capitães de mato, capangas, etc, até à polícia formalmente constituída. Desde a casa grande e do sobrado até aos belos edifícios e residências atuais, o critério tem sido o mesmo. Já o lugar natural do negro é o oposto, evidentemente: da senzala às favelas, cortiços, invasões, alagados e conjuntos “habitacionais” [...]. No caso do grupo dominado o que se constata são famílias inteiras amontoadas em cubículos cujas condições de higiene e saúde são as mais precárias. Além disso, aqui também se tem a presença policial; só que não é para proteger, mas para reprimir, violentar e amedrontar. É por aí que se entende porque o outro lugar natural do negro sejam as prisões. A sistemática repressão policial, dado o seu caráter racista, tem por objetivo próximo a instauração da submissão psicológica através do medo. (1979, p. 3)

Gonzalez explica que o espaço físico/geográfico ocupado pela população negra remete à época colonial e tem promovido uma marginalização persistente que se faz presente com grande intensidade ainda hoje. Em *Olhos D'água* encontramos personagens vivendo à margem da sociedade, ‘amontoados em cubículos’, sem direito à saúde (como é o caso do personagem Di Lixão); vários personagens têm suas vidas diretamente influenciadas pela ação policial: Ana e Davenga morrem, Duzu perde o neto, Zaíta morre, Dorvi também morre; a violência cotidiana igualmente aparece através da morte da personagem Maria como forma de ‘fazer justiça com as próprias mãos’. Na escrita de Evaristo a existência negra é desnudada da invisibilidade e é apresentada como forma de ressignificação dos valores e da história afro-brasileira, assim as mulheres não estão postas em cena por causa de sua sexualidade e os homens não aparecem como sendo selvagens e violentos por si só; cada personagem é fruto do meio social.

Para alguns estudiosos existe uma necessidade de o escritor se assumir como negro a fim de fortalecer o conceito de literatura afro-brasileira, nesse caso a literatura negra “é aquela desenvolvida por um autor negro ou mulato que escreva sobre sua raça dentro do significado do que é ser negro, da cor negra, de forma assumida, discutindo os problemas que a concernem: religião, sociedade, racismo” (RODRIGUES *apud* LOBO, 2007, p. 266). Há

muita discussão sobre como proceder sobre a definição da literatura afro-brasileira, de qualquer forma é bastante evidente que Evaristo trabalha em sua obra todos os pontos relevantes em relação à temática da negritude, da ancestralidade, da identidade negra, do corpo e da cultura negra. Também queremos chamar atenção para o fato de que na literatura evaristiana o poder da palavra sempre aparece, afinal “O que os livros escondem,/as palavras ditas libertam” (EVARISTO, 2008, p. 50). Mesmo compreendendo que os livros não trazem a verdade do povo negro Evaristo revela que a escrita também é ferramenta de resistência; da mesma forma como pudemos exemplificar a importância da escrita para Evaristo através da personagem Maria-Nova no romance *Becos da Memória*, também a personagem Bica do conto *A gente combinamos de não morrer* também sente um desejo forte pela escrita: “só faço escrever, desde pequena. Adoro inventar uma escrita” e “escrever funciona para mim como uma febre incontrolável, que arde, arde, arde” (EVARISTO, 2014, p. 108); não há dúvidas de que a força dessa palavra reside na revisão do discurso histórico e de suas inconsistências. A força da literatura de Evaristo vem da escolha em criar uma literatura consciente e engajada que abre espaço para libertar as vozes silenciadas pela escravidão e, mais recentemente, pelo racismo; esta postura é uma comprovação de que a literatura negra brasileira pode ser de qualidade, pode ser combativa e ao mesmo tempo pode ser bem-sucedida ao afastar o silêncio que tece nossa história.

5.6 Jamaica Kincaid, Dionne Brand e Conceição Evaristo: cartografias de uma resistência

Este capítulo apresentou três obras que, de alguma forma, abordam a experiência colonial e o legado deixado pela escravidão (pensando esses dois elementos como sendo complementares), analisando essa experiência através de fatos históricos, mas também recuperando a memória pessoal de cada escritora²⁶⁰. Os textos analisados colocam em

²⁶⁰ O ‘fator pessoal’ pode aparecer de maneira mais explícita em *A Small Place* e em *A Map to the Door of No Return*, no entanto chamamos a atenção para o fato de que a própria Evaristo afirma que muitos de seus contos nascem a partir de uma lembrança ou fato vivenciado, o que implica um teor intimista nas narrativas. Só para

perspectiva a identidade das escritoras, assim como a identidade dos personagens, através da conexão com o processo de representação do sujeito colonizado e a internalização do discurso de colonialidade. No caso de Jamaica Kincaid, Dionne Brand e Conceição Evaristo as narrativas funcionam como forma de desconstruir esse discurso pelo questionamento acerca da internalização dos valores coloniais; vale lembrar que colonizador e colonizado estão presos numa rede de valores extremamente perigosa: *“Western civilization itself becomes a prisoner, its jailors being its Eurocentric interpreters. But Eurocentrism is most dangerous to the self-confidence of Third World peoples when it becomes internalized in their intellectual conception of the universe”*²⁶¹ (THIONG’O, 1993, p. xvii). É preciso desconstruir essa realidade, repensar essas relações e acabar com as carceragens culturais que aprisionam os que vivem no signo da colonialidade.

Nossa análise percorreu a fortuna literária de escritoras que despontaram para o cenário literário com obras que abordam abertamente sua postura crítica e seu posicionamento intelectual, como já mencionamos algumas vezes as obras de Kincaid, Brand e Evaristo são textos engajados na questão da mulher negra colonizada na sociedade contemporânea, globalizada e multicultural. Existe aqui uma relação concreta entre pensamento crítico e literatura. De fato há de se levar em consideração que nesse caso o entrelaçamento é consciente; se tomarmos como base o pensamento de que “não se pode ignorar que silenciar o discurso dos oprimidos, da diferença marginalizada, é também uma maneira de aniquilá-los, de torná-los de fato invisíveis, decretando sua anomia, sua ausência enquanto grupo” (MUNANGA, 1996, p. 97), será possível pensar na importância da contribuição que essas escritoras oferecem, desenvolvendo narrativas em que existem espaços reais para a discussão sobre sistema de silenciamento do indivíduo subalterno. Kincaid, Brand e Evaristo rompem com esse sistema e recuperam raízes familiares e raciais de um grupo social marginalizado.

É com essa ideia de rompimento em mente que começamos a montar um ‘quebra-cabeça’ capaz de aproximar obras produzidas em países diferentes, lugares com peculiaridades políticas, históricas, econômicas e culturais, e também de aproximar escritoras com experiências pessoais tão particulares. Durante nossa pesquisa procuramos nos aprofundar em aspectos que nos permitem dizer que há uma poética de

citar um exemplo dado pela própria escritora o conto *Maria* foi escrito depois de Evaristo ter ouvido uma história sobre um ladrão que assaltou um ônibus no Rio de Janeiro.

²⁶¹ “a própria civilização ocidental se torna um prisioneiro, seus carcereiros sendo seus intérpretes eurocêntricos. Mas o eurocentrismo é mais perigoso para a autoconfiança dos povos do Terceiro Mundo quando se torna internalizado na sua concepção intelectual do universo”

autorrepresentatividade feminina negra, e para isso analisamos cada obra imaginando como cada escritora, a seu modo, construiu a representação da identidade do indivíduo negro, especialmente o indivíduo feminino negro; basicamente partimos do pressuposto de que a construção das personagens segue um parâmetro correlato com a realidade de fora do texto, como nos lembra Mata: “É preciso não esquecer que a construção da identidade, mesmo a literária, é o resultado da dialética da tensão entre o mesmo e o outro.” (2014, p. 39) Quando falamos numa poética de autorrepresentatividade não estamos afirmando que existe um projeto previamente definido seguido à risca por cada uma dessas escritoras, referimo-nos ao conjunto de temáticas que se sobrepõem nas obras de Kincaid, Brand e Evaristo e que só existe porque há uma realidade de subalternidade e marginalização inerente à experiência pessoal e social das escritoras, funcionando como combustível para uma literatura marcadamente comprometida com essa experiência.

Pensando especificamente na temática da pós-colonialidade proposta neste capítulo traçamos uma cartografia baseada no discurso de resistência proposto em *A Small Place*, *A Map to the Door of No Return* e *Olhos D'água*. Em cada livro analisado conseguimos compreender que essa cartografia de resistência parte do princípio de que a realidade como a conhecemos não é um fenômeno natural, mas uma construção sociocultural desenvolvida a favor de uns a partir da subordinação de outros; sobre essa questão Albert Memmi explica que a estabilidade social se dá através da internalização dessa ordem social:

A ideologia de uma classe dirigente, sabemos disso, faz-se adotar em grande parte pelas classes dirigidas. Ora, toda ideologia de combate inclui como parte integrante dela mesma, uma concepção do adversário. Ao concordar com essa ideologia, as classes dominadas confirmam, de certa maneira, o papel que lhes foi atribuído. O que explica, entre outras coisas, a relativa estabilidade das sociedades; a opressão é, por bem ou por mal, tolerada pelos próprios oprimidos. (1989, p. 83)

Kincaid, Brand e Evaristo ressaltam a necessidade de desestabilizar essa ordem, a fim de configurar um espaço de descolonialidade do sistema social, que é, em última análise, um produto do mundo e do discurso colonial. A resistência à estabilidade opressora produzida pelas sociedades colonizadas se estabelece em diversas frentes: a reflexão sobre o paralelo entre turismo e colonialismo, a crítica de Kincaid em relação à forma como as autoridades gastam o dinheiro público e o descaso com a educação e saúde, a postura irônica que a escritora afro-caribenha usa para explicar a realidade de segregação vivida pelos moradores

negros e pobres da Antígua (proibidos até de frequentar a praia mais famosa da ilha porque ela é destinada para os hóspedes de um hotel), até mesmo as imagens que antecedem cada seção mostram a realidade subdesenvolvida do país. No texto de Dionne Brand o legado do colonialismo aparece quando a escritora reflete sobre como o passado de escravidão influenciou os descendentes dos africanos arrancados de sua terra e estabeleceu uma ruptura com a história, desenvolvendo neles uma não memória; a confluência entre as sessões também promove o questionamento sobre a diáspora negra nas Américas e a influência que esse evento histórico possui para as questões ligadas ao pertencimento étnico e sociocultural e à identidade dos sujeitos, inclusive da própria Brand, que viajou várias vezes – inclusive para a África – com o objetivo de pensar nesse ‘portal do não retorno’, esse lugar imaginário tão presente para aqueles que foram enviados para o Novo-Mundo. Também nos contos de Evaristo podemos encontrar essa postura de resistência através das histórias que são narradas e que permitem que vejamos a trajetória de indivíduos invisíveis para o poder público e a sociedade em geral, personagens que só seriam conhecidos nas páginas policiais e vistos como marginais são desnudados dos estereótipos sociais e apresentados em suas facetas humanas, indivíduos com medos, desejos, sonhos, frustrações.

Essa postura consciente, que por sua vez produz um discurso crítico, é uma característica da literatura pós-colonial, talvez a característica mais importante. Os livros que analisamos nesse capítulo criam espaços discursivos para sedimentar uma consciência pós-colonial porque promovem um movimento de reflexão que abarca temáticas diversificadas, como etnicidade, raça, poder, sexo, gênero e classe social, mas no âmbito da colonialidade do poder. Com o objetivo de concretizar o sonho de descolonização (SANTOS & MENESES, 2010) Jamaica Kincaid, Dionne Brand e Conceição Evaristo traçam em *A Small Place*, *A Map to the Door of No Return* e *Olhos D’água* uma jornada de descolonização cultural baseada na maleabilidade da identidade cultural dos indivíduos com experiência colonial, as escritoras utilizam-se de gêneros literários diversos para criar uma cartografia de resistência²⁶².

Além da postura crítica que os textos analisados nesse capítulo apresentam em relação aos legados da colonialidade é correto afirmar que a literatura produzida por Kincaid, Brand e Evaristo promove um movimento de afirmacionismo negro nas narrativas, que, de certa forma, funciona como uma tentativa de revisitação histórica da condição do negro nas

²⁶² Outras escritoras negras buscam o mesmo caminho de resistência. Podemos citar, por exemplo, Gayl Jones e o conceito de ‘canção novo-mundista’ e Toni Morrison que expressou a necessidade de desenhar um ‘mapa de geografia crítica’.

Américas. Quando Evaristo explica as consequências da lei 10.639/2003, que proporciona a inclusão da temática História e Cultura Afro-brasileira nos ensinos fundamental e médio, ela explica que há a necessidade de mudar a perspectiva com que os textos dos escritores negros e escritoras negras são vistos:

É preciso forjar um reconhecimento de que as culturas africanas, aqui aportadas, são formadoras da nacionalidade brasileira e não meras contribuições [...]. Há autores e textos negros que são estudados, mas a partir de uma ótica eurocêntrica. Procura-se, inventa-se um lado branco para esses autores, assim como para os seus trabalhos. Hoje, novos textos estão chegando ao mercado, e uma nova maneira de lidar com esses textos está sendo levada, (ainda em pequena escala, reconheço] aos professores. Uma escrita que trata dignamente o universo histórico, cultural, político e religioso negro pede e força passagem.²⁶³

Essa assertiva de Evaristo trata especificamente sobre a realidade brasileira, que ainda é palco de uma visão deturpada em relação ao negro, os estereótipos estão presentes também na produção literária, que aos poucos tem se afastado do modelo canônico e apresentado personagens e escritores ligados ao movimento negro. Se pensarmos em Kincaid e Brand o contexto não se aplica nos mesmos níveis, mas é possível dizer que há um movimento, ligado à literatura pós-colonial, de repensar a etnia negra a partir de uma perspectiva positiva, ressignificando o passado e refletindo sobre questões acerca da diáspora negra e da escravidão. Essa busca por ressignificação também faz parte dessa cartografia de resistência; o que importa não é apenas desconstruir o discurso da colonialidade do poder e da subalternidade epistêmica do ser colonizado, interessa também dar lugar às margens e a tudo que elas representam. Sabemos que no caso de Jamaica Kincaid, Dionne Brand e Conceição Evaristo o valor da escrita passa pela superação de traumas e exorcismo de um passado doloroso, segundo Evaristo a literatura é “não só uma forma de libertação ou uma forma de denúncia, eu acho que a literatura é uma forma de terapia”²⁶⁴, o que indica que existe uma força na literatura e essa força, sem sombra de dúvida, funcionou como elemento que atraiu as escritoras presentes em nossa pesquisa a buscar uma realidade alternativa e possibilidades múltiplas.

²⁶³ <http://biblioteca.clacso.edu.ar/gsd/collect/br/br025/index/assoc/HASHda42.dir/ppcor31.html>, acesso em 07/11/2014.

²⁶⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=pwQ4Bxc87PE>, acesso em 10/03/2016.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Jamaica Kincaid, Dionne Brand e Conceição Evaristo



Poética de Autorrepresentação Feminina Negra



Identidade ↔ Memória ↔ Diáspora ↔ Pós-colonialidade



Figura 20

A literatura comporta vários mundos e em cada um é possível analisar a realidade através de perspectivas diversas e muitas divergentes, nesse sentido o texto literário abre espaço para que o leitor entre em contato com todo tipo de experiência humana, através do universo ficcional é possível (re)visitar histórias e (re)conhecer personagens e resgatar passados esquecidos e ignorados pelo discurso histórico e científico. Essa visão de literatura, que para muitos pode soar idealista, traz em seu cerne a ideia de que toda obra de arte é um objeto social; algumas obras, mais do que outras, revelam uma essência crítica que não deve ser ignorada. A fortuna literária de Jamaica Kincaid, Dionne Brand e Conceição Evaristo encaixa-se nesse grupo porque instiga a reflexão de questões importantes para a sociedade contemporânea ao apresentar personagens pertencentes a grupos marginalizados, e através da reflexão sobre novas configurações socioculturais a partir da realidade experienciada nas Américas.

Este é o primeiro ponto que levamos em consideração quando da escolha sobre nossa ideia de pesquisa: queríamos pensar a identidade cultural a partir do contexto pós-colonial pensando especificamente no continente americano; para isso começamos a nos aprofundar no universo ficcional produzido nas obras de Kincaid, Brand e Evaristo, autoras com que já havíamos tido contato ou mesmo trabalhado em pesquisas anteriores e que sempre abordaram a realidade periférica como centro das narrativas. A trajetória durante a leitura e análise das obras escolhidas provou ser um projeto complexo porque ao mesmo tempo em que lidamos com textos criados a partir de realidades geográficas distintas também nos deparamos com contextos socioculturais diferentes; apesar desses elementos que distanciam os textos ficou evidente que a trajetória pessoal, a consciência crítico-intelectual e as escolhas narrativas de cada escritora se aproximam à medida que cada obra perseguia um mesmo objetivo: a busca por um caminho de desmarginalização. As escritoras presentes em nossa pesquisa apresentaram, desde o início de nossas leituras, narrativas que propunham a desconstrução do silêncio em suas inúmeras faces; dessa forma Kincaid, Brand e Evaristo traçavam em seus textos um contradiscurso que inviabiliza o discurso do opressor e o sistema patriarcal-colonial-imperial; dessa forma a leitura de romances, ensaios e contos revelou que o silêncio do subalterno é o silêncio do esquecimento, mas ao mesmo tempo mostrou que é possível quebrar esse silêncio. A literatura é uma alternativa para esta ruptura.

A realidade sociocultural do continente americano se estabelece a partir do signo da colonialidade do poder e da herança colonial. Na literatura estes conceitos têm se revelado

cada vez mais problemáticos porque são um indicativo de uma identidade fragmentada, submissa e destituída de passado; ao escolhermos as obras literárias para nossa análise percebemos alguns fatores que funcionam enquanto resultado da colonialidade e de suas marcas. Entre esses fatores podemos destacar a condição do negro nas sociedades com histórico de colonização, bem como a maneira como o passado de escravidão interfere diretamente no estabelecimento e manutenção das relações de desigualdade social. Segundo Paul Gilroy “os padrões de repressão interna, culpa, miséria e desespero estabelecidos sob a disciplina social da escravidão perduram mesmo que a ordem política e econômica que os criou tenha sido parcialmente transformada” (2001, p. 303), ora, sabemos que em países que se autointitulam multiculturais, como é o caso de Estados Unidos, Canadá e Brasil, a ordem política e econômica que se instaurou desde antes dos processos de independência tem girado em torno da exploração e opressão da população negra vítima de uma diáspora que a arrancou de sua terra e apagou suas origens como forma de disciplina social.

A escrita literária de Kincaid, Brand e Evaristo – assim como a postura delas enquanto intelectuais – vem para quebrar essa disciplina social e instaurar a possibilidade de recuperação do passado como elemento positivo, como forma de resistência; desde suas falas e posições pessoais até a publicação dos textos literários essas três escritoras provaram que há um interesse explícito por parte delas em dar voz aos grupos sociais silenciados pela colonização e pela escravidão através da desconstrução do discurso hegemônico da História Oficial. Encontramos na fortuna literária destas escritoras narrativas que priorizam a voz feminina negra nas Américas afastando-se da invisibilidade ou de estereótipos criados pela sociedade e por essa razão passamos a interpretar essas narrativas através do conceito de ‘poética de autorrepresentação feminina negra’, nosso intuito passou a ser o de apresentar o percurso pelo qual cada texto faz um mapeamento da realidade periférica a partir da perspectiva de personagens socialmente apagados, as narrativas analisadas apresentam a dupla subalternidade da mulher no sistema patriarcal-colonial (SPIVAK, 2010) com o agravante do fator racial.

Durante todo esse processo o grande desafio a ser superado era o de analisar os textos ressaltando seus elementos fundamentais sem homogeneizá-los, para isso poderíamos ter escolhido dividir os capítulos separando as obras de cada autora e analisando-as separadamente. No entanto quando começamos a análise dos textos percebemos que havia conexões que não podíamos ignorar, dessa forma procuramos dividir cada capítulo pensando

num tópicos norteador que possibilitasse analisar cada texto levando em consideração a forma como a representação do sujeito pós-colonial, em especial a mulher negra, se estabelece como mote narrativo, para isso escolhemos as obras que, a nosso ver, se encaixariam melhor em cada temática. Procuramos alcançar a compreensão das narrativas tendo em conta a forma como cada texto desenvolvia essa representação. Através da escolha da temática de cada capítulo criamos um mosaico em que a poética de autorrepresentação pudesse ser compreendida, foi assim que surgiu o mapeamento que buscou dosar os elementos de aproximação e os elementos de distanciamento que cada obra possuía em relação à outra. Mesmo que não se conheçam nem conheçam as obras umas das outras o fio condutor dos romances, contos e ensaios sempre chegam num denominador comum.

A literatura produzida por Jamaica Kincaid mostrou-se, desde o início, uma escrita permeada pelo desejo em desconstruir os valores patriarcais e coloniais, inviabilizando assim o discurso do dominador; para isso Kincaid aborda temáticas que exploram o discurso de inferioridade e invisibilidade da mulher negra na sociedade contemporânea partindo do universo familiar até chegar ao contexto social. Das três escritoras presentes nesta pesquisa podemos dizer que Jamaica Kincaid é quem utiliza de forma mais direta a subjetividade feminina através do discurso autobiográfico, seus textos estão repletos de nomes e situações que ela transplantou de sua experiência pessoal para o universo ficcional; como ela mesma afirma várias vezes sua literatura é uma forma de resgate de si mesma e por mais que ela se sinta desconfortável quando as pessoas dão muita importância para o elemento autobiográfico de sua obra as principais temáticas abordadas por Kincaid em seus textos vêm da experiência pessoal e da reflexão crítica sobre ela. Em última instância percebemos que a obra kincaidiana é marcada pela tensão familiar que também funciona como metáfora para explicar a tensão social, ambas fizeram parte da trajetória da escritora desde os anos em que viveu na Antígua, e mesmo depois de sua chegada aos Estados Unidos estas tensões continuaram parte de sua vida, por essa razão o mundo de seus personagens sempre está cheio de conflitos, demonstrando assim a força do passado e as marcas deixadas por ele.

Além do elemento autobiográfico outro ponto facilmente reconhecido na obra kincaidiana diz respeito à forma como a escritora afro-caribenha institui a narração enquanto momento solitário, na verdade podemos entender essas duas questões como complementares. Em todas as obras analisadas por é possível identificar certo isolamento entre os personagens principais, o mesmo acontece com as narradoras de seus textos; o ambiente criado no universo

ficcional de Jamaica Kincaid não deixa espaço para o fortalecimento dos laços familiares ou sociais. A sensação de cada protagonista ou narradora é de que elas estão sozinhas no mundo e que por isso precisam lutar por autoconhecimento e liberdade, o mesmo aconteceu com a própria Kincaid, que aos dezessete anos mudou-se para outro país e teve que enfrentar todo tipo de obstáculo para se tornar uma escritora de sucesso; no universo kincaidiano as personagens parecem ser incapazes ou impossibilitadas de interagir mais intimamente com o mundo exterior, talvez essa seja uma forma de autoproteção. Nesse aspecto a literatura de Kincaid parece ser a mais introspectiva em relação aos textos de Brand e Evaristo, há claramente uma dificuldade das personagens femininas em estabelecer relações saudáveis.

A análise dos romances *Mr. Potter*, *The Autobiography of My Mother*, *Lucy* e do livro-ensaio *A Small Place* possibilitou que nos deparássemos com temáticas importantes para reconhecer a forma como as tensões sociais interferem na representação dos indivíduos pós-coloniais, entre as temáticas destacam-se: a realidade da colonização, as marcas dessa colonização para o apagamento da história, o desenvolvimento de uma identidade marginalizada *versus* a busca por uma identidade livre, o lugar da mulher negra, a necessidade de descolonização em várias bases sociais. Kincaid trata as tensões familiares e as tensões sociais como sendo resultados de um mesmo problema; outro ponto importante é o fato de que a forma irônica com que a escrita kincaidiana situa todas essas temáticas com as conexões ficcionais acaba por caracterizar o desejo da escritora em produzir uma literatura atenta às configurações socioculturais tão próprias de nosso tempo, Kincaid apresenta questões significativas para o entendimento das desigualdades sociais e raciais instituídas a partir de um passado desconhecido e ao fazê-lo confronta o silêncio da dominação e da opressão.

O passado desconhecido/apagado que Jamaica Kincaid procura não está na escola – onde só a história do colonizador branco é contada – muito menos no seio familiar – onde as pessoas parecem não saber de nada do que aconteceu – por essa razão Kincaid produz personagens com dificuldades em conectar-se com as pessoas e com o mundo exterior e voltadas para o próprio interior numa busca esquizofrênica por autoconhecimento, reconhecimento e aceitação. As temáticas que se relacionam com a importância do passado e da memória como forma de resistência ao apagamento da história do sujeito colonizado negro indicam que a escrita de Kincaid está inserida numa tendência bastante atual da literatura negra produzida nas Américas, suas personagens lutam contra o esquecimento institucional e

promovem uma reflexão sobre as origens de seu grupo social ao mesmo tempo em que geram uma reflexão sobre as origens da desigualdade social e racial.

Dionne Brand e Conceição Evaristo também participam dessa tendência produzida pela literatura negra feminina, e o fazem demonstrando o quanto a realidade de exploração e subalternidade está presente em vários lugares, desde os mais desenvolvidos economicamente até aqueles em desenvolvimento. No caso de Brand percebe-se a existência das histórias de desenraizamento que têm consequências profundas para o desenvolvimento da identidade dos indivíduos; a literatura brandiana também surge como forma de compreender as realidades múltiplas que fazem parte desses indivíduos na contemporaneidade, em especial aqueles que tiveram contato com a experiência diaspórica (de forma direta ou indireta). As narrativas brandianas costumam desconstruir a ideia de homogeneidade e harmonização cultural apresentando personagens que se encontram no cenário ‘multicultural’ canadense mas que mesmo assim não são aceitos de fato pela comunidade porque são ‘diferentes’. Brand já afirmou ter interesse nos fatos históricos enquanto elementos para compor suas obras e para o entendimento dos eventos do presente, o que nos permite pensar o universo da escritora como uma forma de traduzir a história daqueles que foram esquecidos por ela.

A literatura de Brand parte do princípio de que o modelo tradicional de identidade, ao não levar em conta o estágio atual da globalização, não serve como fonte de apoio para o sujeito. Outra questão importante é a maneira como a escritora afro-canadense estabelece o entendimento sobre o conceito de multiculturalismo com a experiência real de vivência social. Brand apresenta uma abordagem multicultural focalizando suas narrativas em diversos personagens, homens e mulheres, vindos de diversos lugares e com o mesmo objetivo de vencer na vida em um lugar desenvolvido como o Canadá (especialmente na cidade de Toronto); ao longo de cada texto é possível compreender que as dificuldades dizem respeito à condição subalterna desses personagens e à desigualdade sempre presente. É essa realidade que aproxima os personagens uns dos outros, mesmo com esse mosaico de histórias e opressões podemos constatar que eles muitas vezes não conseguem estabelecer uma relação sadia com os familiares e por essa razão as relações sociais mais fortes são aquelas estabelecidas com outras pessoas que também ocupam um lugar marginalizado.

Para analisarmos o universo criado por Brand escolhemos os romances *At the Full and Change of the Moon*, *In Another Place, Not Here*, *What We All Long For* e o livro *A Map to the Door of No Return*; nestas obras a realidade fragmentada dá lugar a personagens

marginalizados que lutam diariamente contra a invisibilidade e o mutismo. É interessante destacar que o passado de escravidão somado ao preconceito relacionado à cor da pele e à condição diaspórica geram nos protagonistas brandianos uma identidade em constante conflito; os personagens presentes nesses textos estão sempre carregando uma sensação de vazio que geralmente não é compreendida por eles, mas que é explicada em *A Map to the Door of No Return* com o auxílio das impressões pessoais de Dionne Brand, esse vazio interfere diretamente na maneira como eles se relacionam com as outras pessoas e na maneira como eles veem a si mesmos. Diferentemente do que identificamos em Jamaica Kincaid a obra de Dionne Brand apresenta-se com uma literatura que se estabelece muito mais na coletividade, enquanto a narrativa kincaidiana traz na condição do sujeito pós-colonial uma metáfora para a condição de todo um povo, Brand cria um cenário em que o leitor é capaz de perceber a conexão existente entre os personagens, todos eles vivendo numa condição social que tem a mesma origem.

Conceição Evaristo também explora sua experiência pessoal como mote criador e deixa claro que recupera a imagem de várias pessoas que fizeram parte de seu passado, bem como situações que ela viveu ou ouviu sobre, com o objetivo de apresentar as perspectivas de pessoas invisíveis para a sociedade mas que sempre fizeram parte de seu mundo. Na literatura Evaristo utiliza a imaginação para transformar pessoas excluídas em histórias comoventes; no entanto deve-se destacar que mesmo com esse apelo pessoal a obra de Evaristo não se afasta do aspecto coletivo, prova disso é que suas narrativas são espaços discursivos cujo principal objetivo é reivindicar o direito à fala para o povo negro, para isso a escritora afro-brasileira apresenta personagens com laços afetivos fortes. O protagonismo das narrativas de Evaristo sempre está nos segmentos mais excluídos da sociedade brasileira, nesse contexto a favela surge como metáfora para a senzala e seus moradores são a representação dos ‘escravos contemporâneos’ explorados diariamente; o discurso ideológico da sociedade brasileira solidificou o hábito de internalizar estereótipos que legitimam o discurso de inferioridade do indivíduo negro e por isso existe uma invisibilidade historicamente construída e aceita, os textos evaristianos burlam esse discurso e apresentam personagens negros despidos de estereótipos em situações de exploração e resistência.

De maneira geral podemos dizer que o cenário de marginalidade e inferioridade social do sujeito negro sedimentou-se desde as relações escravocratas e tem se solidificado desde então. No Brasil essa realidade salta aos olhos em várias passagens dos textos de Evaristo. Os

romances *Becos da Memória* e *Ponciá Vicêncio* e os contos de *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* e *Olhos D'água* partem da observação que Conceição Evaristo faz sobre a continuidade do esquema de exploração existente no Brasil baseado na desigualdade racial; os textos analisados revelam personagens cativos de sua condição social. A sociedade brasileira se orgulha de sua característica multicultural e acredita na existência de uma democracia racial, mas o que pudemos observar, a partir da perspectiva de uma escritora negra que utiliza personagens negros em suas narrativas, é que a subalternidade atinge diariamente a parcela negra da população e com ela inúmeras vozes vão sendo silenciadas cotidianamente, assim como as histórias dos africanos trazidos para o Brasil e escravizados foram silenciadas pela História e pela literatura.

A forma encontrada por Conceição Evaristo para dar voz a seu povo passa por dois tópicos importantes: primeiramente vemos a força da ancestralidade que se faz presente em vários momentos dos romances e contos analisados, demonstrando que é preciso repensar o passado e resgatar a memória como forma de evidenciar não apenas a escravidão e suas marcas, mas também demonstrar a resistência do povo negro, que continua lutando contra o sofrimento e a dominação. Outro ponto importante diz respeito à união e aos laços afetivos entre os personagens, em especial as personagens femininas, aliás devemos ressaltar que das três escritoras presentes em nossa pesquisa Evaristo é a única que utiliza o afeto como forma de resistência, apesar de tantas dores a obra de Evaristo apresenta personagens que buscam força e coragem no seio familiar. É por essa questão que a obra da escritora mineira se afasta da obra de Kincaid, por exemplo, afinal muitas personagens de Evaristo aparecem como símbolos da união dos afrodescendentes e da busca deles por voz, é por essa razão que encontramos personagens dispostos a contar não apenas suas próprias histórias, mas também a história de seus irmãos e irmãs negras na luta diária contra a exploração e a marginalidade.

Jamaica Kincaid, Dionne Brand e Conceição Evaristo produziram, cada uma a sua maneira, formas de representação do sujeito negro (num aspecto mais amplo) e da mulher negra (num aspecto mais específico) na sociedade contemporânea. Para isso elas precisaram desconstruir muitos estereótipos bastante comuns, problematizando as desigualdades sociais e raciais presentes no continente americano e pensando a colonialidade do poder e a subalternidade como elementos oriundos da colonização e da escravidão. As escritoras presentes em nossa pesquisa apresentam uma realidade diferente e defendem a possibilidade de conquistar um caminho diferente. A escolha das obras dessas escritoras partiu do

raciocínio de que precisávamos aprofundar e ampliar o estudo da literatura negra nas Américas. Nossa pesquisa nos permitiu entrar em contato com questões sobre identidade, gênero, poder, colonialidade, subalternidade, passado, memória, entre outras e dessa forma formar um mapeamento que indica a existência de uma poética de resistência, pautada na autorrepresentação feminina negra, afastando-se assim do discurso de inferioridade e dos estereótipos tão presentes também na literatura.

A primeira questão que salta aos olhos é o fato de que todas as obras analisadas demonstraram que a identidade é processo formado por múltiplas filiações, mas o que cada romance/conto/ensaio também deixou claro é que essas filiações socioculturais se sedimentam na contraditoriedade, no caso dos povos afrodescendentes essa contrariedade se estabelece de maneira significativa e tem a ver com as marcas do passado nas relações sociais e institucionais estabelecidas no presente. A fragmentariedade das relações humanas presentes nas narrativas é fruto da própria fragmentariedade de nosso tempo e da fragmentariedade da identidade do sujeito pós-colonial e de sua história. Ao mesmo tempo em que problematizam essa realidade Kincaid, Brand e Evaristo dão pistas sobre como lidar com esse processo; nesse caso a memória recuperada cumpre um papel significativo de desconstruir e reconstruir a visão que o sujeito feminino negro tem de si mesmo.

As obras analisadas compõem, portanto, uma tentativa valiosa, e a nosso ver bem sucedida, de questionar as principais configurações culturais da contemporaneidade através da narração de histórias de sujeitos com personalidades diferentes e trajetórias similares, vivendo em situações de exclusão e marginalização social que passam a ser o centro dos textos. Em todos os contextos encontrados em nossa análise é possível destacar que a marca da invisibilidade e do silêncio é própria das sociedades com histórico de colonização e escravidão; encontramos personagens que enfrentam desafios parecidos, todos em busca de um lugar para si, um espaço discursivo em que eles possam falar e ser ouvidos; neste espaço discursivo identidade, passado, ancestralidade e memória funcionam como alicerces para uma nova história fundamentada na descolonização de corpos, mentes e culturas.

Nosso percurso analítico estava instituído a partir de três pontos geográficos importantes para o entendimento da realidade americana e suas peculiaridades. Nossa análise buscou também pensar na conexão entre Estados Unidos, Canadá e Brasil porque percebemos que independentemente do contexto social, econômico e cultural de cada um desses países é possível criar uma linha que nos permite identificar que as temáticas problematizadas por

Kincaid, Brand e Evaristo são resultado da forma com que a herança colonial tornou-se parte da vida de homens e mulheres que experimentaram a violência física e a violência epistêmica. Nesse espaço de exploração e violência podemos inferir que a realidade transnacional produz uma identidade estilhaçada, mediada por diálogo e conflito, por passado e presente, por memória e esquecimento, sendo assim a relação entre o ‘eu’ e o ‘outro’ é determinada a partir da posição e do *status* social do sujeito pós-colonial.

Os textos de Jamaica Kincaid, Dionne Brand e Conceição Evaristo relevam-se como símbolos da literatura pós-colonial em diversos aspectos. Em primeiro lugar porque a literatura pós-colonial é “toda produção literária dos povos colonizados pelas potências europeias entre os séculos 15 e 21” (BONNICI, 2012, p. 19), em segundo lugar – e mais importante – porque os textos analisados apresentam-se como formas de insubmissão, estabelecendo um envolvimento direto com o movimento de resistência ao passado colonial (BOEHMER, 1995). Nossa leitura/análise explorou a desconstrução das narrativas e é por apresentar uma perspectiva diferenciada centrada na realidade periférica e em sujeitos marginalizados que a literatura de Kincaid, Brand e Evaristo começa a ter espaço e relevância no cenário mundial.

Mais uma vez, reiteremos nossa certeza de que a literatura constitui um espaço discursivo cujo envolvimento pode levar ao estabelecimento de uma consciência crítica e a uma postura de resistência em relação à herança colonial e suas marcas. A poética de autorrepresentação feminina negra ataca conceitos-chave para a manutenção do complexo de superioridade do branco e de inferioridade do negro, e ataca também os pilares do colonialismo/imperialismo e do patriarcalismo, ao propor estruturas alternativas que desestabilizam a dominação física, mental e emocional. Cada um dos livros analisados também revela uma reflexão sobre as condições sociais dos afrodescendentes nos Estados Unidos, Canadá e Brasil, através da problematização do cenário de dominação e de violência epistêmica do ser, que vai desde o aniquilamento total ou parcial da cultura do povo colonizado, passa pela alienação e fragmentação das pessoas e de suas identidades, e chega, inclusive, à interiorização da condição inferiorizada do ser colonizado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANZÁLDUA, Gloria. *La consciência de la mestiza/ Rumo a uma nova consciência*. Estudos Feministas, Florianópolis, 13(3), set-dez 2005, p. 704-720.

ARAÚJO, Flávia Santos de. *Uma escrita em dupla face: a mulher negra em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo*. Dissertação de Mestrado. Campina Grande: Universidade Federal de Campina Grande, 2007.

ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN Helen (ed.). *The post-colonial studies reader*. London and New York: Routledge, 1995.

_____. *The Empire Writes Back: Theory and practice in post-colonial literatures*. London and New York: Routledge, 1989.

ASSMANN, Aleida. *Espaços da Recordação: formas e transformações da memória cultural*. Trad. Paulo Soethe. Campinas: Editora UNICAMP, 2011.

AZEVEDO, Celia Marinho de. *Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites século XIX*. São Paulo: Annablume, 2004.

BARBOSA, Lícia Maria de Lima. *Feminismo Negro: notas sobre o debate norte-americano e brasileiro. Anais do evento Fazendo Gênero*, 2010.

BARROS, José D'Assunção. *Os Campos da História – uma introdução às especialidades da História*. Campinas: Revista HISTEDBR On-line, n.16, p. 17-35, dez. 2004.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Trad. Sérgio Millet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BENJAMIM, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Trad. Myriam Ávila. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

_____. *A iminência das poéticas*. In: Entrevista concedida à 30ª Bienal de São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=ym2dPYqIvmA>>. Acesso em: 30 de março de 2016.

BOEHMER, Elleke. *Colonial and Postcolonial Literature*. Oxford: Oxford University Press 1995.

BONNICI, Thomas. *Teoria e Crítica Literária Feminista: conceitos e tendências*. Maringá: Eduem, 2007.

_____. *O Pós-colonialismo e a Literatura: estratégias de leitura*. 2. ed. Maringá: Eduem, 2012.

_____. *Conceitos-chave da teoria pós-colonial*. Maringá: Eduem. Coleção Fundamentum, n. 12, 2005.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983.

_____. *O tempo vivo da memória: ensaio de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

BRAH, Avtar. *Cartographies of Diaspora: Contesting Identities*. London: Routledge, 1996.

BRAND, Dionne. *A Map to the Door of No Return*. Toronto: Doubleday Canada, Random House of Canada Ltda., 2001.

_____. *What We All Long For*. Toronto: Vintage Canada, 2005.

_____. *At the Full and Change of the Moon*. New York: Grove Press, 1999.

_____. *Blood Out of Stone: Recollections on Sex, Race, Dreaming and Politics*. Toronto: Vintage Canada, 1998.

_____. *In Another Place, Not Here*. Toronto: Vintage Canada, 1997.

BUTLING, Pauline & RUDY, Susan. *Poets talk*. Conversations with Robert Kroestch, Daphne Marlatt, Erin Moure, Dionne Brand, Marie Annharte Bake, Jeff Derksen e Fred Wah. Edmonton: The University of Alberta Press, 2005.

CARUTH, Cathy (ed.). *Trauma: Explorations in Memory*. Baltimore and London, The John Hopkins University Press, 1995.

CHILDS, Peter & WILLIAMS, Patrick. *An Introduction to Post-colonial Theory*. London: Prentice Hall, 1997.

CIAMPA, A. C. *A estória do Severino e a história da Severina*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

CIXOUS, Hélène. *The Laugh of the Medusa*. Trans. Keith Cohen and Paula Cohen. Vol I, n. 4, 1991.

CLIFFORD, James. *Routes: Travel and Translation in the late Twentieth Century*. Cambridge, Mass. & London, England: Harvard University Press, 1997.

COSSOM, Rildo. *Letramento Literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. Brasília: *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 26, jul/dez, 2008. Disponível em: <<http://www.gelbc.com.br/inicio.html>> Acesso em: 28 de abril de 2014.

DANYTÈ, Milda. *A Dialogue of Differance: Dionne Brand's Writing within Canadian culture*. *Literatura*. Vol. 55, n. 4, 2013, p. 37-50.

DAVIES, Carole Boyce. *Black Women, Writing and Identity: migrations of the subject*. London: Routledge, 1994.

DICKINSON, Peter. 'In Another place, Not Here': Dionne Brand's Politics of (Dis)Location. In: STROANG-BONG, Veronica; GRACE, Sherrill; EISERBERG, Abigail; ANDERSON, Joan. *Painting the Maple: Essays on Race, Gender, and the Construction of Canada*. Vancouver: UBC Press, 1998.

DREW, Bernard A. *100 Most Popular African American Authors: Biographical sketches and bibliographies*. Westport, Connecticut, London: Greenwood Publishing Group, 2007.

DUARTE, Eduardo de Assis. O Bildungsroman afro-brasileiro de Conceição Evaristo. *Revista estudos feministas*, v. 14, n. 1, 2006, p. 305-308.

DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares (orgs.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

- EDWARDS, Justin. *Understanding Jamaica Kincaid*. South Caroline: Columbia, 2007.
- EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. Belo Horizonte: Ed. Mulheres, 2013.
- _____. *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.
- _____. *Ponciá Vicêncio*. 2ª edição. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.
- _____. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. Belo Horizonte: *SCRIPTA*, v. 13, n. 25, 2009, p. 17-31.
- _____. *Olhos D'água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.
- _____. *Poemas de recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.
- _____. Memória e escrevivência – Parte I. In: ALEXANDRE, Marcos Antonio (org). *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.
- _____. Negras memórias femininas. *Estado de Minas*, Caderno Cultura, Belo Horizonte: 2004, p. 4. Entrevista concedida a Walter Sebastião.
- _____. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza M. de Barros & SCHNEIDER, Liane (Orgs.). *Mulheres no mundo – etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Idéia/ Editora Universitária da UFPB, 2005.
- _____. *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. Dissertação, Mestrado em Literatura Brasileira - Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro: 1996.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- _____. *Os condenados da terra*. Trad. José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- FERGUSON, Moira. *Colonialism and Gender Relations from Mary Wollstonecraft to Jamaica Kincaid: East Caribbean Connections*. Columbia: Columbia University Press, 1993.
- _____. A lot of Memory: An Interview With Jamaica Kincaid. *The Kenyon Review*. Vol. 16, n. 1, 1994, p. 163-188.

FIGUEIREDO, Eurídice. A diferença e a alteridade. *Revista Aletria*, v. 16, jul-dez 2007, p. 44-56.

_____. *Representações de etnicidade: perspectivas interamericanas de literatura e cultura*. Rio de Janeiro: Editora 7 letras, 2010.

_____. *Mulheres ao espelho: autobiografia, ficção, autoficção*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013.

FIGUEIREDO, Eurídice & NORONHA, Jovitã M. C. *Conceitos de Literatura e Cultura*. Juiz de Fora: UFJF/ EdUFF, 2005.

FRIEDMAN, Susan. *Bodies on the Move: a Poetics of Home and Diaspora*. Tulsa: Studies in Women's Literature. 2006.

FUENTES, Carlos. A la louange du roman. *In: Le monde diplomatique*. v. 52, n. 621, dez. 2005.

GIDDENS, Anthony. *The Consequences of Modernity*. Standford University Press. 1990.

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. Trad. Cid Knipel Moreira. Rio de Janeiro: Editora 34, 2001.

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984.

_____. *O papel da mulher negra na sociedade brasileira*. Los Angeles: Center for Afro-American Studies, Symposium the Political Economy of the Black World, 1979.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Trad. Laurent León Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. 11 ed. Trad: Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. *Da Diáspora: Identidades e mediações culturais*. Liv Sovik (org.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. Old and New Identities, Old and New Ethnicities. In: KING, Anthony (ed.). *Culture, Globalisation and the World-System: Contemporary Conditions for the Representation of Identity*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997, p. 31-68.

_____. Identidade Cultural e Diáspora. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n.24, 1996, p.68-75.

HIRSCH, Marianne. The Generation of Postmemory. *Poetics Today*, 2008, 29.1, p.103- 128.

_____. Surviving Images: Holocaust Photographs and the Work of Postmemory. *The Yale Journal of Criticism*, v.14, n.1, 2001, p. 5-37.

HOOKS, Bell. *Ain't a Woman: Black Women and Feminism*. London: Pluto Press, 1986.

_____. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. *Brasília Revista Brasileira Ciências Políticas*, n. 16, p. 193-210, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01033522015000200193&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 27 de julho de 2016.

HUA, Anh. Diaspora and Cultural Memory. In: AGNEW, Vijay (org.). *Diaspora, Memory and Identity*. Toronto: University of Toronto Press, 2005.

HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Trad: Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

KINCAID, Jamaica. *Mr. Potter*. New York: Farrar, Straus & Giroux, 2002.

_____. *A Small Place*. New York: Farrar. Straus and Giroux, 1989.

_____. *In History*. Callallo 20.1, 1997.

_____. On Seeing England for the First Time. In: RAMRAJ, Victor J. (ed.). *Concert of Voices. An Anthology of World Writing in English*. Peterborough, ON, Canada: Broadview, 1991.

_____. *The Autobiography of My Mother*. New York: Farrar Strauss and Giroux, 1996.

_____. *Lucy*. New York: Plume Contemporary Fiction. 1990.

_____. *Annie John*. New York: Farrar Strauss and Giroux, 1985.

KROLLER, Eva-Marie (ed.). *The Cambridge Companion to Canadian Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

LOBO, Luiza. *Crítica sem juízo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

LOOMBA, Ania. *Colonialism/Postcolonialism*. 3rd edition. London and New York: Routledge, 1998.

LOPES, Luiz Paulo; BASTOS, Liliana Cabral (orgs.). *Para além da identidade: fluxos, movimentos e trânsitos*. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

MACEDO, Joaquim Manuel de. *Considerações sobre a nostalgia*. (1844). Estabelecimento de texto e notas explicativas por Ronald Polito e Myriam Bahia Lopes. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

MACHADO, Barbara Araújo. *Conceição Evaristo e a intelectualidade negra no contexto do movimento negro brasileiro contemporâneo*. Dissertação. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2011.

MARTINS, Leda Maria. O feminino corpo da negrura. *Revista Palmares*, n. 3, 2000.

MARTINS, Paulo Henrique. *A Descolonialidade da América Latina e a Heterotopia de uma Comunidade de Destino Solidária*. São Paulo: Annablume, 2015.

MATA, Inocência. Estudos Pós-coloniais: desconstruindo genealogias eurocêntricas. *Civitas. Diálogos do Sul*, v. 14, n. 1, Porto Alegre: jan/jul 2014, p. 27-42.

MATSUDA, Matt K. *The Memory of the Modern*. New York: Oxford University Press, 1996.

MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. Trad. Mariza Pinto Coelho. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

MIGNOLO, Walter. *Histórias Locais/ Projetos Globais: Colonialidade, Saberes Subalternos e Pensamento Liminar*. Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

_____. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In: LANDER, Edgardo. *A Colonialidade do Saber: Eurocentrismo e ciências*

sociais. Perspectivas latino-americanas. 1. ed. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciências Sociales – CLASCO, 2005.

MINH-HA, Trinh. Not You/Like You: Postcolonial Women and the Interlocking Questions of Identity and Difference. In: *Dangerous Liaisons: Gender, Nation and Postcolonial Perspectives*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.

MIRANDA, Wander Melo. *Corpos escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago*. São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1992.

MOORE, Carlos. *Racismo e Sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

_____. *O Marxismo e a questão racial: Karl Marx e Friedrich Engels frente ao racismo e à escravidão*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

MOURA, Clóvis. *Sociologia do negro brasileiro*. São Paulo: Ática, 1988.

MUNANGA, Kabengele. Negritude e Identidade Negra ou Afrodescendente: um racismo ao avesso? *Revista da ABPN*, v. 4, n. 8, 2012, p. 06-14.

MUNANGA, Kabengele (org.). *Estratégias e políticas de combate à discriminação racial*. São Paulo: Edusp, 1996.

NORA, Pierre. *Entre Memória e História: A problemática dos lugares*. Trad: Yara Aun Khoury. São Paulo: Proj. História, n. 10, 1993.

NUNES, João Arriscado & SANTOS, Boaventura de Sousa. Introdução: para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade. In: SANTOS, Boaventura de Souza (org.). *Reconhecer para Libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. Escravidão e nostalgia no Brasil: o banzo. *Revista latinoamericana de psicopatologia fundamental*, v. 11, n. 4, dez-2008, p. 735-761.

OKPEWHO, Isidore; DAVIES, Carole Boyce; MAZRUI, Ali (ed.). *The African Diaspora: African origins and new worlds identities*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 2001.

PATTERSON, Orlando. *Slavery and Social Death: a comparative study*. Cambridge: Harvard University Press, 1985.

PIMENTEL, Clara Alencar V. A diáspora africana e suas implicações na figura da mulher negra na sociedade atual. *Anais do Simpósio Internacional Literatura, Crítica e Cultura IV*, Juiz de Fora: 2010.

PINÕN, Nélida. Interpretações da Memória. São Paulo: *Jornal Folha de São Paulo*, 1999.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social: Estudos Históricos. *APDOC*, vol. 5, n. 10, Rio de Janeiro: 1992.

PONTES, Renata Thiago. Nella Larsen e Jamaica Kincaid traduzindo os Estados Unidos. In: HARRIS, Leila Assumpção Harris (org.). *A Voz e o Olhar do Outro*. Rio de Janeiro: Editora Letra Capital, volume 2, 2010, p. 103-112.

PORTELLA, Eduardo. *Literatura e Realidade Nacional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1963.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. *A Globalização da Natureza e a natureza da globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, EDGARDO (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: Colección Sur Sur, CLACSO, 2005.

_____. Colonialidade, poder, globalização e democracia. *Novos Rumos*, ano 17, n. 37, 2002.

_____. Colonialidad del poder, cultura y conocimiento en América Latina. *Anuario Mariateguiano*, v. 9, n. 9, p. 113-120, 1997.

_____. *Notas sobre a questão da identidade e nação no Peru*. São Paulo, v. 6, n. 16, dez/1992. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141992000300007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 23 de março de 2014.

RANCIÈRE, Jacques. *A política da escrita*. Trad. Mônica Costa Netto. São Paulo: Editora 34, 1995.

RESENDE, Lino Geraldo. Intelectuais orgânicos e contra-hegemonia. *Revista Ágora*, n.4, Vitória: 2006, p. 1-17.

RICH, Adrienne. When We Dead Awaken: Writing as Re-Vision. *In: On Lies, Secrets, and Silence*. New York: Norton, 1972, p. 33-49.

RICOUER, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François (et all). Campinas: Editora Unicamp, 2007.

_____. *Tempo e Narrativa*. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papyrus, 1997.

SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTOS, Boaventura de Sousa & MENESES, Maria Paula (orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Editora Cortez, 2010.

SCHABERT, Ina. Genus zur Geschlechterdifferenze in den Kulturwissenschaften.1995. *In: MACHADO, Patrícia. A escrita feminina*. Disponível em: <http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/E/escrita_feminina.htm> Acesso em: 15 de junho de 2013.

SELIGMANN-SILVA, Márcio & NESTROVSKI, Arthur (orgs.). *Catástrofe e Representação*. São Paulo, Escuta, 2000.

SINGH, Amritjit; SMITH, Peter. *Postcolonial theory ans The United States: Race, Ethnicity and Literature*. Jackson: University Press of Mississippi, 2000.

SPIVAK, Gayatri. Diaspora old and new: women in Transnational World. *Textual Practice*, n. 10, 1996, p. 245-269.

_____. *Pode o Subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goulart Almeida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

THIONG'O, Ngugi Wa. *Moving the centre: the struggle for cultural freedom*. Oxford: James Currey; Nairobi: EAEP; Portsmouth NH: Heinemann, 1993.

VASCONCELOS, Vania. *No colo das Iabás: maternidade raça e gênero em escritoras afro-brasileiras*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2015.

VIVAS, Livia Maria Bastos. Intersecções entre gênero, raça, turismo e exploração sexual no Caribe: o caso de Antígua. *Revista Brasileira do Caribe*, Vol. XII, n. 23, São Luis: jul-dez 2011, p. 191-220.

WALTER, Roland. *Afro-América: Diálogos Literários na Diáspora Negra das Américas*. Recife: Bagaço, 2009.

_____. Literatura, História e Memória no Contexto Pós-Colonial. *Eutomia*, v.1, n.1, p. 1-15, Recife: 2010.

_____. Violência e Trauma: Mapas do Corpo Negro. *Congresso da ABRALIC*, Curitiba: 2011. Disponível em: <<http://www.abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0050-1.pdf>>. Acesso em 20 de março de 2016.

_____. *Narrative Identities: (Inter)Cultural In-Betweenness in the Americas*. Berna, Frankfurt, New York: Peter Lang, 2003.

_____. Memória, história e identidade cultural na ficção da diáspora negra: Toni Morrison, Dionne Brand, Maryse Condé e Miriam Alves. *Congresso da ABRALIC*, Rio de Janeiro: 2006. Disponível em: <<http://www.godominicanrepublic.com/en/About/History.htm>>. Acesso em 02 de junho de 2016.

WELLEK, Rene & WARREN, Austen. *A Teoria da Literatura*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1962.

WEST, Cornel. The New Cultural Politics of Difference. In: DURING, Simon (ed.). *The Cultural Studies Reader*. New York, London: Routledge, 1993.

ZINANI, Cecil J. A.; SANTOS, Salete R. P. (Org.). *Trajetórias de literatura e gênero*. Caxias do Sul: Educs, 2016.

SITES

25th Chicago festival. Jamaica Kincaid. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oPgjWIYKm5w>>. Acesso em 30 de outubro de 2014.

Analysis: Narrator point of view. Disponível em: <<http://www.shmoop.com/a-small-place/narrator-point-of-view.html>>. Acesso em 09 de fevereiro de 2015.

Biblioteca Clacso. Entrevista com Conceição Evaristo. Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/gsd/collect/br/br025/index/assoc/HASHda42.dir/ppcor31.html>>. Acesso em: Acesso em 07 de novembro de 2014.

Biography of Jamaica Kincaid. Disponível em: <<http://www.gradesaver.com/author/jamaica-kincaid>> . Acesso em 30 de outubro de 2014.

Canadian Women Studies. At the Full and Change of the Moon: an interview. Disponível em: <<http://cws.journals.yorku.ca/index.php/cws/article/view/7605/6736>>. Acesso em: 04 de novembro de 2014.

Conceição Evaristo: literatura e consciência negra. Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2011/11/conceicao-evaristo.>> Acesso em 07 de novembro de 2014.

Dicionário Michaelis Online. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/definicao/multiculturalismo%20_1005471.html>. Acesso em 10 de fevereiro de 2016.

Imagem da palavra com Conceição Evaristo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pwQ4Bxc87PE>>. Acesso em 10 de março de 2016.

Mulheres em Letras. Depoimento de Conceição Evaristo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=heHftI429U4>> . Acesso em: 07 de novembro de 2014.

Opening the door. Disponível em: <<http://www.forpsicom.uniba.it/public/files/Interview%20to%20Brand%20re%20THE%20DOOR.pdf>>. Acesso em: 04 de novembro de 2014.

Oprah. 10 questions for author Jamaica Kincaid: Disponível em: <<http://www.oprah.com/entertainment/Jamaica-Kincaid-Interview-See-Now-Then>>. Acesso em: 30 de outubro de 2014.

Paradise Lost. Disponível em: <<http://www.metroactive.com/papers/metro/02.15.96/kincaid-9607.html>>. Acesso em 09 de fevereiro de 2015.

Programa 3 a 1. Entrevista com Conceição Evaristo. Disponível em: <<http://tvbrasil.ebc.com.br/3a1/episodio/3-a-1-entrevista-a-escritora-conceicao-evaristo#media-youtube-1>>. Acesso em: Acesso em 07 de novembro de 2014.

Raça Brasil. Eu não sei cantar: entrevista com Conceição Evaristo. Disponível em: <<http://racabrasil.uol.com.br/Edicoes/96/artigo15620-1.asp/>>. Acesso em 07 de novembro de 2014.

The American Reader. A conversations with Jamaica Kincaid. Disponível em: <<http://theamericanreader.com/a-conversation-with-jamaica-kincaid/>>. Acesso em: 02 de março de 2015.

The Missouri Review. Interview with Jamaica Kincaid. Disponível em: <<http://www.missourireview.com/archives/bbarticle/interview-with-jamaica-kincaid/>>. Acesso em: 30 de outubro de 2014.

The Puritan Magazine. Love Enough: an interview with Dionne Brand. Disponível em: <<http://puritan-magazine.com/love-enough-an-interview-with-dionne-brand/>>. Acesso em: 04 de novembro de 2014.

Time. 10 Questions to Jamaica Kincaid. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YdHPZMfSOx8>>. Acesso em 30 de outubro de 2014.